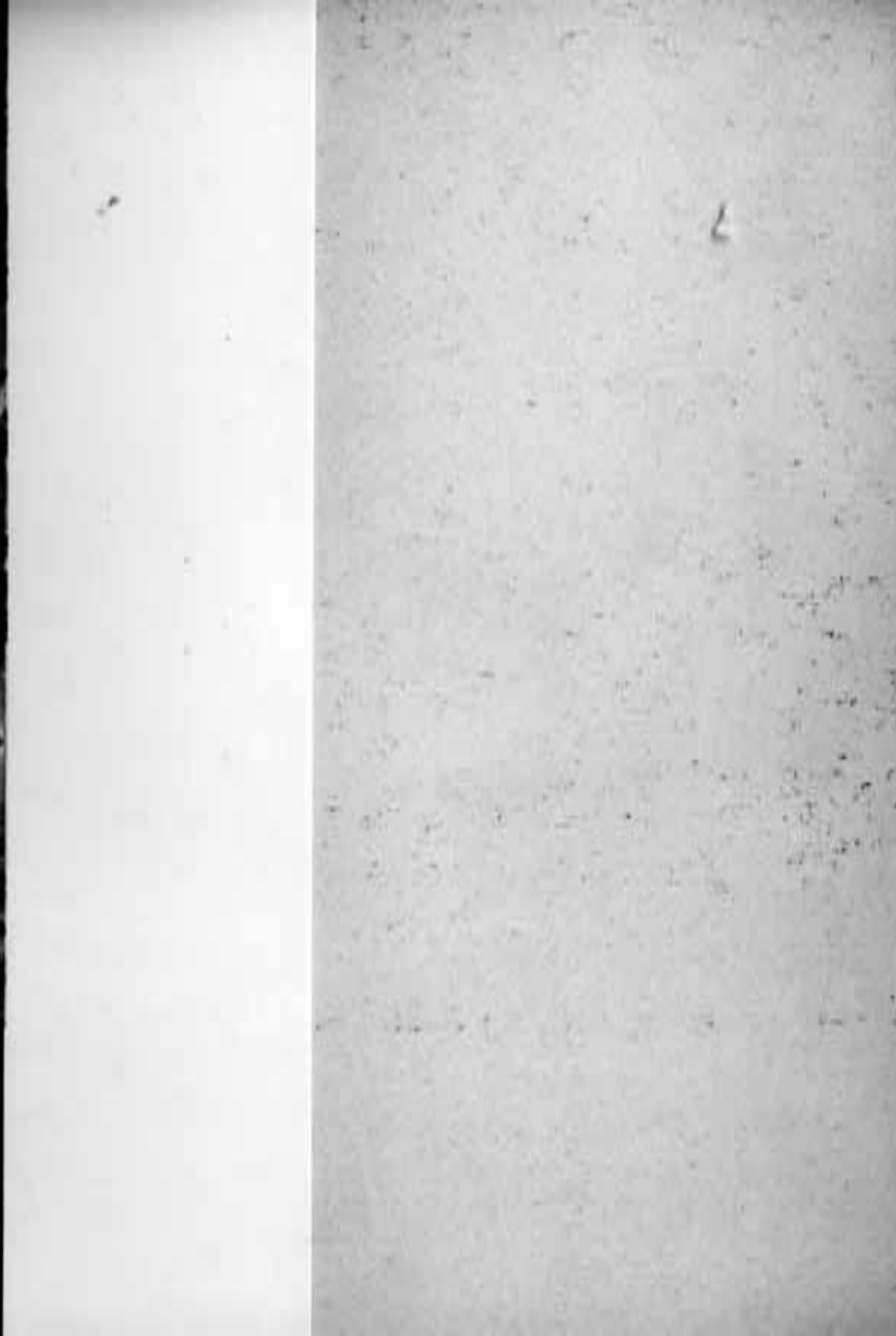




VICENTE RISCO

SATANÁS

HISTÓRIA DO DIABO





SATANÁS

HISTÓRIA DO DIABO

Composto e impresso na Tip. e Enq.
PRIMAVERA, L. DA
Rua S. Veríssimo, 83 - PORTO

R-1251

VICENTE RISCO

SATANÁS

HISTÓRIA DO DIABO

Prefácio de
F. C. PIRES DE LIMA

Tradução de
EDUARDO PINHEIRO



PORTO EDITORA, L.D.A



ALLARIZ

BvR
1837

PREFÁCIO

O Doutor Vicente Martínez-Risco y Agüero, que nasceu em Orense, em 30 de Setembro de 1884, foi professor distinctíssimo naquela cidade e em Madrid, em cujas Escolas Normais ensinou, respectivamente, História e Filosofia, vindo a jubilar-se em 1955. Fora da cátedra, que tanto honrou, a sua actividade intelectual é intensa e variada, pois abrange o jornalismo, o ensaio, a novela, a critica literária e a critica de arte, profusão em que jamais esmorece a vasta cultura, nem onde falta nunca a nota original. Todavia, é na Etnografia e no Folclore — inesgotáveis riquezas da sua provincia natal — que Vicente Risco enfileira com os grandes especialistas mundiais, precisamente porque uma erudição de fortes alicerces lhe permite observar os factos a diversas luzes.

Neste Satanás, só uma semelhança de título o aproxima do famoso e discutido livro de Papini. Efectivamente, o grande escritor italiano defende a tese de que o Diabo é susceptível de conversão, ao passo que Vicente Risco, que filia aquella tese no mito de Prometeu, não parte de qualquer pressuposto, e muito singelamente, com aquella mesma frieza de quem faz história, dá-nos a biografia do Diabo e a prova quase palpável da sua existência tenebrosa. Caminho lógico, este, porque a verdade é que está muito longe da unanimidade a convicção da real existência do Demónio, que muitos consideram um espantalho para infundir temor; outros, simples criação literária; outros, finalmente, a personificação do mal, mas à maneira das divindades mitológicas, pela necessidade, comum a todos os povos, de objectivar as manifestações da Natureza e os acidentes da Vida. Por outro lado, o Racionalismo classificou de ingénuas, de infantis, todas

essas superstições, que nos aproximam dos mais rudes primitivos. E como não, se é superstição a própria crença em Deus!... Quem se não recorda, para citar um exemplo português, dessa jóia literária que é O Mandarim, de Eça de Queirós? A superior ironia do escritor e a perigosa sedução do seu estilo, que lembra, como nenhum outro, o canto da sereia, cobrem com o mesmo riso Deus e Satã, e deixam apenas de pé, como força orientadora do Homem, única que deve temer, a Consciência... O caso é típico, e teve a sua plena generalização no século XIX. Hoje, entre orgulhosos e perplexos, estamos assistindo ao assombroso avanço da Ciência e da Técnica, e a muitos já não parecerá impossível levar a cabo o plano bíblico da torre de Babel... Cada dia que passa, traduzido em nova conquista, vai radicando no homem a suspeita de que é o centro do mundo. Paradoxalmente, daí para a sua própria divinização vai um passo — que pode ser o do abismo. A história do Diabo! Com verdade se pode dizer que é a história do Homem, nesta luta tremenda, milenária, profundamente angustiada contra um Adversário que possui todas as armas, voa e rasteja, é objecto em Goya e duma beleza triste e dolorosa no Anjo Caído. Vicente Risco magistralmente no-lo mostra através das Idades, nas diversas religiões, envolto em mil disfarces, mas sempre presente, sempre actuante, e também sempre pressentido, quando não descoberto, pela vigilância e argúcia dos que se não deixam dormir... Porque, como dissemos, o Autor faz História lúcidamente impregnada de etnografia, isto é, acompanhada daquelas constantes universais que só os néscios ou pseudocultos desprezam, e que, em matéria de sobrenatural, são documentos imprescindíveis, valiosos, com a irrefutabilidade dos pergaminhos venerandos.

Dos que se não deixam dormir... Vicente Risco é um desses, avesso, nisto como no resto, à política da mão estendida, à transposição de sentimentos, à conciliação do irreconciliável. Rejeita a lógica racionalista, aplicada a seres e a factos que nos transcendem, cujas relações íntimas nos escapam, no eterno mistério dos porquês. Não queiramos, com as fracas forças de que dispomos, penetrar os designios de Deus. Neste livro notabilíssimo, até mesmo para aqueles que, alheios a qualquer confissão religiosa, procurem apenas uma documentação honesta sobre um tema de inigualável interesse, o seu Autor fornece uma bibliografia abundantíssima, que maneja com invulgar mestria, e da qual faz ressaltar o fundamental, não descurando, todavia, o pormenor, muitas vezes decisivo, e que passaria despercebido a olhos pouco afeitos. Estampas criteriosamente seleccionadas criam a atmosfera indispensável a uma obra desta natureza.

A história do Diabo! Acima de tudo, o que deste livro se desprende é um grito de alarme, como pedra que vai perturbar a quietação pútrida dum charco. Talvez não haja na História uma época em que, como nesta em que vivemos, seja tão amplo e tão profundo o domínio diabólico, com descerramento constante de novos campos de penetração facilíma e de conquista antecipadamente assegurada. Sinais dos tempos!

Conseguirá esta obra despertar as consciências? Logrará ela criar o «medo que guarda a vinha?» Lembremo-nos de que, como dizia Baudelaire, a mais perfeita manha do Diabo é a de nos fazer crer que não existe...



Primeira parte

O Paraíso Perdido



O DIABO EXISTE

A existência do Diabo é uma verdade de fé. E é também, para aqueles que não se encontram obcecados, uma verdade experimental. Há um consenso universal, confirmado pela história, sobre a existência do Diabo. A razão, tantas vezes dominada por ele, não pode inventá-lo nem negá-lo.

Os homens, por vezes, negam o Demónio, mas os povos afirmam-no. E o que nele não crê, a ele perence (1).

Tudo é contraditório na sua pessoa. Jesus Cristo é, certamente, o «branco da contradição» (2), mas não existe n'Ele contradição.

Satanás procura imitá-lo (3), mas apenas consegue ser a própria contradição. Por isso, na simbólica dos números, alguns lhe atribuíram o número dois, pois, se o número *um* é o princípio, o *dois* é a oposição: é a encruzilhada em que se cortam ou bifurcam dois caminhos, um dos quais sempre conduz à perdição. É nas encruzilhadas que se invoca o Diabo, que se realizam os conciliábulos dos magos, que se redigem e firmam os pactos. Ali se decide a sorte do homem para toda a eternidade. E o mundo está constantemente a apresentar ao homem caminhos divergentes.

Assim se explica que o Demónio tenha dois chifres e os pés fendidos, e que o seu ceptro seja um bidente com duas pontas. Eon, o *feiticeiro*, usava uma forquilha de revolver o feno e dizia que, quando a colocava com os dentes para baixo, mandava Deus; mas, se a voltava com

os dentes para cima, mandava Satanás. Desta maneira se invertia a ordem da sociedade e do mundo (4).

O ser de Satanás é a contradição; foi ele quem disse de si mesmo: «Eu sou o espírito que sempre nega» (5). E, negando sempre, chega necessariamente a negar-se a si mesmo, visto que ele é a contradição e a inversão de todas as coisas.

Mas, como é a «astuta serpente antiga» (6), esforça-se por converter em força a sua antiga debilidade, para que assim possa dominar o mundo pela negação.

Tem o Demónio poderosas razões para se negar a si mesmo. A primeira é esta: tendo ensinado os homens a negar a Deus e, não podendo igualar-se-Lhe noutra coisa, quer, no desespero da sua inveja, ser negado também. A segunda razão é o horror à eternidade; se ele fosse como quis ser — independente e sujeito a si mesmo — ter-se-ia aniquilado na sua própria negação, ao primeiro e decisivo fracasso; mas a verdade é que ele foi criado para a eternidade e não pode libertar-se de si mesmo nem abandonar essa odiosa existência que o amargura com tanto maior realidade quanto mais pretende negá-la. A terceira razão é o ódio, não já à própria existência, mas ao próprio ser que é incapaz de amor e cujo anelo mais ardente seria libertar-se de si mesmo, abandonar a própria natureza, perder a essência e desaparecer da própria consciência, da própria memória e, até, da própria inconsciência. A quarta razão é a terrível fome e sede do nada total e absoluto, que o consome eternamente, sem possibilidade de satisfação, sem qualquer vislumbre de esperança, mesmo illusória, pois não pode contar nem com o refrigério do auto-engano nem com um só momento de inconsciência ou esquecimento.

Todavia, sendo em si mesmo a contradição, nem sequer pode desejar o próprio aniquilamento, embora anseie ilimitadamente por o desejar. Nega-se ineficazmente, devido ao seu estado de condenação eterna, total, absoluta, para sempre, e não em virtude de iniciativa sua (7).

«*Dæmon* — diz-se com notória temeridade — *est Deus inversus* (8)». No entanto, se esta frase quase blasfema, sem dúvida sugerida por ele, quer dizer que no Diabo está, intencionalmente e por sua culpa, todo o mal, como em Deus está por essência todo o bem; se significa a inversão total, na vontade do Demónio e nas suas obras,

de todos os valores que, na Natureza divina se encontram realizados na sua perfeição absoluta — então tal expressão, sem ser em si mesma verdadeira nem exacta, pode dar uma ideia do que o Diabo significa.

Deus é o Sumo Bem, a Suprema Beleza, a Verdade Absoluta, a Justiça Perfeita, a Pureza Máxima, o Poder Invencível, o Inextinguível Amor, a Luz Resplandecente, a Inconcebível Bem-Aventurança...

O Diabo, no extremo oposto, é um desejo de Maldade, de Impiedade, de Blasfémia, de Monstruosa e Ignóbil Fealdade, de Mentira, de Injustiça, de Imundície, de Raiva Impotente, de Ódio Rancoroso, de Tenebrosa Escuridão e de Desespero Eterno.

Parece inconcebível a horripilante existência deste ente que, chegando ao ponto supremo do Trágico, é, no entanto, o mais risível, o mais lamentável, o verdadeiro protótipo do grotesco.

Tudo o que há de sombrio e de terrível no mundo parece resumir-se na sua pessoa e, na realidade, provém, em última análise, do seu pecado. Mas, apesar da grandeza que alguns querem ver nele — precisamente a causa da incalculável magnitude do seu crime —, apesar do imenso dano que causou e continua a causar à nossa geração; apesar de que «na natureza e entre os homens ele se agita, semeia o mal e a dor, assola, despedaça, engana, seduz..., atravessa a criação toda sempre à espreita... astuto, perverso, cruel... ele e a sua rale, caprichosos, intrometidos, capciosos e duma inaudita fantasia, encarnação da gargalhada infernal...»; ainda que «a vida neste mundo seja uma luta contínua e desesperada com o Diabo» (9), a verdade é que, na época em que maior terror espalhou entre os homens, estes não o consideraram uma figura imponente, heróica e grandiosa. Pelo contrário, então, nos grandes séculos místicos da Cristandade, foi que se originou a representação artística do Diabo por meio de uma deformação caricatural que, se por um lado podia infundir medo, por outro revelava uma intenção cômica bem acentuada. E os que mais o temiam riam-se dele.

O seu ser é a contradição e foi ele quem assim o quis. Dotado de um poder sobre-humano que pode manejar todas as energias físicas, de extraordinários dons preternaturais e de um entendimento extremamente subtil e penetrante que ultrapassa incomensuravelmente o dos

homens mais sábios; dotado também de um engenho e de uma habilidade dialéctica que causam pasmo, e de uma força de sedução e de faculdades de sugestão a que difficilmente se resiste; estando na posse de todas as prerrogativas naturais das essências angélicas, e sendo inesgotável no arremedo, na mentira e no engano — é, no entanto, um perpétuo fracassado.

Quando Mefistófeles disse a Fausto: «Eu sou uma parte daquela força que sempre quer o mal e sempre faz o bem (10)», não devemos compreender isto no sentido de que o Diabo não causa consideráveis danos ao homem neste mundo; cada alma que consegue perder, cada sofrimento que logra infligir, cada vestígio da mão de Deus que consegue apagar é, no caso particular de que se trata, um triunfo sufficiente. Mas o Plano Divino da Criação, longe de sofrer com isso, solidifica-se mais com a própria retribuição que o mal recebe, resplandecendo mais com isso a Justiça Divina, que se proclama ao ser negada.

É isso mesmo que querem significar as palavras de Mefistófeles: o Demónio, embora contra vontade, ajuda a manifestação dos atributos de Deus que estão reflectidos na ordem do mundo.

O Diabo foi o primeiro que se levantou contra a ordem e obrigou o homem a insurgir-se também contra ela, mas ambos se levantaram em virtude de algo que está dentro dessa mesma ordem.

Todos os outros seres do Universo carecem de iniciativa e cumprem a lei passivamente, e desse facto resulta a ordem; mas, dentro do Plano Divino, isto é, dentro da ordem, estava assente que os seres inteligentes gozassem de liberdade e, gozando de liberdade, podiam empregá-la contra a lei e quebrantar a ordem. Por isso, os seres inteligentes devem cooperar, consciente e deliberadamente, na ordem e cumprir a lei por livre vontade. E, como a ordem é mais forte do que aquele que a infringe, porque é a vontade de Deus perante a liberdade do ser finito, essa mesma ordem volta-se inexoravelmente contra o rebelde, e a submissão deste pelo castigo é a ordem em actividade.

Inclusivamente aparece, por vezes, o Diabo como uma espécie de agente de Deus, que vigia e acusa os homens dia e noite (11), como no livro de Job (12), e aparece ainda como executor da Divina Justiça no Inferno. E isto não é estranho, pois toda a criatura serve

a Deus, com vontade ou sem ela, e a própria rebeldia, quer o saiba quer não, acaba por cumprir a Divina Vontade, sempre vencedora.

A sombra negra do Diabo torna mais resplandecente a luz que incide sobre a obra de Deus. Não é *Deus inversus*, mas alguma coisa como uma imagem invertida e compendiada do luminoso esquema do Universo.



É também matéria de fé que existem muitos diabos e não apenas um. Em Gerasa, respondeu um deles a Jesus Cristo, quando lhe perguntava como se chamava: «O meu nome é Legião» (13).

Não sabemos quantos há; sabemos apenas que a sua abundância é extraordinária, excedendo talvez as espécies animais mais numerosas ou, ainda, todas as espécies juntas. É um número imenso, prodigioso.

De alguns sabemos o nome ou, pelo menos, puderam ser identificados na sua individualidade ou na sua pessoa, a ponto de lhes podermos dar uma designação. Mas, na sua maioria, respondem apenas, como os animais, a um nome comum. Constituem uma «massa», como os homens quando perdem o respeito à sua própria pessoa. No entanto, entre todos destaca-se um epónimo.

Há um que é o chefe, porque não há iniciativas colectivas, nem no Céu, nem na Terra, nem para o bem, nem para o mal. Foi um demagogo que os convenceu, que os tirou do Céu, e que os arrastou para a condenação. E estes desobedientes obedecem a um tirano, e aqueles que negaram a hierarquia reconhecem a daquele que os perdeu.

Incapazes de amor, encontram-se ligados pelo ódio — ódio mútuo e ódio a todas as coisas — e estão dominados pela supremacia no ódio e no mal daquele que ousou ser o primeiro. E é este o chamado Diabo por excelência. Este, como os outros, foi noutra tempo um Anjo de Luz e, talvez, o mais belo de todos os anjos.

Tem-se pretendido, e é opinião moderna partilhada por um escritor espanhol mais ou menos cívico da teosofia blavatskiana, que há apenas um diabo. «Único e uni-pessoal, o Diabo não necessita nem de Estado social nem

de delegados do seu poder para o exercício das suas funções. Nunca ele poderia permitir que a sua acção fosse exercida por outrem. Meticuloso, exigente, desconfiado do próprio êxito, não pode delegar em ninguém a realização dos seus propósitos. É imperador dum império que não tem outros limites que não sejam aqueles próprios e adequados que permitem a sua actividade. É ele o seu Estado. A frase é de Luís XIV, mas foi o Diabo que a inventou» (14).

Trata-se de um parágrafo irónico e inconsistente, que contradiz a inalterável verdade da Escritura. No entanto, embora não alimente tal crença, Papini exprime-se por forma análoga, tendo apenas em conta Satanás.

II

«QUEM COMO DEUS?»

«Como caíste, Lúcifer — diz Isaias (15) — tu, que brilhavas na manhã?» Este nome, esta comparação com a estrela, tiveram gravíssimas consequências. Lúcifer significa Portador da Luz. Também lhe chamam Luzbel, que o povo cristão costuma interpretar como «Luz bela».

O príncipe dos demónios era um Anjo, quer dizer, não nascido das Trevas, não surgido da matéria ou do caos, não correspondendo como a negação à afirmação ou como a sombra à luz, mas que apareceu no seio da própria luz, criado por Deus com inumeráveis anjos, mais numerosos do que as estrelas do céu ou as areias do mar, imensa e incomparavelmente mais numerosos do que todas as substâncias materiais que podemos conhecer. Mas um dos mais excelsos entre os anjos, talvez o mais excelso e o mais elevado de todos, era Lúcifer.

Espíritos puros, criaturas perfeitíssimas, possuidores dos mais altos dons naturais e preternaturais, dotados de inteligência, majestade e poder, da imortalidade e da graça santificante, destinados para a bem-aventurança eterna, para a perpétua visão beatífica e para os mais altos ministérios no serviço do Senhor, os anjos eram chamados filhos de Deus; cercados da incomparável Luz Celeste, a sua beleza excede toda a imaginação. Mas é crença muito generalizada que Lúcifer era de todos eles o mais formoso, ultrapassando a todos em beleza e majestade, e a jóia mais luminosa e mais resplandecente que existia na corte do Padre Celestial.

Seria absurdo que nos puséssemos aqui a ponderar, *via excellentiæ*, os esplendores das realidades celestes, desde que tudo o que se poderia dizer foi já exposto inspiradamente pelos autores sagrados, pelos Santos Padres, pelos Teólogos e pelos Místicos.

No entanto, as tradições do povo fiel costumam ter uma eloquência sedutora. Uma diz que, em frente de Lúcifer, brilhava a Estrela da Manhã; outra conta que ele usava uma coroa de glória, na qual resplandecia uma pedra desconhecida de maravilhosa e indizível refulgência. Isto é o que dizem as tradições do povo fiel, mas há outras tradições, alheias à piedade cristã, que dizem outras coisas.

Do nome de Lúcifer, Portador da Luz, resultaram graves consequências. Estanislau de Guaita, mago húngaro de Klingsor, que ainda não há muitos anos vivia em Paris, identificava Lúcifer com a Primogénita das Criações, isto é, com a luz primordial que Deus criou quando disse: «Faça-se a luz», no primeiro dia da Criação, luz essa que é a «Luz Astral» dos ocultistas, a que os magos chamam «Grande Agente», e cujas propriedades descrevem com toda a prolixidade. Desta maneira, Estanislau de Guaita fechava as portas a toda a magia branca, incluindo a magia natural, desenganava os magos ingenuos e arrastava-os a todos para um iniludível satanismo (16).

Mas aquele nome — *nomina numina* — não teve apenas essa extravagante consequência. Houve outras de natureza filosófica, pois, se Lúcifer é Portador de Luz, bem podia ser considerado pelos partidários «das luzes» como a própria luz da Razão, que resplandecia na sua frente, ou como aquele que roubou do Céu e trouxe a Razão para os homens ignorantes, oprimidos pela Lei Celeste, como outrora Prometeu trouxe aos homens o fogo sagrado arrebatado aos deuses.

Na realidade, Lúcifer era, conforme os doutores, um anjo de elevadíssima hierarquia — da ordem dos Serafins, segundo Suárez. «*Supremus Angelus* — diz São Tomás (17) — *maiores habuit naturalem virtutem quam inferiores*». «*Tu signaculum similitudinis, plenus sapientia et perfectus decore*» — diz Ezequiel (18) do rei de Tiro, mas os Santos Padres aplicam a Lúcifer estas palavras como as citadas de Isaías.

«...Il primo superbo
Che su la somma d'ogni creatura...»

diz Dante (19), e em outro lugar:

«Vedeo colui, che fu nobil creato
più d'altra creatura...» (20)

Este Anjo tão perfeito, tão extraordinariamente favorecido pela magnanimidade de Deus, tão prodigiosamente provido dos mais elevados dons, tão amado pelo Pai Celeste, revoltou-se contra Ele e pecou, arrastando outros para o pecado, pelo que foi expulso do Céu e condenado à pena eterna do Inferno (21).

Ignora-se quando ocorreu esse facto fundamental para a economia do Universo e para a contextura da história. Se nos servirmos da linguagem dos eruditos, difemos que o término *ante quem* está situado na criação dos Anjos, e o término *post quem*, na tentação do Paraíso. Há muitos que dizem que o pecado se seguiu quase imediatamente à criação dos Anjos. Dante (22) afirma que, num lapso de tempo menor do que é necessário para contarmos de um até vinte, uma parte dos Anjos, apenas criados, pecou e caiu.

Dir-se-á que pouco durou a felicidade desses Anjos, mas seria melhor dizer que pouco durou a sua fidelidade: menos de um minuto. Mas — muito menos ainda simples fracção infinitesimal, a mais pequena que se possa imaginar, contemplando a Face do Eterno, é uma dita tão grande que não pode comparar-se a nada do que o homem possa chegar a conceber. Pois isto e muito mais ainda — a eternidade disso mesmo — foi o que Lúcifer afastou de si, sem piedade, sem pena de si mesmo, sem gratidão nem consideração para com Quem tudo lhe dava gratuitamente e a Quem devia toda a adoração e todo o amor de que o seu ser seria capaz. Foi uma decisão terrível, espantosa, entre a vida mais sublime e uma morte muitíssimo pior que a morte, porque é agonia eterna no meio da raiva e do desespero. Foi uma eleição livre, consciente, com pleno conhecimento das consequências.

Dois são os pecados que disputam entre si o êxito da rebelião dos Anjos: a Luxúria e a Soberba. Cada um tem os seus partidários, e a disputa entre uns e outros chega aos nossos dias no seio da escola dos partidários da Psicanálise. O professor Sigmund Freud inclina-se para a Luxúria; o seu discípulo Alfredo Adler é parti-

pegou em armas contra eles e exclamou: «Quem como Deus?» — que isto é o que significa na língua hebraica *michael*, que desde então é o seu nome. E foi seguido pelos anjos fiéis.

«Foi então que se travou a grande batalha no Céu; Miguel e os seus anjos lutavam contra o dragão, e o dragão e os seus anjos lutavam contra ele, mas estes foram os mais fracos e não houve no Céu lugar para eles. E assim foi abatido aquele grande dragão, a antiga serpente que se chama Diabo e Satanás, que anda a enganar o universo inteiro. E foi atirado para a terra, e os seus anjos com ele» (36).

Satana projectus est in terram. Caiu do Céu como cai um raio. «*Videbam Satanam sicut fulgor de Cælo cadentem*» (37).

«*Vedeo colui — diz Dante (38) — che fu nobil creato Più d'altra creatura, giù dal cielo Folgoreggiando scendere*».

Fulgurando, isto é, com um relampaguear, não de luz celeste, mas como a sinistra centelha azul da descarga eléctrica, destruidora e portadora da morte, que deixa atrás de si o cheiro a enxofre, esse cheiro a enxofre que virá a ser depois característico do Diabo.

Levava já consigo o inextinguível fogo que o havia de consumir eternamente sem nunca o aniquillar. Levava já consigo o Inferno.

O Inferno, «o abismo tenebroso» (39), em virtude do pecado dos anjos, foi criado por Deus:

«*Fecemi la Suprema Potestate, La Somma Sapienza e il Primo Amore*» (40).

Foi criado antes do mundo:

«*Dinanzi a me non fur cose create, senon eterne*» (41)

Antes de haver Inferno, não houve coisas temporais, mas apenas coisas eternas; mas: «Duas são as eternidades — diz a glosa — uma absoluta, Deus; a outra relativa, isto é, os seres que, uma vez existentes, se tornam imortais, como os Anjos, as almas humanas». O Inferno foi uma consequência natural e imediata do pecado.

Uma questão difícil é a da situação do Inferno. A crença universal do povo cristão tem sido até agora — e ainda o é para os outros — a de que o Inferno se encontra no centro da Terra. O próprio nome o diz: *Inferi*, os

lugares inferiores, o mais baixo, o mais profundo, o mais submerso no seio da escuridão e da matéria bruta. Satanás, precipitado do Céu, «caiu», «desceu»... Como no espaço exterior não há acima nem abaixo, esse lugar inferior não parece estar senão no profundo, no mais interior deste astro escuro que se chama Terra, deste astro sob todos os aspectos excepcional, inclusivamente para a ciência moderna, pelo que se refere às difíceis condições proporcionadas para a vida humana, para a consciência e para o espírito.

Dante coloca Satanás no mais profundo da Terra, coincidindo o centro desta com o ponto médio do seu corpo, submerso em gelo mortal. Diz que o anjo rebelde caiu no hemisfério sul, e por isso a Terra, cheia de temor, se cobriu ali com as águas do Oceano:

*«De questa parte cadde giù dal Cielo;
E la Terra, che pria di qua si sporse,
Per paura di lui fe del mar velo».* (42)

O próprio Apocalipse diz que foi atirado à Terra: «*Satana projectus est in terram*». Perante isto, que importa o que possam dizer os geólogos, tão sábios que prescrevem a Deus os milhões de anos para levar a cabo a Criação; tão meticulosos e preocupados, que exigem milhares de anos para o polimento dum calhau; de tão ampla visão que contam os anos e as léguas, servindo-se de quantidades que, de imensas que são, chegam a não ter nome? Nós, os que lhes não temos medo, nem quase respeito, preferimos ater-nos ao Catecismo. Ao fim e ao cabo, o Catecismo está aprovado pela autoridade eclesiástica, que não nos parece ter aprovado qualquer dos sistemas imaginados pelos geólogos.

Citam-se opiniões de antigos rabinos, de Santos Padres como Santo Atanásio e São João Crisóstomo, e ainda de outros autores que situaram o Inferno no ar; a de Milton que o leva para lugares muito afastados da Terra; e a do ministro evangélico Swinden que, paradoxalmente, o colocou no Sol. Paradoxalmente porque, embora ali fosse concebível o suplício do fogo — de que parece não poder duvidar-se, seja qual for a natureza do fogo infernal — nada há mais oposto à ideia que temos do Inferno do que a que temos do Sol e do que a significação que lhe outorgamos; não é fácil conceber no Sol uma mansão de Trevas, sendo este astro fonte de luz física e símbolo de claridade mental.

Também se diz que o Inferno pode não ser um *lugar*, mas sim um *estado*: o estado em que se encontram os anjos expulsos do Céu e os homens que incorreram na condenação eterna. Esta opinião é sustentada por católicos insuspeitos. Houve e há também os protestantes chamados *ubiquistas*, para os quais o Inferno se encontra onde quer que se encontre um réprobo. É uma questão que diz respeito aos teólogos e não a nós.

A crença geral situa os quatro Infernos (Inferno, Purgatório e Límbos) no mundo subterrâneo, *em baixo*, num lugar para chegar ao qual é necessário *baixar, descer*, e com isto estão de acordo todas as religiões.

Assim, os antigos gregos localizavam a Porta do Inferno ao pé do Tanaro na Lacónia; na Sicília, no deserto da Líbia e noutros lugares semelhantes; os Romanos, no lago Averno, na Campânia; os Cristãos em diversos lugares da Itália, da França, da Suíça, da Alemanha e da Espanha. No cume do Teide, nas Canárias, mostra-se aos viajantes não só a porta como os respiradouros e as lucernas do reino de Satanás (43). Muitos são os desfiladeiros e barrancos designados com o nome de *Vale do Inferno*; há um na Selva Negra, o *Hoellenpass*, célebre nas guerras do século XIX; e — novo paradoxo — há um *Vale do Inferno* (hoje chamado *Inferniño*) nas cercanias do venerando corpo do Apóstolo Santiago, em Compostela. Nos rios da Galiza são frequentes os *Poços do Inferno*, profundidades onde a lenda diz ter caído Lúcifer.

Tudo revela uma convicção constante acerca da situação dos reinos infernais e, de momento, não temos motivos peremptórios para duvidarmos de tal situação. Um vale dá-nos sempre a sensação de fundura, de profundidade, e o facto de os Judeus terem situado o seu na *Gehenna* ou vale de *Hinnon*, que rodeia Jerusalém por oeste, contribuiu para aquelas localizações.

Porta do mundo subterrâneo onde se encontram os Infernos era aquela caverna que dava passagem para o *Purgatório de São Patrício*, em Lough Derg, condado de Donegal, na Irlanda. Abriu-se graças às súplicas do santo, para que os Irlandeses pudessem ver as penas do Purgatório e se convertessem. Fundou-se ali uma abadia e fechou-se a gruta com uma grade de ferro, cuja chave ficou em poder do abade. Aquele que pretendesse visitar a gruta tinha de pedir autorização ao seu bispo, que procurava dissuadi-lo disso; mas, se o pretendente insistia

e obtinha a desejada licença, tinha de permanecer quinze dias na igreja, em oração e jejum. No décimo sexto dia, se se mantinha no seu propósito, era levado em procissão até à gruta e ali o deixavam fechado à chave durante vinte e quatro horas. Voltavam depois a abrir a porta e, se o encontravam vivo, faziam-lhe grande festa e, depois de outros quinze dias de retiro, podia ir-se embora; mas, se depois de aberta a porta não saía, supunham-no morto e voltavam a fechá-la, sem se importarem mais com ele, pois era sinal de que caíra em poder dos demónios (44).

Sir Owein, cavaleiro irlandês ao serviço do rei Estêvão de Inglaterra, penetrou desta maneira no Purgatório de São Patrício. Chegou a uma extensa planície que os olhos não podiam abranger, lugar cheio de dores e de misérias. Estava coberta de infelizes de ambos os sexos e de todas as idades, nus e estendidos de boca para baixo, presos ao solo por cravos de ferro candente, horriavelmente torturados. De vez em quando, no meio das angústias da sua dor, mordiam a terra, implorando: «Perdão! Perdão! Piedade! Piedade!» Mas não havia quem se apiedasse deles e os demónios andavam-lhes sobre as costas e martirizavam-nos com chicotadas.

Dali levaram o cavaleiro para outra planície, onde os condenados estavam deitados de costas. Dragões de fogo sentavam-se sobre os seus peitos e neles ferravam os dentes em brasa. Outros, em volta do pescoço, dos braços e das pernas, seguravam serpentes que cravavam os dardos das suas horríveis bocas no coração dos condenados. Alguns tinham sobre o peito sapos enormes e hediondos que, com as suas disformes gargantas, fossavam sobre as suas carnes, em busca do coração. Noutra lugar os infelizes estavam suspensos por ganchos de ferro ao rubro, no meio de uma fumarada de enxofre, ou atados a rodas de fogo, ou ainda borrifados sem cessar por metais derretidos.

Em seguida, os espíritos infernais conduziram Owein a uma elevada montanha e mostraram-lhe uma imensa multidão de desgraçados de todas as idades e sexos que, completamente nus e curvados sobre as pontas dos pés, esperavam a morte, voltados para o norte e pálidos de espanto. De repente, levantou-se um redemoinho de vento que os lançou a todos, incluindo Owein, para o outro lado da montanha, a um rio frio e fétido, onde todos caíram, gemendo e chorando. O cavaleiro, invocando o nome de Jesus Cristo, voltou a encontrar-se na outra margem.

Esses círculos são: 1.º, a *Gehenna*, para os Muçulmanos; 2.º, *Ladha*, para os Judeus; 3.º, *Holama*, para os Cristãos; 4.º, *Suir*, para os Sabeus; 5.º, *Sakar*, para os Magos; 6.º, *Djahem*, para os Idólatras; 7.º, *Harvigar*, para os Ateus. O Inferno muçulmano tem sete portas, cada uma das quais é guardada por dezanove anjos. Os condenados estão entre chamas e enxofre, grilhões e cadeias, serpentes, rãs e gralhas, mas os Islamitas, ao cabo de sete mil anos, são libertados pelo Profeta.

O filósofo místico Mohidin Ben Arabi, de Múrcia, divide o Inferno em duas partes: uma é destinada a castigar os pecados externos ou de acção; a outra, os internos ou de pensamento; dum lado encontram-se os ateus e incrédulos e, do outro, os politeístas e os hipócritas. O Inferno é formado por sete círculos concêntricos, destinados aos pecados dos sentidos e das partes do corpo: o correspondente à vista chama-se *Sichin*; o do ouvido, *Alhathma*; o da língua, *Ladhi*; o das mãos, *Sacar*; o do ventre, *Asair*; o do sexo, *Alchahim*; o dos pés *Chahanam*. Até certo ponto, esta divisão corresponde à da figura humana, começando pela cabeça e acabando nos pés (51).

Assegura-se que Dante se inspirou nestas descrições maometanas do Inferno (52). Os Hebreus pouco haviam deixado que os cristãos pudessem aproveitar: O *Sheol*, morada subterrânea das almas, chamada às vezes «poço do abismo» e «fossa de perdição» compreendia duas regiões: O Seio de Abraão, morada onde os justos esperavam o Messias, e a *Gehenna* ou o *Abbadon*, fojo tenebroso sem fundo, destinado aos réprobos (53). É necessário ter em conta que há muitas descrições cristãs anteriores a Dante; citámos já algumas e não vamos agora deter-nos nas do *Evangelho de Nicodemo* (54), da *Revelação de São Pedro* (55), da visão de Carlos o Calvo (56), etc. Dante foi também buscar muito ao Inferno pagão clássico, dando um valor alegórico às conhecidas figuras do rio Aqueronte, com o barqueiro Caronte, o Cão Cérbero, a lagoa Estigia, a cidade de Dite ou Plutão, figuras essas tiradas do Inferno de Virgílio.

Outra personagem célebre que se diz ter descido ao Inferno em vida é o Doutor Fausto. Na sua lenda vemo-lo descer aos ombros de Belzebu, numa cadeira feita com ossos humanos. Em Milton reaparecem as imagens clássicas: o Inferno, que é um imenso globo, distante do Céu tanto quanto é três vezes a distância do centro da terra

ao pólo, cercado por três abóbadas de fogo devorador, está rodeado pelos cinco rios antigos: o Estige, o Aqueronte, o Cocito, o Flégeton e o Leteu. À porta estão a Morte e o Pecado, e comunica com o mundo por uma ponte construída quando Adão pecou. Lá dentro, as Fúrias arrastam os precitos do gelo para o fogo e do fogo para o gelo... Com grande indignação citam os progressistas a pintura do Inferno do cónego francês Padre Francisco Arnoux: «No Inferno, um diabo grita para outro: «Agarra, esfola, asfixia, mata e assassina sem perda de tempo; põe este sem demora no meio das chamas e atira aquele para os fornos e para as caldeiras a ferver». E as mulheres fúteis terão entre os seus braços um crudelíssimo dragão inflamado ou, se assim o preferem, um diabo em forma de dragão que lhes cingirá, com o seu pescoço de serpente, os pés e as pernas, ao mesmo tempo que lhes rasga todo o corpo com as suas cruéis garras. Depois encostará a sua boca babosa e pestilenta sobre a das condenadas e vomitará sobre elas chamas de fogo e enxofre com peçonha... E este dragão lhes causará dores infinitas e todos os condenados gritarão, açulando contra elas os demónios (57)».

Chateaubriand (58) apresenta-nos, em troca, uma impressão grave e imponente, levando em linha de conta as penas espirituais, o arrependimento tardio e impotente, o ódio, a inveja aos bem-aventurados e a ineficácia das orações pelas almas dos condenados.

«*Ho perduto il Paradiso*», ouve-se cantar ao Diabo no prólogo do *Mefistófeles*, de Arrigo Boito...

Lúcifer, o mais belo dos anjos, foi convertido na mais espantosa das criaturas:

«*S'ei fu si bel com'egli è ora brutto...*» (59)

Não há nenhuma criatura de tão horrível aspecto, tão monstruosa, tão ignóbil, tão repugnante, tão imunda, tão disforme, tão repulsiva e tão hedionda. Enganam-se aqueles que o têm querido representar dotado de uma beleza triste ou de uma formosura sinistra. Não pode ser assim, porque o sinistro não pode ser formoso e porque o seu sentimento não é a tristeza, mas sim a raiva.

Rigorosamente, os anjos não têm corpo nem, portanto, forma geralmente visível aos nossos olhos. As formas em que se nos apresentam são, como tais, a expressão sensível das suas qualidades espirituais. Por isso, sendo como são as qualidades espirituais dos diabos, quando estes, por permissão divina se nos apresentam como tais,

as suas formas não poderão parecer belas. Pelo contrário, a sua fealdade é proporcional à sua antiga beleza, porque é a incomensurável fealdade do pecado e — mais ainda — do primeiro pecado, isto é, daquele que foi raiz e origem de todos os pecados do mundo.

Aquele que fora superior a todos em virtude tornou-se superior a toda a criatura no mal. São Tomás expôs isso mesmo com uma simplicidade cheia de evidência: *Quia igitur Supremus Angelus maiorem habuit naturalem virtutem, quam inferiores, intensiore motu in peccatum prolapsus est: et ideo factus est etiam in malitia maior*» (60).

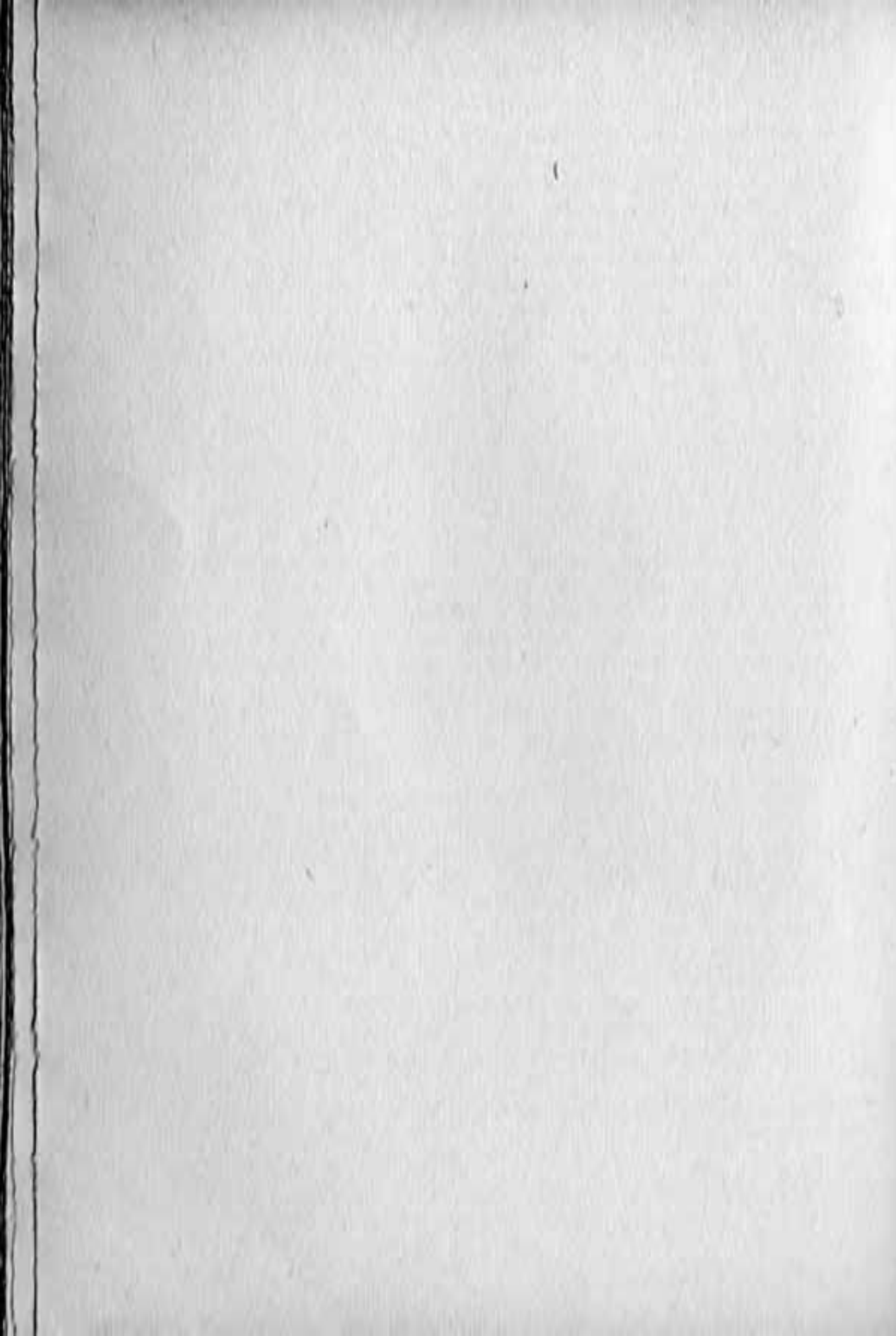
O Anjo da Luz foi convertido no Anjo das Trevas. Foi como uma inversão completa da sua natureza original, sem a perder e sem ter perdido qualquer das prerrogativas que lhe eram devidas. Perdeu a graça santificante e os dons sobrenaturais, mas não os naturais nem os preternaturais. Apenas a sua natureza, destinada ao bem, ficou, como já dissemos, invertida. É como se anteriormente estivesse de cabeça erguida, com a frente levantada para o Sumo Bem, reflectindo nela a Luz inciada, como a Estrela da Manhã, que é o seu símbolo, reflecte a do Sol, e agora estivesse de cabeça baixa, na atitude de eterna queda para o mal absoluto, para a profunda escuridão, com a frente a reflectir apenas o insuportável ardor das chamas eternas.

Temos de ir vendo os efeitos transcendententes desta primeira e original «inversão de valores». Tudo é *ao invés* no mundo dos diabos. O branco é a cor dos anjos; negro e roxo, a dos demónios. Falamos tradicionalmente — e falam também os Livros Santos — da direita do Altíssimo; pois a mão esquerda é a que opera nos demónios, e o lado esquerdo das coisas e dos seres é o que lhe pertence. Os anjos vivem na luz, os demónios nas trevas; os anjos em cima, os demónios em baixo; no meio dos anjos está a ordem, no meio dos demónios a confusão; entre os anjos há o amor e a benevolência, entre os demónios o ódio e a inveja...

Desta maneira, aquele que pretendeu exigir o seu trono na frente do de Deus foi destronado e caiu-lhe da cabeça a coroa de glória.

Uma tradição de origem desconhecida afirma que, com a coroa de glória, caiu da frente de Lúcifer aquela

gema de maravilhoso esplendor que ali cintilava deslumbrante, como se a luz abandonasse para sempre a alma do rebelde. Essa maravilhosa gema ficou em poder de São Miguel Arcanjo e com ela — *angelicae fecere manus* — foi fabricado no Céu o Santo Graal, vaso em que o Redentor havia de consagrar o vinho na Santa Ceia e na qual havia de ser recolhido o Seu precioso Sangue, quando desceu da Cruz o Seu Sagrado Corpo. E o Santo Graal ficou no Céu, adorado pelos anjos, até que estes o transmitiram aos homens, nos primeiros tempos da Idade Patriarcal.



III

«SEREIS COMO DEUSES»

Os demónios conspiram contra o homem, porque não podem tolerar que o homem tenha sido criado à imagem e semelhança de Deus, que a sua geração esteja destinada a ocupar os setiaes que eles abandonaram no Céu, e que o Verbo Divino tivesse encarnado, unindo-se à natureza humana.

Há três coisas: Deus, o Universo e o Homem. Estes são outros tantos objectos para o ódio de Satanás. Em Deus, deseja ele atropelar a Verdade, a Beleza, a Justiça e a Misericórdia... essas coisas que chamamos «os Valores», e que são os atributos da Natureza Divina.

No Universo, quer destruir a Ordem e a Vida, introduzindo nele a confusão e a morte.

No Homem pretende corromper a Imagem Divina e insultar a habitação do Verbo.

Desta maneira, desde a aparição do homem, começou a grande luta entre o Homem e o Diabo, luta constante, persistente, interminável, sem quartel, sem tréguas, sem descanso, na guerra e na paz, na vigilância e no sono, na dor e no prazer, na razão e na loucura. O homem pensa que se encontra só em frente do mundo, mas, na realidade, o Diabo ronda-o sempre, vem ao seu encontro, atravessa-se no seu caminho, segue os seus passos, acompanha-o, traça círculos à sua volta, assim como epiciclos e figuras, chama por ele, voa sobre a sua cabeça e rasteja debaixo dos seus pés.

Figura-se ao homem que luta com a natureza e, na realidade, o Diabo amontoa obstáculos na sua frente,

endurece a pedra que ele trabalha, desvia-lhe as ferramentas, quebra-lhe as armas, esteriliza-lhe a inventiva, faz-lhe fracassar os intentos ou facilita-os, quando eles não-de ser prejudiciais para o seu autor ou para outrem.

O homem crê que luta com outros homens e, na realidade, foi o Diabo quem lhe fez surgir aquele inimigo, quem impediu aquele acordo, quem pôs fim àquela transigência, quem quebrou aquela amizade. É ele quem guerreia com as armas de ambos os lados, quem sugere os meios mortíferos, quem cultiva a astúcia, quem ensina as malas-artes, quem prolonga as guerras, quem fomenta os ódios, os pleitos, as questões e as invejas, quem muda os ânimos, quem mina os bons propósitos, quem faz desfalecer as boas vontades... *Ubique dæmon* (61).



«Serpens, qui erat callidissimum inter omnia animantia».

A primeira figura visível do Diabo foi a serpente. A serpente tem um andar silencioso, sinuoso e enganador. Arrasta-se — *anguis in herba* — no solo, meia oculta pela vegetação. Tem a pele brilhante, recamada de estranhos arabescos; «*Va vestida de pana labrada*», diz uma antiga adivinha galega, com desenhos misteriosos, que parecem uma escrita secreta, e pode ser que o fossem. Tem — disse alguém — «olhos de diamante» e a língua está fendida como a forquilha que serve de ceptro a Satanás. É dotada, principalmente, do poder de fascinação: «*O que a vê pasmado se queda*», diz a adivinha citada, isto é, seduz a sua vítima, paralisa-a e redu-la à impotência. Além disso, tem o veneno.

A voz da serpente do Paraíso devia ter sido um silvo que parecesse murmurar ao ouvido palavras misteriosas, daquelas que só podem ser ditas em voz baixa. Devia ter a sumptuosidade do tecido de seda da sua pele pintada, entre aveludada e metálica. Devia ter a suavidade das ondulações, a um tempo graciosas e viscosas, do seu corpo macio e frio. E devia ter o veneno subtil e rápido dos seus dentes.

O silvo representa o engano; o veludo, a facilidade do pecado, que semeia o caminho do homem de armadilhas e cepos, sob a brandura da relva, que oferece aos seres humanos caminhos de veludo — *«le chemin de*

velours», de Remy de Gourmont, grande doutor em fraquezas humanas. O metal é o esplendor da vã ilusão que desperta o desejo de transgredir a lei, a falsa paga da acção perversa; o ondular suave é a inconstância do Maligno, que se separa do enganado; a frialdade é a sua indiferença perante as consequências do engano, e o veneno é o rasto do mal e seu castigo, mal esse que trouxe a morte para o mundo.

«O mal, que em seus recursos é proficuo...», disse Amado Nervo. No entanto, Satanás, no Paraíso, não se valeu de nova invenção; limitou-se a repetir o que disse no Céu: «Sereis como deuses».

A verdade é que se dirigiu à mulher para unir a sua sedução à dela. Desde então a mulher ficou sendo ocasião demasiado frequente de pecado. Aquela foi a primeira vitória de Satanás, vitória incompleta, mas suficiente para lhe dar um papel de primeira ordem na história do mundo.

Um famoso escritor protestante, Hugo Grocio, que passa por ser um dos fundadores do Direito Internacional, escreveu na sua juventude uma tragédia intitulada *Adamus exul*, na qual aparece o Diabo a tentar primeiramente Adão que o repele, e por isso o Demónio dirige-se a Eva, para, por meio dela, triunfar sobre os filhos de Adão (62). Em contrapartida, uma tradição hebraica pretende que, antes de estar unido a Eva, Adão teve por mulher Lilith, demónio-fêmea, que lhe deu muitos filhos; abandonada depois pelo primeiro homem, uniu-se ao demónio Samuel (de quem fazem também o anjo da tentação) e concebeu um ódio profundo e cruel contra Eva, sua rival, e contra seus filhos e descendentes, procurando ferir e matar os meninos quando nasciam. Os Judeus afastavam-na do berço dos filhos por meio de orações, amuletos e encantamentos (63). A opinião de que o pecado de nossos primeiros pais não foi outro senão a união dos sexos, e de que isso é que constitui o *fruto proibido*, é mais comum do que se crê. É uma opinião muito antiga e procede certamente de fontes judias apócrifas, bem como de fontes gnósticas, relacionando-se com as ideias do gnosticismo condenatórias da procriação, que liga as almas, encerrando-as na matéria bruta, obra do Demiurgo. Tal opinião relaciona-se principalmente com o *mistério do sexo*, muito próprio para criar obsessões no espírito do homem, razão por que não é para estranhar que a encontremos em todas as épocas e tenha chegado até à nossa. Papini cita

um livro recente escrito por um médico que se mostra partidário dessa interpretação (64).

O homem ficou sujeito à dor e à morte, em constante perigo de pecado e condenação, sempre propenso para a soberba e loucura, para a ignorância e mistério.

Na lei natural, quando dois campeões combatem na liza, se um dos dois é derrubado, fica à mercê do vencedor, como um prisioneiro e, se deseja a liberdade, tem de pagar o resgate. Foi isto o que sucedeu com o homem, vencido pelo Diabo no Paraíso. Ficou prisioneiro, à mercê de Satanás; este adquiriu sobre ele todo o poder que tem o vencedor sobre o vencido, poder omnímoto como o do senhor sobre o escravo, e, como o homem era incapaz de se resgatar, foi o próprio Deus que teve de fazer o resgate, entregando-lhe Seu Filho, para que pagasse por ele o preço do Seu Precioso Sangue.

Enquanto se não consumou o drama da Redenção — a vitória de Jesus Cristo — o homem foi escravo do Demônio. «Desde essa ocasião — diz uma piedosa novena que sabemos de cor desde a nossa meninice — ficaram lavados os pecados do mundo, vencido o Inferno, despojado o Príncipe das Trevas do tirano despotismo que exercia sobre todas as criaturas, e nós fomos elevados do envilecimento de escravos à alta dignidade de homens livres e de verdadeiros filhos de Deus, por meio da graça».

Mas até então... Fixemo-nos bem nas palavras que acabamos de citar: «...o tirano despotismo que exercia sobre todas as criaturas...», isto é, não só sobre os homens, mas também sobre todo o ser vivo, sobre o mundo inteiro. Por isso se lhe chama muitas vezes o Príncipe deste Mundo.

«Príncipe das Trevas»... Não posso resistir à tentação de trazer para aqui uma recordação pessoal. Quando, na minha infância, na igreja ou em minha casa, escutava aquela oração da novena, eu via o Príncipe das Trevas. Subido a um estrado de vários degraus, coberto por um pavilhão de grandes cortinados entreabertos, adiantava-se sobre um pé, descansado sobre o outro, com uma das mãos sobre o peito e com uma curta veste apertada na cinta. Fazia lembrar os imperadores e procónsules que ordenavam os martírios, numa antiga edição do *Ano Cristiano*, em pequenos tomos, cujas ilustrações eu costumava folhear quando ainda não sabia ler; mas então usava ele um enorme e pomposo turbante e das espáduas descia-lhe um manto régio com cauda. Tudo era visível,

excepto o rosto. Esta é a figura que eu vejo infallivelmente, quando ouço ou leio a expressão «Príncipe das Trevas». Uma espécie de Majestade obscura, de Realeza sinistra... Corresponde de longe ao modelo de «O Tirano», de «O Perseguidor», mouro ou pagão, procônsul ou sultão... E, na realidade, ele é o modelo dos tiranos e dos perseguidores.



A natureza humana ficou pervertida, devido ao Pecado Original, com a *fomes peccati*. O homem perdeu os dons sobrenaturais e ficou sujeito à dor e à morte.

Mas não só o homem ficou pervertido, como também o mundo. Na economia da natureza produziu-se um desequilíbrio; todas as coisas ficaram um tanto ou quanto desarticuladas umas das outras, todos os caminhos sofreram um desvio, uma inflexão (65) e à lei da imutabilidade sucedeu a lei da instabilidade. Parménides podia ter tido razão — embora nunca a tivesse — antes do Pecado; depois do Pecado teve-a Heráclito. O pecado de Parménides, como o de todos os Gregos, consistiu na sua obstinação em desconhecer o Pecado. Os Gregos desconheceram Satanás, pelo que Mefistófeles declarou a Fausto que não tem jurisdição sobre o mundo. Os Gregos substituíram Satanás por Prometeu, que era um homem. Não quererá isto dizer que os Gregos se condenavam sôzinhos, sem que necessitassem do Diabo para se condenarem? Ou será verdade, como supôs Dante, que, quando morriam, iam para os Campos Elíseos, uma espécie de Seio de Abraão, donde jamais se pode sair? Há uma tradição que assegura que, apenas Adão meteu a maçã na boca, logo caiu uma pomba morta a seus pés. A morte acabava de entrar no mundo.

Deste modo, a morte entrou no mundo graças ao Diabo e, até certo ponto, como uma criação sua, pelo menos aparentemente. Daqui nasce certa tendência da mente humana para conceber uma espécie de parentesco entre a Morte e o Diabo. Ambos andaram juntos em sátiras, mistérios e moralidades. Isso não é difícil, embora, sendo o Diabo um *ser*, e a Morte um *acontecer*, se torne necessário primeiramente personificar a Morte, para que possa fazer parilha com ele. De facto, recebeu dos antigos figura e atributos: a figura proporcionada pelas suas

vítimas, e os atributos cedidos pelo deus do Tempo, — Cronos ou Saturno, a vontade — parte de cujas funções assume em substituição ou em competência com a terceira das Parcas. Não vamos agora deslindar este intrincado simbolismo, que não sabemos até onde nos levaria. Aqui basta dizer que, se não conseguimos saber quem é a mãe do Diabo, da qual temos ouvido falar com insistência, podemos considerar a Morte, até certo ponto, como sua filha.

Mas o Reino da Morte não é o Reino do Diabo. O da Morte assemelha-se ao mundo de Parménides, ou seja o da imobilidade total e absoluta, que se expressa pela rigidez cadavérica, pois o processo ulterior de corrupção e dissolução é um fenómeno cósmico que já não pertence à Morte; o cadáver, ao decompor-se, entra de novo no torvelinho vital, mas deixou de ser o que era.

No entanto, como a Morte é a sua causa (ocasional, pelo menos), talvez seja este o motivo por que o povo cristão tenha concebido a Morte como uma simbólica dança, em que se igualam o papa e o imperador com o jogral e o mendigo.

E talvez este pretensio parentesco entre ambas as entidades tenha ocasionado a confusão que algumas vezes se observa nas tradições populares entre a procissão das almas que penam (os mortos) e uma parilha de bruxas e diabos.

Outra tradição diz que todos os animais comeram do fruto proibido com excepção da Fénix; por esse motivo todos eles ficaram sujeitos à morte, mas a Fénix continuou a ser imortal.

No entanto, também a Fénix tem de se renovar pelo fogo, de quinhentos em quinhentos anos. Que significa isto? Talvez a renovação periódica do mundo? Parménides enganou-se por desconhecer o Pecado, e o pecado de Heráclito foi esquecer-se da Fénix. Enganou-se ao julgar que as coisas não podem voltar à sua origem. Não obstante, os Gregos sabiam da existência da Fénix e acreditavam na renovação do mundo.

Depois de dar muitas voltas e reviravoltas, a serpente morde a própria cauda, enquanto o Diabo se separa dela. A serpente, ao morder a cauda, é a representação da grande lei cíclica. Como se originaram os céus?

Se Satanás tivesse triunfado sobre a Ordem do mundo, isto é, sobre a vontade de Deus, todas as coisas teriam ficado perpétuamente desarticuladas e descon-

xas, ter-se-iam apagado todos os caminhos e o fluir imaginado por Heráclito seria contraditório e descontínuo. Mas, de facto, não sucede assim. Como a ordem do mundo é a vontade de Deus, e a vontade de Deus não pode ser vencida, a ordem actua naturalmente sobre a desordem, emenda-a, subordina-a, engloba-a, e o que era desordem fica sujeito à lei. A lei da imutabilidade — dissemos nós — succedeu a lei da mudança, que também é lei. A excepção confirma a regra, porque também está sujeita a regra a excepção. Inclusivamente Satanás e os seus nada podem fazer sem que Deus o permita. Se a Ordem anterior ao Pecado era uma Ordem estática — suponhamos assim — com a quebra que o Pecado originou, a mesma Ordem, na sua nova actuação e reacção, converte-se numa Ordem dinâmica, numa sucessão evolutiva e cíclica, que anula toda a desordem, que a emenda, que estanca toda a ruptura e cicatriza todo o pecado. A natureza continua seguindo um curso regular, embora quase indefinidamente variado e variável aos nossos olhos, imensamente rico e multicolor, mas traçando sempre figuras cheias de sentido, e susceptíveis, em último caso, de interpretação. Por isso nos ensina a metafísica que todo o ser é estas seis coisas: *ens, res, aliquid, unum, verum, bonum*. Satanás não pôde destruir a realidade dos «transcendentais».

Desta maneira, aquilo que à primeira vista parece ser o maior triunfo do Diabo ficou, não esterilizado, pois nem o Diabo, nem os efeitos do seu «trabalho» ficaram privados de causar dano, mas sim «superado», como dizem alguns dos seus discípulos, por uma forma que não é, nem de longe, o mesmo, mas que oferece certa longínqua semelhança com a síntese hegeliana.

E tanto assim é que nenhuma filosofia é inteiramente falsa, mesmo que proponha como verdadeiro o que na realidade é falso, pois sempre contém em si aquele tanto de verdade de que necessita para subsistir.

O facto de se dizer que o Diabo é «aquela força que sempre quer o mal e sempre faz o bem» fica assim perfeitamente explicado pelo que refere à sua projecção cósmica; mas sucede doutra maneira, quando a acção diabólica se aplica à história. Na história estamos no reino da liberdade, e a liberdade é o mais perigoso de todos os privilégios.



S. Miguel Arcanjo

Século XV — Museu de Barcelona

IV

O IMPÉRIO DO INFERNO

Não se pode pôr em dúvida que Satanás tem o seu Império. *Imperium* significa «mando», «poder de mandar», «de dar ordens e obrigar ao seu cumprimento». Assim dizem os juristas. E Satanás manda nos diabos e nos homens que a ele se entregam pelo pecado.

No *Imperium*, como poder histórico-político, entram factores territoriais, factores de povoação, factores de cultura e factores de consciência.

Ora, o Império de Satanás tem o seu território, o seu âmbito de competência e a sua área de jurisdição. Tem a sua Metrópole e as suas Colónias. A Metrópole é o Inferno; mas, pelo menos em potência, o seu espaço de expansão colonial abarca toda a terra habitável. Em geral, fora do Inferno, à primeira vista, não parece que Satanás exerça um verdadeiro Império sobre o território, mas apenas sobre as pessoas; não parece possuir senhorio solarengo, mas somente jurisdicional. No entanto, se atentarmos bem no que acontece, verificaremos que, embora por forma temporária e não permanente, há países que se comportam durante séculos como verdadeiras colónias do Império do Inferno, tal é o procedimento do seu povo no que refere à política e aos costumes. Em outros lugares não possuirá Satanás debaixo das suas ordens senão Minorias Nacionais dispersas, mais ou menos numerosas, mas há nações em que as maiorias e os governos vivem como que entregues a ele (66).

Entre os homens, ao Império de Satanás pertence aquele que o deseje. Basta um mau pensamento para

adquirir cidadania nesse Império, mas, para a conservar, é necessário a falta de contrição, condição essa que se torna bastante fácil. A cidadania infernal concede o direito de dar gosto ao corpo e praticar os sete pecados mortais, se houver saúde para lhes resistir e dinheiro para os pagar; os deveres, em troca, cumprem-se geralmente depois da morte e consistem em aguentar o fogo eterno.

Muitas vezes têm sido reconhecidos ao Diabo direitos de cobrar impostos sobre as colheitas, impostos que não-de ser pagos não só por aqueles que acima consideramos cidadãos do seu Império, mas também por todos os habitantes do país. O Diabo, que ronda pelo mundo, nunca se vai embora com as mãos vazias e, por isso, é necessário dar-lhe uma parte na colheita. Assim, na Escócia, deixavam sem segar alguns sulcos de trigo, que eram para o Diabo, a quem chamam o *Homem Velho*; na Armórica, no século XVII, deixavam-lhe punhados de trigo-mouro nas valas; nas costas do Norte de França, deixavam-lhe feixes nos campos; em algumas partes da Itália, pertencia-lhe a corrente da caldeira que está suspensa sobre o fogo da lareira, e noutros países deixavam-lhe linhaça ou ervilhas (67).

Inclusivamente, cobra por vezes contribuição de sangue, recrutas forçados para o seu exército. Assim, na Galiza, se um matrimónio tem sete ou nove filhos varões seguidos, sem que nasça de permeio alguma fêmea, um deles tem de ser *lobisomen*, quer dizer, licantropo; e, se a série é de raparigas nas mesmas condições, uma delas tem de ser bruxa, porque o Diabo leva sempre a sua parte (68).

Quanto à terceira classe de factores, todos nós sabemos que existem invenções, descobrimentos, hipóteses, sistemas, leis, usos, espectáculos, obras de arte e de poesia, e até religiões, que proporcionam a Satanás muitos motivos de prazer.

Por último, no Império de Satanás, a consciência faz greve. Vamos agora estudar este Império sob os seus aspectos principais:

a) *Poder dos demónios:*

A Teologia ensina-nos que, privados da graça e condenados na sua natureza, os demónios ficaram incapazes de amor e contrição, bem como de toda a virtude; não

podem praticar o bem nem desejá-lo; não podem gozar um momento de tranquillidade nem de descanso; não há para eles qualquer alívio na sua pena; afastados de Deus para sempre, sofrendo a pena do dano e a pena de sentido, condenados ao fogo eterno, que é tanto mais terrível quanto mais alta a sua natureza, revolvem-se na imundície e na blasfémia, sem se poderem recrear com essas coisas — fazem o mal sem poderem tirar dele qualquer prazer.

Atribui-se a Orígenes o pensamento de que, sendo o Diabo resultante da vontade de Deus, não pode permanecer sempre diabo, mas essa tese foi declarada herética.

No entanto, os diabos conservam todos os seus dons naturais e preternaturais. Espíritos puros, possuem a ligeireza e a liberdade de movimentos próprios dos anjos; o poder locomotivo, em virtude do qual podem trasladar-se instantaneamente dum lugar para o outro, por muito afastados que estejam, e dar origem a muitos fenómenos de ubiquidade real ou aparente.

Podem assumir as mais diversas figuras — animais, humanas ou extra-humanas e, até, super-humanas — quer se revistam da matéria que vão buscar ao mundo físico, quer criem fantasmas na imaginação daqueles a quem aparecem.

Podem mover a matéria e, assim, mudar de lugar os objectos, transportar pessoas, fazer mover-se ou falar um corpo morto, produzir ruídos, imitar vozes familiares ou conhecidas, mover a língua do homem ou do animal para que diga o que ele quer, causar enfermidades, prazer ou dor e dar origem a fenómenos sensíveis que superem as forças físicas.

Podem também, segundo a opinião de muitos, unir-se carnalmente com mulheres e com homens, como incubos ou súcubos, respectivamente, mas, conforme a opinião mais generalizada, não podem procriar. Outros há que dizem que podem, como muitos rabinos hebreus que afirmam ou supuseram que os demónios têm sexo e, de certo modo natural, um acto generativo e eficaz, que lhes é atribuído também por alguns demonólogos e demonómanos cristãos, embora a maioria perfilhe a opinião de que, se os incubos engendram, é porque aproveitam de diversos modos a semente dos homens.

Podem, como é bem sabido, tentar e seduzir os homens, induzindo-os ao pecado, aproveitando e fomentando as suas más inclinações, sugerindo-lhes todos os

atractivos das más acções ou os proveitos que delas advêm e, até, apresentando-as como um dever de consciência ou atenuando a sua gravidade.

Podem, na perseguição que movem ao homem, por meio da tentação ou dum assédio constante, chegar a obcecá-lo, atormentando-o e transtornando-o, sem lhe fazer perder o conhecimento e a consciência de si mesmo.

Podem ainda entrar no corpo de uma pessoa viva e tornarem-se donos dela, actuando no seu interior, servirem-se dos seus órgãos, olhando pelos seus olhos, ouvindo com os seus ouvidos, falando pela sua boca, movimentando-se com os seus membros, apropriando-se inclusivamente da sua vontade e privando-a passageiramente do uso da razão e da consciência.

Podem também, em vez de possuir o corpo, possuir a alma da sua vítima. «Consta que são mais grave e veementemente atribulados aqueles que, parecendo não sofrerem qualquer aflicção corporal, estão dominados mais perniciosamente na alma, isto é, envolvidos pelos seus vícios e prazeres, porque, conforme a sentença do Apóstolo, o homem torna-se escravo das suas paixões, sem conhecer que está sendo combatido e dominado por elas (69)».

Por último, os demónios podem conseguir do homem a entrega voluntária da alma em troca de determinados serviços ou favores, por meio dum pacto explícito e formal concluído entre ambos, que pode até constar dum documento escrito e assinado.

Outros poderes se atribuem ainda aos demónios nas crenças populares e na literatura mágica.

O Diabo exerce um domínio especial sobre o dinheiro e sobre as riquezas. Em primeiro lugar, o dinheiro vem do Diabo (70), é invenção do Diabo... E tal opinião não é, afinal, nada disparatada. Se o Diabo procurou sempre escravizar o homem, não podia ter inventado meio mais eficaz — se é que o inventou — nem outra mola que com mais segurança corrompesse as vontades e embotassem as consciências. A invenção do dinheiro, a ser obra sua, foi talvez o seu maior êxito, pois com ele compra as almas e torna-as suas. Nada teria de particular que esse «poderoso cavalheiro» fosse o próprio Diabo. Se Júpiter se transformou em chuva de ouro para corromper a Danae, será, porventura, Satanás menos que Júpiter?

Fala-se de um *Grande Diabo de prata*, que voa sobre os homens espalhando moedas (71). E na verdade, se

virmos como está dividido o dinheiro no mundo, não seremos levados a crer que é o Demônio quem o reparte?

O Diabo dispõe de tesouros ocultos. «Quanto às riquezas — diz Bodin — sabe-se bem que há grandes tesouros escondidos e, como é muito certo, Satanás não ignora os lugares em que eles se encontram». «Conhece — diz Delrio — todos os tesouros ocultos, todas as minas de ouro e prata» (72).

No entanto, o dinheiro que os demônios entregam directamente é falso e de má lei (73), pois, se fosse bom, estaria de harmonia com o Direito e realizaria uma acção moral. Delrio diz que esse dinheiro dos diabos costuma converter-se, ao chegar a casa, em esterco e carvão. É claro que, muitas vezes, também o dinheiro legítimo dá o mesmo resultado.

«Os diabos — assegura Bodin — têm horror ao sal» (74). A razão disso é que o sal opõe-se à corrupção e preserva dela os alimentos e, por isso, é considerado como símbolo da Eternidade e da Sabedoria, e é, segundo Boguet, um grande antidoto contra as potências infernais (75).

A cor do Demônio é o negro (76) e também o roxo e o amarelo (77); a primeira pela sua relação com o fogo e com o sangue (o verdugo vestia-se de roxo), e a segunda pela sua relação com a chama e com o enxofre. O amarelo é também a cor da doença e da inveja, e cor da bília que constitui o temperamento colérico e iracundo.

Em relação com o aborrecimento que manifesta pelo sal, podemos nós pôr o mau cheiro característico dos demônios (78). A expressão castelhana «fede a diabos» mostra-o eloquentemente. É muito usual supor-se que os demônios se apresentam cheirando a enxofre e que deixam o mesmo odor quando se afastam, mas a verdade é que todo o fedor nauseabundo lhes pertence, em oposição ao aroma que exalam os espíritos bem-aventurados e os corpos incorruptos dos santos.

Os diabos têm sempre um aspecto sujo e repugnante, excepto quando, para engano, se apresentam de forma diferente da sua. O seu aspecto é umas vezes inquietante e ameaçador, outras grotesco e risível, mas, na sua verdadeira forma, nunca tranquilo nem belo. Nas suas representações misturam-se as formas humanas com as animais, pois as suas inclinações e as que eles procuram infundir nos homens são semelhantes às dos brutos.

anguis (91); daqui vem *Der alte Schlange*, «a serpente antiga»; igualmente *vest antiqua* (92), *pecado antigo* (93), *persecutor antiquus*, *der Altfeind*, «antigo inimigo da geração humana» (94). Na Galiza e em Portugal é, vulgarmente, o *pecado*; em toda a nossa Península «o inimigo» ou «o inimigo mau»; na Alemanha, *der böse Feind*; na França, *Pennemi*. Chama-se-lhe também «el Malo», «el Maligno», «el Maldito», *le vilain*, *le malin*, *le maudit*, *le maufait* (França); *li aversiers*, *l'antro*, *le maffi*, *la mala bithia*, *le manou*, *le grabli*, *le tofrou* (Suíça). Com estas designações procura evitar-se a pronúncia do seu verdadeiro nome, que se considera pecaminoso, de mau agouro ou que, de qualquer forma, representa um perigo. Com este afã, tem-se chegado a inventar-lhe nomes humorísticos ou ridículos, tais como: «Pedro Botelho», «Perete», «Perecho» (Galiza), «Patillas», «o Chápiro», «o Mengue», e nomes até insultuosos, como «Rabudo», «Cornudo», etc.

Entre as expressões que podemos considerar como títulos, encontram-se a já mencionada «Príncipe das Trevas», algumas vezes «Príncipe deste Mundo» (95), «Pai da Mentira», «Espírito do Mal», «Espírito Maligno», «Anjo Rebelde», «Anjo Caído», «Génio do Mal» e «Rei dos Infernos».

Muito frequente e muito significativo é chamar-lhe «Dragão», o «Dragão Infernal». É assim designado no Apocalipse (96), e representado em quadros e esculturas, aos pés de S. Miguel, ou encadeado e vencido por outros Santos (Santo António Abade, Santa Maria, etc.).

É também comparado com um leão (97), que, conforme Cornélio à Lápide, vela de noite, ou por causa da sua crueldade, dos seus rugidos, da fome raivosa com que ataca a sua vítima, por se ocultar para conseguir os seus fins, por ser terrível quando o contrariam, pelo seu fedor pestilencial, pelo seu instinto devorador, por atacar de frente, por escolher o justo, como o leão escolhe os animais fortes, e por se lançar com mais fúria sobre o ferido (98).

A Igreja qualifica-o como monstro perverso, corrupto, malvado, imundo, estúpido, insensato, tentador, devastador, maldito, réprobo, embusteiro, sujo, enganador, impuro, efeminado, pérfido, envenenador, infame, orgulhoso, blasfemo, doutor da mentira, adversário do género humano, inventor da morte, raiz da maldade, autor dos delitos, príncipe dos vícios, instigador dos pra-

zeres vergonhosos, despojado da graça, cheio de abominação, carregado de exorcismos, merecedor do fogo eterno (99).

Outros nomes de demónios merecem alguma indicação: *Abaddon* aparece no Apocalipse (100) como «destruidor» ou «exterminador», pelo que foi identificado, com mais ou menos razão, com o Anjo exterminador do fixado. *Mammon* é mencionado em São Mateus (101) e em São Lucas (102), como contraposto a Deus. Representa as riquezas e também a concupiscência. Delrio (103) chama-lhe *Deus divitiarum* e identifica-o com Plutão: «*Quem veteres Plutum dixeret*». Fazem derivar este nome do arameu *mamonas*, «dinheiro», «caudal» (104). Era invocado pelos pesquisadores de tesouros e figurava nos livros de magia e em diversos amuletos, além de ser o embaixador do Diabo em Inglaterra.

Asmodeu figura no livro de Tobias (105). A forma hebraica é *Aschmadai*, que se interpreta como «rei dos demónios, senhor dos espíritos» (106) e parece derivar do persa avesta *Aschma Daeva*. Os talmudistas desenvolveram a sua figura até a converterem num mago poderosíssimo, lascivo e astuto. Os rabinos posteriores identificaram-no com Samuel e contam que, tendo destronado Salomão, este vingou-se carregando-o de cadeias e obrigando-o a construir o Templo. O anjo São Rafael encadeou-o nos confins mais remotos do Egipto, onde foi visto por Paulo Lucas (107).

Mefistófeles é um dos diabos mais conhecidos por causa da sua aventura com o Doutor Fausto. O seu nome tem as variantes *Mephistophiel*, *Mephostophiles*, *Mophostophilus*, *Miphostophiles*. Segundo a interpretação grega, seria «o que não ama a luz»; segundo a interpretação hebraica, é o «destruidor» e «embusteiro» (108). É um dos sete grandes Príncipes do Inferno, por baixo do planeta Júpiter, cujo regente é Zadkiel, conforme a tradição medieval (109); na tradição dos Acádios, de Babilónia, é um dos sete demónios dos planetas, que se opunha a Marduk, Senhor da Luz, inteligência que regia o planeta Júpiter (110).

Marbuel é citado também como um dos sete grandes príncipes, que intervêm nos tesouros e nas ciências ocul-

tas e diz de si mesmo: «Eu sou aquele espírito que é ser-
viçal e que aparece na figura de um menino de dez anos;
em todo o tempo é proveitoso invocar-me e desapareço
como uma flecha». Conforme a interpretação hebraica, o
seu nome significa «o que domina» (111).

Marbas ou *Barbas* é um grande presidente, que se
representa na figura de leão, ou um espírito planetário,
confundido por vezes com *Marbael*. Julga-se que é uma
palavra fenícia com a significação de «dom de Baals»,
«veloz é Baals», «Senhor é Baals», e até «presente de
Baals» (112).

Samael, segundo os rabinos, foi o sedutor de Eva.
O seu nome relaciona-se com a «serpente» e com a letra
samech do alfabeto hebraico. Na companhia de *Asarel*,
aparece em *Henoch* (113) como chefe dos anjos rebeldes
que se uniram às filhas dos homens.

Mencionámos já os nomes de deuses sírios, fenícios
e cananeus aplicados aos demónios: *Belzebu*, *Astaroth*,
Belial, *Belfegor*, aos quais temos de acrescentar *Baalberith*
(deus da cidade de Beritos); *Dagão* (deus dos
Filisteus, que alguns supõem ter uma figura de meio
homem e meio peixe, como o Oanes caldeu); *Chamos*
(o deus *Kamosch* de Moab); *Abrazas* (deus sírio com
cabeça de galo e pernas de serpente, de cujo nome os
gnósticos basilidianos fizeram a representação da pleni-
tude da divindade); *Adrameleck* (deus assírio de
Sepharvaim); *Moloch*, *Melchom*, *Nergal*, etc.

Outras vezes são nomes de deuses ou personagens
clássicos: *Plutão*, *Proserpina*, *Cérbero*, *Agatião*, *Eurí-
nomo*, *Fénix*, *Barbados*, *Bifrons*, *Furfur*, *Demogorgão*.

Eurínomo era um demónio devorador de cadáveres,
semelhante às *Gouls* orientais, e talvez o protótipo dos
vampiros. Polignoto tinha-o pintado com uma cor azul
algo negra, no recinto sagrado de Delfos, segundo Pau-
sânias. *Collin* de *Plancy* apresenta-o como um demónio
superior, com grandes dentes, cheio de chagas e coberto
com uma pele de zorro (114). Aparece, às vezes, a presi-
dir aos conciliábulos de bruxas.

As mitologias greco-romana e do Próximo Oriente
não são as únicas que têm fornecido nomes extrabíblicos
aos demónios, pois alguns provêm das mitologias nórdi-
cas, como acontece, com grande probabilidade, com os
nomes de *Focalor*, *Gomory*, *Verdelet*, etc. Um nome
popular inglês do diabo — *Old Nick* — faz-se derivar de
Nickar ou *Hnickar*, uma forma aquática de *Odin*, que é

o pai dos *Nizen* (115). Outro nome britânico é *Deuce*, que se supõe provir do celta *dusi*, do qual viria também o alemão *Teufel* e o renano *Deifel*. Os *dusi* são espíritos nocturnos da mitologia céltica, que Santo Agostinho identifica com os diabos (116).

c) *Figura dos demónios*

Os diabos são espíritos puros e, como tal, não têm forma sensível; no entanto, é um facto que muitíssimas vezes têm aparecido aos homens de maneira que estes os têm visto e reconhecido sensivelmente, sob figuras muito diferentes. É também um facto que há uma forma, sob a qual, com maior exactidão, os demónios são concebidos e representados com certos traços físicos. Sendo iguais aos anjos, os diabos, embora não possuam figura própria, podem tomar em qualquer momento a figura que desejam, pois isso faz parte das suas faculdades preternaturais; em segundo lugar, a sua própria natureza caída inclina-se para as formas monstruosas que se tornaram tradicionais, obedecendo, sem dúvida, a algum decreto divino que, deste modo, nos quer mostrar a fealdade do mal.

As formas tradicionais de representar os demónios vieram de muito longe, dos tempos mais próximos das narrativas do Génesis, e procedem da Babilónia. Foi ali que se criaram as figuras plásticas para a representação artística dos maus espíritos, figuras essas a respeito das quais não podemos dizer se foram obtidas por observação sensível, se por intuição intelectual ou por memória inconsciente hereditária.

A figura de Mammu Tiamat, a deusa do Caos, que nos textos de Beroso se chama Omoroca ou Talata, é o protótipo do Dragão infernal das modernas representações. Mas a arte babilónica, a arte assíria e a arte pérsica foram pródigas em monstruosas e terríveis representações demoníacas, com grande força expressiva. E, sem dúvida, a figura tradicional do Diabo daí provém.

No Extremo Oriente, a fantasia chinesa e japonesa criou notabilíssimas figuras diabólicas, mesmo sem sair daquilo que era humano. Muitas vezes, mais que os atributos, é a expressão dos rostos e a contorção das figuras que as definem.

Tem-se feito notar que todos os diabos reproduzidos pela arte são dotados de chifres. Esta afirmação não é

inteiramente exacta, mas é sufficiente a sua generalidade. É, sem dúvida, mais que certo que o Diabo tem sido representado com chifres nos países mais afastados uns dos outros, entre os quais não se pode suspeitar que tenha havido imitação. Os chifres são o attributo mais constante do espirito mau, facto que é muito significativo.

Os demónios assírios tinham também garras e rostos animais, ao passo que os génios bons eram dotados de asas.

Nas representações cristãs, temos de estabelecer a distincção entre o diabo que se apresenta como tentador, isto é, disfarçado muitas vezes nas mais sedutoras figuras, e o diabo que se apresenta como tal, sem qualquer disfarce.

No primeiro caso, pode ser a Serpente do Paraíso, enroscada na árvore do Bem e do Mal, serpente que às vezes tem cabeça ou rosto humano, quase sempre femininos, e raramente masculinos, ou também com duas cabeças de sexo diferente, desdobrando-se algumas vezes em duas serpentes, talvez por reminiscência do caduceu de Mercúrio, pois pode ter com ele certo parentesco.

Depois, pode ser o tentador habitual. Este aparece como se tem apresentado muitas vezes aos santos, na figura duma mulher formosa (o súcubo), ou de um lindo donzel (o incubo), ou ainda dum anjo, dum monge, dum mendigo, dum terno menino, ou de um animal. Como diabo declarado, às vezes, nos princípios, é um anjo negro. Assim aparece, em certas ocasiões, na arte bizantina. Num manuscrito de Geórgia vimos uns diabitos bastante graciosos, que eram uns homenzinhos negros e nus, com asas de corvo. O facto de se mostrarem nus distingue por vezes unicamente os diabos dos anjos.

A representação que se tornou clássica, e mais conhecida, é a que nos mostra um corpo peludo, que recorda o dos macacos e dos «homens selvagens», das mascaradas medievais, com chifres e rabo e, muitas vezes, com asas de morcego. É uma figura ao mesmo tempo humana e de irracional, imagem fiel do pecado, da duplicidade diabólica e da contradição característica da natureza do Maldito. Pode ter — sem que saibamos a razão de tal — cascos de cavallo; pode ter também a pata fendida, o pé dos sátiros, personagens lúbricas e imundas, e pode ainda ter garras que mostram a sua ferocidade e nos advertem da dificuldade de lhe escaparmos, uma vez que sejamos apanhados por ele. O seu rosto

pode ser humano, mas sempre feio e monstruoso, e pode também ter bico de ave de rapina ou feições de qualquer besta feroz ou asquerosa.

Dante, no *Inferno*, descreve-o com figura humana, com três caras, cada uma da sua cor — negro, roxo e amarelo — e com seis asas de morcego, que agita constantemente e que estão cheias de olhos. Diz-se que se inspirou numa escultura muito mais antiga que o representava assim. A ideia de Dante, a quem devemos uma descrição tão pormenorizada e tão impressionante do Inferno, merece respeito especial. Pertence a uma época em que a intuição penetrava muito fundo nos mistérios, e em que quase se apalpava o sobrenatural.

Em todos estes casos, trata-se do diabo humanizado, mas há outra concepção fundada no qualificativo que lhe aplica o Apocalipse — o Dragão Infernal.

De facto, especialmente na luta com São Miguel Arcanjo, pintam-no na figura de um dragão, espralhando-se a fantasia nas suas formas contorcidas. Daqui deriva a visão do Demónio como um réptil, sem que, exceptuando o caso do Dragão e da Serpente, chegue a sê-lo completamente; é uma figura híbrida, em que as formas humanas se unem às de réptil, ou às de batráquio, não por justaposição, mas fundindo-se e dando lugar a efeitos de grande interesse artístico. O Diabo é muitas vezes um homem-sapo ou — o que parece mais estranho — um homem-rã. Outras vezes é apenas pintado de cor verde.

Além de tudo isto, há sete animais cuja figura pode ser assumida pelo Diabo: o Bode, o Leão, o Javali, o Porco, o Macaco, o Corvo e o Basilisco.

Como Bode preside aos conciliábulos, como Leão ataca os anacoretas; como Porco, dizem que acompanha Santo António Abade, que lhe impôs este castigo, quando se livrou das tentações; como Macaco, mostra ser o perpétuo arremedador das obras divinas; como Javali, atemoriza a gente do campo; como Corvo mostra a sua triste negrura fatídica, que se alimenta da morte; como Basilisco, causa a morte da alma.

O demónio enobrecido e belo é uma criação moderna, que se inicia com Milton e chega ao quadro de Schaffer e à escultura espanhola, com o «Anjo Caído» de Bellver. Dessa escultura se disse que era «o único monumento erigido ao Diabo em todo o mundo». Colocado no antigo passeio dos Coches do Retiro, o Diabo via girar à sua

volta, como a prestar-lhe homenagem, tudo o que havia de mais distinto e nobre na sociedade espanhola. A casualidade permitiu este curiosíssimo paradoxo.

d) «*Pseudomonarchia daemonum*»

Há no Céu uma jerarquia de Anjos, que foi determinada pelo Arcopagita — Pseudo-Dionísio, se assim o querem — e que Dante descreveu no seu *Paraiso*. São nove Coros, distribuídos por três ordens.

Dante viu a relação desta jerarquia com a ordem do Universo, pois cada um dos Coros Angélicos está relacionado com uma das Esferas Celestes e, por sua vez, com uma das diversas Artes e Ciências. A esta jerarquia, segue-se a dos espíritos bem-aventurados, disposta conforme a sua relação com as virtudes e também com as coisas deste mundo.

No Universo há uma ordem em relação com a jerarquia dos seres, reconhecida por São Tomás, na qual tem de haver alguma correspondência com as jerarquias celestes.

Entre os homens há também jerarquias em correspondência com as do Céu, pois todas as jerarquias correspondem umas às outras e são reflexos menos perfeitos da mais elevada.

Do mesmo modo, se reconhece que existe certa jerarquia entre os demónios, pois se, no bem, há entre os seres superioridade de uns sobre os outros, tem de a haver igualmente no mal. Por outro lado, como o Demónio pretende ser como uma inversão do divino, como um arremedo ou falsa imagem ao invés, ou ainda como um espelho horizontal, no qual aquele que está de cabeça para cima se vê de cabeça para baixo, nos demónios deve-se produzir um reflexo inverso e disforme da jerarquia angélica.

Parece que, sendo a ordem expressão da Vontade Celeste, no Inferno, por contradição, havia de reinar a confusão e uma amálgama informe de todas as coisas. Mas já tivemos ocasião de notar como na natureza inteira, mesmo depois de perturbada pelo pecado, a ordem actua sempre sobre a desordem, o que é uma condição indispensável para a manifestação da vida universal. Por natureza devemos entender a totalidade da Criação e, não sendo possível que a vontade de Deus se detenha nem mesmo diante daquela porta para trás da qual é neces-

sário deixar toda a esperança, alguma ordem deve existir na própria desordem infernal, muito principalmente se nos lembrarmos de que ali se cumpre a justiça de Deus.

Assim, supõem alguns que a jerarquia dos demónios deriva da que tiveram no Céu os anjos rebeldes: seriam príncipes e soberanos no Inferno os que, em estado de graça, tinham sido Querubins e Serafins; os antigos Arcanjos desempenhariam dignidades e governos, ao passo que os simples Anjos lhes estariam subordinados.

Uma relação das categorias dos diabos com os elementos naturais foi imaginada, sem dúvida sobre pautas provenientes dos antigos, pelo grande Miguel Psellus. Dividiu-os em seis categorias: 1.º demónios do fogo, que habitam longe de nós; 2.º demónios do ar, que vivem invisíveis à nossa volta e que são os causadores dos fenómenos atmosféricos; 3.º demónios terrestres que são os nossos tentadores; 4.º demónios das águas, que são os causadores da morte dos afogados e dos naufrágios; 5.º demónios subterrâneos, factores dos tremores de terra e das erupções vulcânicas; e 6.º demónios das trevas, que não se mostram à nossa vista (117).

Sobre estas ideias teceram os demonólogos as suas fantasias, chegando não só a dispor os demónios por ordens e graus muito diversos, assinalando a cada um deles o seu officio, mas até a dispô-los em legiões como num exército, em jerarquias nobiliárias como na sociedade humana, e em cargos, governos e ministérios como num Estado. A isto é que Johannes Wierus chama *Pseudomonarchia demonum*.

São vários os livros que, segundo esta pauta, nos fornecem a «Guia Oficial» do Império de Satanás.

No *Gran Grimório* e na *Clavicula Salomonis*, assim como em diversas versões do *Livro de São Cipriano, tesouro do Feiticeiro*, encontramos, com quase perfeita coincidência, a seguinte lista:

Espíritos Supremos:

Lúcifer, Imperador; *Belzebu*, Príncipe; *Astaroth*, Grão-Duque.

Espíritos superiores:

Lucifuge Rofocale, Primeiro Ministro. — Este grande espírito tem poder «sobre todas as Riquezas e sobre todos os Tesouros do Mundo».

Satanachia, Generalíssimo. — Tem o poder de «submeter todas as mulheres e todas as raparigas».

Agaliarept, General. — Tem o poder de «descobrir os segredos mais recônditos».

Fleuretty, Tenente-General. — Tem o poder de «fazer a obra que deseja durante a noite; faz também cair o grânizo onde lhe apraza».

Sargatanas, Brigadeiro. — Tem o poder de «tornar um indivíduo invisível, transportá-lo para qualquer parte, fazer-lhe ver o que se passa nas casas e abrir as fechaduras. Ensina as ciências secretas».

Nebiros, Marechal de Campo. — Tem o poder de «causar mal a quem quer; faz encontrar a *main de gloire* (118); ensina todas as qualidades dos metais, minerais, vegetais e de todos os animais»; prediz o futuro, anda por toda a parte e é «um dos maiores nigromantes de todos os espíritos infernais».

Estes «seis grandes» repartem os serviços por dez espíritos subordinados; abaixo destes «há, todavia, milhões de espíritos que estão subordinados aos que acabamos de enumerar. É completamente inútil estarmos a enumerá-los, porque não pode uma pessoa servir-se deles, senão quando apraz aos Espíritos Superiores fazê-los trabalhar em seu lugar, pois usam de todos estes espíritos inferiores, como se fossem seus Obreiros ou seus Escravos».

Esta enumeração dos espíritos malignos, com os seus cargos, costuma ter nos grimórios o título blasfemo de *Sanctum Regnum*.

Por sua parte, João Wier, latinizado *Wierus*, discípulo de Cornélio Agripa, declara-nos os nomes e títulos do *Gotha* infernal, o *Livro de Ouro* da nobreza demoníaca, e ainda a *Guia Oficial* dos altos cargos do Estado do Diabo e dos Cavaleiros da Ordem da Mosca.

Segundo estes demonólogos, Satanás já não é o soberano do Inferno; foi destronado, e em seu lugar reina Belzebu. Satanás ficou reduzido a ser «o chefe do partido de opposição». Esta ideia, aparentemente caprichosa, tem necessariamente um sentido. O facto é que, nos grimórios e nos tratados de magia raro se encontra o nome de Satanás e, em contrapartida, repetem-se profusamente os nomes daqueles que, conforme os demonólogos, constituem o partido dominante. Satanás é mais conhecido pelos que não crêem na magia. Foi como se os partidos opostos tivessem dividido entre si o domínio do mundo e dos homens, assumindo Belzebu o patronato da superstição e Satanás o da razão. Belzebu seria o

Imperador dos magos e dos loucos, Satanás, o Imperador dos filósofos e dos sábios. Um operaria servindo-se da credulidade e da psicopatia; o outro, valendo-se da análise e da crítica.

Outra ocorrência plena de sentido é que a Revolução, iniciada no Céu entre os Anjos, repetiu-se no Inferno entre os demónios, como havia de repetir-se na terra entre os homens, cumprindo-se assim o paralelismo que estabelecemos no princípio desta alínea. Satanás, o primeiro que pronunciou o *Non serviam* diante de Deus, teve de o escutar, por sua vez, dum subordinado seu, como mais tarde o escutariam as Potestades da Terra.

A monarquia revolucionária do Inferno tem, portanto, Belzebu como Imperador e Chefe Supremo e, como toda a revolução acaba por ter a sua aristocracia, a monarquia infernal também a tem.

Há sete reis que obedecem ao Imperador Belzebu:

Bael, primeiro rei do Inferno, cujos Estados estão situados no Oriente. Tem três cabeças: uma de sapo, uma de homem e a terceira de gato; tem às suas ordens sessenta e seis legiões de demónios; é bom combatente, ensina aos seus protegidos a astúcia, o engano e o modo de se tornarem invisíveis.

Pursan comanda vinte e duas legiões; conhece o passado, o presente e o futuro, e descobre as coisas enterradas. É o pai dos bons espíritos familiares e aparece montado num osso, em forma humana com cabeça de leão, e traz na mão uma serpente furiosa. Anda precedido pelo toque de trombetas e, quando toma a figura de homem, torna-se aéreo.

Paimão comanda duzentas legiões, cujos demónios pertencem em parte ao Coro dos Anjos e em parte ao das Potestades. Aparece com rosto de mulher, usa um diadema cravejado de cintilante pedraria, e monta um dromedário, acompanhado pelos príncipes Bebal e Abalam.

Belial tem uma grande importância e uma história muito acidentada. Tem às suas ordens oitenta legiões, compostas por 522280 demónios que foram dos Coros dos Anjos e das Virtudes.

Criado imediatamente depois de Lúcifer, foi um dos principais chefes da rebelião dos anjos, muitos dos quais foram arrastados por ele pessoalmente. Por este motivo foi um dos primeiros lançados fora do Céu. Era um demónio formoso e sedutor, mas excessivamente vicioso e impudico. Adorado como deus em Sodoma, foi ele que

arrastou os seus visitantes para o pecado nefando e causou a sua perdição. É, além de tudo, sumamente embustreiro e desobediente.

Tendo desobedecido a Salomão, o sábio rei castigou-o, encerrando-o, com todas as suas legiões, numa redoma, que escondeu perto de Babilónia, dentro dum poço tapado com uma grande pedra. Os Babilónios, julgando encontrar no poço um valioso tesouro, abriram-no, quebraram a redoma e os diabos fugiram todos. Mas Belial, com medo de Salomão, escondeu-se dentro de um ídolo que encontrou vazio, e ali começou a preferir oráculos. Por isso, os Babilónios, assim como os habitantes de Sídon, começaram a render-lhe culto.

Representa-se na figura dum formosíssimo anjo, sentado num carro de fogo. É um excelente conversador, fomenta as amizades e concede dignidades e bons servidores.

Asmoday manda sessenta e duas legiões e usa também os nomes de *Chammadai* e *Sydonai*. A sua forma é monstruosa; tem três cabeças — de touro, de homem e de carneiro, — pés de ganso, cauda de serpente, e monta um dragão. Ensina geometria, aritmética, astronomia e artes mecânicas, bem como a forma de um ser se tornar invisível e de descobrir tesouros. Há quem julgue que ele está submetido ao rei Amoymon, senhor da parte Oriental, e do qual é lugar-tenente.

Zapan deve ser o mesmo *Zagam*, «grande rei e presidente», que tem a forma de um touro alado; muda a água em vinho, o sangue em azeite, o cobre em ouro, o insensato em sábio, e comanda trinta legiões.

Abaixo destes sete Reis há vinte e três duques, cujos nomes são: *Agares, Busas, Gusoyñ, Bathyin, Elgor, Valefar, Zepar, Sytry, Bune, Berith, Astaroth, Vepar, Chax, Pricel, Murmur, Focalor, Gomory, Amduscias, Aym, Orobas, Vapula, Hauras e Alocer*.

A estes seguem-se treze marqueses: *Aamon, Loray, Naberus, Forneus, Ronève, Marchocias, Sabnac, Gamigyn, Arias, Andras, Androalphus, Cimeries e Phenix*.

Há, depois, dez condes: *Barbatos, Botis, Morax, Ipes, Furfur, Raym, Halphas, Vine, Decarabia e Zalcos*.

Temos, ainda, onze presidentes: *Marbas, Buer, Glialobolas, Forcoas, Malphas, Gaap, Caym, Volac, Oze, Amy e Haagenti*.

Entre os numerosos cavaleiros figuram: *Furcas*, *Bifrons*, etc.

Os altos cargos do Ministério e da Corte são:

Euríno, Príncipe da Morte, grã-cruz da Ordem da Mosca.

Moloch, Príncipe do País das Lágrimas, grã-cruz da Ordem da Mosca.

Plutão, Príncipe do Fogo.

Leonardo, Grão-Mestre dos Conciliábulos, Cavaleiro da Mosca.

Baalberith, Mestre das Alianças.

Proserpina, Arquidiaba, Soberana Princesa dos Espíritos Malignos.

Adrameleck, Grão-Chanceler, grã-cruz da Ordem da Mosca.

Astaroth, Tesoureiro-mor.

Nergal, Chefe da Polícia Secreta.

Baal, General em chefe dos Espíritos Infernais, grã-cruz da Ordem da Mosca.

Leviatan, Grande Almirante, Cavaleiro da Ordem da Mosca.

Succor-Benoth, Chefe dos Eunucos.

Chamos, Camarista-mor, Cavaleiro da Ordem da Mosca.

Melchom, Tesoureiro-Pagador.

Nisroch, Chefe da Cozinha.

Behemoth, Mordomo-mor e Copeiro.

Dagão, Padeiro-mor.

Mullin, Primeiro Ajudante de Câmara.

Kabal, Director dos Espectáculos.

Asmodeu, Superintendente das Casas de Jogo.

Nybbas, Palhaço-mor.

Verdelet, Mestre de Cerimónias.

Antechrist, Escamoteador e Nigromante.

A administração da justiça está a cargo de:

Lúcifer, Juiz Supremo.

Alastor, Executor das Altas Obras.

O Corpo Diplomático é constituído por:

Mammon, Embaixador na Grã-Bretanha.

Belial, Embaixador na Sublime Porta.

Rimmon, Embaixador em todas as Rússias.

Thamuz, Embaixador na Espanha.

Martinet, Embaixador na Suíça.

Hutgin, Embaixador na Itália (119).

O conhecimento deste «verdadeiro *Sanctum Regnum*» serve — diz Beniciana Kabina — para ensinarmos «o verdadeiro modo de fazer os pactos, com os nomes, poderio e talentos de todos os grandes espíritos superiores; conhecer os demónios, tratá-los sem que possam fazer mal e obrigá-los frequentemente, quer para lograr tesouros, quer para obter favores de donzelas ou estas os obterem dos homens, quer para descobrir os mais ocultos segredos em todas as cortes ou outros lugares do mundo, quer para correr o véu dos mais impenetráveis segredos, quer para que um espírito trabalhe na sua obra durante a noite, quer para conseguir que caia granizo ou se desencadeie uma tempestade onde se queira, quer para transportar os frutos duma propriedade para outra, quer para se ser transportado para qualquer lugar que se deseje, quer para abrir todas as fechaduras, penetrar em todos os aposentos, ver o que se passa nas casas, conhecer todas as subtilidades, adquirir a «mão de glória», saber todas as maldades e virtudes dos metais, minerais, vegetais, animais puros e impuros e muitas outras coisas que surpreendem tanto, que não há ninguém que se não espante ao ver que, pela mediação dos espíritos, se podem descobrir as maravilhas da natureza e os mistérios mais ocultos aos olhos dos homens» (120).

Beniciana Kabina, rabino do sexo feminino, é um dos recopiladores do *Livro de São Cipriano*; o outro é o monge alemão Jonas Sufurino. De facto, segundo o próprio livro e conforme a crença popular, trata-se de um escrito de São Cipriano, bispo de Antioquia, que foi mago — e até «mágico prodigioso» — antes de ser santo. Supõe-se que o original se encontra numa secção reservada da Biblioteca Universitária de Santiago de Compostela, em lugar pouco acessível, amarrado com fortes e pesadas cadeias e resguardado por uma grade de ferro. E há outros livros desta categoria noutras famosas bibliotecas. Bernardo Barreiro de Vasquez Varela afirma que, trabalhando no Arquivo de Simancas, acudiam ali numerosos aldeãos das comarcas leonesas a pedir o Livro de São Cipriano (121).

Parece que Barreiro desconhecia que o autor que lhe causa tanta indignação, como a nós simpatia, aparece como tendo sido o do *Grand Grimoire avec la Clavicule de Salomon et la Magie Noire, ou les Forces Infernales du Grand Agrippa*, impresso no século XVIII, sem lugar de origem, com a data de MDXIII e com o nome de Antó-

nio *Venitiana del Rabina* (122), o que explica muito bem, segundo o nosso modo de ver, o «Rabino do sexo feminino» e ainda o «Beniciana». O nome do autor do *Grand Grimoire*, parece, sob todos os aspectos, italiano, e o «Venitiana» tem, sem dúvida, relação com Veneza.

De qualquer modo, esses livros e outros que serão citados no decurso do presente trabalho contêm ensinamentos dados pelos diabos, e isso nos leva a fazer duas importantes considerações.

A primeira é o notável desenvolvimento cultural do Império dos Infernos. Ali todos os reis são sábios. Salomão e Afonso X não seriam lá excepções, como entre os homens. Todos aqueles Príncipes, Duques, Marqueses e Presidentes, além das suas múltiplas sinecuras na Corte, no Exército e na Administração, exercem o professorado. Decarabá, Rei e Conde, ensina as Ciências Naturais; Agasés, Grão-duque da comarca oriental, é professor de linguas vivas e mortas; Alocer dá lições de Astronomia; Cimeries explica Gramática, Lógica e Retórica; Caym, Grão-Presidente, ensina a linguagem dos pássaros, dos bois e dos cães, e pratica a Dialéctica de forma que possa refutar com a maior facilidade os mais peritos em lógica; Naberus ensina as Belas-Artes; Anduscias, a Música; Abigor, as Artes da Guerra; Buer, a Filosofia; Forcas, a Lógica, a Estética, a Quiromancia, a Piromancia e a Retórica; Asmoday, a Geometria, a Aritmética, a Astronomia e as Artes mecânicas; Paymon, as sete Artes liberais.

Apenas faltava aos demónios a pedantaria. Sem ela, poderiam ser talvez mais bem-humorados, mas não teriam ficado completos, e pode até acontecer que não percamos grande coisa de cómico por serem catedráticos de Faculdade. É mesmo possível que sejam eles quem inventou essa coisa da erudição, das citações, do «estar em dia», da última notícia, das disputas acerca da prioridade do «aparato crítico», da investigação filosófica, da exactidão na informação, do «esmero» no aproveitamento, do «o Doutor Fulano desconhece a recente publicação do Professor Sicrano», do esgotamento de «fontes» insignificantes, de toda essa acumulação de ninharias que faz dum homem um sábio e que só se pode expressar com a palavra francesa *fatras*.

A segunda observação é que, do que aprendemos nos grimórios, resulta, pelo menos aparentemente, que todo esse poderoso Império dos demónios se resolve, em

última análise, numa escravidão, porque qualquer espertalhão do género humano que consiga ter à mão um desses livros, mesmo que seja emprestado, e ponha em prática os métodos nele preconizados, poderá pôr todo aquele Império ao seu serviço. Se um dos «seis grandes» não se encarregar pessoalmente do caso, colocará às ordens do aludido espertalhão um Grão-Duque, um Marquês, um Conde, um Presidente, que o servirá submissamente como um bom servo, e que poderá ser obrigado — *pelo poder da mágica preta liberal que tudo faz* — às tarefas mais vis, mais fatigantes e, pelo melhor também, às mais inúteis e caprichosas, para conseguir uma alma que lhe poderá ser arrebatada à última hora.

Deveremos rir-nos de tudo isto? É conforme. A realidade do pacto e da ajuda diabólica é coisa certa. Tudo isto nos pode ensinar qual é o valor duma alma para o Diabo, em consequência de o ser também para Deus... Seja como for, o trato com o Diabo representa sempre um grande perigo.

Assentemos nisto: os processos empregados pelo Diabo para ganhar as almas são servis. Não se parecem com os de um Imperador, dum Rei, dum Grão-Duque, dum Marquês, dum Conde, dum Presidente, dum Ministro ou dum Dignitário, mas com os dum cacique eleitoral que anda em busca de votos.

Sem qualquer dúvida, algo mais grave do que pensamos se procurou trazer ao nosso conhecimento com tudo isto.

Segunda parte

O Paganismo

I

A TORRE DE BABEL

Devido ao Pecado Original — vitória de Satanás sobre o homem — o Diabo adquiriu sobre este um grande poder (1). Mas Deus não consentiu que arrastasse todos os homens. Adão e Eva ficaram fazendo penitência — diz uma piedosa lenda — numa caverna do monte que, por ali se achar a caveira do Primeiro Homem, ficou sendo chamado o Monte Calvário. De facto, debaixo do Calvário e ocupando o mesmo espaço do Gólgota, está a Capela de Adão, na qual estiveram também, até 1808, os sepulcros do grande Godofredo de Bulhão, aquele que recuperou a Cidade Santa, e de seu irmão Balduino, primeiro rei católico de Jerusalém, e na qual esteve enterrado Melquisedeque, o rei-sacerdote que pode ser considerado como seu longínquo predecessor. Hoje não se celebra ali culto, embora se tenha celebrado noutro tempo; no entanto, segundo Quarésmio, não se oferecia incenso, em memória do Pecado Original. Mesmo debaixo da fresta em que foi colocada a Santa Cruz no dia da Crucificação, há uma cavidade na qual se conservou durante muitos séculos a cabeça do nosso primeiro pai (2).

A respeito deste se diz que foi o primeiro justo que Jesus Cristo tirou do seio de Abraão. O *Evangelho de Nicodemo* refere:

«E o Senhor estendeu a Sua mão e disse: Vinde a mim todos os meus santos, feitos à minha imagem e semelhança. Vós outros que haveis sido condenados pelo madeiro, pelo Diabo e pela morte, vereis a morte e o Diabo condenados pelo madeiro. E todos os santos se

unirão debaixo da mão do Senhor. E o Senhor, pegando na mão de Adão, disse-lhe: Paz a ti e a todos os teus filhos, meus justos. E Adão, vertendo lágrimas, prostrou-se aos pés do Senhor e disse: Senhor, eu Te glorificarei, porque me acolheste e não permitiste que os meus inimigos triunfassem sobre mim para sempre. A Ti clamei e Tu me curaste, tiraste a minha alma dos Infernos e me salvaste, não me deixando com os que descem para o abismo... E o Senhor, estendendo a mão fez o sinal da Cruz sobre todos os santos. E, tomando a mão direita de Adão, ergueu-Se dos Infernos, e todos os santos O seguiram» (3).

Dante aproveita-se desta crença comum à Igreja e ao povo:

*Trasseci l'ombra del primo parente
d'Abel suo figlio...* (4)

Adão e Eva foram tidos como santos, tanto na Igreja grega, que celebrava a sua festa em 19 de Dezembro, como na Igreja latina que a celebrava em 29 de Abril na semana da Septuagésima, como se vê nos Bolandistas e nos Martirológios.

Tudo isto fez dizer a Papini que Adão, na realidade, teve mais prémio do que castigo, facto que «é para deixar pasmada qualquer alma pia não privada do uso da razão» (5). Diz ainda — e isso também nos espanta um pouco — que a profecia ou mandado de inimizade entre Eva e a serpente não se cumpre, visto que os teólogos e moralistas dizem que Satanás domina principalmente por meio da mulher. Isto infunde-lhe esperança no seu cumprimento futuro: «Talvez os homens acabem por compreender que a mulher os salvará de Satanás, mas por forma completamente distinta da que se depreende das palavras do Génesis, palavras essas que aparecerão por fim com todo o seu significado divino. Também com um excesso de amor se pode esmagar um inimigo...» (6). Deixamos para o fim o comentário; agora apenas se trata da história da família de Adão e Eva.

Os seus dois filhos, Caim e Abel, oferecem-nos o primeiro exemplo da divisão do género humano.

Por Deus não ter querido que Satanás arrastasse todos os homens, cindem-se as duas cidades, que se combaterão desde então, enquanto o mundo for mundo.

Abel é cabeça da Cidade de Deus. Caim é cabeça da Cidade de Satanás.

Deus reservou para si uma parte do género humano, para que dela nascesse o Redentor prometido a Adão. O Diabo tornou-se a Caim e infundiu-lhe a avareza e a inveja; Caim doía-se do que tinha de oferecer a Deus, mas invejava o agrado com que era recebida a oferta de Abel. Por esta forma Satanás contava ferir definitivamente a Cidade de Deus na sua cabeça.

E Caim matou Abel. Os rabinos dizem que Caim não sabia matar, pois, não conhecendo a morte, não sabia a forma de a causar. Então acudiu-lhe o Diabo em seu auxílio e deu-lhe uma lição prática de assassinato; agarrou um pássaro, colocou-o sobre uma pedra e, com outra pedra, esmigalhou-lhe a cabeça. Caim aprendeu muito bem a lição do Diabo.

Este fratricídio foi o primeiro acto e presságio da guerra entre as duas Cidades. A terra ficou para sempre manchada de sangue — porque Satanás quis aviltá-la com o sinal do crime, e esse sangue proliferou e continua proliferando. O sangue de Abel clama por todo o sangue que desde então se tem derramado. Eis aqui o sentido da guerra que entreviu o conde de Maistre (7).

Caim fundou a primeira cidade — não apenas a cidade, mas também a vida cidadina. Os seus descendentes inventaram as ciências e as artes; Lamech inventa a poesia e a poligamia, e Tubalcaim o trabalho dos metais. Quer isto dizer que foram os criadores da cultura, mas, em contrapartida, praticaram o vício e a iniquidade. Eis a vida da sociedade com os seus bens e também com os seus males. E o Diabo cobra a sua renda em pecado, por permitir ao homem os gozos espirituais e profanos (8).

Desta maneira, Caim e Abel representaram desde então, respectivamente, a ciência e a inocência, a vida sedentária dos povos agrícolas, matriarcais e hábeis, mas brandos, femininos e corrompidos, e a vida nómada dos povos pastores, patriarcais, masculinos, duros e de costumes puros, debaixo das suas tendas, na estepe e no deserto... *Lavradores e pastores*, dois tipos fundamentais da humanidade, persistentes ainda, e que, provavelmente, durarão até ao fim. As vezes parecem confundir-se — talvez simples aparência — nestes países da montanha em que o pastoreio é confiado a meninos, em que estes iniciam a sua vida com a vida de Abel e de Seth, como se se compreendesse a razão por que devem andar muito unidos o pastoreio e a inocência. Parece que Deus mostra uma preferência especial pelos pastores, escolhendo-os,

mesmo que nem sempre sejam crianças, para certas revelações, como aconteceu em Belém, em Lurdes, em La Salette e em Fátima. Alguma coisa isto quer dizer...

É curioso que Caim, o fratricida, tenha sido o fundador da primeira cidade. Desde então, muitas vezes, a fundação de uma cidade anda ligada a um crime, inclusivamente um fratricídio, como aconteceu com a cidade de Rómulo. A mais famosa cidade do mundo tem também um fratricídio no começo da sua história. Roma subsiste sobre o sangue de Remo derramado por seu irmão, e é isto possivelmente que a faz «Eterna». O fratricídio é o crime exigido pelo Diabo para permitir que a cidade subsista. A não ser assim, podia agitar no centro da terra as forças terríveis que a fazem tremer e desmoronam as muralhas sobre os descuidados habitantes. Poderia ainda atrair lá de cima o raio que fere as torres e incendia as casas; e poderia também estimular os inimigos que acodem com engenhos e material de guerra para arrasarem a cidade.

Como? Terá Deus dado ao Diabo um poder especial sobre as cidades? O caso é que a maior parte das cidades estão ao seu serviço, tanto mais quanto maiores são. Babilónia é o modelo e o padrão; e hoje há no mundo cem Babilónias.

A verdade é que se adoptou o costume de fazer preceder a fundação duma cidade de um sacrifício humano; um escravo, um inimigo seria degolado para se levantarem sobre o seu corpo as torres e baluartes, ou então emparedava-se vivo nas muralhas. Era o representante do irmão do fundador; era Remo, recordação e imagem de Abel. A quem, a não ser ao Diabo, se podia oferecer tal sacrifício? Quando, hoje em dia, se ergue o edificio dum templo, dum palácio ou qualquer construção pública, na ocasião de lançar «a primeira pedra», que às vezes é benziada com uma cerimónia cristã e outras vezes se assenta com acendrado ritualismo cívico, depositam-se algumas moedas. As pessoas que desconhecem a razão de tal facto dizem que é para atestar em tempo futuro — isto é, quando o edificio vier abaixo — a data da fundação. É assim uma espécie de favor que presta aos arqueólogos futuros. Mas alguém disse que essas moedas são o resgate do sangue do sacrificio. Satanás continua cobrando o seu feudo em metal sonante.

Caim edificou, pois, a primeira cidade e pôs-lhe o nome de seu filho Henoch, razão por que a cidade se chama Henóquia.

Satanás julgou ter triunfado, pois já toda a geração de Adão era sua. A raça de Caim tornou-se uma raça proscrita, entregue ao Diabo, cheia de terror e espanto, porque Caim, a quem se havia negado a morte, era perseguido pelo Diabo que o atirava para o desespero. A Sagrada Escritura não no-lo explica, mas diz-nos que Caim foi morto por Lamech que, ao sair de casa, o tomou por uma fera... (9). Podemos, pois, imaginar que Caim haja sido o primeiro possesso e o primeiro licantropo, como foi o primeiro homicida e o primeiro cidadão.

Satanás julgou ter triunfado. Mas foi então que nasceu um filho a Adão, o qual foi chamado Seth e seguiu os caminhos de Deus, ficando a ser o chefe da Cidade de Deus em vez de Abel.

De novo se erguia a Cidade de Deus, que então habitava debaixo de tendas, ao passo que a Cidade de Satanás — Henóquia foi a sua primeira realização material — se albergava por trás de muralhas. Satanás viu destruída metade da sua obra, mas logo tratou de remediar o novo desastre e, como não lhe faltaram os recursos da sua astúcia, depressa encontrou o stratagem.

A raça de Caim era uma raça maldita, mas as suas mulheres eram formosas. Como eram as filhas de Caim? Tinham, sem dúvida, essa beleza semidiabólica das raças escuras, que em certas épocas literárias tem sido descrita com tanta eloquência. Possuíam, por certo, uma cabeleira abundante, negra e ondulada, «como a cabeleira anguiliforme da Medusa», e uns olhos esverdeados, indecisos, frios, penetrantes, «vaporosos» e enigmáticos, por baixo dumas sobrancelhas espessas; e um nariz pequeno, de asas móveis e palpitantes; e os lábios um pouco grossos, como fruta roxa partida ao meio — morango ou cereja — fruta que é uma loucura e delícia quando se morde; e uns dentes muito brancos e unidos, cintilantes, duros e cruéis; e um sorriso indefinido, que tudo promete, que infunde uma invencível inquietação e que zomba quando parece que chama; e uma língua ágil, que se mostra entre os dentes apenas entreabertos e passa, às vezes, pelos lábios, «fazendo pensar em coisas secretas e deliciosas»; e um nu «semiandrógino», «adolescente», de «estátua de pau-santo», com uns seios pequenos e rectos, terminados em «rubis, como gotas de sangue»; e umas

mãos e uns pés de menino, mas mãos e pés que conhecem todas as coisas na carícia e na dança; e uns movimentos suaves, «felinos» e ondulantes, como «a oscilação das ancas de Salomé», quando dançava diante de Herodes Antipas ou como as bailadeiras javanesas que Monsieur de Phocas viu dançar, acompanhando uma visão de *hachischi* serpentários como os da Serpente do Paraíso, reveladora do bem e do mal; sinuosos e equívocos, *anguis in herba*; e uma pele fina, suave e cálida, ardendo em febre, uma pele como da noite dos trópicos; e um perfume intenso, «como de animal com cio», «como de sândalo e canela misturados», e todos os aromas dos unguentos de Ester e, ao mesmo tempo, no fundo, certo imperceptível cheiro a podridão e a morte; numa palavra, com todas as seduções, toda a embriaguez e todos os venenos — porque os extremos tocam-se e a serpente morde a própria cauda — das últimas decadências, das épocas moribundas que já tudo esgotaram...

A que ponto chegaram, no nosso tempo, tais «vampiresas» pré-históricas!

Tal foi a fruta encantada, olorosa até ao enjoo, doce até ao fastio, que Satanás escolheu para seduzir os filhos de Seth, naturezas poderosas e ardentes, e por isso demasiadamente fáceis. Por certo lhes ensinou todas as artes da magia erótica, que depois haviam de passar para os *Kamasutras* e *Artes Amandi*, com todos os seus olvidados — olvidados? — refinamentos. E os Filhos de Deus uniram-se às Filhas dos Homens (10), e Satanás abençoou aquelas uniões com a mão esquerda, e dessas uniões nasceu a raça poderosa, violenta e soberba dos Gigantes.

Foi desta maneira que o Diabo implantou na Terra o amor carnal e culposo, o amor sensual, que o cavaleiro Tannhäuser havia de defender perante o landgrave da Turingia, com escândalo de damas e senhores, contra o cavaleiro Wolfram von Eschenbach, defensor do amor espiritual.

Daquelas mulheres haviam de nascer, por inspiração do Diabo, os escuros cultos matriarcais, com os seus ritos frenéticos e obscenos, praticados nas cavernas e na espessura dos bosques, em honra da Grande Mãe, a Terra alimentadora e nutriz, e as sombrias representações da Mitologia do Légamo, o primitivo e húmido barro.

Dos Gigantes provieram os cultos sangrentos com sacrifícios humanos, mas os Gigantes foram também os que, por inspiração do Diabo, introduziram no mundo a

crueldade e a opressão brutal, o domínio implacável da força, o poder da matéria.

Satanás conseguira que a iniquidade se tornasse senhora do mundo... Observe-se, porém, que o conseguiu por meio de um cruzamento, de uma mistura de raças, de uma conjugação da raça eleita, predestinada, com uma raça maldita, manchada pelo crime e pelo fratricídio... Por este meio — pelo seu domínio da genética — conseguiu obter monstruosos híbridos, que favoreceram óptimamente os seus planos. A experiência foi fecunda, pois, à vista do resultado, o Diabo, dali por diante, dedicou-se à mistura e à adulteração. Aprendeu a misturar a mentira com a verdade, o mal com o bem, o vício com a pureza, a virtude com a imundície, a baixeza com a coragem, o repelente com o belo, o vulgar com o nobre, a cegueira com o saber, até que, se não pôde seduzir todas as almas, conseguiu, pelo menos, que quase não houvesse obra humana na qual se não pudessem notar as gotas de absintio do Inferno.

Mas foram tais as façanhas daqueles Gigantes, que Deus enviou o Dilúvio, e toda aquela geração foi irradiada da face da terra. O Príncipe das Trevas ficou sem súbditos entre os homens, perdeu as suas províncias iluminadas pelo Sol e pela Lua, e novamente ficou reduzido à noite eterna. No entanto, aumentara a sua sabedoria.

Ainda não haviam secado as águas do Dilúvio e já Satanás, não rendido pela derrota, retomou a ofensiva e conseguiu em seguida o pecado de Cam (11). Já tinha então outra raça maldita para povoar as suas colónias terreaes. E dessa raça havia de tirar um grande partido.

Há hoje muitos que não querem acreditar que Cam seja o progenitor das raças negras. Nem os filósofos nem os antropólogos estão de acordo com tal opinião, mas nem uns nem outros são capazes de explicar a origem das raças. Por que há homens de pele negra na humanidade? Não será esse o estigma hereditário dum pecado cometido na sua origem? Não será negro o Diabo? Não será por isso que chamam os Arabes aos Negros os «filhos de Satanás»? Tal suposição nada diz contra os Negros ou contra a alma dos Negros. O facto de estes estarem assinalados no seu corpo, apenas indicaria o pecado do seu progenitor, mas trata-se de um sinal que não lhes afecta a alma.

Mas a verdade é que as gerações descendentes do justo salvo do Dilúvio eram três, e o Diabo tinha apenas

ascendência sobre uma; no entanto, a sua vontade era imperar sobre todos os homens.

Ocorreu então um successo extraordinário que se assemelhou, mais do que qualquer outro, à primitiva rebelião de Satanás. As tribos de Sem, Cam e Jafet estavam reunidas na planície de Senaar, falavam todas a mesma língua e estavam unidas pelo mesmo pensamento. O Diabo aproveitou a ocasião e alguém, sob inspiração sua, lançou a ideia de construirem uma torre que se erguesse até ao Céu. Assim se tornaria famoso o seu nome e, além disso, teriam onde se recolher, se houvesse um novo Dilúvio. E talvez pudessem até escalar as mansões celestes.

Quem lançou esta ideia de rebelião diabólica? Os autores árabes dizem que foi Nemrod, filho de Cus e rei da Assíria, o «forte caçador», que parecia ter sangue da violenta raça dos Gigantes, «os fortes dos antigos dias» que Leconte de Lisle recorda na sua visão de Thogorma. E dizem que Nemrod, tendo visto que a torre, já muito alta, não chegava contudo ao Céu, imaginou, preludiando a façanha de Alexandre Magno, fazer-se conduzir até ao Céu num cesto atrelado a quatro grandes abutres. Mas esses abutres ergueram-no tão alto e tão longe que nunca mais se soube dele (12).

Por outro lado, diz-se que o architecto da Torre de Babel foi Phaleg. O projecto de Phaleg era o de uma torre que uns dizem de planta quadrangular e outros de planta circular, com uma base muito larga, formada por andares sobrepostos, cada um deles com uma planta mais reduzida do que o anterior, com aspecto de uma construção escalonada, e a cujos andares se subia por uma escada em espiral que existia em volta da torre. Era, sem dúvida, um edificio extremamente simples, mas de imponente grandiosidade.

Com o barro da planície de Senaar amassado com água fizeram tijolos, cozeram-nos ao fogo e ao sol e foram-nos colocando, unidos com betume, de maneira que formassem uma obra de grande solidez e firmeza.

Puseram-se a trabalhar afanosamente, debaixo da direcção do architecto Phaleg e, como eram muitíssimos homens de várias tribos, pertencentes às três gerações dos filhos de Noé, os andares da torre foram-se erguendo rapidamente até ultrapassarem as nuvens.

Veio então a confusão das Línguas; não se entendiam, executavam ao contrário as ordens de Phaleg, uns

cumpriam-nas por uma forma e outros por outra, houve disputas e rixas, até que foi preciso abandonar a obra e desistir dela, porque a confusão infundiu o pânico em todos os corações e todos os trabalhadores se lançaram na fuga. E diz Emmanuel, poeta judeu, que, como cada operário tinha um saco para as suas provisões, no meio daquela confusão cada um pedia o seu saco em altos gritos, para o levar. Desta maneira, a palavra «saco» foi a mais repetida naquela ocasião, razão por que tal palavra ficou sendo a mesma em todas as línguas e com a mesma significação. Começou depois a dispersão do género humano. (13).

É sabido que quanto se relata no Antigo Testamento é, além da narração de acontecimentos históricos positivos, a *figura* do que havia de realizar-se nos do Novo Testamento, pois a Sagrada Escritura encerra quatro sentidos diferentes. Desta maneira, cada um dos feitos e passagens do Antigo Testamento corresponde, como símbolo ou figura, a um feito ou personagem do Novo.

Não julgo demasiadamente arriscado supor que, além disto, quanto se refere em ambos os Testamentos é figura do desenvolvimento total da história dos homens e dos povos, o mesmo no seu aspecto de história sagrada e de história profana, pois talvez a história seja profana apenas aparentemente.

Assim, a Torre de Babel, além de ser um facto histórico acontecido cento e quinze anos depois do Dilúvio, é a prefiguração exacta de toda a história que vem depois, visto que os homens, tentados pelo Demónio, pouco mais têm feito do que erigir sempre, uma e outra vez, novas Torres de Babel. E essa Torre é ainda a prefiguração da história do homem nos últimos cem ou cento e cinquenta anos, durante os quais Satanás, embora dissimuladamente, tem guiado e inspirado os homens.

De facto, Satanás não desistiu do seu intento. Ele é imensa e exemplarmente cabeçudo, obatinado, teimoso, porfiado, persistente e sem mostrar pressa. Não dá o braço a torcer, não se retira, não renuncia a coisa alguma, não abandona o campo, finge que se afasta e volta, volta sempre, com uma perseverança que faz desesperar.

Infundiu de tal maneira o seu espírito — o espírito satânico — no homem, que quase podemos afirmar que mesmo os bons, embora inconscientemente, trazem sempre dentro de si algumas parcelas desse espírito. Doutra forma, nem a Carne nem o Mundo poderiam ser, como são,

inimigos da alma; são-no porque a Libido e a Soberba — o satânico no homem, — andam sempre connosco, trazemo-las dentro de nós, são a *fomes peccati*, o vestígio do Pecado Original, o sinal, nunca bem cicatrizado, da guerra de Satanás. Na união dos Filhos de Deus com as Filhas dos Homens triunfou a Libido — Lilith —; na Torre de Babel triunfou a soberba — Lúcifer —. Mas, por último, não triunfou nem uma nem outra.

A Torre de Babel é o monumento do satanismo humano, perene na memória dos homens.

A Torre de Babel é a exactíssima figura da nossa «civilização». A nossa «civilização» corresponde aos mesmos pensamentos, sentimentos e desejos de rebelião que moveram os homens, cento e quinze anos depois do Dilúvio, a erguerem a Torre de Babel.

Como a Torre de Babel, a nossa «civilização» corresponde ao propósito de tornar famoso o nome de umas gerações fútuas e endeusadas, de emendar a criação, de realizar artificialmente o Paraíso na terra, já que não era possível escalá-lo, e de nos pormos a salvo do castigo. A nossa «civilização» é um desafio lançado contra Deus.

A nossa «civilização», com as suas velocidades, os seus aviões, o seu rádio, a sua televisão, o seu gramofone, as suas ascensões à estratosfera e os seus acenos ao planeta Marte, é a comprovação da experiência realizada pelo Diabo para transfundir, para enxertar no coração dos homens o Pecado Supremo da soberba satânica. O homem, com as suas invenções, pretende negar todas as condições impostas por Deus à sua natureza. A nossa «civilização» é pecaminosa nos seus efeitos, embora o não seja sempre na intenção. No entanto, por vezes, é deliberadamente pecaminosa na própria intenção. «O Diabo — diz Papini — não é ateu» (14); a ciência, em si mesma, também o não é, mas são-no muitos dos seus cultivadores. Roberto Hugo Benson, sacerdote inglês que previu grande parte dos acontecimentos que estamos presenciando, imagina um papa do ano de 1972 que, senhor de Roma, suprimira nela todos os progressos do século, fazendo-a regressar ao estado de cento e cinquenta anos atrás: deixaram de circular os comboios eléctricos, proibiu-se que os voadores penetrassem na povoação, e os edifícios modernos foram derrubados ou postos ao serviço da Igreja. E assim Roma passou a ser uma sobrevivência do passado, onde perduravam as velhas deficiências e faltas de comodidade, uma cidade suja e

despreocupada; no entanto, tinha um aspecto saudável e reparador, a vida era simples e natural, e o mundo inteiro não era perturbado pela agitação do ambiente. Aquele Pontífice julgava que «a totalidade dos progressos e descobertas levados a cabo nas últimas centúrias tendiam para desviar as almas imortais da contemplação das verdades eternas. Não quer isto dizer que tais descobertas devam ser consideradas intrinsecamente más, pois derivam das maravilhosas leis ditadas pelo Criador; mas, no momento presente, absorviam demasiadamente a atenção dos homens e ofuscavam o seu entendimento» (15). Inglês devia ser o autor do livro em que se dizem tais coisas, pois é nos países muito industrializados que melhor se podem observar e apreciar os inconvenientes, os prejuízos e os despropósitos da técnica e das ciências aplicadas. A nossa «civilização» é a nova Torre de Babel.

Desse facto temos um símbolo, eloquentíssimo até no seu nome: o «arranha-céus». Trata-se, sem dúvida, de um nome ridículo, um nome frívolo, com que se quer revestir de engenho uma sincera soberba, embora ingénua e desproporcionada — nome que desperta o riso, mas que esconde uma secreta aspiração blasfema.

Assim como a primeira Torre de Babel contém em si a semente de todos os extravios humanos, assim a segunda Torre de Babel — a nossa «civilização», intenção secreta de todas as heresias, de todas as «apostasias» e de todas as rebeldias — contém todos os frutos.

A Serpente do Paraíso morde a própria cauda.



II

O NASCIMENTO DOS DEUSES

O Diabo é o Pai da Mentira; deve ser ele, portanto, o inspirador das falsas religiões.

Mas nem tudo, numa religião falsa, é inspirado pelo Demônio. O que uma religião falsa tem de «religião», isto é, o sentimento de dependência de algo superior, o sentimento que o homem tem da sua qualidade de finito, da sua limitação e do seu desamparo — a *Geworfenheit* — e, portanto, da necessidade de um apoio firme, de uma mão que o *Mistério* lhe estenda para o libertar da *Angústia* — tudo isso é verdade, e o Diabo não pode vencê-lo. O Diabo pode obscurecer a ideia de Deus, mas não pode suprimir a necessidade de Deus.

O Diabo é o Pai da Mentira, mas é também o *Pai do Olvido*.

Sabemos bem que coisa espantosa é o olvido. É irmão da morte. Faz-nos ir perdendo aos pedaços a nossa vida, os nossos amores e o nosso próprio ser, porque a vida e a memória são idênticas, visto que a memória é a vida da alma. Deus não tem memória, porque nada olvida e tudo está constantemente presente no Seu pensamento.

Mas em nós, o Diabo, culpado da morte, vai empurrando todas as coisas para o olvido. E assim, foi fazendo que os homens fossem perdendo estas ou aquelas verdades da Revelação Primitiva, embora não todas.

Como não pôde fazer esquecê-la toda, procurou a compensação, adulterando o que restava. Incapaz de criar formas, pode, no entanto, amalgamar as que encon-

tra e, como o seu prazer consiste na confusão, na mestiçagem e na formação de híbridos e monstros, misturou a verdade com a mentira e apresentou-as juntas nas mais pasmosas e fantásticas revelações.

Como não podia desarraigar a necessidade de Deus, em vez de O negar procurou multiplicá-l'O. E, como os homens desejavam Deus, o Diabo apontou como Deus aquele que o não era. Então dizia: «Aí o tendes». E mostrava os meteoros, os animais, os astros, as montanhas, os fantasmas, as árvores, os elementos, os instrumentos, os rios, os objectos, os próprios homens. Em tudo isso havia também uma intenção oculta: os homens não podiam passar sem Deus; portanto, enganando-os, podia chegar a colocar-se no lugar de Deus. Os homens não eram tão soberbos como ele, que se negava a servir a Deus, sabendo que o era; eram criaturas «servis», que precisavam de adorar e que prestariam a sua adoração a qualquer coisa que lhes dissessem ser Deus. Nestas condições, podia chegar a conseguir que o adorassem. Não seria tanto como Deus, mas, por uma forma falsa, por uma maneira histriónica e enganando-se a si mesmo, poderia figurar-se como tal. Tratava-se, sem dúvida, de um jogo estúpido, mas seria o triunfo da mentira.

Como o homem vive inquieto perante «os enigmas do Universo», e como também o Diabo não podia privá-lo daquela «curiosidade natural» de que se valeu para seduzir a Eva, o que o mesmo Demónio fez foi sugerir respostas absurdas às perguntas que o homem a si próprio fazia. Aduziu falsos raciocínios, perturbou os entendimentos, fez surgir vãs ilusões, mostrou-se em sonhos, valeu-se dos videntes e suscitou falsos profetas. Mas apenas logrou misturar a mentira com a verdade.

E assim foram nascendo, numa confusa multidão, os deuses e os mitos: mescla informe de verdade e de mentira, de profundidade e loucura, de ciência e ignorância, de bem e de mal, de razão e de absurdo, de fantasia e realidade. Porque, como o Diabo é o espírito da contradição, cria o contraditório, e toda a religião falsa é a religião verdadeira adulterada.

Já antes do Dilúvio houve a religião falsa. É de então que data a religião da *Grande Mãe*, a Mãe Terra, de cujo seio profundo provém tudo o que vive, que sustenta os edificios, que dá a seiva às plantas e alimenta os animais e os homens. E, sem dúvida, há aqui uma parte de verdade, porque o homem foi tirado do barro da terra, de

modo que, metafóricamente, a terra pode ser chamada «Mãe do Homem»... Mas a terra, por si só, não pode gerá-lo.

Também é certo que esta «Mãe» se mostra pródiga com ele e é inesgotavelmente liberal, pois da terra tira o homem quanto necessita. Mas Alguém há que ordenou que a terra produzisse.

O culto da Mãe Terra, a Deusa Primitiva, a Natureza Fecunda, a *Bona Dea*, é um culto nocturno e subterrâneo, sombrio e cheio de «terror cósmico» e de «mistério». Celebra-se na caverna — o Útero da Grande Mãe —, em cuja honra os Filhos dos Homens iniciaram as festas secretas itifálicas, que mais tarde culminaram na prostituição sagrada das Oblatas de Ishtar, na Babilónia, e nos ritos do bosque sagrado de Pafos.

Em volta da Grande Mãe nasce a *Mitologia do Lógamo*, do elemento húmido com as suas formas indecisas e rampantes.

Mas, como o feminino evoca o masculino, e o húmido evoca o ardente, os Gigantes inventam os *sacrifícios humanos*, recordação da morte de Abel, em honra de algum deus de fogo, filho ou esposo da Grande Mãe, que virá a culminar depois no culto siro-púnico de Moloch, em cujo ventre de bronze se abrasam os primogénitos.

Isto parece ter também um fundamento nas representações cósmicas; se atendermos apenas à natureza material, se em vez de olharmos para o Céu olharmos apenas para a terra, é possível que estes símbolos e estes mitos tenham certo sentido de verdade. Mas o ponto de vista não é verdadeiro.

E tão monstruosas abominações se produziram, que estas atraíram o Dilúvio.

Depois do Dilúvio, nas famílias primitivas do tronco de Noé antes da Dispersão, e depois nas que ficaram ligadas aos primeiros núcleos humanos, a Revelação Primitiva foi conservada por tradição, e com ela o culto do verdadeiro Deus. Mas naquelas famílias que se foram afastando de alguns desses núcleos foi mais fácil ao Diabo conseguir que a Revelação caísse no esquecimento, e assim pôde semear entre elas novos erros.

Na raça de Jafeth — e como efeito, hábilmente aproveitado pelo Demónio, da grande catástrofe — nasceu a *Mitologia da Tempestade*. Na verdade, aquele Deus que enviou o Dilúvio, com as terríveis e mortíferas descargas, com o assombro dos trovões ribombando sobre as monta-

nhas, com as cataratas que se desprendiam das carregadas nuvens negras, fazendo do dia noite, bem podia ser tido pelo Senhor do Raio, Soberano do Vento e dono do rebanho de nuvens. E quando, por sua ordem ou por sua vitória, o céu se serena, esse mesmo céu azul deve ser um deus aparentado com ele, assim como Iris, a Aurora e o Sol, as divindades fagueiras da raça branca, dos homens louros e enérgicos, religião sem templos nem sacerdotes, em que o Pai de Família sacrifica ao ar livre, fazendo que a oferta seja consumida por outro deus — o fogo que mantém e protege a casa.

Tudo isto é muito mais razoável que as representações da religião antediluviana. É indubitável que o poder de Deus se nos manifesta, nesses fenómenos, dum modo sensível, próximo e palpável, mas a imagem divina fragmentou-se em figuras que, cada vez mais, se irão adaptando à imagem e semelhança do homem, conforme o modo humano.

Os filhos de Sem ergueram-se mais, na aparência, e criaram a *Mitologia Astral*. «Els», como chamavam primitivamente a Deus, é o Senhor do Céu. Se olharmos para o Céu, não o vemos, talvez porque se encontra demasiadamente alto; mas vemos o Sol durante o dia, e a Lua e as Estrelas durante a noite. São criaturas de Deus e suas Filhas; portanto, até certo ponto, são também deuses, visto que os astros regem os destinos dos homens, da mesma forma que governam o curso do ano, a sequência das estações e a vida das plantas e animais. Todos nós vemos como as suas mudanças no Céu coincidem com os acontecimentos da terra. E, desde que deste modo governam, são necessariamente deuses. É possível que haja mais acima um Deus superior, invisível, que nos oculta a Sua face, mas está rodeado por um cortejo de Planetas e um exército de Estrelas, que são deuses também e cuja luz podemos contemplar. Estão no céu, que é a morada dos deuses, e dali nos escutam. Podemos aproximar-nos deles subindo às altas montanhas ou construindo torres, donde veremos toda a intensidade do seu brilho.

Também isto tem aparências racionais e também aqui se esfuma a imagem de Deus e se confunde com as criaturas, sem dúvida as mais altas, as mais brilhantes e, talvez, as mais belas — mas criaturas e não deuses.

Todavia os filhos de Cam — depositários das tradições dos Gigantes e das Filhas dos Homens — descobriram outras coisas. Sem dúvida, no raio, no vento, nas



Construção da Torre de Babel

Bruegel — Museu do Prado — Madrid



Adão e Eva

Rubens — Museu do Prado — Madrid

nuvens e na aurora, há deuses. Mas não é só aí, porque os há também nas rochas, nas montanhas, nas árvores e nos animais. Não há nada morto; a presença dos deuses tudo enche. E assim nasce a *Mitologia da Natureza*.

Mas ainda há mais. Nós mesmos podemos preparar uma habitação para os deuses e podemos obrigá-los a residir ali. Tomai esta pedra de forma cônica e consagrai-a, unindo-a com azeite; tomai este tronco mal desbastado, ou este osso em que se traçaram alguns sinais, fazei um esconjuro e tereis um deus...

Estaremos perante uma coisa irracional? É conforme: Deus está verdadeiramente presente em todas as coisas, por essência, por presença e por potência; em todas elas podemos notar a marca do Seu poder, a participação da Sua bondade e o resplendor da Sua glória; mas é um único Deus em todas, e não um deus em cada uma.

Mas Satanás, grande dialético, não se renderá perante o nosso raciocínio e dirá: «Então não há mais do que um único Deus, mas o Seu ser é incompreensível e inefável. Conhecemos a Sua bondade e, por essa mesma Bondade, para se tornar acessível a todos os homens, reveste as formas diversas dos deuses múltiplos. Todos estes deuses são Deus. Cada um destes deuses é Deus...» Mas como? Será o Diabo henoteísta?

Satanás disse: «Deus é único e infinito. Sendo infinito e único, é Ele todo o ser, pois, se houvesse outro ser que não fosse Ele, não seria infinito nem seria único. Portanto, é Ele que é todas as coisas. As coisas são aparência, não são realidade, pois não há outra realidade que não seja a de Deus». Mas como? Será o Diabo panteísta?

O Diabo é henoteísta, panteísta, politeísta, dualista, deísta e ateu (16). E o Diabo não é nenhuma destas coisas. O Diabo é a negação, a contradição, a mentira. O Diabo sabe a verdade e diz o que não é.

Todas estas estranhas representações, compostas de mentira e verdade, de loucura e razão, arrastando cada uma delas consigo fragmentos da primitiva Revelação, misturam-se e confundem-se de mil maneiras e dão origem a uma grande multidão de religiões falsas.

O Diabo vai conseguindo que, partindo de premissas erradas, se chegue às últimas consequências e ao mais disparatado.

É assim que ele triunfa e prepara as Igrejas da sua Cidade.

O Diabo disse a Deus:

«Tu tinhas um plano para o governo do mundo. Segundo esse plano, isto é, segundo o Teu pensamento, que era a Verdade, era a Beleza e era o Bem, se haviam de desdobrar as harmonias do Universo e o poema magnífico da História. Pois bem: eu torci o curso da Natureza e introduzi a confusão na História.

«Tu quiseste que os homens tivessem um só pensamento, de harmonia com o Teu pensamento; que nas suas almas se reflectisse a esplendorosa unidade do Teu plano e que a sua vontade agisse de acordo com ela. Mas eu ergui a sua vontade contra a Tua e obriguei-Te a confundir-lhes as línguas e a fazer que se separassem sem se entenderem, e agora há tantas ideias como famílias, e chegará a haver tantas como homens.

«Tu querias ser Um Só e eis que eu Te dividi em miúdos fragmentos, e do Uno fiz muitos.

«Da Tua imagem, que era uma, fiz infinitos deuses, e nenhum deles és Tu.

«Têm os Teus atributos, os Teus poderes, repartidos entre eles; uns têm uns, outros têm outros; um é justo, outro é clemente, outro é poderoso, outro é grande, outro é criador, outro é pai... Mas há-os que não são senão para temer, que só sabem castigar e que apenas servem para exigir vítimas.

«Contempla as figuras que eu dei às Tuas imagens; nas margens do rio Amarelo, és o céu e nada mais; nas margens do Ganges, és o som surdo de uma sílaba sagrada; em Heliópolis és o Sol resplandecente. Em Ecbátana és o fogo que devora e acarícia; no alto Eufra-tes, és uma estrela que brilha na noite, e no Baixo Eufra-tes és o abismo sagrado do mar.

«Em Olímpia, no entanto, és como um homem que empunha o raio; na Escandinávia, um cavaleiro que monta um cavalo preto e branco; na Babilónia, um herói que luta com um dragão.

«Volve agora os olhos para o vale do Nilo e verás que o deus é um touro em Mênfins, um carneiro em Tebas, uma íbis em Hermópolis, uma ave de rapina em Edfu, um crocodilo em Crocodilópolis, e um cadáver em Busíris.

«Na Itália, há um deus que não tem cabeça; na Ásia Menor, há outro que a tem de asno; na Síria há um que a tem de galo, e no Egipto há outro que a tem de cão.

«Nos domínios de Roma, adoram como deus o ar que se desprende do ventre com estrépito, pela parte posterior, e saudam-no dizendo «Salve»...

«Mas o pior é no Baixo Egipto, em Mendes, onde o deus é um bode, que se parece extraordinariamente comigo.

«De todos estes eu fiz deuses e arrebatei-Te o coração dos homens para o dar a eles, e as ofertas para também lhas dar, e o temor que Te tinham para os temerem a eles, e a fidelidade que Te guardavam para a guardarem a eles.

«Tu querias que os homens Te conhecessem e Te amassem como Pai, e eu afastei-os de Ti. Querias dar-lhes a glória eterna, e eu arrastei-os para o meu reino. Querias que eles olhassem o céu, e eu submergi-os no lodo da terra e na sua podridão, e inflamei-os na lubricidade, na violência, no crime e no erro.

«Já não eras Tu o Único e nem sequer o primeiro. Os homens têm quantos deuses querem, mais adorados e temidos quanto mais baixos, quanto mais imóveis, quanto mais imundos; os deuses brotam aos milhares do lodo da terra. Até nas hortas nascem deuses!

«O Teu reino está terminado: tudo é Deus!»

Mas o Diabo esquecia-se de uma coisa muito importante; esquecia-se da aventura do Paraíso. Não se lembrava — e não é ele o Pai do Olvido? — de que a serpente fizera adquirir aos homens a Ciência do Bem e do Mal. Em virtude desta ciência, os povos pagãos conheceram o Diabo como tal. Esqueceram que só havia um único Deus e que só a Ele deviam adorar; mas buscavam-nO às apalpadelas, tropeçando com fantasmas. Alguns suspeitavam-nO oculto por trás de estranhas aparências, mas sabiam muito bem que há espíritos bons e espíritos maus. Por isso, temeram estes e procuraram proteger-se contra eles por meio de ritos religiosos e ritos mágicos.

Quer isto dizer que o Diabo não conseguiu dissimular-se, como também não conseguiu ocultar a sua perversa natureza, ser identificado com os deuses ou ser adorado neles.

O Diabo nunca logra inteiramente os seus propósitos. Por isso diz Mefistófeles que é uma parte daquela força que sempre quer o mal e sempre faz o bem.

Portanto, nas religiões antigas não encontramos a verdadeira imagem de Deus, mas encontramos a do Diabo bastante parecida. Encontramos o Diabo em toda a parte;

não podemos dar um passo na vida nem na história sem tropeçar nele. É a *sombra negra* que nos acompanha sempre: *ubique daemon*.

Assim, na Mitologia Babilónica, por uma inversão de ideias, produzida, sem dúvida, na transcrição de uma cultura de origem matriarcal, como a sumérica, para uma cultura patriarcal, como a acádica — seguindo talvez aquele princípio de que «os deuses de nossos pais (neste caso, originariamente, de nossas mães) são nossos demónios» — a Senhora do Elemento Húmido, que presidia aos primitivos habitantes do légame, a Mãe dos Deuses, a Grande Mãe primitiva, Mummu Tiamat nos textos cuneiformes, Thalath ou Omoroca nos de Beroso, converteu-se no protótipo de todos os dragões infernais e chegou a ser identificada com Leviatan... Foi vencida por Belo-Marduk, Senhor da Luz, numa confusa recordação da vitória do Arcanjo São Miguel sobre Lúcifer (17).

A «Serpente antiga» do Paraíso reaparece em «a Senhora Nina», hostil aos poderes celestes. Contra os deuses levanta-se uma infinidade de demónios, principalmente os Sete Maskim subterrâneos. Pode dizer-se que o conceito primitivo de uma *Pseudomonarchia daemonum* se encontra na Babilónia. Com a pior intenção do mundo, Delitzsch (18) chama à Mesopotâmia o berço da sinistra crença nos demónios.

Aos demónios se atribuem os malefícios e as enfermidades; estas são causadas por maus espíritos especializados conforme as partes do corpo: um actua sobre o rosto, outro sobre o peito e um terceiro sobre os membros.

Pode estabelecer-se um paralelismo muito instrutivo entre os demónios caldeus das enfermidades e os nossos micróbios; aqueles estavam especializados por partes do corpo e estes estão especializados por enfermidades, mas a acção é idêntica. Forças tóxicas ou mágicas, que importa? Trata-se da mesma ideia, de uma ideia anti-quíssima, que aparece entre nós, trasladada da ordem espiritual para a ordem material.

Isto dava também ali lugar a uma terapêutica complicada e precisa, de carácter religioso e mágico, da mesma forma que a nossa é de carácter científico, e a processos profilácticos de purificação, que se parecem extraordinariamente com os nossos processos de assepsia e anti-sepsia.

«Aos Babilónios e aos Assírios — diz T. K. Oesterreich (19) — o mundo aparecia-lhes atulhado de demó-

nios. Aquele que lê ou apenas folheia os grossos volumes dos textos de esconjuros de todas as espécies publicados até agora e que, na sua maior parte, nos chegaram escritos em caracteres cuneiformes sobre blocos de argila, fica com uma impressão deprimente, e até terrível, do mundo em que aqueles povos julgavam viver. Em cada esquina havia maus espíritos à espreita. E a essa ameaça acrescia o perigo dos sortilégios de numerosos feiticeiros, perigo de que todos estavam convencidos. A esses homens o mundo dever-lhes-á ter parecido bem sombrio, cheio de calamidades, sinistro, e a restauração dos seus estranhos monumentos é uma prova de tal facto».

Os pobres sábios não deixam de ver que o nosso mundo não é menos sinistro nem menos cheio de calamidades e menos sombrio do que o de qualquer povo antigo ou moderno, embora hoje os demónios nos não estejam tão presentes ou nós nos neguemos a reconhecê-los. Nem tão-pouco deixam de ver que essa concepção do mundo que se lhes afigura tão triste não impediu que esses povos criassem culturas que, sob muitos aspectos, podem considerar-se insuperáveis.

No Antigo Egipto volta a aparecer — procedente, como na Babilónia, da Revelação Primitiva — a recordação da serpente tentadora, que ali se chamava Apap ou Retrof (20), e que comanda um exército de monstros, revoltados contra os deuses da luz. Mas o que de forma mais precisa é comparado a Satanás é o deus malvado Set, que os Gregos chamaram Tifon, senhor do deserto árido, da terra roxa, e que se opõe a Osiris, o deus que salva os mortos.

Os demónios assaltam os defuntos na sua viagem para o mundo subterrâneo, razão por que o defunto tem de se munir de esconjuros que os afastem ou dominem e que o identifiquem com Osiris, tornando-o assim imune contra as suas acometidas. Estas fórmulas e estes esconjuros encontram-se escritos no *Ritual Funerário* ou *Livro dos Mortos*, papiro mágico que se deposita com a múmia no ataúde.

Os Egípcios conheceram a possessão diabólica. Uma cunhada do faraó Ramsés XII, chamada Bin-Reschid, sofreu deste mal, conforme se vê numa estela encontrada num templo de Tebas.

«Sua Majestade estava na Mesopotâmia a cobrar os impostos desse ano e os príncipes de toda a terra vinham prostrar-se a seus pés para implorar a sua protecção.

E os povos começaram a apresentar os seus tributos: o ouro, a prata, o lápis-lazúli, o cobre e as madeiras de *tanuter*. Cada um, por sua vez, oferecia as suas rendas e, quando o chefe de Bachtan apresentou os seus presentes, colocou a sua filha mais velha na primeira fila para implorar para ela o favor de Sua Majestade. Era uma mulher formosa que agradou ao rei mais do que qualquer outra coisa e ele concedeu-lhe, na qualidade de primeira esposa, o nome de Neferu-Ra e, quando voltou ao Egipto, mandou que se cumprissem os ritos das rainhas.

«No ano quinze, no vigésimo segundo dia do mês Epiphi, enquanto Sua Majestade se encontrava no edificio de Tama, rainha dos templos, ocupada em entoar louvores a seu pai Amon Ra, senhor dos tronos da terra, aconteceu que pela primeira vez vieram dizer ao Rei que um enviado do príncipe de Bachtan trazia ricos presentes para a esposa de El-rei.

«Trazido à presença do rei com as suas ofertas, disse, invocando Sua Majestade: «Glória a ti, sol dos povos; concede-nos a vida na tua presença!» Tendo exprimido assim a sua adoração perante Sua Majestade, continuou deste modo: «Venho junto de ti, rei supremo e meu senhor, por causa de Bin-Reschid, a jovem irmã da rainha Neferu-Ra. Um mal penetrou nela e torna-se necessário que Sua Majestade envie um homem que conheça a ciência para que a examine».

«O rei disse então: «Mandem vir ao colégio dos Hierográmatas os doutores de mistérios». Depressa eles chegaram e o rei disse-lhes: «Mandei-vos chamar para ouvir o que me pedem; indicai-me, entre vós, um homem de coração inteligente». O basilicográmatas Thotem-Hesi apresentou-se ao rei e recebeu ordem para partir para Bachtan com o enviado do príncipe.

«Quando o homem que sabia todas as coisas chegou ao país de Bachtan, encontrou Bin-Reschid possuída dum espirito, mas declarou-se impotente.

«O príncipe de Bachtan mandou pela segunda vez dizer ao rei: «Soberano supremo e meu senhor, se Vossa Majestade pudesse ordenar que fosse trazido um deus...»

«Esta petição chegou ao rei no ano vinte e seis, no primeiro dia do mês de Pachons, durante a panegíria de Amon. Sua Majestade estava então na Tebaida. O rei voltou à presença de Chons, deus tranquilo na sua perfeição, para lhe dizer: «Meu bom senhor, volto para implorar as tuas graças a favor da filha de Bachtan».

Depois mandou conduzir Chons, deus tranquilo na sua perfeição, até Chons, conselheiro de Tebas, deus grande que expulsa os rebeldes.

«Sua Majestade disse a Chons, deus tranquilo na sua perfeição: «Meu bom senhor, se quiseres volve a face para Chons, conselheiro de Tebas, o grande deus que expulsa os rebeldes, e envia-o ao país de Bachtan para uma insigne graça». Depois Sua Majestade disse-lhe: «Dá-lhe a tua virtude divina e eu enviarei imediatamente este deus para que cure a filha do príncipe de Bachtan».

«Como seu favor mais insigne, Chons da Tebaida, deus tranquilo em sua perfeição, deu quatro vezes a sua virtude a Chons, conselheiro de Tebas. O rei mandou que fizessem partir Chons, conselheiro de Tebas, na sua grande nau, com cinco pequenas *baris* e um pequeno carro. À direita e à esquerda caminhavam numerosos cavaleiros.

«O deus chegou ao país de Bachtan depois de uma viagem de um ano e cinco meses. O príncipe de Bachtan veio com os seus soldados e chefes receber Chons, o conselheiro, e, tendo-se prostrado com o ventre por terra, disse-lhe: «Tu vens até nós; desces até nós, por ordem do rei do Egipto, o Sol, senhor da justiça, aprovado pelo deus Ra».

«E aquele deus chegou à morada de Bin-Reschid e, tendo-lhe comunicado a sua virtude, ela ficou imediatamente curada. O espírito que morava dentro dela disse, em presença de Chons, o conselheiro de Tebas: «Sê bem-vindo, grande deus que expulsa os rebeldes; a cidade de Bachtan é tua, os povos são teus escravos e eu mesmo sou teu escravo também. Voltarei até aos deuses donde vim, para satisfazer teu coração pela intenção da tua viagem. Queira Sua Majestade ordenar que seja celebrada pelo príncipe de Bachtan uma festa em minha honra».

«O deus dignou-se dizer ao seu profeta: «É necessário que o príncipe de Bachtan traga uma rica oferenda a este espírito».

«Enquanto se passavam estas coisas, e Chons, o conselheiro de Tebas, conversava com o espírito, o príncipe de Bachtan permanecia com o seu exército tomado de um profundo temor. Mandou oferecer ricos presentes a Chons, conselheiro de Tebas, assim como ao espírito, e celebrar uma festa em honra de ambos. Depois disso, o espírito, por ordem de Chons, conselheiro de Tebas, foi sossegadamente para onde quis».

«O príncipe ficou transportado de alegria, bem como todo o povo de Bachtan» (21).

Deste interessantíssimo relato conclui-se que os falsos deuses se dão ao luxo de se portarem cavalheirescamente com os diabos, o que indica uma semelhança de natureza e uma familiaridade que chega à camaradagem, a ponto de um deus e um diabo participarem na mesma festa. Mas isso não é, de forma alguma, desprovido de significação.

Na Índia, contra os *devas*, que são os deuses bons, combatem os *asuras* ou espíritos malignos. Uns e outros lutaram originalmente pela *amrita*, licor que dá a imortalidade, e daqui resultou que, sendo meios irmãos, se tornaram inimigos. Eram filhos do mesmo pai, Kasyapa, o Macharischí, mas a mãe dos devas foi Aditi, e a dos asuras sua irmã Diti, razão por que os mesmos asuras se chamam também *detyas*... Na Índia, os mitos multiplicam-se e acumulam-se, como as estátuas nos Gopuras dos pagodes. Assim, conforme um desses mitos, os asuras foram originalmente espíritos bons; mas o seu chefe, *Maheschâsura*, negou-se a obedecer a Brahma e este precipitou-o nos infernos, no mais profundo do Patala, com todas as suas hostes, e ficou assim convertido em príncipe dos demónios. Há em toda a parte uma recordação da Revelação Primitiva; na Índia persiste também a dos Gigantes — *rakschasas* —, a do Dilúvio, etc.

Das primitivas crenças dos Persas conhecemos muito pouco, mas nos livros atribuídos ao seu grande profeta Zaratustra, o deus do mal *Angro-Manyo*, em persa moderno *Ahriman*, é de igual categoria e origem que Ahura-Mazda ou Ormuzd, deus do bem e da luz. Este é filho da afirmação; aquele, da hesitação e da dúvida. Trata-se de uma ideia verdadeiramente profunda: o Diabo é sempre o Não contra o Sim.

Ahriman é o génio de toda a impureza, de toda a porcaria, do pecado e da morte. É o génio da contradição, que a toda a criação boa de Ormuzd opõe uma criação maléfica. É o génio da confusão e da mentira... Por uma espécie de inversão, que talvez seja mais verbal do que de ideias pelo que se refere à Índia, na Pérsia, os demónios, servidores de Ahriman, são chamados *daevas*. Entre eles destaca-se uma Corte com seis grandes espíritos, opostos ao seis Amescha Spenta que rodeiam Ormuzd, e que fazem pensar novamente na organização político-administrativa do Império Infernal dos demonó-

manos. A demonologia irânica é muito extensa e pormenorizada, e influi grandemente na dos talmudistas hebreus, na de muitos hereges cristãos e na dos Muçulmanos.

Na China houve uma demonologia antiquíssima, cujas pisadas é difícil seguir, porque, sob a influência do budismo e de certas transformações do tauísmo, deuses e demónios chegaram a ser considerados como almas de defuntos, boas ou más. São famosas as aventuras de Chung Kuei, o domador de demónios, e o tauísmo conhece um complicado inferno, em cujas mansões reina o poderoso demónio Ping Tang (22).

Os Gregos encarnaram o espírito da rebeldia nos *Titães*, filhos da Terra — isto é, da Grande Mãe primitiva — que quiseram escalar o céu para destronar os deuses, e foram precipitados por Zeus na mansão do fogo.

Prometeu, um dos Titães, roubou o fogo do céu para o trazer para os homens. Personifica a rebeldia contra os deuses, mas os seus caracteres são tão humanos, que, até há pouco tempo, ninguém se atrevia a identificá-lo com Satanás. No entanto, todo o satanismo do mundo grego está em Prometeu. Este é um dos símbolos mais profundos e difíceis que forjou a mente antiga. Trata-se da ideia opressiva, insone e angustiosa de um Satanás humanizado. Quem a enfrentou cara a cara nunca pode considerar-se um inocente de qualquer coisa que seja.

Dizem que este mistério foi revelado ao povo pelo poeta Esquilo, e esta revelação — reservada aos iniciados nos Mistérios — foi a causa da sua morte violenta.

No mito de Prometeu há uma dissimulação que nunca pensámos existir na alma grega, tão cheia — no nosso modo de ver — de todas as perfeições. Por um lado reconhece o seu pecado e supõe-no justamente castigado por Zeus, encadeado no Cáucaso, onde um abutre lhe devora continuamente as entranhas sempre renovadas. Por outro lado, há-de ser libertado pelo maior dos heróis: Hércules, «o filho adorado de um pai inimigo». E Hércules é, provavelmente, por isso mesmo, «o Herói». Quer dizer: Prometeu é glorificado, não às claras, mas por uma forma dissimulada e sem franqueza; a libertação de Prometeu é o desejo secreto do homem antigo... e, consequentemente, do homem moderno. É o que, do homem antigo, sobrevive essencialmente no homem moderno.

A ideia de que Satanás há-de acabar por ser perdoado para voltar a ser um anjo bom, tem aqui a sua ori-

gem. Isto, na verdade, não está mal pensado: pecar, tirar do pecado o maior proveito e acabar por obter o perdão, é uma ideia sumamente prática, e a sua realização seria, sem dúvida, um bom negócio.

O dragão infernal aparece na Mitologia grega, debaixo da forma e nome de Tifon, que tem cem cabeças, silva, ladra, ruga, vomita chamas, voa, ameaça os homens e os deuses. Revoltado contra Zeus, este teve de lançar mão de raios tão poderosos que incendiaram a terra e fizeram ferver o mar.

É este o mito normal perante o mito semi-humano de Prometeu. Tifon é o derivado natural do Mummy Tiamat, o mito cósmico do Diabo; Prometeu é o mito histórico. Tifon é um monstro; Prometeu não é um espírito — os deuses e heróis gregos não são espíritos — embora possa ser «o espírito» aquele de quem se fala, quando se fala de «a emancipação» do espírito humano... E com isto encontramos na Grécia Satanás.

Há quem julgue que as tradições mais remotas dos *Celtas* opõem aos deuses celestes, senhores da vida e da luz, chamados Sidhi, outros deuses ou espíritos das trevas, os *Fomori*. Mas tudo isto está envolto na maior obscuridade. Muitas vezes, os que parecem deuses não são mais do que a recordação de raças primitivas, ignoradas, que os *Celtas* encontravam nos países que percorriam nas suas emigrações e que eram mitificadas na memória, quando não iam, como espíritos bons e maus, habitar nos antigos monumentos abandonados. Em todo o caso, em matéria de celtismo, é preferível seguir os «celtomanos» a seguir os arqueólogos.

Entre os Germanos, são demoníacos certos seres que os deuses tiveram de encarcerar debaixo da terra: o lobo Fenris, a grande serpente e outros, que sairiam no fim do mundo para o incêndio universal. Entretanto, Loki, o deus do fogo, desempenha, em parte, o papel de diabo. A mitologia germânica encerra, a este respeito, mistérios que ainda não foram esclarecidos.

Iremos procurar o Diabo na África Negra, na América Vermelha, na Austrália ou na Pré-História? Em todas as partes o encontramos. O Diabo é uma ideia universal, porque é uma realidade também universal. Conhecemo-lo em todas as partes, porque em todas as partes ele se faz notar, visto que o drama do Paraíso deixou um indelével vestígio na memória inconsciente dos homens.

Baldadamente quis o Diabo dissimular-se sob a forma dos deuses do paganismo, pois os homens em toda a parte descobriram a sua presença e a sua existência.

O Diabo deixa nas suas obras um selo inconfundível, de que a intuição humana suspeita sempre e muitas vezes identifica. Na Galiza diz-se que «o Diabo, por muito que se esconda, deixa sempre o rabo de fora». E pelo rabo se conhece.

Como dissemos, há um verdadeiro «consenso universal» acerca da existência do Diabo.

No paganismo, o Diabo nem se esconde nem desaparece: duplica-se.



III

OS IDOLOS, OS ORÁCULOS E A MAGIA

Idolatria é o culto dos ídolos. Mas «idolatria» não é sinónimo de «falsa religião», pois há religiões falsas — o madeísmo e o islamismo — que não adoram ídolos.

Ídolo — *eidolon* — significa «imagem», «simulacro». Os ídolos são imagens ou representações dos falsos deuses. Mas nem sempre um ídolo é um simples simulacro, pois muitas vezes é o habitáculo do deus ou o próprio deus.

Quando o ídolo é deus, ou quando o deus habita nele, a ciência chama-lhe «fetiche».

A coisa é muito clara. O deus é, indubitavelmente, espírito. Sendo assim, da mesma forma que o nosso espírito se une à nossa carne, não há-de o deus poder unir-se ao ídolo, como a alma ao corpo? Não há aqui nada de «mentalidade primitiva» nem de «raciocínio pré-lógico», mas, pelo contrário, lógica pura e simples, lógica irresponsável e rigorosa, duma dedução perfeita de premissas conhecidas.

No entanto, a mente agudíssima de Satanás pode chegar a mais dilatadas consequências. Nós poderemos objectar que a nossa carne é matéria organizada ou — se assim o quisermos — matéria viva, ao passo que o ídolo é matéria morta, homogênea, sem órgãos para receber impressões ou para executar movimentos. Satanás responderá, muito logicamente, que, de facto, a nossa alma, criatura imperfeita, de ordem inferior, necessita daquelas condições, visto que apenas pode agir e relacionar-se com o mundo exterior, por meio de órgãos ade-

quados, preparados com grande perfeição. Mas o deus é um ser imensamente poderoso, e por isso pode agir, servindo-se de um pedaço de matéria de qualquer natureza, com maior perfeição do que nós por meio de um corpo belamente organizado, e com maior eficácia...

Seria um deus, se não pudesse ver sem uns olhos como os nossos, ouvir sem uns ouvidos como os nossos, cheirar sem umas narinas como as nossas, agir sem uns braços como os nossos e andar sem uns pés como os nossos?

Mas o consumado ergotista far-nos-á ainda outra consideração. É evidente que o deus não vê, não ouve, não cheira, não saboreia, não toca e não actua, como nós vemos, ouvimos, cheiramos, saboreamos, tocamos e actuamos, mas por outra forma mais simples e mais directa.

Então — diremos nós — que necessidade tem ele de se unir a um ídolo como a nossa alma a um corpo? Mas nem por isso o grande dialéctico se dará por vencido. Bem — responderá ele — não é o deus que tem tal necessidade, mas sim vós. O deus une-se ao ídolo, para que, em vosso benefício, tenha um meio material para comunicar com seres também materiais. Não se une ao ídolo para ver, mas para que vós o vejais; não para ouvir, mas para que o ouçais; não para aspirar pelas suas narinas o fumo do sacrifício, mas para que vós lhe ofereçais esse mesmo sacrifício...

E, em última análise, se Satanás se vir em apuros, traz à baila o argumento da autoridade: citará os teúrgos e os neoplatónicos, e remeter-nos-á para as obras de Porfírio, de Jámblico e de Juliano. É também importante saber-se que isto que Satanás diz acerca dos ídolos é uma verdade histórica comprovada.

Mas, antes de mais nada, temos de falar acerca da origem dos ídolos.

Segundo vários autores (23), o culto dos ídolos deve-se a Nino, rei dos Assírios, que, tendo morto seu pai, Nemrod, «o forte caçador perante o senhor», que mandou erguer a Torre de Babel, lhe erigiu estátuas e ordenou que os seus súbditos o adorassem. Deste modo, Nemrod chegou a ser tido como um deus e diferentes povos o adoraram sob os nomes de Belo, Baal, Baalim, e Belfegor (24).

Isto concorda com a opinião de Evémero, autor grego dos fins do século III A. C., que pretendia que os deuses

dos antigos eram homens ilustres, divinizados pelos seus semelhantes, pelo que foi tido como ateu (25). Evémero faz da teogonia história e, dos deuses, reis. Mas isso foi porque já antes Satanás fizera da história magia, e dos reis, deuses.

Satanás soprou ao ouvido de Faraó:

«Não vêes que por ti reina a paz nos Dois Países? Quem mantém os canais e os diques? Graças ao teu poder, cresce o Nilo e os campos cobrem-se de frutos. Se tu perdesse a tua força sobre-humana, o deserto cobriria o vale, e seria um baldio toda a terra do Egipto. Tu manténs os Dois Países. Tu és deus».

Isto deu origem a que, quando o Faraó envelhecia, e faltavam as águas do Nilo, e sobrevinham carestias, foi necessário substituí-lo. Faziam-lhe sacrificios, mas o seu lugar passava a ser ocupado por outro que ainda não tivesse esgotado os seus recursos e poderes sobrenaturais. Mas depois inventaram-se cerimónias mágicas para que Faraó renovasse as suas forças, e assim Faraó ficou sendo deus até à sua morte natural (26).

Nada podia coibir os caprichos dum rei. Satanás aticava o fogo da sua fantasia, para poder satisfazer a soberba, a luxúria e a crueldade.

Adonibezec tinha vencido e aprisionado outros reis. Depois mandou-lhes cortar os dedos dos pés e das mãos, de modo que os desgraçados tinham de andar a quatro patas, como os cães, em volta da sua mesa. E Adonibezec atirava-lhes os ossos das aves e dos veados, para que eles os roessem (27).

Asurbanipal forrava as muralhas das cidades com as peles dos inimigos esfolados vivos. Artaxerxes mandava afogar os rebeldes em cinza, e Alexandre lançou fogo à cidade de Persépolis para divertir uma cortesã. Orodes entregou aos comediantes a cabeça do triúnviro Crasso, para que representassem uma cena. Nero iluminava o caminho com as chamas que consumiam os cristãos crucificados, e Domiciano matava moscas quando não podia matar homens. Sapor montava a cavalo apoiando o pé sobre o ombro do César Valeriano.

Satanás soprou ao ouvido de Nabucodonosor:

«Quando franzes o sobrolho, os reis tremem; ao ouvir o teu nome, os povos clamam e beijam a terra, e os próprios deuses se agitam nos templos, quando tu te aproximas. Tu és deus».

E Nabucodonosor mandou erigir uma estátua de ouro que era a sua imagem, e ordenou que a adorassem sob pena de morte. E os que não o quiseram fazer foram atirados para dentro de um forno em brasa (28).

Satanás falou ao ouvido de Calígula e Calígula mandou colocar a sua estátua no Templo do verdadeiro Deus, do Eterno (29)... Não pôde chegar a mais a louca soberba dos reis-deuses. Até então, cada um deles tinha imaginado ser um deus entre os deuses, mas agora o César de Roma queria pôr-se no lugar do Único.

O acto de Calígula é dum simbolismo histórico de tal alcance que supera o mito de Prometeu. Calígula, sem ser mencionado na Sagrada Escritura, como Nabucodonosor ou Senaquerib, adquiriu categoria de personagem bíblica. É um monstro do Apocalipse, uma profecia do homem moderno, e uma figura do Anticristo. Não sei se poderá dizer-se que Calígula esgotou consigo a loucura humana, pois a loucura é a única coisa em que pode reconhecer-se que se realiza a lei do progresso indefinido; mas deixou dado o passo decisivo para a reprodução do pecado dos anjos. Satanás chegará a aproveitá-lo em nossos dias.

Evémero teve, portanto, razão até certo ponto; apenas generalizou demasiadamente. Segundo ele, o primeiro deus teria sido o primeiro rei: Urano, sábio astrónomo e soberano justo e clemente, que reinou na ignota ilha de Pancaia, onde o mitógrafo encontrou a inscrição hieroglífica que narra a sua história. Urano teria sido deificado depois de morto, pois vimos que não costumam ser os bons reis aqueles que em vida se julgaram deuses. O facto de Evémero ter alcançado grande êxito, entre os apologistas e historiadores cristãos, é indício de que no seu sistema deve haver uma grande parte de verdade.

De facto, é provável que os primeiros ídolos com figura humana tivessem sido, na sua origem, representações de reis, de heróis e de antepassados, e que a estes fossem depois os deuses buscar a sua forma. Heróis e deuses andam tão misturados nas idelas dos antigos, que não é raro que uma personagem histórica tenha chegado a converter-se em deus, e um deus em personagem histórica.

Temos apenas de objectar que nem sempre assim succedeu. Aquelas misturas e confusões estão marcadas, a maior parte das vezes, com o inconfundível selo de Satanás. Mas este nem sempre conseguiu anular totalmente a razão humana.

Nem todos os ídolos tiveram, nem têm, figura humana. Certamente, uma das origens do ídolo é a estátua, mas a outra é o fetiche. Qualquer pedra no Próximo Oriente, mas principalmente aquelas a que a Natureza dera uma forma estranha, própria para despertar recordações ou evocar ideias, ou à qual os antepassados procuraram dar um determinado aspecto, trabalhando-a na forma de cone ou de pirâmide, era um *betylo*, morada de um deus, que os devotos beijavam, ungiam com azeite e apresentavam com oferendas. O melhor dos casos era aquele em que a pedra caíra do céu, isto é, um aerólito. No entanto, os deuses podiam também habitar em troncos de madeira, privados de ramos e mais ou menos esquadrejados ou alisados. Um tronco assim denominava-se *Ashera*.

Muitas vezes a própria figura da pedra ou do tronco era já prova suficiente de que se encontrava ali o deus, mas, como já dissemos, havia processos especiais para conseguir que o deus viesse ali habitar.

Esses processos foram inventados pelos Egípcios. Santo Agostinho (30) cita o *Asclepius*, de Hermes Trismegisto, onde se dizia que os antepassados tinham descoberto a arte de fabricar deuses e, como não podiam criar almas, invocavam os anjos e os demónios, introduziam-nos nas imagens sagradas e, graças àquelas almas, os ídolos tinham o poder de praticar o bem e o mal.

O perigo deste processo estava em que, em vez de ser um anjo, fosse um diabo que se introduzisse no ídolo. Ora, foi precisamente isto que parece ter acontecido. Não é de crer que os anjos obedecessem a vãos esconjuros ou contribuíssem deste modo para manter o culto idólatra, fingindo-se deuses. Isso, pelo contrário, é muito próprio dos demónios, e tal facto, que nos é ditado pela sã razão, está também comprovado pela experiência.

Santo Agostinho explica-nos como os ídolos eram *Corpora deorum*. Numa noite de chuva que o surpreendeu, quando ia a caminho de Neocesareia, São Gregório Taumaturgo foi obrigado a recolher-se num templo pagão, famoso pelos seus oráculos. O Santo invocou o nome de Jesus, purificou o templo com o sinal da cruz e passou a noite entoando louvores ao Senhor. Foi-se embora de manhã e, pouco depois, chegou o sacerdote do templo para celebrar os costumados sacrificios. Mas os demónios apareceram-lhe e disseram-lhe que não podiam continuar a habitar ali, porque um santo bispo havia passado a

noite no templo. O sacerdote prometeu sacrifícios, mas os diabos confessaram a sua impotência. Indignado, o sacerdote ameaçou São Gregório com a justiça, e o santo respondeu:

— Com a ajuda de Deus, que expulsa os demónios, estes poderão voltar, se Ele o permitir.

Pegou num papiro e escreveu nele: «Gregório a Satanás. Volta».

O sacerdote levou o papiro para o templo, fez os sacrifícios e os diabos voltaram. Mas o sacerdote, convencido do poder de São Gregório, voltou junto dele e pediu-lhe que o instruisse na religião cristã. (31)

São Bento de Núrsia, quando se dirigiu para o Monte Cassino, encontrou ali um templo e um bosque consagrado a Apolo. O santo derribou e devastou o bosque. Apareceu-lhe então um horrível demónio que começou a chamar por ele:

— Bento! Bento!

O santo fez de conta que não ouvia e não lhe deu resposta. O Diabo, furioso, gritou mais alto:

— Maldito! Maldito! Que tens que ver comigo? Por que me persegues? (32)

O teólogo pagão Porfírio, filósofo neoplatónico, reconhece que os diabos habitavam, pelo menos algumas vezes, dentro dos ídolos:

«Entre os ídolos há espíritos impuros, mentirosos e malfetores, que querem fazer-se passar por deuses para serem adorados pelos homens; é necessário aplacá-los para que nos não prejudiquem. Uns, alegres e divertidos, deixam-se conquistar pelos jogos; o humor sombrio de outros deseja o cheiro da gordura e alimenta-se de sacrifícios sangrentos» (33).

Foi essa a crença comum do povo cristão na Idade Média. «Não ocorria à mente dos cristãos olharem os deuses do Olimpo como seres imaginários, forças ou ideias personificadas. Segundo eles, são demónios maléficos, perante os quais tremiam os próprios adoradores e residiam nos edifícios e nas estátuas que lhes haviam erigido (34)».

No entanto, em 1450, o *Mystère de St. Bernard de Menton* diz: «Os diabos de Mont-Joux são os suportes de Júpiter e estão alojados na imagem do deus que domina a passagem»; «os diabos dentro do ídolo, chamam»; «o diabo... meteu-se dentro do ídolo». (35)

Esta situação servia aos diabos para manejarem os homens por meio dos oráculos.

De uma maneira lata, pode afirmar-se que todos os povos tiveram oráculos, porque, mediante ídolos, ou fetiches, ou animais sagrados, os deuses — ou os diabos — falavam-lhes ou manifestavam-lhes segredos por meio de ruídos, movimentos ou fenómenos fortuitos. Os Egípcios interpretavam como oráculos os mugidos e os movimentos do boi Ápis, no qual morava a alma do deus do Nilo (*Hápi*), ou de Osíris, ou ainda a do misterioso Ftah; alguns dizem que acudiam ao templo, formulavam a pergunta perante o deus e tapavam os ouvidos com as mãos, conservando-se assim até saírem do Santuário. Tiravam então as mãos de cima dos ouvidos e a primeira palavra que ouvissem era a resposta do deus. Este era o rito grego do *omen*, de que se ocupam os tratadistas. Outros deuses egípcios, como Amon em Tebas e no oásis do seu nome, também proferiam oráculos.

Mas, num sentido restrito, os oráculos são próprios do mundo grego. O mais célebre de todos, por ter gozado de universal prestígio, era o de Delfos.

Rendia-se ali culto ao deus Apolo, que era o deus da adivinhação e da profecia. Delfos era, para os Gregos, o «umbigo do mundo», o centro matemático da terra habitada. Foi ali que Apolo venceu a serpente Píton e, na realidade, nunca nos foi explicado, por forma a não deixar dúvida, se os oráculos eram devidos à inspiração de Apolo ou à inspiração da serpente. Nos textos grego e latino da Bíblia, chama-se «espírito pitónico» ao dos adivinhos pagãos ou supersticiosos (36). Os partidários do totemismo chegaram a afirmar que Apolo substituiu em Delfos uma serpente que ali era adorada anteriormente. Se — por uma casualidade — acertassem neste ponto os totemistas, de novo nos encontraríamos perante a serpente tentadora.

O certo é que, segundo os autores antigos, os oráculos eram proferidos em Delfos por uma sacerdotisa já entrada em anos, mas virgem, chamada Pítia ou Pitonisa — nome relacionado com Píton — que se sentava sobre uma arquifamosa tripode de ouro, à beira duma furna — que inevitavelmente recorda a boca do inferno — donde manavam vapores estupefacientes, devido aos quais ela entrava num tremendo delírio — «delírio pitónico» — com todas as características de uma possessão momentânea: «...Estava então cheia do próprio deus e do seu

espírito. Segundo a crença, o deus entra no corpo terrestre ou, melhor, a alma da sacerdotisa, «libertada» do seu corpo, percebe em espírito as revelações divinas. O que ela logo anuncia, «com a boca em fúria», é o deus que o expressa por ela. Quando diz «eu», é Apolo que fala àquele que o consulta. Aquele que vive, pensa e fala nela, enquanto está em frenesi, é o próprio deus» (37). São João Crisóstomo disse a respeito dela: «Desta sacerdotisa, a Pítia, diz-se agora que se sentava, com as pernas estendidas sobre a tripode de Apolo, e que o espírito mau, vindo debaixo, entrava nela deslizando pelos seus órgãos genitais e a punha em fúria, de tal sorte que, com os cabelos desgrenhados, começava a bater os dentes e a espumar como uma mulher ébria» (38). Por sua vez, Orígenes comenta: «Ninguém acreditará que um espírito divino enlouqueça até à fúria uma pessoa que há-de fazer presságios, a tal ponto que não saiba o que faz». (39)

Além da Pítia, a Antiguidade oferece-nos outras mulheres inspiradas e profetisas: as Sibilas, em número de doze: a Pérsica, a Líbica, a Déléfica, a Eritreia, a Epírota, a Cimeria, a Cumana, a Helespóntica, a Frigia, a Tiburtina, a Samiota e a Egípcia. Mas quase todas elas fizeram predições referentes a Jesus Cristo e à verdadeira religião, pelo que São Jerónimo crê que Deus recompensou a sua castidade com revelações.

Outro oráculo famoso era o de Dodona, onde havia um templo de Zeus, cercado por um bosque de azinheiras. Aquelas azinheiras falavam; quando o vento agitava a sua folhagem, ouviam-se palavras que respondiam às consultas. Diz-se também que quem respondia era uma estátua que batia nuns caldeiros de bronze, e que os sacerdotes interpretavam aqueles ruídos (40). Outros afirmam que a resposta do oráculo vinha escrita em lâminas de chumbo que os sacerdotes tiravam à sorte. Outros, como Pausânias, dizem que eram umas raparigas maravilhosas, mudadas em pombas — talvez as mesmas que, vindo do Egipto, resolveram construir o santuário de Zeus — quem proferia os oráculos (41).

Asclépio, filho de Apolo, tinha um oráculo médico no seu templo de Epidauro. Os doentes iam ali dormir e o deus revelava-lhes em sonhos as causas das enfermidades e os devidos remédios. Delírio (42), que expõe a natureza diabólica destes sonhos, põe ao lado do oráculo de Epidauro os de Serápis, Podalíro e Vénus Gázea, que respondia sobre matrimónios, e de cuja estátua foi lançado fora

um demónio por meio do sinal da cruz. Seria interminável e ocioso mencionar todos os oráculos antigos.

A tática do Diabo nos oráculos excluía, naturalmente, a mentira patente, que o teria descoberto e teria desacreditado uma instituição que tão útil lhe era.

Por isso, os oráculos diziam muitas vezes a verdade, pelo menos aparente, deixando o engano para aquelas circunstâncias em que a verdade se não poderia descobrir. No entanto, o mais vulgar era que, tratando-se do futuro, o Diabo procurasse não se comprometer com previsões que poderiam não sair certas, pois o Demónio, que tanto sabe, não sabe tudo. «Conseguem eles — disse Pedro Ciruelo (43), falando dos anjos maus ou diabos — ter um conhecimento muito claro de todas as coisas corporais, que são menos perfeitas que eles, por serem espíritos vivos. E assim têm conhecimento de toda a ordem do mundo corporal e de todo o curso da natureza. Sabem os movimentos dos céus e dos elementos, e conhecem a virtude das estrelas, os eclipses e as conjunções, e outros aspectos dos planetas. Conhecem as propriedades dos metais e pedras, das ervas, de todas as medicinas, dos peixes, das aves e dos animais da terra. Conhecem a astrologia, a filosofia e a medicina melhor e mais perfeitamente do que todos os filósofos e sábios que têm existido entre os homens. Donde se conclui que os demónios sabem muitos segredos que podem revelar aos homens que os servem.

«Mas há três espécies de coisas secretas: as passadas, as presentes e as futuras. Quanto às coisas já passadas no mundo, embora os homens as tenham esquecido, o Diabo tem-nas na memória, conhece-as quase todas, sabe quando e como aconteceram e pode narrá-las como um grande cronista. Visto que conserva tudo na lembrança, pode contar as histórias dos santos Patriarcas das primeiras idades do mundo, bem como as dos Hebreus, Gregos e Latinos e de todas as outras nações bárbaras, porque ele se achou em todas elas, em qualquer parte que tivessem acontecido.

«Outro tanto dizem das coisas que agora são presentes, pois a todas ele vê muito claramente, em qualquer parte do mundo onde estejam e por muito secretas e escondidas que sejam. Temos de exceptuar os pensamentos que estão no coração do homem, porque esses, ou não os podem ver, ou não permite Deus que os vejam, embora por alguns sinais exteriores os possam conjecturar e dizer

alguma coisa a tal respeito, não por ciência certa, mas por mera suspeita, e devido principalmente à grande experiência adquirida entre os homens. De todas as outras coisas presentes que há no mundo tem o Demónio conhecimento exacto e pode revelá-las aos seus servidores — nigromantes e adivinhos; e assim muitas vezes dizem onde há tesouros escondidos, onde há veios de água debaixo da terra, e muitas outras coisas secretas.

«Nas coisas que estão para vir, temos de apontar três diferenças. Uma não-de vir por curso da natureza, pois podem ser efeitos de causas naturais e procederão das virtudes e movimentos dos céus e estrelas, dos elementos e humores, ou de outros corpos naturais. É este o caso das plantas, pedras, animais, metais, etc. e dessas coisas o Diabo tem conhecimento certo pela astrologia, a filosofia, a medicina, e por outras artes e ciências que ele conhece melhor que todos os homens, por muito que estes estudem. E todas estas coisas pode o Demónio revelá-las aos maus homens que são os seus servos. Por isso vemos que os nigromantes e adivinhos dizem e acertam em que dias, meses e anos há-de chover ou nevar, tropejar ou cair granizo; quais deles serão frios, quentes, secos ou húmidos; quais serão serenos, nublados, claros ou escuros; quando haverá cometas, raios, terramotos, pestes entre os homens, nos gados e noutros animais da terra e do mar. E, falando dos enfermos, dizem em que dias e horas morrerão, ou se se não-de curar, indicando também o curso e alteração das doenças.

Outras coisas há que não-de succeder por vontade dos homens e que eles não-de fazer por seu livre alvedrio, tais como casas, edificios, vinhas, olivais, guerras, paz, casamentos, roubos, saques de cidades e vilas, e outras mil maneiras de tratos, compras, vendas, etc. Destas coisas não pode o Diabo ter conhecimento certo antes que aconteçam, porque dependem da vontade dos homens, que hoje poderão querer fazê-las e amanhã mudarão de ideias, e o Diabo não pode ter um conhecimento certo da alteração que possa haver no pensamento humano. É certo que, por algumas experiências dos tempos passados, o Diabo poderá formular algumas conjecturas, visto que conhece as amizades e inimizades dos homens e os pactos e acordos feitos por eles para determinadas épocas, bem como os seus complexos e naturais inclinações. E assim os tenta, causando-lhes muitos males, pois, sendo um espirito muito astuto, imagina, pouco mais ou menos,

o que virá a acontecer. Desta maneira faz as suas revelações aos nigromantes e adivinhos, acertando umas vezes e errando outras.

«Outras coisas há que não-de succeder por mera casualidade, sem que os homens pensem nelas ou haja, para as mesmas, quaisquer causas naturais. De tais coisas não pode o Diabo ter conhecimento certo, visto que, não tendo causas determinantes, podem acontecer das mais diversas maneiras. E ele não sabe por qual das formas acontecerão, a não ser quando procura que se juntem duas causas, ou saiba quando se juntarão para produzir determinado efeito, coisas essas que os homens não podem conhecer. De facto, muitas coisas são casuais para os homens, que não pensam nelas nem as prevêem, mas não são casuais para os Anjos, bons ou maus, que podem prevê-las antes que aconteçam. Portanto, se o Diabo sabe que em tal terra ou vinha há um tesouro enterrado, e por outro lado sabe que um pobre lavrador está contratado para ir cavar ou lavrar tal terra ou vinha, pode daí deduzir que em determinado dia o lavrador achará o tesouro. Assim, a descoberta desse tesouro será casual para o lavrador, mas não para o Diabo que já a tinha previsto. Há outros acontecimentos que são casuais para os homens e para os demónios, que de tais coisas não podem saber mais que os homens, e a maior parte das vezes erram, quando delas falam aos seus adivinhos. Só para Deus é que não há coisa alguma casual, porque Ele conhece e prevê todas as coisas antes que aconteçam. De tudo isto se conclui que o Diabo conhece algumas coisas com certeza, conhece outras por conjectura mas não com certeza, e de outras nada sabe. E, assim como as sabe, assim as pode revelar aos seus nigromantes e adivinhos».

Vemos, portanto, que, embora não seja tudo, é muito aquilo que o Diabo sabe, e é lógico que, apesar de algumas vezes se enganar, também habitualmente saiba o que pode ou não saber e, desta maneira, mesmo que em certas ocasiões o cegue a soberba, há muitas outras em que o salva a astúcia.

Por isso, aqueles oráculos que ele proferia em nome dos falsos deuses eram dados com precaução, e tal precaução revestia certos aspectos. Assim, procurava sempre que os oráculos fossem dificilmente inteligíveis, para que o consultante, se fosse enganado, se convencesse de que não tinha compreendido bem a resposta. Temos um exemplo disso na história de Teágenes de Tasos, que,

tendo obtido numerosas vitórias nos jogos, foi contemplado com uma estátua pelos seus concidadãos, quando morreu. Aconteceu que um inimigo seu ia todos os dias olhar essa estátua, enchendo-a de insultos e de impropérios. Um dia, quando ele a insultava, a estátua caiu-lhe em cima e esmagou-o. As leis de Drácon permitiam perseguir um homicida, mesmo que se tratasse de seres inanimados. Apelando para tais leis, os filhos do morto pediram justiça contra a estátua de Teágenes e os juizes condenaram-na a ser lançada ao mar. Pouco tempo depois sobreveio uma peste e, consultado o oráculo, este respondeu: «Voltai a chamar os desterrados». Chamaram-se os cidadãos desterrados, mas a peste não desapareceu. Voltaram a consultar o oráculo que, por fim, respondeu com clareza: «Restitui as suas honras a Teágenes». De facto, a estátua voltou para o seu lugar e a peste cessou (44).

Mas o desconcertante é que o Diabo, por meio dos oráculos, confessou, pormenorizadamente, a unidade de Deus e os mistérios da nossa fé.

Segundo Porfírio, perguntaram uma vez a Apolo de Delfos que coisa era Deus, e a Pítia deu esta resposta: «Deus é a fonte da vida, o princípio de todas as coisas e o conservador dos seres. Tudo está cheio de Deus; Deus está em toda a parte, ninguém o engendrou, sabe tudo e ninguém lhe pode ensinar coisa alguma, e não tem mãe. É inquebrantável nos seus desígnios e o seu nome é infável. Eis o que eu sei de Deus. Não procures saber mais; por muito sábio que sejas, a tua razão não poderá comprehendê-lo. O mau e o injusto não podem esconder-se d'Ele, visto que a habilidade e a desculpa nunca poderão iludir os seus olhares penetrantes».

Suidas relata que o oráculo de Serápis disse a Túlis, rei do Egipto. «Deus, o Verbo e o Espírito que os une não são mais do que Um — o Deus cuja força é eterna. Mortal, adora e treme, ou serás mais infeliz que o animal desprovido de razão» (45).

Grande invenção foi a idolatria, mas mais ampla e fecunda foi a magia. Mediante esta, o Diabo sujeitou de tal modo os homens que conseguiu ter sempre um grande número ao seu serviço.

Mas o que é a magia? A poucas coisas se tem dado tantas voltas. Aqueles que nela não acreditam, inventaram, para a explicar, um sem-fim de teorias, todas elas muito mais difíceis que a própria magia. Não sabemos, de facto, o que será mais disparatado: se a magia ou as

teorias dos homens de ciência a respeito dela. Dizer que a magia é falsa é muito fácil, mas o que, para já, parece impossível explicar é a razão por que, sendo falsa, os homens acreditam nela.

Na sua essência, a magia não é mais do que a falsificação do milagre. Há magia porque há milagres; se não houvesse milagres, não havia magia. A ninguém teria ocorrido semelhante coisa; os homens conservar-se-iam atidos ao curso regular da Natureza, se não tivessem visto factos que sobrepujam esse curso. Desde que os viram, estava no seu actual modo de ser que procurassem reproduzi-los.

Parece lógico que quem lhes sugeriu tal ideia e lhes proporelonou os meios tenha sido o mesmo que lhes prometeu que seriam como deuses, se comessem o fruto da árvore da ciência.

O Diabo procura inútilmente imitar Deus e quer fazer o mesmo que Deus fez. O que Deus faz de verdade, arremeda-o ele por meio da mentira. A todo o custo quer fazer milagres como Deus faz, mas, como tal não é possível, põe em jogo a sua ciência e os seus poderes preternaturais para realizar coisas que parecem milagrosas, e aqui temos nós a magia.

Nem toda a Magia é diabólica, pois há diversas espécies diferentes de Magia e os autores diferem grandemente na sua classificação. Distinguiremos aqui, em primeiro lugar, a *Magia Natural* e a *Magia Cerimonial*. A primeira é a que emprega meios naturais, embora desconhecidos da maioria dos homens, aproveitando propriedades ocultas dos metais, pedras, substâncias, ervas, animais ou forças naturais desconhecidas da ciência vulgar. O emprego desta espécie de magia é considerado lícito pela maioria dos moralistas. Própriamente, nada tem que ver, em si mesma, com o Diabo, embora possa ser este quem, em certas ocasiões, revele a esta ou àquela personagem os seus segredos.

Ao lado da Magia Natural podemos colocar a *Magia Artificial*, que não é verdadeira Magia, mas apenas ilusionismo. É apenas a arte dos prestidigitadores, que realizam aparentes maravilhas, mediante truques de destreza e de física recreativa.

Esta espécie de magia não é hoje mais que um espectáculo, mas parece ter tido grande importância na antiguidade. Elolao de Gadara, filósofo grego, escreveu um livro no qual descrevia e descobria os segredos dos sacer-

dotes. Isto deu azo a que alguns autores cristãos e sábios modernos tivessem denunciado aquelas fraudes. Imitavam as estrelas do céu por meio de escamas fosforescentes de peixes, projectavam sombras de personagens sobre o fumo espesso dos piveteiros, e empregavam uma complicada maquinaria para conseguirem efeitos de aparente magia. De uma câmara secreta partia um tubo acústico que ia dar à boca do idolo; pelo tubo falavam os sacerdotes, e os fiéis acreditavam que era o idolo quem falava. Alguns templos tinham na parte superior um jogo de roldanas e cordas, de forma que, quando a porta se abria, fazia cair num depósito de água uma espécie de casquete hemisférico ligado a uma trombeta, estando tudo dissimulado na espessura da parede. Quando alguém empurrava a porta, o ar comprimido entre a água e o casquete fazia soar a trombeta. No templo egípcio de Sais, os ídolos que havia sobre o altar arrojavam libações de vinho e leite, o que se conseguia graças à expansão do ar contido numa câmara, dentro do altar, quando se acendia o fogo para o sacrificio, visto que o ar impelia então o líquido das vasilhas que os ídolos tinham nas mãos. Pelo mesmo processo funcionava um altar de Cibele, que possuía o P. Kircher, no qual a deusa deixava cair leite dos peitos. Outras vezes acendiam-se apenas as tochas que os ídolos seguravam nas mãos, e então oscilava o solo do santuário, brilhava a lua no tecto e surgiam fantasmas e visões (46).

Esta aplicação da mecânica ao milagre e à Magia tem uma singularíssima importância: é a antecipação de uma magia chamada a transtornar o mundo no fim dos séculos. Ainda não chegou o seu tempo, mas a nossa técnica científica já está à vista.

Magia Cerimonial é a que opera graças ao poder dos espíritos bons ou maus, que ela pretende dominar por meio de ritos, cerimónias e palavras, ou pondo em acção, pelos mesmos meios, as forças da Natureza.

Temos, no entanto, de distinguir a *Magia Branca* e a *Magia Negra*. Da primeira fazem parte a Magia natural e a artificial, quando se trata de coisas boas ou indifferentes, e a cerimonial quando se opera por meio de espíritos bons. Diz-se que a Magia branca foi posta em prática — mais excelsamente do que por qualquer outra personagem — pelo rei Salomão, a quem se atribuem os livros fundamentais que dela tratam, como o *Segredo dos*

Segredos (o Poridat de Poridades), as Clavículas e o Tratado de Negromancia.

A Magia Negra é a que se exerce para mal do próximo, ou para satisfazer vícios ou paixões, operando com a ajuda dos demónios, depois de ter havido trato com eles. Este trato consiste na invocação, no esconjuro e no pacto. O pacto é um contrato entre o homem e o Diabo, e pode ser por uma das duas maneiras que os moralistas denominam *pacto explícito* ou formal e *pacto implícito*. Pelo que se refere à Antiguidade pagã, não se fala do pacto explícito, razão por que não nos ocuparemos dele aqui. O que é indubitável, neste caso, é o pacto implícito, que consiste no que veremos na devida oportunidade.

As obras de Magia em prejuízo do próximo chamam-se *malefícios*. Delrio (47) distingue três espécies: o *sonífero*, o *amatório* e o *hostil*, e debaixo destas rubricas trata dos filtros, da fascinação, dos venenos, do aborto, das figuras de cera, da doença e do incêndio, citando ao mesmo tempo inúmeras passagens de autores clássicos, nas quais todas estas obras de magia aparecem postas em prática no seu tempo.

A invenção da Magia é atribuída, por uns, aos anjos rebeldes que se uniram às filhas dos homens; por outros, a Cam, filho de Noé, que a ensinou a seu filho Mirraim, que foi chamado Zoroastres (48). «O primeiro que exercitou a arte mágica, que em grego se chama *necromancia* e em espanhol *nigromancia* — diz Pedro Ciruelo (49) — foi um tal Zoroastres, na Pérsia. Sucedeu-lhe Balaão, aquele cujo burro lhe falou, quando era conduzido para encantar o povo de Israel, e dessa terra e seita, longo tempo depois — conforme diz Santo Agostinho — vieram os Magos a Jerusalém, guiados por uma estrela para adorarem Nosso Senhor Jesus Cristo que acabava de nascer. Aquela arte, em tempos passados, exercitou-se também na nossa Espanha, que é da mesma constelação da Pérsia, principalmente em Toledo e Salamanca».

E o anotador Pedro António Jofren acrescenta o seguinte:

«Este Zoroastres foi Cam, filho de Noé, como refere Plínio, *lib. 30, natura. historiae, cap. 11, et lib. 11, cap. 42*, e mais elegantemente, Santo Agostinho, *lib. 21 de civita. Dei, cap. 14*, citado por Luís Vives, dizendo que foi o inventor das artes mágicas, Rei dos Bactrianos, e que logo ao nascer soltou grandes risadas, facto esse que representava uma monstruosidade contra o vulgar nas-

cer das outras pessoas, que nascem sempre chorando. Acrescenta ainda que o cérebro de Zoroastres palpitava tanto, quando ele nasceu, que repelia a mão de qualquer pessoa que lha pusesse sobre a cabeça, indício muito claro que havia de dar em extremos, pois não achou descanso em outro lugar. Viveu durante vinte anos no deserto, sustentando-se apenas de queijo, e tão temperado que não se apercebia do sabor. Com todas as suas artes diabólicas foi vencido por Nino, rei dos Assírios, e morreu dum raio, como também o alega D. Francisco Torrablanca de Magia, em defesa dos seus livros, no fim do livro, fol. 7, número 19, onde, com Martin del Rio, refere e deduz que não houve um só Zoroastres, mas muitos...» (50)

Com efeito, Sexto Siense distingue dois Zoroastres: um, rei da Pérsia e inventor da Magia natural; outro, rei da Bactriana e inventor da Magia negra. No entanto, há o dos orientalistas modernos e o dos mais modernos. Dos antigos, uns, invocando a autoridade de Beroso, confundem-no com Cam; o intérprete do Conde de Gabalis confunde-o com Jafet e talvez com mais certeza; diz que foi filho de Noé e de sua esposa Vesta, que depois de morta foi o génio tutelar de Roma, e irmão da ninfa Egéria, inspiradora de Numa Pompílio. Na verdade, pouco menos que o Diabo devia ser Zoroastres para se tornar tão célebre.

Pois bem: a Magia é uma arte, mas esta arte funde-se numa ciência que tem quatro partes: a *Astrologia*, que tem nome grego; a *Alquímia*, que tem nome árabe; a *Cabala*, que tem nome hebraico, e a *Magia* propriamente dita, que tem um nome cuja origem é desconhecida; talvez provenha de idioma primitivo, que os homens falavam antes da confusão das línguas, ou da língua que se falou no Paraíso Terreal. Conforme a tradição, a Magia foi inventada pelos Persas, a Alquímia pelos Egípcios, a Astrologia pelos Caldeus e a Cabala pelos Judeus.

Se Satanás se empenha em imitar o milagre, empenha-se também em imitar a profecia e, quanto a isto, sendo difícil o acesso aos oráculos, Satanás mostrou-se pródigo na vulgarização. Por meio das inúmeras artes divinatórias, que receberam dos Gregos o nome genérico de *Apotelesmática*, pôs o conhecimento do futuro ao alcance de todas as eventualidades e de todos os entendimentos.

Delrio (51) cita muitas destas artes, mas não todas. Sem o copiarmos integralmente, daremos uma lista expressiva: começa pela *Necromancia*, ou interrogação dos mortos; a *Hidromancia*, ou adivinhação pela água — que é de muitas espécies; a *Lecanomancia*, também pela água; a *Gastromancia*, pelo reflexo da luz na água; a *Catropromancia*, pelos espelhos mágicos; a *Cristalomancia*, pelos cristais; a *Dactilomancia*, por meio de anéis; a *Onicomancia*, pelas unhas; a *Coscinomancia*, por meio duma peneira; a *Aeromancia*, pelos ares; a *Axinomancia*, por um archote; a *Cefalomancia*, por uma cabeça de asno; a *Cleidomancia*, por uma chave; a *Aruspicação*, pela observação da vítima do sacrificio; a *Extispicina*, ou *Hepatoscopia*, pelas entranhas da vítima; a *Piromancia*, pelo fogo; a *Capnomancia*, pelo fumo; a *Libanomancia*, pelo incenso; a *Tefranomancia*, pelas cinzas; a *Oinomancia*, pelo vinho; a *Critomancia*, pelos pães e tortas; a *Tiromancia*, pela cera; a *Antropomancia*, pelas entranhas humanas; a *Dafnomancia*, pelo loureiro queimado; a *Botanomancia*, pelas ervas; a *Onfalomancia*, pelo cordão umbilical; a *Muniomancia*, pelas secundinas; a *Litomancia*, pelas pedras; a *Rabdomancia*, por meio de varas; a *Lampadomancia*, pela luz de uma lâmpada e a *Partenomancia*, por uma rapariga virgem...

Vêm depois os *Agouros*, tirados dos fenômenos atmosféricos, do voo e movimento das aves (*ornitoscopia*), do apetite dos frangos sagrados (*tripudium*), dos quadrúpedes, das vozes (*omen*), dos monstros e prodígios...

Citemos também as *sortes*, deitadas de mil maneiras distintas: *palomancia*, *petromancia*, *astragalomancia*, *cubomancia*, *rabdomancia*, *geomancia*, *electromancia*, *onomancia*, *aritmancia*, a que é preciso juntar a *cartomancia*, que é atribuída ao povo errante dos Zingaros, ciganos, húngaros e boémios.

Temos ainda as diversas espécies de *conjecturas*, tiradas dos astros, elementos, meteoros, plantas, árvores, animais, etc., e dos sonhos — a *Fisiognomónica* e a *Quiromancia*.

Naturalmente, no meio de tanto ardil como o Demónio inventou, nem tudo é indigno de atenção nem de precaução; mesmo que pareça simplesmente divertido, nada na intenção de Satanás é inocente, assim como também nenhuma das suas mentiras o é completamente, porque,

se o fosse, nem ele poderia enganar, nem, por outro lado, a sua imaginação é tão ilimitada e livre que possa sair completamente fora dos contornos fundamentais do que é natural. Assim, à invenção de tão curiosas e, por vezes, tão ridículas futilidades não deixa de presidir a ideia certíssima de que tudo no mundo tem alguma significação, e de que tudo no mundo tem um sentido mais elevado do que aparenta. Mas o mais alto sentido das coisas está no Pensamento Divino; tentar penetrá-lo por estes meios é o que constitui, nas artes divinatórias, blasfémia e pecado.

IV

ISRAEL E O DIABO

Entre todas as nações entregues à idolatria, Deus escolheu um povo e reservou-o para si. Escolheu os pastores que viviam «debaixo das tendas de Sem».

Por que motivo, portanto, depois de tantos séculos, se acredita em França que os pastores têm trato com o Diabo? Deus, quando escolheu os pastores, pensava certamente em Abel. Por que se diz então que os pastores são hábeis em malefícios, que é perigoso passar sem os saudar, que extraviam os viajantes, desencadeando tempestades sobre eles e fazendo surgir precipícios sob os seus pés? Por que razão, nos grimórios, se ensinam os segredos da feitiçaria dos pastores? Não podemos esclarecer aqui este mistério.

A verdade é que a fidelidade daqueles pastores escolhidos não foi exemplar. Depois que Jacob se estabeleceu no Baixo Egipto e depois que a sua posteridade se modificou, quis o Diabo que todos eles admirassem os prodígios daquelas terras: poços e canais, jardins com palmeiras e deliciosas frutas; casas de madeira e de cana, pintadas de alegres cores; mastros com bandeirolas que ondeavam ao vento; móveis leves, com patas de animais, de linha elegante, de madeiras preciosas e marfim com adornos de bronze; jóias de ouro e de prata com pedras talhadas em figura de escaravelhos; brincos enormes e fartos colares; peitorais preciosos, com figuras feitas de turquesas e lápis-lazúli; cabeleiras tingidas de anil e adornadas com frescas flores de loto; estátuas enormes, que falavam ao nascer e ao pôr do sol; pirâmides colossais, que encerravam todos os mistérios do céu e da terra;

templos com enormes figuras cobertas de hieróglifos, rodeados de avenidas de esfinges, por onde deslizavam vistosas procissões e falanges numa perfeita formação com o cadenciado passo militar; caixas e vasos cheios de perfumes e adornos; rolos de papiro que encerravam um misterioso saber; pequenas estátuas de extraordinária perfeição; carros com cavalos empenachados e ajaezados com brilhantes gualdrapas; tecidos de linho transparente; celeiros a trasbordar; navios carregados de mercadorias preciosas; guslas e pandeiros que acompanhavam a dança de formosas bailarinas... E os homens que faziam todas aquelas coisas adoravam ídolos.

Os filhos de Israel adoraram, portanto, os ídolos dos Egípcios.

A saída do Egipto sucedeu uma coisa extraordinária: a adoração do Bezerro de Ouro. Quem era o Bezerro de Ouro? Uns dizem que era o Boi Ápis, outros que era a sabedoria alquímica, e outros, o próprio ouro. Ao certo ninguém o sabe. Sabe-o muito bem o Diabo, mas não o diz a ninguém. Há nisto uma profundidade que nos apavora, como no mito de Prometeu. Mas, no fundo, trata-se de uma tremenda operação diabólica. Os Israelitas afeiçoaram-se a deuses estrangeiros. Adoraram a Moloch, deus dos Cananeus; a Belfegor, deus dos Madianitas; a Chamos, deus dos Moabitas; a Astarte, deusa dos Sírios; a Dágon, deus dos Filisteus, e a Pá, deus dos Gregos. Só a paciência de Deus com a ingratitude e a cegueira daquelles homens pôde levar por diante o propósito da vocação de Abraão.

O Diabo esforçou-se quanto pôde. Israel avançou lentamente, guiado pela mão de Deus, para o destino que Deus lhe havia preparado, deixando ao passar, nas garras do Demónio, carne da sua carne e sangue do seu sangue. Foi necessário que as constantes prevaricações fossem compensadas com virtudes heróicas. A epopeia de Israel é uma luta constante com o Diabo.

Os Hebreus conheceram muito bem os diabos; souberam da resistência de Job, da obsessão de Saul, dos pecados de David, das veleidades idólatras de Salomão, da rebeldia de Jeroboão, das crueldades e recaídas de muitos reis, do sucesso da esposa do jovem Tobias...

O Diabo era chamado Sátan, Belial, Azazel, Samael e Senjaza; mas os escribas, e mais tarde os rabinos, inventaram extraordinárias histórias acerca dos diabos.

Diziam que os diabos tinham sexo e acto gerador. Por isso, tinham filhos e o seu número aumenta sempre, porque nascem e não morrem. Além disso, unem-se com os homens e com as mulheres. Segundo uma lenda, Samael, príncipe dos diabos, seduziu Eva e coabitou com ela antes de Adão. Nasceram então uns seres que eram semi-homens e semimulheres. Outros dizem que foi Adão quem coabitou com Lilith, e outros ainda afirmam que ambas as uniões se realizaram depois do pecado e duraram até ao ano 130 da Criação, em que Deus perdoou a Adão e Eva; foi então que viveram juntos e tiveram a Abel e Caim. No entanto, também se diz que Caim foi filho da união de Eva com um incubo.

Os demónios são terrivelmente luxuriosos. O seu pecado foi, segundo muitos, o pecado da luxúria. No *Livro de Henoch* conta-se a História dos Filhos de Deus e das Filhas dos Homens.

Os *egregón* eram os valentes entre os anjos rebeldes. O seu chefe era Senjaza e eram em número de duzentos. Com Senjaza iam, como chefes, outros dezanove. Desceram e apoderaram-se das Filhas dos Homens. Ensinarão os homens a fundir os metais, a fabricar armas de guerra, a cunhar moeda, a preparar adornos e jóias, e compor enfeites e pinturas para o corpo. Ensinarão as virtudes dos simplices, a composição dos venenos, as artes da fascinação, do encantamento, da astronomia e da adivinhação.

Os anjos bons, comandados por Miguel, Gabriel, Rafael e Uriel, deram a Deus notícia do que acontecia e Deus enviou o Dilúvio. Deus disse a Rafael:

— Amarra Azazel, carrega-o com cadeias, e precipita-o nas trevas, no mais profundo do deserto de Dudall; depois cobre-o com um montão de pedras, para que não veja a luz e, no dia do Juízo, será lançado no fogo eterno.

Deus disse a Gabriel:

— Marcha contra os Gigantes e faz com que eles se batam e se matem mutuamente, de forma que não fique um único sobre a terra.

Deus disse a Miguel:

— Quando Senjaza e os seus sequazes tenham sido testemunhas da morte de seus filhos, amarra-os com cadeias às árvores dos bosques, e ali permanecerão durante setenta gerações, até ao dia do Juízo. Então serão precipitados no caos eterno, onde há fogo que nunca mais se extinguirá. E os homens que com eles tenham

estado ou os tenham imitado, serão também precipitados nessas tenebrosas prisões (52).

Quando a Sinagoga repeliu o Messias, caiu praticamente nas garras do Diabo. Satanás obteve um dos seus mais assinalados triunfos; aqueles para quem estavam reservadas as primícias do Evangelho negavam-se a aceitá-las; o povo de Deus caía em seu poder. É possível que Satanás se esquecesse de que estas coisas estavam profetizadas.

Satanás ocupou-se preferentemente dos rabinos e muitas vezes se sentou nas suas cadeiras. Desde que não conseguiu ir pervertendo a tradição de Moisés, ao menos conseguiu fazer-lhes perder tempo com uma multidão de questões ociosas, hipóteses absurdas, decomposição e recomposição de palavras, intermináveis discussões, subtilidades inconsistentes, e as mais inacreditáveis ninharias. De tudo isto resultou o *Talmude*, maçada gigantesca com que o Diabo anda a burlar durante séculos a inesgotável paciência dos Judeus, obrigando-os a aguentar a leitura do livro mais indigesto do mundo.

Mas os Judeus não podiam ser privados da sua veneração pela Lei de Deus, pela Tora que Moisés lhes deixara. Disse-se, entre eles, que, quando Moisés morreu, os diabos e os anjos disputaram o seu corpo. Os anjos venceram e esconderam o corpo do Santo Legislador. Agora os diabos, que haviam perdido a alma e o corpo de Moisés, procuravam apoderar-se da sua herança (53).

Não podendo afastar os Judeus da Tora, Satanás concebeu uma ideia tão engenhosa como maligna: fazer-lhes ver que a Tora era superior a Iavé e que a Lei de Deus era mais que Deus. O próprio Deus estava sujeito à Lei; fora na Tora que Iavé aprendera a criar o mundo, e todos os dias Iavé lê a Tora, porque ela é o seu conselho e o seu plano (54). A Tora é anterior à criação: é eterna (55)... Não foi esta ideia um êxito para Satanás em todos os casos, mas deu origem a outros pensamentos extravagantes.

A Tora tem, indubitavelmente, um sentido que todos podem compreender, mas, além disso, tem um sentido oculto, acessível apenas aos iniciados. Esse sentido oculto, esotérico, é revelado pela Cabala, isto é, a tradição dos sábios.

Na Cabala há uma confusa e emaranhada mescla de verdades e mentiras. É como uma espada de dois fios; um deles pertence, possivelmente, a Deus; o outro per-

tence ao Diabo. Por isso, é a mais perigosa das ciências (56). Há outras, como as ciências naturais modernas, que, por não terem nada bom, podem inclusivamente ser manejadas sem perigo; na sua inanidade, podem ser consideradas como indiferentes. Mas não acontece assim com a Cabala, na qual o Diabo misturou tantas coisas que, quando dela se tira uma verdade, é raro que não traga agarrado algum espírito maligno. Diz-se que apenas quatro doutores conseguiram penetrar nos altos mistérios da Cabala e, destes quatro, um morreu, outro endoideceu e outro renegou a sua fé (57).

Segundo a Cabala, quando Deus criou o mundo, não acertou a princípio com as formas. Antes de chegar a produzir o mundo actual, Deus fez inúmeros ensaios que não deram resultado. Como esses mundos não tivessem saído bem, e como Deus não estivesse satisfeito com eles, tratou de os destruir. As suas formas foram desfeitas e postas de lado.

Diz uma lenda que Deus foi criando formas que oferecia aos espíritos, mas estes diziam: «Não habitaremos nelas...». Então Deus punha à margem tais formas e criava outras mais perfeitas. Mas os espíritos rejeitavam-nas da mesma maneira e diziam: «Não habitaremos nelas...». Por fim, Deus produziu a forma humana e os espíritos exclamaram: «Sim, nesta habitaremos...». As anteriores, que foram postas de lado por os espíritos as não quererem, ficaram vazias: são os *Klippoth*, os «carrões».

Foi nestes *Klippoth* que se introduziram os demónios, ou, melhor ainda, estas formas rejeitadas é que são os próprios diabos.

De facto, o mundo actual a que se chegou depois de numerosas criações e destruições, não é ainda perfeito, porque inclui ainda o mal. Isto é porque o mal é inseparável da matéria, ou porque procede do enfraquecimento progressivo da Luz Divina que, com a sua emanação, criou o mundo. Ou ainda o mundo material é um reflexo desfigurado de Deus nas águas dispersas do Caos. Pensemos no difícil símbolo dos Anciãos da Cabala, o *Macroprosopos* e o *Microprosopos*, um branco e outro negro, sendo este a imagem invertida daquele — *quod superius Macroprosopus: si quis inferius, Microprosopus* (58). Da imagem de Deus que se levanta lentamente sobre a matéria e se reflecte nela como num espelho, pode-se chegar,

segundo alguns intérpretes da Cabala, à ideia blasfema de que *Daemon est Deus inversus*.

Sem embargo, os diabos são o refugio da Criação, os *Klippoth*, os «cascarrões». O mal é representado como uma casca e como uma escória.

Há um mundo do mal habitado pelos *Klippoth*. O universo actual, no qual vivemos, compõe-se de quatro mundos, a saber: mundo da emanação, onde habitam as supremas inteligências; mundo da formação, ou das esferas celestes, animadas por anjos; mundo da criação, habitado pelos anjos, com o seu chefe Metatrão, e o mundo material habitado pelos seres corpóreos. No mais profundo deste mundo material encontra-se a mansão dos *Klippoth*, os anjos rebeldes, que têm como chefe Belial, oposto a Metatrão.

Os diabos, quando querem, comunicam a sua ciência aos homens e, mediante o conhecimento desta ciência, podem-se operar maravilhas. É particularmente importante o conhecimento dos seus nomes, por meio dos quais podem ser dominados e postos ao nosso serviço.

Também se dominam com o poder dos nomes dos anjos, dos nomes de Deus e das palavras da Tora. A Cabala pode chegar, por combinação de números e letras — *notariqon*, *tehmura*, *gamatria* — a encontrar palavras desconhecidas a que os espíritos obedecem. Esta arte de dominar, por meio de palavras, os anjos e os demónios, é a Magia.

Os Judeus praticaram a Magia com grande entusiasmo e não se sabe quão grande foi a sua influência na difusão das ideias mágicas nos povos cristãos.

Terceira parte

○ Cristianismo

I

«TIBI DABO»...

Satanás havia, portanto, submetido os homens ao seu império, mas aproximava-se o momento em que esse império havia de terminar.

Nascera Jesus em Belém de Judá, lugar assinalado pelas profecias, e o seu nascimento foi acompanhado de prodígios. No entanto, é possível que as inquietações de Satanás se fossem dissipando, ao ver que, desde há muitos anos, Jesus levava em Nazaré a vida apagada de um pobre operário.

Mas aconteceu que, tendo Jesus trinta anos, saiu de Nazaré e de casa de seus pais e encaminhou-se para as margens do Jordão, onde pregava São João Baptista e anunciava o reino de Deus e o Messias. E tendo sido baptizado por João, abriu-se o céu sobre Jesus, desceu o Espírito Santo sobre Ele e a voz do céu exclamou: «Este é o meu Filho muito amado, no qual ponho as minhas complacências».

E logo Jesus se dirigiu para o deserto de Judá, que é uma horrível paragem. «Nunca — disse um viajante — vi e percorri mais horrorosa e desagradável região. O deserto da Arábia Petreia e Egipto, com as suas dunas e penhascos isolados, parece um cemitério cheio de misteriosas pedras cadavéricas, por onde o viajante passa sem terror; mas o deserto que se estende de Jericó a Jerusalém assemelha-se ao leito mortuário, onde a última chispa de vida luta com a morte e está prestes a extinguir-se, sem forças sequer para se apagar. O que é para o ouvido o estertor do moribundo que luta rudemente

com a morte, é para a vista a figura e a cor das raquíticas plantas e dos famélicos animaizitos que morrem desfalecidos. O peito sente-se oprimido pelo ardor asfixiante do meio-dia, como se se tratasse dos cálidos vapores dum forno (1).

«Não pode imaginar-se nada mais triste — diz um peregrino espanhol — do que o caminho que fomos percorrendo. A vida fugira daqueles sítios. O negro pó que o vento levantava dos cumes estéreis cobria-nos os caminhos como um pano mortuário. Nem árvores, nem plantas, nem o canto das aves distraíam a vista ou o ouvido. Apenas encontrámos uma alma viva, o que nos trouxe à memória as palavras de Isaías: «Destruídos são os caminhos, cessou o que passava pela vereda» (2).

Jesus dirigiu-se ao deserto, para ali ser tentado pelo Diabo. Vai, assim, em busca da tentação, submetendo-se de antemão a ela, porque, como diz Santo Agostinho (3): «O Imperador consentiu em ser tentado, para que ensinasse o soldado a lutar». E Santo Ambrósio (4): «O Senhor de tudo consente em ser tentado pelo Diabo, para que todos aprendamos a vencer n'Ele». A tentação realiza-se no deserto, símbolo da terra amaldiçoada por Deus depois do pecado de Adão, e antítese do Paraíso (5).

Foi num monte que hoje se chama da Quarentena, perto de Jericó e da fonte de Eliseu. Há ali um deserto de montes calvos e profundos barrancos entre rochas, com tremendos abismos, e uma terra cinzenta e árida, sem um fio de erva. O monte eleva-se a uma altitude de quinhentos metros sobre a planície de Jericó; os declives são verticais e a subida torna-se extremamente difícil. Dela diz o P. António del Castillo: «A subida será de duas milhas, tão áspera que não se pode pintar nem imaginar, porque, em muitas partes, sobe-se como quem trepa por uma muralha acima. De quantos fomos naquele ano, apenas catorze pessoas subiram até à cova onde Cristo esteve; das outras, umas ficaram na falda do monte, outras subiram até meio e outras deixaram-se ficar por aqueles penhascos, conforme o ânimo que tinham. Com cordas finas amarrei a mim os apetrechos para dizer missa; levava o missal, a casula e as galhetas, ao mesmo tempo que outros levavam outras coisas. Mas a subida não é o mais dificultoso; a descida é bem mais árdua e causa grande confusão e temor. A subida, como se vai olhando sempre para o céu, não é tão má;



5. Miguel pesando almas

Obra aragonesa — Século XV — Museu de Barcelona



○ Diebo no Inferno

Formenor do relábulo de Igreja de S. Miguel
(século XVI) — Jerez de la Frontera

mas, quando se desce e se olha para baixo, a profundidade é tal que as pessoas parecem pigmeus e a cabeça anda-nos à roda como se fôssemos a cair. No entanto, parece que Deus concedeu uma graça a este santo monte, pois não há notícia de que alguém tenha caído».

Há ali uma gruta, com uma janela para o Oriente «que cai sobre o abismo e cuja vista horroriza e dá vertigens, pois a montanha naquela parte desce a pique como uma imensa muralha roqueira, até se perder no leito profundo dum barranco» (6).

Nela habitou Jesus durante quarenta dias e quarenta noites de rigorosíssimo jejum; durante este tempo «nada comeu» (7) e «estava como os animais do deserto» (8). Passados os quarenta dias teve fome (9).

Era, pois, a ocasião para o tentador. Sob o ponto de vista de Satanás, era a ocasião para a prova decisiva, o momento mais solene da sua vida, da sua malfadada imortalidade... «Satanás, apesar de viver no mundo dos espíritos, está privado da vista de Deus, pelo que não pôde apreciar a sua presença em Jesus. Por outro lado, apercebeu-se da santidade que n'Ele resplandecia e compreendeu que Ele pretendia fundar na humanidade um Reino de Deus. Viu, portanto, que por essa razão devia fazer muita guerra a Jesus, pois o seu triunfo redundaria no fracasso próprio. Satanás é astuto; aproxima-se de Jesus e procura despertar-lhe sentimentos de vaidade, com os quais, e sob a sua dissimulada direcção, quer acelerar os acontecimentos, adiantando-se à moção de Deus. Deste modo, o Demónio desde o princípio tomaria uma espécie de direcção de todo o plano, supondo que poderia fazê-lo desviar em mau sentido e fazê-lo fracassar. Foi isto o que o moveu a tentar Jesus» (10).

«Satanás lembra então as palavras vindas do céu: «Este é o meu Filho muito amado». Mas não sabia o sentido em que tais palavras eram applicadas a Jesus, visto que desconhecia o Mistério da Encarnação; e da natureza e vocação de Cristo só lhe era dado conhecer aquilo que Deus consentia. Mas por tudo aquilo que até então pudera entender, suspeitava que o destino de Cristo devia ser sumamente elevado e extraordinário e que talvez Ele fosse o Messias. Com a tentação procurava pôr tudo a claro e, se fosse possível, fazer fracassar a missão de Jesus» (11).

Se não fosse assim, se Satanás soubesse inteiramente do que se tratava, a sua audácia ao tentar o Filho de Deus teria assumido uma grandeza tão extraordinária,

que nos deixaria surpreendidos e nos teria obrigado a formar dele uma ideia diversa.

Mas, mesmo nesta ocasião suprema, se deu a conhecer a limitação do seu poder e a sua torpeza. Foi uma prova indubitavelmente temerária, um tanto ou quanto ás cegas, uma espécie de aposta feita consigo mesmo...

Jesus «não pôde ser tentado como Deus; mas, sendo também verdadeiro homem, pôde sê-lo como tal. Como homem, tinha faculdades imaginativas ou sentidos interiores, nos quais actua a tentação. No entanto, Jesus não a sofreu da mesma maneira que nós. De facto, dentro da vontade do homem desencadeia-se uma luta, que pode decidir-se em qualquer dos dois sentidos que cada parte reclama: Deus com a graça amorosa e o Diabo com a sugestão. No entanto, a vontade de Jesus Cristo estava de tal forma influída pela divindade, com a qual se unia a humanidade numa só pessoa, que nela não poderia ser eficaz nenhuma outra sugestão. Desta maneira, Jesus não sentiu de forma alguma o influxo do Demónio na sua vontade». (12)

«A primeira tentação dirige-se à concupiscência dos sentidos. Supondo Satanás que Jesus era mero homem, tratou de aumentar-lhe a necessidade natural de alimentos, convertendo essa necessidade num desordenado apetite; quis também fazê-l'O esquecer de que Deus o havia conservado miraculosamente durante quarenta dias, e assim procurou incitá-l'O a operar um milagre por capricho e sem necessidade» (13).

Disse, pois, a Jesus:

«Se és Filho de Deus, diz a estas pedras que se convertam em pão» (14).

Mas Jesus respondeu-lhe:

«Nem só de pão vive o homem, mas também de toda a palavra que sai da boca de Deus».

«Jesus alega os quarenta anos que Israel peregrinou pelo deserto, maravilhosamente alimentado por Deus, e as palavras com que Moisés recordava ao povo escolhido a solicitude de Deus em acudir em socorro dos seus com um milagre da sua divina omnipotência (*Deut.* 8, 3) (15).

Depois disto, o Diabo transportou Jesus para a cidade santa de Jerusalém e, fazendo-O subir ao cimo do Templo, falou-lhe assim:

«Se és Filho de Deus, deita-Te daqui abaixo, pois está escrito que Ele Te enviará os Seus anjos, que Te tomarão

em suas mãos, para que não tropeces contra alguma pedra» (16).

O tentador aduziu também a palavra de Deus (*Salmo 90, 11, 12*), mas torcendo-lhe e falseando-lhe o sentido. O salmo fala do justo que, nas suas necessidades e apuros, espera em Deus e n'Ele confia. Satanás cita a passagem para com ela mover Jesus a procurar a Sua glória e incutir-lhe uma orgulhosa temeridade» (17).

Replicou-lhe Jesus:

«Também está escrito: Não tentarás ao Senhor teu Deus».

Assim se diz no *Deut. 6, 16*.

Então o Diabo levou Jesus para o alto dum elevadíssimo monte, mostrou-Lhe todos os reinos da terra e a sua glória, e disse:

«Todas estas coisas Te darei, se, prostrado, me adorares» (18).

«Satanás não só mostrou a Jesus o que, por via natural, se alcançava lá de cima, mas também tratou de ampliar a visão e o efeito que ela poderia produzir em Jesus, quer por meio de palavras, quer por uma miragem, quer, finalmente, influenciando na fantasia do tentado. É aqui que Satanás se dá a conhecer às claras. Procurou afastar Jesus da vocação messiânica e fazer de Cristo um Anticristo que, em vez de fundar o reino celestial, contribuiria para estabelecer o reino do Demônio. Para isso, apelou para o *desejo de dominar* que supunha existir n'Ele, para o desejo dos bens terrenos, para a cobiça e para a concupiscência dos olhos, que tão facilmente rendem os corações dos homens» (*Efés. 5, 5; 1, Tim. 3, 7; 6, 9; cfr. Eccl. 10, 9*) (19).

Respondeu então Jesus:

«Afasta-te Satanás, porque está escrito: adorarás ao Senhor teu Deus e só a Ele servirás».

Expusemos até aqui o que nos refere o Evangelho — e era necessário repeti-lo por ser este o momento supremo da vida do Diabo, como tal diabo, desde que o é — e o comentário feito pelas autoridades da Igreja.

Vamos, porém, fazer agora o nosso comentário, sem autoridade nem pretensão de exegetas ou moralistas.

São três as Tentações. Nas duas primeiras, parece que Satanás quer assegurar-se se Jesus é o Filho de Deus. Como Jesus não lhe responde tal como ele quer, Satanás aventura a terceira. Cada uma das três tem o seu sentido, que nos dará a conhecer Satanás.

Primeira Tentação: «Faz que estas pedras se convertam em pão». O Diabo não sabe converter em pão as pedras, mas sabe fazer que as pedras passem por pão.

Segunda Tentação: «Atira-te daqui abaixo...». O Diabo sabe preservar alguém do perigo? Está muito espalhada a ideia de que aos meninos os guarda o Diabo, para que não morram antes do uso da razão e se salvem. Nós, sobre isto, não temos uma opinião formada.

Terceira Tentação: «Tudo isto te darei, se me adorares». Saber fazer-se adorar é coisa que o Diabo muito bem sabe; mas dar não dá, porque não tem que dar. Tudo quanto dá é ilusório; o seu pão são pedras; a sua guarda é um apelo à condenação; o seu mundo, com os seus reinos e cidades, não passa de uma quimera enganosa que se desvanece ao cantar do galo. É tudo um disforme arremedo da verdade.

As três tentações de Jesus devem ter um significado mais profundo. Dmitri Merejkowski, compreendendo que aquelas três tentações devem ser exemplares e paradigmáticas, cheias de ensinamentos para nós, pois supõe que o Diabo tenta o homem do mesmo modo que tentou o Homem-Deus, trata de aclarar o seu sentido.

Assim a primeira, a *Tentação do Pão*, significa «o poder do homem sobre a natureza: a ciência mecânica, a magia, o milagre do Não-Eu, o fim dos sofrimentos físicos no mundo».

A segunda, a *Tentação do Voo*, significa «o poder do homem sobre o seu próprio corpo, a liberdade». Naturalmente, a liberdade de agir, a liberdade externa, o milagre do Eu.

A terceira, a *Tentação dos Reinos*, significa «o amor que une cada indivíduo a todos os outros, o milagre no Eu e no Não-Eu. Quer dizer: a filantropia e a utopia.

Merejkowski interpreta a seu modo um lugar do Evangelho. Nós podemos interpretar, por nossa vez, a Merejkowski e dizer que as três tentações resumem os ideais progressistas e revolucionários.

Papini comenta também a seu modo Merejkowski e só aceita a interpretação da primeira tentação. «Satanás renegou do espírito; é apenas matéria e não pode ter como objectivo senão triunfos materiais». Em outro lugar fala do *pão sem suor*. Deus disse: «Comerás o pão com o suor do teu rosto». «Faz que estas pedras se convertam em pão» — disse Satanás. Mas agora o comentário é a favor do Diabo; quer libertar o homem do suor? Quer

fazê-lo por remorso do suor humano? Então quererá isso e seria um Redentor material, amigo do homem... Sermos remidos pelo Diabo não seria mais que a inversão total: estamos perto do Cainismo.

Na segunda, diz Papini, agora com melhor sentido, que se profetiza o voo do homem, «sonho de Icaro a Simão Mago» (podia dizer até Leonardo. Não é Papini de Florença? Não tinha uma revista intitulada *Leonardo?*). Assim, o voo deriva de inspiração de Satanás (é Papini quem fala) «como anunciava o Apocalipse, o fogo desce já do céu, porque os homens aprenderam a voar». Na terceira entramos (finalmente) na política: ditadura única (vamos cair na reprovação dos totalitarismos... a moda). De repente faz-nos levantar da cadeira. «Duas confederações esperam o Armagedon final». Agora sim... Mas não: «Com isto sonharam Dante, Campanella, Leibniz e Kant, que não eram possessos». Novamente nos sentamos e, claro, com certa razão, mas... valia mais manter-nos de pé (20).

Satanás pode criar numerosos mundos na imaginação do homem e, de facto, cria para cada um conforme a sua natureza. Projecta os cristais da sua lanterna mágica e faz que os astrónomos vejam longínquos mundos sem fim, onde flutuam sóis imensos e nebulosas pululantes; mundos de átomos, protões, iões e electrões, para os físicos; mundos de ideias, para os filósofos; mundos de utopias, para os políticos; mundos de fama e de glória, para os artistas; mundos de delícias, para os amantes; mundos de prazeres, para os devassos; mundos de riquezas, para os que se entregam a negócios e para os poucos avaros que ainda há sobre a terra.

Há um conto em que uma princesa, bruxa e endemoninhada, visita todas as noites, numa caverna, um poderoso feiticeiro, ministro de Satanás. O feiticeiro senta-se no seu trono, com a sua coroa de marfim, e comparecem os cortesãos que vêm render-lhe as suas homenagens. Quando entram, vistos de longe, aqueles cortesãos oferecem um imponente aspecto, com os seus esplêndidos penachos e mantos régios, as suas bandas e veneras, as suas luzentes armas, os seus bastões cobertos de borlas. Mas, quando se aproximam, vê-se que são apenas cabos de vasoura encimados por grandes cabaças. Assim o Diabo engana os homens com as suas miragens, criando múltiplas esferas de ilusão, em cujo interior não há mais do que a inconsciência do frágil, a armadura do falso, como

naquela imponente estátua de um deus antigo, bellissima por fora, mas que no interior estava cheia de ratos.

A partida estava perdida, mas não abandonada. Foi como se o Diabo se encontrasse empenhado num compromisso de honra desde a Tentação no Deserto. Converte-se então numa potência histórica de primeira ordem que, com esforço sobre-humano, faz cambalear a sociedade e a Igreja. Como já não há segredos nem símbolos, mas sim factos com os quais a Cidade de Deus patenteia a sua existência, o Diabo pode apresentar-se tal qual é para organizar a sua, ou pode vestir-se de teólogo para se introduzir na Igreja. A cidade de Satanás tem agora uma cronologia que se conta pela Era de Cristo.

Nos séculos I, II e III, Satanás põe-se ao lado do Paganismo e entrega aos Césares a sua defesa. Sobrevêm as Dez Perseguições.

No século IV, chega a organizar o Paganismo na Igreja, que acaba por se lhe ir das mãos para Juliano o Apóstata. Entretanto, preparou uma heresia tão poderosa — a de Ario — que sobe ao trono dos Césares e por pouco não subiu ao dos Papas. O arianismo pôde ser o substituto do Paganismo, mas não o foi.

No século V, como o Império se fizera cristão e católico, Satanás moveu contra ele os Bárbaros e fê-lo desaparecer.

No século VII, também os Bárbaros eram cristãos e católicos. Então Satanás fez surgir Mafoma e pôs meio mundo na mão dos seus sequazes, fez cair os lugares Santos nas suas mãos e introduziu-os na Espanha.

No século IX, a Cidade de Deus, a Cristandade, novamente se organizara em Império; Satanás incutiu nos corações a ambição e a rebeldia, e o Império, como dizem os manuais de história, «desmembrou-se».

No século X, Roma foi o principal teatro das actividades diabólicas. Destruído o Império, era preciso destruir o Papado. Satanás submeteu-o à opressão, à calúnia e ao escândalo, mas não conseguiu vencê-lo.

Vêm depois os três séculos mais cruéis na vida do Diabo; os séculos XI, XII e XIII; a Reforma da Igreja; as Cruzadas; a Escolástica; as Ordens Mendicantes; a *Divina Comédia*; o Românico; o Gótico; os Cânones; a Ascética e a Mística... Não valem Gibelinos, nem Albigenses, nem Averroístas...

Já se apresenta melhor o século XIV, com violências, guerras, vícios e extravagâncias; mas muito melhor se apresentam os dois séculos seguintes.

No século XV, Satanás quer voltar a diafarçar-se sob a nudez dos deuses pagãos, e no século XVI encontra em Lutero um novo Arió.

O século XVII, como compensação da Contra-Reforma, é a idade de ouro da bruxaria e do culto de Satanás. Pululam os incubos e os súcubos; até os conventos se enchem de possessos; amiúdam-se os pactos; em todos os lugares se realizam conciliábulos de bruxos; pratica-se em larga escala o bruxedo, o malefício, o envenenamento e o assassinato mágico; fazem-se beber filtros e faz-se com que o Diabo entre nos corpos, ministrando-o até numa sopa de chocolate. Mas, ao mesmo tempo, é neste século que se prepara a filosofia, como no anterior se tinha preparado a ciência e, ainda antes, a técnica.

No século XVIII, quando o satanismo e a bruxaria perderam o seu crédito — facto doloroso mas indispensável — estava já preparado o substituto.

Esse substituto era a Razão.

Na Era Cristã, a natureza contraditória do Diabo manifesta-se de um modo curioso; Satanás é, como tem de ser, uma personagem equívoca; é, alternadamente, terrível e grotesco. Com razão aterroriza as pessoas, mas, ao mesmo tempo, é o lado ridículo da alegria popular, o palhaço, a personagem bufa da literatura cómica da Idade Média.

O Diabo é como um rústico, glutão e borrachola, que canta e baila, ri-se e diverte-se, pregando aos homens partidas engraçadas.

Uns moços de aldeia regressam de madrugada a suas casas. Estiveram a dançar toda a noite e encontram-se cansados. Vêem um cavalo a pastar num prado e apoderam-se dele. Monta um, mas cabem mais; montam dois e ainda cabe outro; monta o terceiro mas ainda pode montar mais outro. O cavalo vai-se alargando, de forma que se acomodam sobre ele os oito ou nove caminantes... Com os seus cavaleiros em cima, o cavalo mete-se no rio. O cavaleiro da frente olha para trás e vê que todos os seus companheiros vão montados no cavalo. Não pode reprimir uma exclamação de assombro: «Jesus!» E, ao dizer «Jesus», o cavalo dá um estalo e desaparece, deixando cair os rapazes ao rio.

O cavalo era o Diabo (21).

Mas também é um diabo o duende que se mete nas casa, e tudo revolve durante a noite; pelo que é bom deixarmos numa taça um punhado de grãos, para que ele se entretenha a contá-los. E, como só sabe contar até dez, torna de novo a começar, e vai assim até de manhã (22).

Há outros pequenos diabos que se sentam sobre o peito dos que dormem e com o seu peso provocam-lhes pesadelos e visões (23).

As vezes há diabos úteis. Na Noruega empregam-se como criados nas granjas, fazem a limpeza, lavam a roupa, cuidam dos animais, fiam, cosem e servem a comida.

Nas suas relações com o homem, o Diabo fica enganado tantas vezes, que não se sabe como consegue levar uma alma.

Os que fazem pacto com ele, rompem-no a maior parte das vezes, quando termina o prazo e chega o momento de cumprir. Então o Diabo queixa-se tristemente: «Que trampolneiros são os cristãos! Enquanto necessitam de mim, prometem tudo; quando lhes dei aquilo que desejavam, abandonam-me para se reconciliarem com Cristo». Beniciana Kabina, numa das suas versões impressas, conta-nos a história de Victor Siderol, um francês do Midi, que fez pacto com o Diabo, entre outras coisas, para se poder casar com uma rapariga de Allariz, na Galiza. Vivia feliz com ela, mas o prazo em que teria de entregar a alma ia-se aproximando. Descobriu então o segredo à esposa, esta revelou-o à mãe... e a sogra encontrou forma de burlar o Diabo (24).

Outros, chegada a ocasião, cometem uma fraude e, em vez da sua alma, entregam a de qualquer animal, mediante subterfúgio de dialéctica jurídica, perante o qual o Diabo tem de se render (25).

Há-os também que obrigam o Diabo a realizar ingentes trabalhos numa só noite: uma ponte, um castelo. Toda a Europa está cheia de pontes construídas pelo Diabo: na Suíça, em Gales, em Martorell, em Tarragona, na Segóvia. E, o que é pior, até tem sido obrigado a edificar igrejas (26).

Pode-se conseguir que levante um castelo, uma igreja ou uma ponte numa única noite, antes do canto do galo. Sobretudo teme o terceiro galo. Ouvem-se de noite os infernais operários afadigarem-se para concluir a obra:

«Canta o galo branco, picareta ao canto... Canta o galo pinto, trabalha a picareta. Canta o galo negro, picareta queda».

Mas é preciso ter cuidado, porque o Diabo espia-nos constantemente e aponta todos os nossos pecados num pergaminho que apresentará no dia do Juízo Final. É um *chibo*, como agora se diz, é o nosso *Acusador*, o «*Acusador particular*», porque trabalha no seu próprio interesse, para ter carniça lá em baixo. É o advogado de acusação, conhecedor de todos os Códigos. Em Saint-Fiacre, em Clermont, em Brionde e em Angers está representado a escrever ou a mostrar o seu registo (27).

Pululam os diabos à nossa volta como se fossem insectos. Um dos seus disfarces preferidos é o de mosquitos. Assim entram no corpo, segundo o Talmude e segundo a tradição popular cristã. O Imperador Tito morreu por se lhe haver metido um no nariz; a São Bernardo atacavam-no no púlpito. Por isso devemos fazer o sinal da Cruz na boca, quando bocejamos (28).

Em Marselha, quando se embala um berço vazio, mete-se nele o Diabo; nos Vosgos, pode matar a criança para não ter de sair de lá. Por isso, em Andaluzia, na Holanda, na Sicília, em Finisterra, em Portugal, na Suécia e em Inglaterra, considera-se perigoso embalar um berço vazio (29). O Diabo vem sentar-se no fogo da lareira e nos utensílios da lavoura (30). Espreita a mulher grávida para que ela tenha um parto infeliz e morra; para isso, impede que venha a parteira ou o médico, assustando aquele que os vai buscar (31). Procura matar os recém-nascidos antes que os baptizem, para que não possam gozar da glória; ele mesmo os ataca, ou vale-se das bruxas, das amas ou dos *trolls* (32). Persegue também as crianças durante o período da amamentação, bem como as que estão agonizantes. Impede que venha o padre, usando dos mesmos processos que usou para impedir a vinda do médico ou da parteira; procura agarrar a alma no seu voo, quando se desprende do corpo, rouba o cadáver ou substitui-o por outro, por animal ou qualquer outra coisa dentro do ataúde (33).

Por ele se pode saber, em troca, se um defunto se condenou. Na Bretanha, o cura rezava às avessas o último dos trinta officios, na capela de Santo Hervé, no alto do monte Mené Brez, e assim evocava os diabos para o pórtico; depois obrigava-os a mostrar as garras, para ver se levavam a alma presa nelas. A cada um tinha de dar um

grão de linhaça. Na Normandia, os diabos prestavam os mesmos serviços contra o pagamento duma ervilha (34).

Isto indica certo trato familiar, demasiadamente familiar, com os diabos. O nome de *Demachião*, que se lhe dá, por vezes, na Galiza, indica isso mesmo. Ali um bom cristão nunca nomeia o Diabo sem dizer «*Arrenegado seja!*», mas alguns não se atrevem a meter-se com ele, como aquele que, ao passar por uma ponte perigosa, numa noite de tempestade, ia dizendo: «*Deus é muito bom, mas o Diabo não é mau...*» Papini não chega a tanto (35).

Ao Diabo pertencem muitas montanhas; só na Suíça, o Piz del Diavel, Diabley, Diablons, Pizzo del Diavolo, Teufelskopf, Teufelstein... o Brocken, na Alemanha; na França, Anie, Mont Ohry, Puech dos Foxilleros, Mont de Cherput, Rond du Diable (36). E outras na Califórnia, México, Uruguai e São Domingos. Possui rios no Panamá e no Texas; ilhas nas Filipinas, Guiana e Terra do Fogo; pontes em Tarragona, Martorell, na Suíça e no País de Gales; muralhas na Alemanha (as construídas pelo imperador Adriano); castelos em muitas partes, e até igrejas.

O diabo medieval é poderoso, mas não passa de um pobre diabo.

II

O DIABO NA IGREJA

O facto de o Diabo entrar na igreja é bem conhecido pelo vulgo. Tem sido visto a andar de confessorário em confessorário. Um santo, que surpreendeu a sua faina, perguntou-lhe:

— Que procuras aqui, tão atarefado e apressado?
E logo o Diabo respondeu:

— Estou a devolver a estes a vergonha que lhes tirei.

Para pecarem, tinha-os despojado da vergonha; agora, quando se confessavam, devolvia-lhes essa vergonha, para que calassem os seus pecados.

Muitas outras coisas tem o Diabo que fazer na igreja: distrair o sacerdote que está celebrando a missa, adormecer os frades no coro, trazer maus pensamentos à mente e à memória dos fiéis, induzir as beatas à murmuração, provocar o riso, a tosse e os espirros durante as cerimónias, apagar as luzes, consumir o azeite...

Tudo isto no templo. Mas é muito pior na alma dos fiéis cristãos. O Diabo ronda constantemente as almas para as perder; não só executa a tentação, mas também prepara as ocasiões.

Tem uma tendência especial para se introduzir na igreja, para intervir nos assuntos eclesiásticos, para perturbar o culto, para arremedar a liturgia, para argumentar contra os teólogos, para confundir as coisas, embrulhar tudo e despertar ambições no clero. Muitas vezes o Diabo assemelha-se a um desses sacerdotes renegados que empregam contra a Igreja o que aprenderam no seminário. Gosta de alardear ciência teológica, mística, moral,

canónica e das escrituras. Subtiliza argumentos, estabelece distinções, exterioriza o seu ergotismo, encadeia silogismos e compõe *quodlibets*. Justifica tudo, é o rei da lógica, e introduz nos entendimentos o vício dessa mesma lógica, esse veneno da desconformidade, essa embriaguez da nimiedade, que exige provas quando não são precisas, e que julga ter já apreendido a razão das coisas quando as encaixou num encadeamento de palavras, o que tem para ele duas vantagens, pois engendra ao mesmo tempo a ilusão e a soberba, a *docta ignorantia* e a enfatuada prosápia dos doutores.

a) *A tentação dos santos*

A *tentação* é a proposta do pecado que o Diabo nos faz com pérfidas e sedutoras insídias. Procura seduzir-nos e arrastar-nos, até que nos faça cair. A tentação diabólica parece-se com aquilo que a psicologia moderna chama «sugestão». São Pedro (37) diz que o Demónio, inimigo do homem, nos rodeia sempre, para nos devorar. Lactâncio diz que os diabos vagueiam pelo mundo, infectando-o com enganos, fraudes e erros.

Deus permite que o Diabo nos tente, porque a tentação vencida é um mérito para o homem. São Tomás diz que, tendo os anjos sido criados para bons fins, não convém que os anjos caídos sejam privados do bem indirecto que os homens podem tirar da tentação. «Diz-se que o Diabo tenta, não porque seja ele sempre o tentador immediato, mas porque ele foi o primeiro tentador do homem, e da primeira tentação ficou o caminho aberto para os outros tentadores. Além disso, é próprio do Diabo combater a virtude com a intenção de matar o homem por meio do pecado; tal intenção não a tem a carne, que busca o gozo dum prazer conhecido; a carne e as coisas do mundo são os instrumentos de que se serve o Diabo para nos tentar. O Demónio tem dois fins em vista quando nos tenta: fim próximo, ver a que vício somos mais inclinados; fim último, atacar-nos por aquele lado que ele reconheceu ser em nós o mais fraco.

Deus permite que o Diabo nos tente, mas só em determinada medida; quanto ao resto, a responsabilidade é nossa.

Deus disse ao Diabo o que noutros tempos dissera ao Oceano: «Chegarás até aqui, mas não passarás mais adiante; aqui se quebrará o orgulho das tuas vagas» (38).

Para nos tentar, o Diabo estuda as nossas inclinações e toma conta delas; vale-se daquelas mesmas coisas que são necessárias para a vida e procede gradualmente com enganos e traições. Hugo de São Vitor define a tentação como «uma astuta experiência com brandos ensaios seguidos dum ataque violento». E dá ao pecado um aspecto de felicidade, de necessidade e, até, de virtude (39).

Desperta-nos impressões na fantasia, representando-nos coisas sensíveis exteriormente — transformando-se até em anjo de luz — ou perturbando-nos interiormente com imagens, ou ainda dispondo dos órgãos corporais do homem para movimentos torpes. Emprega a sedução dos prazeres, das riquezas, a glória, as paixões do corpo e da alma, o orgulho, o ódio... e aproveita as circunstâncias da vida: saúde ou enfermidade, prosperidade ou padecimento (40).

É costume distinguir a tentação da *infestação*. Esta consiste numa série de tentações violentas e contínuas. Pode ser *externa* ou *interna*; aquela actua sobre os sentidos corporais, ao passo que esta opera no nosso interior. Pode ser de quatro espécies: a primeira, sobre as palavras e os gestos, impedindo a oração e as boas acções, e obrigando, contra vontade do paciente, a executar as más, a maldizer ou a blasfemar; a segunda, sobre os sentidos, com visões, aparições, golpes e ruídos, sabores e cheiros imundos, arranhões, mordeduras e maus tratos; a terceira, sobre o corpo, com enfermidades extraordinárias e inexplicáveis; a quarta, sobre a alma, fazendo ver que não é possível resistir à tentação (41).

É natural que os mais atacados sejam os homens dedicados ao serviço de Deus, e em primeiro lugar os santos.

E assim não foram esquecidas, nem mesmo nos nossos tempos, as tentações de Santo Antão. Sobre elas pôde espriar-se a fantasia de Gustavo Flaubert, fazendo desfilar, numa alucinatória teoria, perante os nossos olhos, a imaginação e o entendimento do santo, todo o mundo antigo, desde as suas origens: o poder e a sedução; Nabucodonosor e a rainha de Sabá; a dúvida, Hilarião o discípulo; a heresia, Manes, Saturnino, Cerdão, Marcião, Bardesanes, os hernianos, os priscilianistas, Montano, Simão e Helena; os santos infiéis, o Gimnosofista, Apolônio de Tiana e Dames, seu discípulo; Brama e os deuses índios, o Buda, o peixe Oanes, Belo, Ormuz, Diana de

Efeso, a Bona Dea, Cibele e Átis, Isis e Osíris, Esculápio, os Cabiros, os Centauros, Geludes, Estrigas e Empusas, Euríno, Ortia, Hímnia de Orcomene, Lafria, Afia, Béndis, a ave Estinfália, Triopas, Eriectónio, Zalmóxis, Artimpasa, Orsilich, os *aesars* etruscos: Tages, Nortia, Kastur e Pulutuk, Summarius acéfalo, Vesta, Belona, o demónio Virbius; a multidão dos númenes itálicos e romanos; Crépito; o Diabo em pessoa; os monstros; a Esfinge, a Quimera; os povos fantásticos: Blemyes, Pigmeus, Esciápodes, Cinocefalos; os animais imaginários: o Sadhuzag, o Martichoras, o Catoblepas, o Basilisco, o Grifo, o Tragelafus, o Mirmecoleu, a boa Aksar, a lebre Mirag, o leopardo Falmant, o Unicórnio; e até as plantas: a Mandrágora, a Baaras... (42).

Se assim não foi, podia ter sido. Diz-se que o Diabo se apresentava ao santo abade nas mais insuspeitas formas. Se andava em viagem, encontrava-o em hábito de monge, ajoelhado no caminho para lhe pedir a bênção; se se deixava ficar na sua cova, ouvia chorar de noite à porta, encontrava ali um pobre menino desvalido, recolhia-o e acontecia que era o Diabo.

Os autores fidedignos dizem que começou por despertar no santo o pesar de ter abandonado o mundo; depois, penosíssimas inquietações, dúvidas e escrúpulos e, em seguida, revoltas da carne. Mais tarde fê-lo ouvir vozes temerosas no meio da noite; aparecia-lhe sob a forma de jovens formosíssimas, que procuravam seduzi-lo, oferecendo-lhe os seus encantos. Uma vez apresentou-se na figura de um menino negro e falou-lhe das suas virtudes e penitências para lhe despertar a vaidade. «Tenho enganado e desgraçado muitos grandes homens, mas confesso que tu me venceste». Aparecia-lhe na figura de leão, de urso ou de serpente, com espantosos uivos e ameaçando devorá-lo. Golpeava-o cruelmente, deixando-o muito maltratado. Os que iam visitá-lo no seu retiro, ouviam em volta uma confusão de vozes de seres invisíveis, rumores de exércitos, entrechocar de armas e galopar de cavalos.

Santo Antão resistia virilmente, embora com sofrimentos e indizíveis trabalhos. Refugiado em Deus, desafiava os demónios. «Vê-se que sois muito débeis — dizia-lhes ele — pois vindes em tão grande número para assaltar um homem só». (43)

A Tebaida é um terrível campo de combate. Os diabos rondavam constantemente os Padres do Ermo e per-

seguiam-nos de mil maneiras. Uma jovem negra da Etiópia vinha sentar-se nos joelhos de São Pacómio: era o Diabo, em cujas mãos teve de deixar o hábito, como José deixara a sua capa. As marcas dos pés dos demónios notavam-se durante o dia em volta do cenóbio de Tabena. Um demónio, uma noite, golpeou com tal fúria a Moisés o Negro que o deixou um ano inteiro entre a vida e a morte. Palémon viu como os diabos levavam pelo ar a João, um ermitão que se vangloriava dos seus milagres. Outro ermitão era arrastado com uma corda presa à argola que lhe atravessava o nariz.

Na Palestina, o Diabo, em forma de aranha, pôs-se a escrever no livro em que um penitente anotava os seus comentários à Sagrada Escritura.

São Macário ouviu uma voz que lhe dizia: «Vai à aldeia cuidar dos enfermos». Era a voz de Deus ou do Demónio? O santo deitou-se ao comprido e disse: «Se sois os demónios, puxai-me pelas pernas». E esperou até à noite. Então os demónios levantaram-no, carregaram-no com um cesto de areia e obrigaram-no a caminhar toda a noite através do deserto. Recolheram-no, ao amanhecer, desfalecido. Outra vez ia visitar um moribundo e, para se não perder no deserto, ia assinalando o caminho com folhas de palmeira. Um demónio, porém, arrancou-as e São Macário, que o surpreendeu na sua tarefa, disse-lhe: «Muito te agradeço, pois pela primeira vez me fizeste um notável favor». De facto, dera-lhe ocasião de exercitar a sua paciência. Quando São Macário caminhava pelo deserto, o Demónio ia sempre na sua frente e escondia-lhe todos os poços e mananciais. E o santo, atormentado pela sede, dava graças a Deus.

Na ocasião em que Santo Hilário começava a orar, ladravam cães, mugiam touros, silvavam serpentes e ouviam-se ais e gritos de cólera. Demónios armados de foices invadiam a cabana de Santo Abraão. A São Bento aparecia o Demónio em forma de melro, revolteava-lhe em volta da cabeça e roçava-lhe o rosto com as asas. Quando, com o sinal da cruz, o expulsou, deixou-lhe no corpo um ardor tão insuportável que, para o apagar, se revolveu num leito de sarças e urtigas, do qual saiu lastimosamente chagado. Mas assim se libertou do estímulo do prazer (44).

Sobre as tentações dos santos poder-se-iam escrever muitos livros.

Quando São Francisco de Assis tomou a resolução de renunciar ao mundo, uma voz cada vez mais clara dizia-lhe ao ouvido: «Tu queres renunciar a tudo, abandonar todas estas belezas? Queres deixar a lua e o sol, a vida e a alegria, os festins e as canções, para te ires encerrar numa escura caverna e malbaratar a flor da tua juventude em orações inúteis, para vires a ser, por fim, um maníaco que se arrasta de igreja para igreja e que talvez no seu íntimo se desespera e suspira pela sua vida perdida?» (45).

Para se livrar da tentação revolveu-se num sarçal, que, com o seu sangue, se cobriu de rosas. Noutra ocasião, dizia-lhe o Demónio: «Francisco, não há pecador no mundo a quem Deus não perdoe, a não ser um atormentador de si mesmo como tu».

Diz-se que perto da Itália há uma ilha deserta que é habitada apenas pelo Diabo. Conta-se que São Francisco, já cansado das tentações do demo, lhe disse um dia que tinha naquela ilha um castelo cheio de almas e que, apenas ali chegasse, se tornaria senhor delas. O Diabo, convencido, embarcou com o santo e chegaram à ilha, mas São Francisco disse que se tinha esquecido da chave do castelo e que ia buscá-la. O Diabo ficou ali só, sem poder sair da ilha e, sempre que vê um barco, grita de longe: «Não vistes o Barbaças? Dizei-lhe que ainda estou à espera dele!»

São tantas as blasfémias que solta o Diabo burlado, que todos os anos São Francisco tem de fustigar as nuvens com o seu cordão para assim levantar as tempestades da *Cordoada de São Francisco* (46).

São inumeráveis as narrativas dos assaltos do Demónio contra as santas consagradas a Deus: Santa Catarina de Sena, Beata Angela de Foligno, Beata Baptista Varani, Santa Teresa, Santa Margarida, Santa Gema Galgani...

Uma das mais notáveis sob este aspecto foi Santa Maria Madalena de Pazzia.

Desta santa, de vida extraordinária, conta-se que «todos os exercícios da religião se lhe tornavam pesados e era obrigada a exercer sobre si a maior violência possível para ir para o trabalho, para o recreio e para o coro. Era também inclinada à glotonaria e ao desespero. Mas foi generosa e venceu. Tinha pedido a Deus uma vida de puro sofrimento».

O Demónio armava à sua volta tal estrondo que não sabia como havia de fazer para rezar o Offício Divino. Uma vez precipitou-a do alto de uma escada de vinte e cinco degraus, sem que ela ficasse gravemente ferida. Aparecia-lhe na sua forma natural, na forma de animais furiosos ou na forma de monstros, e apresentava-lhe ante os olhos pavorosas visões. Outras vezes maltratava-a e batia-lhe. Certa ocasião perturbou-a de tal maneira, que ela fugiu do coro, foi à cozinha e quis pôr termo à vida com uma faca. Toda a sua vida foi uma luta incrível com o mau espírito (47).

São muitos os santos e santas representados com o Diabo acorrentado a seus pés: Santa Marta, Santa Digna, Santa Eufrásia de Roma, Santa Juliana de Nicomédia, Santa Angela de Foligno, São Bernardo, São Severino de Viena, São Bartolomeu Apóstolo. De São Dunstan se diz ter agarrado o Diabo pelas narinas, com uma tenaz, e o mesmo se conta ainda de Santo Elói. Outros, como São Cipriano de Antioquia e São Columbkil puseram-no em fuga ou arrojaram-no a seus pés, como São João de Sahagun. Em contrapartida, os demónios atentaram fisicamente contra outros santos, fazendo chover pedras sobre São Romão ou querendo esmagá-los entre duas rochas, como a São Wolfgand. Outras vezes deram provas de submissão; assim, vinham escutar os sermões de Santo Estêvão, bispo de Die, que, aliás, não foi o único que teve diabos entre os seus ouvintes.

Toda a vida do homem é uma luta contra o Demónio; por isso se diz: «Milícia é a vida do homem sobre a terra».

A arte cristã dos grandes séculos representa esta situação por meio do símbolo do cavaleiro armado que peleja contra um monstro nos capitéis românicos e nas iluminuras dos manuscritos. As armas representam as virtudes, as orações e as boas obras. Há orações que a fé popular dos grandes séculos julga serem particularmente eficazes nesta luta. Há-as que têm o nome de *loricae*, porque são como a loriga de soldado, do *miles Christi*. Todo o cristão, clérigo ou secular, há-de ser *miles Christi*, embora nem todos o sejam com êxito.

De facto, o mundo e a carne prestam-se admiravelmente aos desejos do Diabo. Trata-se de uma época criadora, mas nas épocas criadoras agitam-se as paixões e ferve o sangue nas naturezas semibárbaras. Se não houvesse barbaria, não podia haver invenção de coisa alguma vital, de nada de são e durável; se não houvesse paixões,

os homens não seriam movidos a nenhuma grande empresa. Numa época de construção de um mundo, o mundo cristão, a sociedade — que é o mundo enquanto inimigo da alma, o «diabo-mundo» — oferece, exageradamente aumentadas, as seduções do poder e da riqueza; a carne, potente e cheia de vida, exige maiores direitos do que os que lhe correspondem.

Diz uma anedota que, achando-se Ricardo Coração de Leão no seu leito mortuário, o confessor lhe perguntou:

— Senhor, que disposições fazela acerca de vossas filhas?

— Que filhas são essas? — perguntou o rei surpreendido.

— Bem o sabeis, senhor — respondeu o confessor — são a ambição, a cobiça e a luxúria.

Ricardo, sem vacilar, respondeu:

— Lego a primeira aos Templários, a segunda aos Dominicanos e a terceira aos Franciscanos.

De facto, são as três grandes paixões da Idade Média, e delas não se viram livres os eclesiásticos.

A ambição era a causa de os nobres e grandes senhores procurarem para seus filhos os bispados mais importantes e as abadias mais rendosas. Assim se formavam bispos e abades sem vocação religiosa, e às vezes até sem letras, que viviam inteiramente como os potentados laicos. E o afã do poder arrastava-os para pleitos e lutas constantes.

A cobiça deu lugar ao pecado da simonia e à compra e venda de cargos eclesiásticos, com o resultado que acabamos de ver.

A luxúria fazia que muitos se mostrassem débeis perante os encantos femininos... Frei Anselmo de Turmeda disse:

*«Fembra enganna Salomé
David, Adam e Sansó...»*

Dizem, pois, as histórias que, ao começar o séc. XI, parte dos clérigos e dos bispos estavam casados e deixavam como herança a seus filhos os seus cargos e benefícios ou davam-nos como dote às filhas. Os que não tinham esposa legítima, tinham «concubina» com os mesmos resultados. E ainda havia escândalos maiores... São Pedro Damiano condena implacavelmente estes vícios e chama às mulheres que se uniam aos clérigos «sedutoras, sebo de Satanás, escória do Paraíso, veneno das almas, punhal dos corações».

Dois eram os pecados reprováveis no clero: a luxúria e a simonia. É sintomático que a simonia tenha sido iniciada por um mago e que dele, Simão da Samaria, derive o seu nome esse comércio sacrílego. E tinha-se propagado tanto em certas épocas da Idade Média que a imaginação popular multiplicou os casos, chegando a acusar muitos inocentes. Todo o progresso rápido, toda a excepcional fortuna na obtenção de cargos e prebendas eram coisas que se tornavam suspeitas. E muitas vezes se dizia que era o Diabo quem provia os cargos eclesíasticos e que, por meio de pacto com ele, se obtinham conezias, abadias e mitras.

A maledicência não respeitou sequer a Cadeira de São Pedro. Disse-se, a respeito de vários papas, que tinham chegado àquele elevado posto por indústria diabólica, pelo preço da sua alma e com a ajuda da magia negra, e que, já no Pontificado e sendo os Supremos Jerarcas da Igreja, Cabeças da Cristandade e Vigários de Cristo, continuavam — e nem sempre às ocultas — a prestar culto ao Diabo.

Sabe-se bem quanto trabalho custou aos monges de Cluny conseguir a reforma do Clero, empresa essa que fez a glória do grande Papa Gregório VII.

Não se pode dizer que tudo terminasse para sempre nem que os clérigos deixassem de ceder à tentação. As coisas deste mundo vão e vêm, como as ondas do mar. No século XIV volta, embora atenuada, outra época de corrupção e de escândalo, que o Renascimento parece impulsionar; mas há então, apesar do que se diz, elementos sãos na Igreja, que opõem uma eficaz resistência.

b) *A tentação nos leigos*

Quando Ricardo Coração de Leão atirava os seus vícios sobre a gente da Igreja, era porque os tinha.

Outros reis os tiveram antes dele e cometeram barbaridades para os satisfazerem. Por causa dessas enormidades, levavam os diabos a Dagoberto, rei de França, quando ele morreu, mas um ermitão, chamado João, teve conhecimento disso e rogou fervorosamente por ele. Então esse ermitão foi transportado até à beira-mar e ali viu uma barca cheia de diabos que levavam a alma do rei Dagoberto à Sicília para ser lançada no Etna. Mas as orações de João conseguiram que São Martinho, São Mau-

riço e São Dionísio libertassem a alma do rei, erguendo-a numa teia triangular, que os santos seguravam pelas três pontas (48).

A respeito do grande Carlos Martel, vencedor dos Mouros, acusado de magia, diz-se que deveu ao Demónio a sua vitória sobre Abderraman em Poitiers. Tinha-se apoderado de bens eclesiásticos e, ao morrer, conforme se espalhou largamente, foi condenado. Contam que Santo Euquério, arrebatado em oração, viu a alma de Carlos Martel a arder no Inferno. Escreveu então, narrando a sua visão, ao Bispo Bonifácio de Magúncia e ao arqui-capelão Fulrad; o sepulcro do célebre caudilho foi aberto e dele saiu uma fumarada asfixiante e uma serpente que fugiu apressada. O sepulcro ficou vazio e com vestígios de chamas (49).

Carlos Magno, o imperador quase santo, o guerreiro de Cristo, também não se viu livre do Diabo... e das mulheres. Foram tantos os seus pecados que teria sido condenado, se não intervissem a seu favor São Miguel Arcanjo, Santiago o Apóstolo e São Dionísio (50).

O Diabo induziu Roberto, rei de França, a casar-se com sua prima co-irmã Berta. O Papa Gregório reuniu um concílio e o matrimónio foi declarado incestuoso. Mas o Diabo queria governar o mundo por meio do filho que aqueles esposos tivessem e Roberto negou-se a separar-se de Berta, apesar da excomunhão e interdição. De facto, a rainha deu à luz um filho, mas era um monstro com a cabeça de pato. Então Roberto repudiou Berta, que é representada com um pé de ganso (51).

Os imperadores de diversas casas alemãs foram tentados pelo Diabo até ao ponto de moverem guerra e pleitos contra os Pontífices Romanos. Frederico II Hohensaufen foi mais longe; por isso é uma figura tão grande como as personagens bíblicas. É a prefiguração da apostasia sentada no trono — um precursor único que agora, nos seus epígonos, se transforma numa legião.

Assim como, na Dança Macabra, vemos todos os estados da república cristã, desde o Papa e o Imperador até ao vilão e ao mendigo, dançar com a Morte, também aqui podemos ver todos dançar com o Diabo.

Atrás dos reis, os nobres. Senhores, cavaleiros e infanções, aparte outros vícios, caíram num engenhoso laço diabólico, que foi o *amor cortês*. Trata-se da mística e do serviço feudal transportados para as relações entre

damas e cavaleiros. «O trovador — diz Pierre Belperrou — constitui-se vassalo da dama que escolheu, com todas as obrigações da vassalagem: obediência, fidelidade e, além disso, discreção. Quando é admitido, quando já passou por todos os graus impostos a um suspirante, suplicante, enamorado e amante, presta juramento de fidelidade à sua dama que, em testemunho da aceitação desta homenagem mística, lhe dá um beijo ou lhe entrega um anel. A partir desse momento começa o delicioso calvário. Com uma paciência infinita, o amante canta a sua impaciência: «Eu te bendigo, Amor, por me teres feito escolher a dama que me oprime sem cessar com os seus rigores. Se o meu affecto a tivesse encontrado reconhecida, não teria eu tido ocasião de lhe provar, com as minhas homenagens e com a minha constância, até que ponto lhe sou dedicado». O jogo exige evidentemente que a dama nunca diga que sim. Não haveria «canções de amor cortês... se o uso permitisse que o amor puro e sincero fosse logo retribuído com correspondência...» Este amor, tal como o aperfeiçoam pouco a pouco os trovadores, é diferente de um amor platónico. Conforme o código de amor cortês, o amante nada deve pedir à sua dama, mas é justo e fácil esperar uma correspondência ou recompensa, sem que tal esperança deva alguma vez realizar-se (52).

Isto é, sem dúvida, muito bonito, refinado, elegante, mostra uma grande superioridade de espírito e pode até ser inocente. Mas traz dentro de si o gérmen de venenos deliciosos e mortais; é decadente e artificial, até poder perder-se na inanidade; constitui uma perigosa paródia da mística religiosa que pode chegar a ser blasfema, e, sobretudo, há a considerar que o amor cortês exclui uma possível realização matrimonial: o amante não pode ser nunca o marido, a dama é quase sempre a esposa de outro e o amor dirige-se quase sempre a uma mulher casada... Não é preciso dizer até onde chegaria esse descer do quinto céu...

O amor cortês é, nas mãos do Diabo, um dos mais poderosos instrumentos de paganização da vida, da introdução paulatina do profano e do mundano, do naturalismo...

Continuando a dança, depois dos senhores, dos cavaleiros e dos infanções, encontram-se os burgueses. A dança é a mesma, mas varia a música. Ali, o amor cortês e a vida dissoluta; aqui, o *Capitalismo*. Para as natu-

rezas distintas, tinha o Diabo de empregar móveis estéticos; para as naturezas mais grosseiras, meios úteis e económicos. Para os burgueses, o dinheiro. Depois, pouco a pouco, também os outros.

«Diners de tort fan veritat
I fan de Jutge Advocat
Com savi fan tornar orat».

disse Frei Anselmo de Turmeda, e mais abaixo:

«Moros, Jueus e Crestians
Deixant a Déu e a tota los Sants
Diners adoren.
Diners fan vui al món lo joc
E fan honor al món badoe,
Al que diu no, li fan dir hoc:
Vegeu miracle.
Diners, vulles, doncs, aplegar;
Si em pots haver, no els deixes anar...»

Pelo dinheiro, invenção diabólica, como já se disse neste livro e está provado pela sua própria evidência, prende Satanás a honrada classe burguesa, e desta vai subindo o amor ao dinheiro até aos nobres e aos reis, tornando alguns destes moedeiros falsos.

No final da dança vêm os plebeus. Conta Ruteboeuf que uma vez um diabo pouco experiente foi buscar a alma dum plebeu moribundo. Levou para isso um saco e pôs o plebeu num quarto das traseiras, pois uma alma tão baixa não podia sair por outra passagem. Meteu, pois, a alma no saco, mas, quando se apresentou com ela no inferno, só se ouviram protestos e tumultos, visto que nenhum condenado queria viver na companhia de uma alma daquela categoria (53).

Se era assim no Inferno, que seria neste mundo? A esta condição estavam reduzidos os plebeus. No entanto, como a sua vida não era tão má como pretendiam os escritores revolucionários, em geral, resignavam-se a comer bem e a beber melhor, embora se soubessem desprezados. Mas Satanás incitava-os de quando em quando à rebeldia por meio dos apóstolos do *Comunismo*, pois já os havia nesse tempo.

De vez em quando aparecia um visionário, que comunicava directamente com Deus e com os santos, ou que

era ele mesmo santo ou Deus, como aquele Eon de l'Étoile: «*Natione Brito, agnomen habens de Stella, sermone gallico Eon... per diabolicos praestigios potens ad capiendas simplicium animas... ecclesiarum maxime ac monasteriorum infestator*» (54), e pregava, pouco mais ou menos, que a Igreja tinha de voltar à pobreza primitiva, despojando-se dos seus bens; que os leigos podiam receber o Espírito Santo e administrar os Sacramentos; que os objectos litúrgicos de ouro e de prata deviam ser dados aos pobres; que os padres deviam casar-se; que as mulheres podiam exercer o sacerdócio; que deviam ser derruidos os castelos, despojados os palácios e repartidas as terras; que devia ser suprimida a realza, assim como a nobreza; que deviam ser abolidos o matrimónio, a jerarquia eclesiástica, os graus académicos, a autoridade na familia e na sociedade, pois todos os homens eram iguais e, portanto, devia ser implantada a comunidade de bens, de mulheres e de filhos...

E desencadeava-se então uma *Jacquerie*, com todos os seus assassinatos, torturas, roubos, incêndios, sacrilégios, blasfémias e desordens, um daqueles tumultos sociais e políticos que então perturbavam e aterrorizavam as pessoas, mas que hoje não assustam ninguém, porque são coisas normais e sancionadas pelas ideias dominantes.

c) A heresia

Do mesmo modo que a vida avança como em espiral, repetindo as formas em oitavas diferentes, assim o Diabo, enamorado da morte, arrasta o pensamento para a repetição, em ciclos novos, dos mesmos erros. Vencida a gentildade, tornada impotente e inoperante, Satanás inventa a heresia, que é como uma repetição do paganismo dentro da religião cristã. É uma escala mais alta, pois, no sentido satânico, a heresia é uma ultrapassagem do paganismo e, por outro lado, oferece a vantagem de não necessitar de tanta força imaginativa para se inventar.

A heresia é mil vezes pior do que as falsas religiões. Em certo sentido, estas atentam mais contra o homem do que contra Deus. São sempre engano e raras vezes blasfémia, ao passo que na heresia não há desculpa. As falsas religiões divinizam o profano, mas a heresia profana o sagrado. Salvam-se muitos infiéis, mas é raro que se salve um herege consciente.

Satanás provoca a heresia desde o primeiro momento. Em frente aos Apóstolos faz surgir Simão de Samaria, chamado o Mago.

Simão é o Proto-heresiarca, o modelo exemplar, a protoforma de todos os hereges. Ambiciona o poder espiritual sem o merecer; esta é a causa profunda, a causa oculta de todas as heresias antigas e modernas. Ao fim e ao cabo, foi o que fez Luzbel no céu. Leva consigo uma mulher, porque a mulher foi a primeira seduzida pelo Diabo, no que Simão procede como Lutero e como tantos outros, hereges por concupiscência, e declara-a morada do Espírito Santo, antecipando-se assim a escrever os últimos Capítulos do Evangelho Eterno. Se Satanás pôs o ovo da heresia, Simão chocou-o debaixo do braço, como os que querem adquirir um demônio familiar. Quis comprar a graça do milagre, com o que nos demonstra aquilo que nós dissemos ser a Magia...

Dali provém a maior das heresias antigas, o Gnosticismo, que nasce mas não desaparece, que lateja e opera ocultamente, por de trás de todos os erros.

Com Cerinto, aparece no mundo a grande ideia diabólica: Deus é cindido em dois princípios, Adonai e Iavé. Desde então, Adonai será o Deus bom e Iavé será umas vezes o deus mau, outras vezes um Demiurgo criado ou emanado de Deus, outras um anjo, outras um Eão. Introduzida esta ideia, muitíssimos cristãos terão perdido para sempre a tranquilidade, porque o Deus do Antigo Testamento se chama umas vezes Adonai, outras Iavé, e não se sabe se são o mesmo ou se são dois, até que Marcião acabe por pôr à margem o Antigo Testamento e por repudiar o Deus dos Judeus. E aqui, embora nos não creiam, é ocasião de dizer que ainda hoje existem marcionitas entre os cristãos.

Mas há mais: Saturnino, Bardesanes e Cerdão descobrem que o mundo foi criado pelo Diabo. Começa-se a dizer que Deus entregou a matéria aos anjos rebeldes, que a matéria é a mãe e a morada de Satanás, e chega-se a identificar platonicamente a matéria com o mal.

Ainda hoje em dia se fala — falamos todos sem querer — da luta entre o espírito e a matéria. A matéria é a cabeça-de-turco que Lúcifer procurou para que contra ela se estilhassem os tiros disparados contra ele. Mas isto é falso, porque a matéria não tem culpa de nada. A matéria é inerte, passiva, inconsciente, vai para onde a levam, sem iniciativa nem vontade, irresponsável.

É muito fácil deitar as culpas sobre a matéria e descarregar sobre ela o que a nós é devido. No entanto, nas *Disputas entre a Alma e o Corpo*, este soube defender-se hábilmente. A culpada é a alma; não há qualquer luta entre o Espírito e a Matéria, mas sim entre o bom espírito e o mau espírito. O resto parece coisa de Platão; é estratagemas de Satanás. Deste ódio contra a matéria resultam incongruentes derivações: um hiper-marcionismo que se funda em que, sendo o criador da matéria Iavé, o Deus do Antigo Testamento é o verdadeiro deus do mal, oposto ao Deus do bem que, às vezes, se chama Adonai. Se Iavé é o Deus mau, equivalente ao diabo, todas as personagens condenadas pelo Antigo Testamento são boas. Com efeito, os verdadeiros sábios, os que lutaram pela salvação do homem — Caim, Esaú, os habitantes de Sodoma e Gomorra, Coreu, Datão e Abirão, Judas — são os santos dignos de veneração e de imitação. Assim nasce a seita *Cainista*, que se guia pelo *Evangelho de Judas* e pelo *Livro da Ascensão de São Paulo*.

É já o satanismo numa das suas formas, e nós chegamos a não saber se é o dos bruxos, o de Proudhon ou o de Carducci. É um exemplo vivo de como Satanás lubrifica os caminhos do pensamento para fazer resvalar a mente humana no absurdo e no contra-senso, é o perigo da lógica quando entregue a si mesma.

O *Evangelho de Judas* é uma ideia que faz tremer, e ainda hoje circula com outros nomes. Na Galiza, Judas é quase um equivalente do Diabo. De facto, podia falar-se numa encarnação do Maldito na sua pessoa, pois diz São João: «E depois que tomou este o bocado, entrou nele Satanás» (55). No entanto, há uma lenda celta, segundo a qual Judas realizou uma vez uma obra de misericórdia e, como prémio de tal obra, pode sair do Inferno uma noite por ano, para aliviar as suas penas, segundo alguns, no Pólo Norte. O poeta Teixeira de Pascoais refere-se a esta lenda no seu *Regresso ao Paraíso*, de que havemos de falar mais adiante.

Vê-se que o Cainismo é uma tentação permanente para os entendimentos e que se adapta a todas as rebeliões, infecta fantasias privilegiadas e extravia generosidades de grandes corações. Não há outra defesa senão a humildade.

A árvore das heresias multiplica os seus ramos de tal forma que só a paciência de Santo Ireneu pôde catalogá-las. A maioria nasce e desaparece, mas entre todas há

uma muito hábil que obteve tal êxito que chegou a sentar-se no trono dos Césares para dali pontificar, já que não conseguiu alcançar o dos Papas. Satanás deixou morrer Ario porcamente numa latrina, soltando pelo ânus, desfeitas em excrementos, as vísceras e as entranhas, quando entrava triunfalmente em Alexandria; mas aproveitou largamente a sua doutrina que, embora desaparecida, deixou semente de heresias cristológicas suficientes para perturbarem o Oriente durante séculos... Se Satanás parece ter certa inclinação para o Gnosticismo, pelo seu carácter de magia e de mistério, não há dúvida de que as suas preferências vão para aqueles erros que atentam contra a Pessoa de Cristo.

Com Ario tinha-Lhe tirado o carácter divino, mas era preciso prescindir d'Ele. Fez então surgir Mafoma. Foi Mafoma tão culpado como supomos e mereceu realmente o horror que inspirava? Uma lenda medieval faz de Mafoma um Cardeal da Santa Igreja Romana que, tendo querido ser Papa, e sendo vencido na eleição, por vingança inventou o Islã. Tem o seu sentido esta lenda, como o tem a do culto tributado pelos Muçulmanos ao seu *osso do pé*, à coxa de ouro que diziam ter o profeta, a do seu sepulcro suspenso no ar pela força de vários ímanes que o atraem em direcções opostas, e muitas outras. Mas Mafoma teve, para nós, um vingador inesperado — Voltaire. Quando Voltaire o apresenta na sua tragédia como príncipe dos enganadores, quando Voltaire está contra ele, talvez não fosse tão mau; talvez, em vez de ser um enganador, fosse um enganado, uma vítima de ilusões diabólicas e de falsas visões; talvez tenha sido culpado por falta de discernimento de espíritos. O que mais depõe contra ele, ou pelo menos contra a sua doutrina, é precisamente a sua prodigiosa fortuna. É o rapidíssimo engrandecimento e a tremenda expansão do Islã que faz pensar que o Diabo voava, no seu cavalo negro, à frente das hostes dos califas e sultões.

No entanto, dentro do próprio Islã, Satanás suscitou heresias, porque ele não quer que a impiedade se detenha no seu caminho e, além disso, as heresias dos Muçulmanos podem contagiar os cristãos.

Foi Averróis um ímpio? Parece que pode duvidar-se; mas do que se não pode duvidar é de que os averroístas o foram. Dele se diz que era filho de Judeus, cristão renegado, inimigo de toda a religião e «rei de pestilência» (56). Atribui-se-lhe o famoso livro *De tribus impostoribus*. De

facto, a sua doutrina — se o é — do «entendimento separado» é gravíssima. Tão grave que supera todas as heresias.

Afinal, que importam Elipando, Escoto, Eriúgena, Arnaldo de Bréscia, David de Dinant, Vilgard, Berengário, Roscelino e Abelardo, ao lado destas duas coisas: os três impostores e o Evangelho Eterno? E que importam os três impostores e o Evangelho Eterno ao lado do Entendimento Uno?

Também os Muçulmanos adoram o Diabo. O Diabo, *Iblis*, foi condenado, segundo Mafoma, por se ter negado a adorar o homem. «Nós vos criámos — disse Alá —. Nós vos demos a vossa forma. Então nós dissemos aos anjos: Prostrai-vos ante Adão. Eles se prostraram, excepto Iblis, que não era dos que se prostram. Disse (Alá): Que te impede de te prostrares, quando Eu mesmo te ordeno? Respondeu: Eu sou melhor do que ele; Tu criaste-me do fogo e criaste-o a ele do barro. Disse (Alá): Vai-te daqui! De que te podes orgulhar? Sai! Na verdade, tu és dos desprezados. Disse: Dai-me uma trégua até que eles ressuscitem. Disse (Alá): Na verdade tens essa trégua. Disse: E como tu me induziste a erro, eu os espiarei no teu recto caminho. E virei seguramente sobre eles, adiante e atrás, à sua direita e à sua esquerda, e tu não acharás muitos que te estejam reconhecidos. Disse (Alá): Sai daqui, desprezado e expulso. E, quanto aos que te sigam, encherei seguramente o Inferno com todos vós» (57).

O Diabo negou-se a prostrar-se diante do homem, mas o homem, que estava ao facto disso, prostrou-se perante o Diabo. Sessenta mil homens, no monte Sindyar, no Iraque, seguem os ensinamentos do califa Yezid, o assassino de Hussein ben Ali, o Santo. Segundo o *Livro da Revelação* e o *Livro Negro*, que são as escrituras dos Yezidies, conhecidos pelos sábios ocidentais como «os adoradores do diabo», Iblis foi, com efeito, um anjo rebelde, mas obteve o perdão de Alá, e Alá lhe confiou o governo do mundo. A nossa salvação depende dele, pois tem o poder de transfigurar as nossas almas. É adorado sob a forma de um pavão real, de que tem o nome: *Meleck Tawus*. Halah, profeta crucificado em Bagdade no século X, é outro dos santos; segundo ele, o homem salva-se apenas com a graça de Alá. Na realidade, muito pouco se sabe desta seita, que parece nada ter de particular senão o que conserva de ideias que flutuam no

ambiente gnóstico. Papini encontra nela duas aspirações culminantes da consciência religiosa: o Demónio voltará a ser Anjo e o Homem semelhante a Deus... (58).

De Tribus impostoribus contém uma teoria demasiadamente grosseira. Moisés, Jesus Cristo e Mafoma são os três impostores, uns intrujões, uns farsantes, que enganaram a humanidade para a dominarem. O primeiro e o último conseguiram-no; Jesus Cristo não o conseguiu. O livro atribuído a Frederico II Hohenstaufen, o imperador excomungado, ao seu famoso conselheiro Pietro della Vigna, e até a D. Afonso o Sábio, contém além disso — se ele existe, pois até a existência deste livro poderia ter sido uma fraude — blasfêmias grosseiras e gracejos torpes acerca da Eucaristia e da Santíssima Virgem, e sobretudo contém uma coisa notável: a negação do Diabo. Na realidade, Satanás aqui excedeu-se.

É curioso: umas vezes o Diabo manifesta um assombroso *esprit de finesse*, ao passo que outras é tão lamentavelmente rombo que chega a causar pena. Mas, como é manifesto, a contradição está-lhe no âmago da natureza.

O *esprit de finesse*, completamente eclipsado em «os três impostores» reaparece, sinuoso e perigoso, no *Evangelho Eterno*. Este impossível poema teológico foi inspirado a um religioso de grande piedade e de indiscutível boa fé, um cristão que, sem isso, teria sido santo. Era o abade cisterciense Joaquim de Floris, na Calábria, uma das almas mais puras da Cristandade.

O *Evangelho Eterno* divide a história em três idades: a Idade do Padre, a Idade do Filho e a Idade do Espírito Santo. Na primeira, na Idade Antiga, que se seguiu à Criação, Deus Padre salvou o povo hebreu; na segunda, que foi a idade do apostolado e do martírio, o Filho de Deus salvou os povos latinos. Estas idades passaram-se já, ou — melhor dizendo — está-se concluindo a segunda. O Antigo Testamento corresponde àquela, e o Novo Testamento corresponde a esta.

Na primeira idade, manifestou-se aos homens o Padre; na segunda, o Filho. Agora deve manifestar-se o Espírito Santo. Então o Antigo e o Novo Testamento serão já inúteis, porque o Espírito Santo encherá a todos. O Antigo Testamento é comparável ao primeiro céu, escuro e só iluminado pela luz vacilante das estrelas; o Novo Testamento é comparado ao segundo céu, iluminado pela lua, mas o Evangelho do Espírito Santo é como um terceiro céu, sempre cheio de luz e de sol.

Quando o Espírito Santo se manifestar, a ordem clerical deverá desaparecer. Na primeira idade dominavam os patriarcas, e os sacerdotes eram casados. Na segunda idade, os sacerdotes, com votos de castidade, realizavam a doutrina da mortificação proclamada pelo Filho de Deus. Na terceira idade, a missão da vida será reservada pelo Espírito Santo à ordem dos monges, que substituirão os antigos sacerdotes e farão resplandecer no mundo a glória do Espírito Santo.

Pode suceder que estes Apóstolos da Nova Igreja, estes pregadores do Evangelho Eterno, se vejam perseguidos pelos sacerdotes da Igreja oficial, como os de Cristo o foram pelos da Antiga Lei.

Pode ainda acontecer que os fundadores da Nova Igreja se vejam obrigados a unir-se aos infiéis para se defenderem da Igreja de Roma, unida à letra que mata e não ao espírito que vivifica.

Tudo isto é gravíssimo porque é aliciante, porque está cheio de mística unção e revestido de ideal pureza. É a autêntica «pele de ovelha» com que se disfarça o lobo devorador; o erro mais monstruoso e mais absurdo pode acobertar-se debaixo da autoridade do Espírito Santo.

Satanás, desta vez, tinha jogado pela certa.

Ninguém tinha visto o *Evangelho Eterno*, mas toda a gente falava dele:

*«En l'an de l'incarnation
Mille et deux cents cinq et cinquante
N'est homs vivant qui me desmente,
Fu baillé et c'est chose voire
Pour prendre comun exemplaire
Ung livre de par le Gran Diable
Dit l'Evangile perdurable,
Que le Saint-Esperit ministre
Si com il aparoist au triste.*

.....
*L'Université qui lors iere
Endormie, leva la chère
Du bruit du livre s'esveilla,
Ain s'arma pour aller en contre
Quand il vit cet horrible monstre...» (59).*

Em todas as seitas anticlericais, igualitárias e comunistas, desde Eon de l'Etoile aos Albigenses, nota-se a marca profunda do *Evangelho Eterno*, que reaparece nos

actuais pregadores de um novo estilo de Cristianismo, como o Entendimento Uno de Averróis nos humanistas, e os três impostores nos voltairianos. São os três trunfos do baralho de Satanás.

Ao lado de tudo isto, Lutero é, simplesmente, o homem sem imaginação. Discute com o Diabo, que o rebate para o enganar, e atira-lhe com um tinteiro à cabeça; mas, com todos os seus arrebatamentos, era seu escravo, porque Satanás levava-o pelo lado da soberba. Em Lutero não há convicção, nem falsa piedade, nem escândalo, nem nada; há a obstinação cabeçuda e rebelde de levar a sua avante.

Que grande instrumento foi Lutero para o Diabo e, com ele, o afectado Melancton, o frio e cruel Calvino, e o adusto Knox, e todos os outros! Com eles começa a entenebrece-se o mundo, a vestir-se de pardo, a perder calor e alegria. Satanás conseguiu criar um Cristianismo fosco, carrancudo, triste, espinhoso e frio, contrário ao espírito de Jesus. Ao menos, as outras heresias tinham tido o atractivo do pitoresco, do extravagante: eram uma espécie de Carnaval do espírito. A própria bruxaria é divertida e há nela uma certa dose de ingenuidade. Mas o Protestantismo é a mais insípida das religiões.

Já não merece a pena que nos ocupemos das outras heresias, porque as muitas que vão depois nascer serão frutos insípidos da árvore da Reforma, recrudescidos no ambiente gélido dos séculos civilizados. Serão especulações sem graça, cheias de sanha, mas faltas de entusiasmo.

No século XVII termina a idade dos hereges e começa a dos apóstatas.

O Diabo tem uma arma melhor que as tentações, melhor que a bruxaria. Esta arma é a ciência.

III

O DIABO EM VOLTA DA IGREJA

a) *Dos incubos e dos súcubos*

Dissemos que, conforme a opinião de muitos, podem os demónios unir-se carnalmente com homens e com mulheres. Aos diabos que, segundo esta opinião, se unem carnalmente com as mulheres dá-se o nome de *incubos*; aos que, como mulheres, se unem com os homens, dá-se o nome de *súcubos*.

Na ideia dos incubos e dos súcubos predomina, sem dúvida, a influência das histórias pagãs de nascimentos milagrosos de heróis e de reis.

A citação que se faz de Santo Agostinho (60): — «Se pôde Vênus, do seu concubinato com Anquises, ter por filho Eneias, ou Marte, no seu concubinato com a filha de Numitor, engendrar Rómulo, deixemos isso em suspenso, porque surge outra questão quase igual das nossas escrituras, quando se pergunta se os anjos exterminadores coabitaram com as filhas dos homens, donde resultou que a terra se enchesse de gigantes, isto é, de homens muito grandes e fortes» — esta citação, dizíamos nós, alude àquelas histórias.

Essas histórias são muitas, pois serviram aos teóricos do paganismo para explicar e justificar a apoteose.

Entre os casos que se mencionam, foram seres celestes — que logo a tradição Cristã pôde interpretar facilmente como incubos — que engendraram a Rómulo e Remo e a Octaviano Augusto, conforme Tito-Lívio; a Sérvio Túlio, segundo Dionísio de Halicarnaso e Plínio;

a Alexandre Magno, segundo Plutarco e Quinto Cúrsio; a Platão, segundo Diógenes Laércio e São Jerónimo; a Ciplião, segundo Suetónio; a Aristómenes, segundo Estrabão e Pausánias; a Seleuco, segundo Justino e Apiano. Não se pode dizer que não são exemplos ilustres. E a lista podia ser muito maior.

Por outro lado, a Patrística identifica muitas vezes os incubos com os sátiros e faunos. Cita-se, por exemplo, outra passagem de Santo Agostinho que diz: «E porque diz frequentemente a fama, e muitos que o experimentarão por si ou que o ouviram a outros que o experimentarão e de cuja fé se não deve duvidar, afirmam ter ouvido dizer que silvanos e faunos, a que o vulgo chama incubos, têm estado muitas vezes com mulheres, intentando e praticando coito com elas. E que certos demónios, a quem os Franceses chamam *clusios*, continuamente planeiam e praticam tal imundície, são tantos a asseverá-lo que pareceria descaramento negá-lo». (Também se interpreta: «Que negá-lo parece falta de vergonha; não me atrevo a decidir coisa alguma, aqui, inconsideradamente».) (61).

E no capítulo XIII de Josias: «Ali habitaram os avestruzes e retouçaram os peludos», diz: «Peludos são homens silvestres, cerdosos, que são incubos, ou sátiros ou um género de demónios».

Em Isaias, capítulo IV: «E virá a ser guarida de dragões, e pasto de avestruzes, e se encontrarão ali demónios», diz, «isto é, monstros como demónios».

Na glosa de São Gregório ao mesmo capítulo: «Os chamados por outros peludos, e não são estes os que os Gregos dizem *Panes* e os Latinos *incubos*».

Santo Isídoro no livro VIII, último capítulo, diz: «*Peludos*, que os Gregos chamam *panitas*, os Latinos, *incubos* e os Franceses *clusios*, demónios que coabitam imundamente com as mulheres» (62).

Destes *peludos*, que têm sido mencionados por vários viajantes como existentes em África, e que atacavam as mulheres das expedições que desembarcavam nas costas onde eles viviam, as violavam ou as levavam com eles, e que umas vezes eram apresentados como desprovidos de linguagem articulada, outras como falando uma língua ininteligível (63), destes *peludos*, dizíamos nós, deve-se ter originado a imagem dos *homens monteses* de que fala, por exemplo, o *Poema de Alexandre*, e dos *homens selvagens* tão frequentes na mascaradas medievais, em que os acto-

res se caracterizavam, figurando um corpo coberto de espesso pêlo.

Mas é preciso distinguir entre os antigos *sátiros*, *faunos*, *silvanos*, por um lado; os *homens monteses* ou *selvagens*, por outro, e os *incubos*.

Quanto aos *sátiros*, são muitas as lendas hagiográficas em que se refere que foram convertidos e baptizados por santos ermitões. De Santo Antão Abade se conta que, numa ocasião, no deserto, se aproximou dele um homem com cornos e com patas de cabra que lhe disse:

— Eu sou mortal e um dos moradores do ermo, que a gentildade, enganada por muitos, adora e venera sob o nome de *sátiros*, *faunos* e *incubos*. Venho junto de ti, como embaixador da minha manada, pedir-te que rogues por nós a Deus, que é comum a todos, e que nós sabemos que veio para a salvação do mundo, e a Sua fama se espalhou por toda a terra.

Santo Antão, ouvindo isto, exclamou:

— Ai de ti, Alexandria, que adoras os monstros criados por Deus! Ai de ti, cidade rameira, onde acorreram todos os demónios do mundo! Que poderás dizer agora, pois os animais louvam e confessam a Cristo, e tu, em lugar de Deus, honras os monstros?

Por esta história se vê claramente que os *sátiros*, *faunos* ou *silvanos*, como igualmente outros monstros mitológicos: *hipocentauros*, *onocentauros*, *tritões* e *neréidas*, *sereias*, *harpías*, *hipocampos*, *esfinges*, *grifos*, etc., e ainda, segundo outros, os *cabiros*, *dáctilos*, *arimaspos*, ou os *vampiros*, *lâmias*, *empusas*..., eram considerados, não como homens nem como demónios, mas como animais e monstros animais.

Os *incubos* e os *súcubos* são, pelo contrário, inteiramente diabos, espíritos, e os demonólogos têm-se empenhado em subtis investigações acerca da maneira que possam ter de exercer o seu offício e do motivo por que o adoptam.

A favor da existência de *incubos* e de *súcubos*, além dos lugares citados de Padres e Doutores, aduzem-se outros de São Clemente de Alexandria, Tertuliano, Josefo, Guilherme, Tomás Brabantino, etc., e de São Tomás (64), que disse: «Aquilo que a muitos parece certo não pode ser inteiramente falso».

Quanto ao modo de exercerem o seu offício, sendo os diabos espíritos, as opiniões variam muitíssimo. Uns dizem que tanto os anjos bons como os diabos possuem

certo corpo subtil, por meio do qual actuam sobre a matéria, da mesma forma que o fazem os homens. Alguns concedem-lhes forma humana, assegurando que os anjos caídos, ao afastarem-se de Deus, se tornaram densos e materiais. Dizem outros que, embora não tenham propriamente corpo, podem, por virtude própria, assumir formas visíveis e tangíveis, ou podem produzir nos homens a ilusão delas. Por fim, há demonólogos que supõem que os incubos e os súcubos tomam corpo em cadáveres de homens e mulheres, introduzindo-se dentro deles e animando-os. Esta última hipótese é verdadeiramente horrível; e, na verdade, não repugna de nenhum modo à maldade dos demónios esse refinamento, por meio do qual profanariam ao mesmo tempo um vivo e um defunto, ultrajando os seus despojos ao utilizá-los para cometer um pecado carnal, que aquele a quem o corpo pertenceu não pode impedir, e que o inimigo deseja assim manchado e prostituído. Há aqui algo que se relaciona com um dos mais profundos mistérios da vida.

Existe — ninguém pode duvidar — um «mistério do sexo», mas foi Satanás, nos nossos tempos, nos mais próximos da actualidade, quem, acumulando sombras em volta dele e complicando-o com outras coisas, fez que tal mistério se apresentasse com um aspecto abominável e perigoso.

Weininger, Rozanov, Merejkowski balbuciam este mistério de tal forma que, ao lê-los, ficamos receosos pela nossa razão. É como aquele Rabi cabalista, aquele Gaão hebraico que, segundo a lenda, meteu a cabeça no Paraíso Terreal e, ao sair, disse: «Há dois deuses lá em cima». Depois ficou doido furioso, cortou as vinhas e arrasou as plantações. Esse pretendo deus de duas caras chama-se *Abraxas*; descobriu-o Hermann Hesse há já anos, e este ano deram-lhe o Prémio Nobel. Assim, aceitando um Deus de duas caras — quer dizer, dizendo com uns e com outros — qualquer um é pacifista. Mas quem será esse Deus?

Dante viu Satanás, não com duas, mas com três caras. O de Hermann Hesse parece gnóstico, mas, provavelmente, é um *prastigium*. Lembra aqueles que andam dando voltas às palavras do Génesis, quando alude à criação do homem, «macho e fêmea os criou», para fazer supor que o primeiro homem foi hermafrodita: «Não compreendemos por que razão — diz Merejkowski — nos semblantes humanos mais geniais, mais espirituais, mais

pessoais (os de Alexandre Magno, Napoleão, Leonardo de Vinci, Goeth jovem, Byron) vemos transparecer, debaixo do masculino, um não sabemos quê de feminino e ainda virginal. Esse é o seu maior feitiço, como não há outro na terra...» «A personalidade — diz Rosanov — é o equívoco dos sexos...» Tudo isto é, sem dúvida, profundo, mas, certamente, não é limpo. Encerra talvez um mistério; mas é um mistério do qual não podemos nem devemos aproximar-nos. Voltaríamos com a alma ferida por uma arma envenenada, intranquila para sempre e sem nada haver compreendido (65).

O Diabo conhece e sabe usar muito bem destas miragens. Ri-se por de trás das imagens andróginas, dos Tammuz Ele e Ela, dos Adão-Eva e das letras gregas de Abraxas. Entrega-nos uma caixa fechada, que contém as chaves da vida e da morte, do céu e do inferno, do passado e do futuro, mas, afinal, a caixa nada contém. O segredo da esfinge acaba sempre por ser uma loucura.

«Para nós — diz Merejkowski — o único sentido do sexo é a procriação. O homem nasce para engendrar e para morrer; a personalidade é mortal, a espécie é imortal. Todo o ser humano deve, ao menos uma vez na vida, subtrair-se à cadeia dos nascimentos-mortes; uma vez na sua vida, pelo menos, deve unir-se cada homem a uma mulher, e cada mulher a um homem, mas não para engendrar, e depois morrer».

Aqui nos apresenta o autor, primeiramente a lei da Igreja; depois, a lei do Aquelarre.

Mas isto proporciona-nos a luz de que necessitamos para compreender a função diabólica dos incubos — «cada mulher com um homem», e, no seu caso, com o diabo — e dos súcubos — «cada homem com uma mulher» e com um diabo, na sua falta — para conseguir esse amor infecundo, no qual se venha a realizar o mistério dos Dois que fazem Um. «A essência celeste dos Eões encontra-se ali, onde não há masculino nem feminino, mas sim uma criatura nova, um ser novo, um Homem-Mulher». Sempre se disse que o Diabo aborrece a fecundidade, porque aborrece a vida. Spranger deve ter razão.

Jesus Cristo abençoou o amor entre o homem e a mulher, instituiu o Sacramento do Matrimónio, que tem como fins, entre outros, o da procriação e o da educação dos filhos; o seu fim transcendental é proporcionar às almas dos filhos a bem-aventurança eterna e proporcionar a Deus a glória que Lhe é devida.

Mas o Diabo pretende exactamente o contrário. Pode acontecer que lhe não repugne que nasçam homens, se houverem de se condenar; mas a condenação de um homem não é certa; quando muito, bastam uns segundos para inutilizarem o trabalho de muitos diabos durante muitos anos. E a infecundidade parece atentar mais directamente contra a obra da criação. Opera no sentido da morte. Tudo quanto se faz contra a fecundidade no amor, é feito, consciente ou inconscientemente, em serviço do Diabo.

É certo que Deus tem como mais perfeita a virgindade do que o matrimónio, mas a virgindade é uma renúncia, um sacrificio. O Diabo pretende a esterilidade sem renúncia. Por isso, procura unir-se carnalmente com homens e mulheres para escarnecer do acto procriador e prostituí-lo; tem em mira o ultraje ao pudor, sem qualquer consequência, pois diz-se que tais uniões nem sequer produzem prazer. E ainda pode não haver culpabilidade por parte do homem ou da mulher que é a vítima. Inclusive cita-se uma passagem de São Tomás (66), em que ele diz que pode uma mulher sofrer a acção dum incubo sem perder a virgindade. Os autores afirmam que os incubos e os súcubos não praticam o seu officio por voluptuosidade, mas por maldade. Parece que não têm em mira o pecado dos seres humanos a quem se unem, mas, se é possível, algo pior do que o pecado, pelo menos pior do que aquele pecado, e que é difficilimo de explicar.

Outros, ao contrário, falam de seres humanos ou de outra categoria engendrados por incubos. Insiste-se na geração dos gigantes, operada por eles. Atribui-se a São Tomás a opinião de que podem engendrar gigantes, «porque podem saber as virtudes da força geradora pela disposição do homem de que foi separada, e conhecer a compleição da mulher proporcionada ao mesmo, e também a constituição que melhor coopera para isto.

Assegura-se que Belarmino crê que o Anticristo nascerá de mulher em trato com incubo, opinião vulgarmente espalhada e verosímil, que se diz ter sido tratada e discutida na presença do imperador Segismundo, e resolvida em sentido afirmativo.

Esta questão do Anticristo está relacionada com a dos gigantes.

De facto, uma versão lendária, recolhida na Galiza, diz que no centro da terra existe um mundo muito maior e muito mais formoso do que este que nós habitamos.

Nele vivem uns homens de grande estatura e umas mulheres cruéis que, não querendo amamentar os filhos, os atiram para um monte, onde se alimentam de ervas. O Anticristo nascerá desta progénie. Sairá para o mundo pela cratera dum vulcão que há nas margens do Tejo e criar-se-á alimentando-se de peixes do rio. O Anticristo, pertencerá, pois, à raça dos gigantes, filhos dos incubos. Outra tradição do mesmo país fá-lo filho de uma monja e do Diabo (67).

Quanto aos expedientes de que os incubos e súcubos se valem para engendrar, há diversas opiniões, mas melhor será não expôr aqui nenhuma delas, porque são daquelas que, *pudoris causa*, os eruditos costumam citar em latim.

O facto de que os incubos e súcubos engendram filhos é uma crença geral. O povo dos Hunos que, conduzido por Átila, aterrorizou a Europa, diz-se ser procedente da união dos demónios incubos da estepe com as bruxas do Oriente da Europa.

Se os diabos engendram povos inteiros, ninguém estranhará que a história ou a lenda nos apresentem personagens célebres engendradas pelo Diabo.

Entre as personagens que a lenda faz filhos do Diabo, a mais famosa é o encantador Merlim. Em Merlim manifestam-se, de certo modo e por forma notável, os caminhos de Deus. A história não tem podido provar a existência de Merlim, mas Merlim ensina-nos como é conduzida a história. Hegel queixava-se de que os providencialistas não pudessem comprovar em nenhum caso determinado a intervenção de Deus nos acontecimentos, a direcção divina do suceder humano. Pois bem: não diremos que a história de Merlim o prove dum modo patente, mas, se não no-lo prova, «mostra-no-lo» por um modo exemplar e ensina-nos o caminho que hão-de seguir as nossas investigações para chegar a prová-lo.

Ao fazer engendrar Merlim por um incubo, Satanás propunha-se dar vida a um ser que havia de causar a perdição do género humano e, desde logo, o aniquilamento da Igreja e a destruição da Cristandade. É possível que Merlim estivesse destinado a ser o Filho da Perdição, o Anticristo.

Aqui estamos novamente perante o mistério. E novamente afirmamos que aquilo que a história de Merlim não valha como realidade histórica, vale-o indubitavelmente como ideia, como mito e símbolo, e talvez

como profecia. Quer isto dizer que as condições pessoais para a produção do Anticristo podem dar-se muitas vezes; daquela vez deram-se e, no entanto, a experiência diabólica frustrou-se plenamente, já por não haver chegado o tempo ou a ocasião, ou por qualquer outra causa que não conhecemos. De facto, se podemos crer que o tempo em que há-de aparecer o Anticristo está já determinado, também é certo que estamos obrigados a crer que não sabemos quando será. Inclusivamente pode já ter nascido muitas vezes e Deus ter detido ou aprazado o sobrevir dos acontecimentos. O Anticristo existe em potência desde que foi anunciado. Com efeito, entre os primeiros cristãos muitos foram aqueles que consideraram iminente o seu aparecimento e, não obstante, muitos séculos decorreram desde então. Podemos afirmar que ainda se não manifestou, mas não poderemos dizer quantos Anticristos frustrados terá havido.

O facto é que Merlim, se foi possivelmente engendrado para Anticristo, veio a ser o que há de mais contrário. Graças ao baptismo e aos ensinamentos do seu mestre, Blaysen, Merlim converteu-se numa poderosa coluna da Cristandade. E há aqui outra coisa a observar: Merlim excedia imensamente o seu mestre em ciência profana, exotérica e esotérica, mas sempre se mostrou submisso aos ensinamentos e conselhos de Blaysen.

A Merlim se deveu a existência e esplendor da monarquia céltica do rei Artur, espelho, exemplo e modelo de toda a monarquia cristã, que todos os reis históricos, que quiseram ou souberam sê-lo, tiveram sempre presente para imitarem no que fosse possível.

Por indústria de Merlim — e este foi o seu pecado — o rei Artur foi engendrado em adultério. Mas a verdade é que este mal gerou um bem, pois assim nasceu o mais perfeito dos reis e um herói que reinou sobre heróis, o fundador de toda a Cavalaria que procede da Távola Redonda, e aquele que dá o corpo emblemático a toda a esperança de restauração das coisas no seu justo lugar, segundo Deus e segundo a Justiça.

A história de Merlim mostra-nos de que modo o Diabo fracassa sempre nas suas empresas, e mostra-nos ainda como a justiça actua sobre a impiedade e a ordem sobre a desordem, e como Deus tira do mal o bem, escrevendo direito por linhas tortas.

Mesmo o fim do grande encantador é uma lição proveitosa, pois, sabendo o que se ia passar, soube também

não resistir ao mal e acéitar o castigo, indo à sua procura e, uma vez encerrado vivo num túmulo, por Viviana, dali gritou aos homens as suas profecias.

Há também uma espécie de seres humanos que se dizem nascidos da união dum incubo com um súcubo. Chamam-se *cambiões*; a sua figura é horrível e monstruosa, o seu peso extraordinário, e são dotados de tal voracidade que só um deles pode esgotar três amas ao mesmo tempo. Falam deles Lutero, Bodin, Delancré, Maiole... Este último conta que um mendigo trazia um consigo para excitar a piedade das pessoas; um cavaleiro, tendo pena dele, fê-lo subir para o seu cavalo e notou que o animal vergava sob o peso do *cambião* (68).

b) *Da possessão diabólica*

Um dos mais aparatosos prestígios diabólicos e dos mais aflitivos para os homens é a possessão. Com ela fazem os demónios grande ostentação de poder, própria para infundir o horror e o espanto nas pessoas.

O Diabo introduz-se no corpo do ser humano e torna-o instrumento seu, atormentando-o e obrigando-o a praticar actos extraordinários e a proferir blasfémias, ultrajes e inconveniências de toda a espécie. «Um possesso é um homem cujo corpo, e indirectamente também a alma (excepto a vontade, que nunca é de Satanás, a não ser que se consinta nisso), se encontra debaixo do poder de um ou mais demónios, que fazem dele instrumento seu» (69).

«Quanto ao corpo — diz São Tomás — pode o Diabo habitar substancialmente no homem, como se evidencia nos possessos, mas isto diz mais respeito à razão da pena do que à da culpa. Mas as penas corporais desta vida nem sempre são consequentes da culpa do que é castigado, pois às vezes se aplicam aos que não pecam, como no capítulo IX de Job se diz a respeito do cego de nascença; isto opera-se segundo a sublimidade dos incompreensíveis juízos de Deus. Por isso, e não por qualquer culpa mortal, habita o Demónio no homem substancialmente, embora quanto ao corpo» (70).

Nestas condições, o homem é possuído pelo Demónio quase sempre contra sua vontade, sendo esta uma das formas que tem o espírito maligno para vexar os homens: nos seus bens de fortuna, como a Job; nos seus corpos, com enfermidades; nos seus corpos e nas suas potências

inferiores, aterrando-os com sonhos espantosos e horríveis visões; na tentação exterior e interior, como, segundo Santo Agostinho, por sugestão espiritual, que não se faz pelo ouvido, mas pelo pensamento; na privação temporal do uso da razão, como quando a cananeia disse a Jesus: «Senhor, tende compaixão de mim; a minha filha está cruelmente atormentada pelo demónio» (71), e em torná-los como animais irracionais, tal a mulher arqueada curada por Jesus num Sábado.

Por isso pode ser administrada a Eucaristia aos energúmenos. «Nunca os nossos antepassados proibiram — disse Cassiano (72) — que se desse a Comunhão aos que estão possuídos de espíritos malignos; antes julgavam que, se fosse possível, devia ser administrada diariamente, dado que por ela se chega à limpeza e tutela do corpo e da alma e dado que, quando tomada, expulsa o espírito que se apodera ou tenta apoderar-se dos membros, o qual foge como foge dum incêndio aquele que sente abrasar-se. Há pouco tempo vimos curar-se desta maneira o abade Andrónico e muitos outros. Tanto maior dano fará o Demónio ao possesso quanto mais afastado o vir da medicina celestial, e tanto mais dura e frequentemente o molestará quanto mais longe o vir do remédio espiritual».

Assim, pois, pode o homem ser possuído do Demónio sem culpa sua. Cinco causas costumam assinalar-se para a possessão:

1.^o *Para maior mérito próprio* — No Decálogo de Severo, discípulo de São Martinho, fala-se de certo Padre de santíssima vida que expulsava demónios e, tendo-se tornado célebre por isso, envaldeceu-se; para combater a vaidade, quis que lhe fosse concedido ser possesso durante cinco meses, o que sucedeu, sendo preciso aplicar-lhe remédios.

2.^o *Por leve delito de outrem* — São Gregório apresenta o exemplo de Santo Eleutério Abade, que pernoitava perto de um mosteiro de virgens; uma noite, sem ele saber, puseram-lhe na cela um rapaz possuído do demónio, o qual nessa noite se viu livre do Demo. O abade alegrou-se com esse facto um tanto imoderadamente e disse: «Meus irmãos, o Diabo zombava daquelas irmãs, mas quando veio o servo de Deus, não se atreveu a aproximar-se deste menino...» Naquele mesmo instante o Diabo voltou para o rapaz e foi custoso libertá-lo.



As tentações de Jesus

Nicolás Florentino — Catedral Velha de Salamanca



As tentações de Santo Antônio

Palinir — Fotografia de Ruiz Varnesi

3.^a *Por pecado venial próprio* — Cassiano, Abb. Ser. prim. diz: «Moisés falou duramente ao abade Macário e foi entregue a um maldito demônio que, convertido em excremento humano, se introduziu na sua boca. Posto em oração, expulsou-o ao começar a falar.

4.^a *Grave pecado alheio* — São Gregório narra que o bispo Fortunato expulsara o Diabo do corpo dum possesso. Na manhã seguinte, o Diabo, disfarçado de peregrino, começou a gritar pelas ruas que o bispo o tinha deitado fora do hospício. Um homem convidou-o a ir para sua casa e regozijou-se por o Demônio falar mal do santo varão. E logo o Diabo entrou no corpo dum filho do hospedeiro.

5.^a *Grande maldade própria* — Em Colônia, uma virgem de dezasseis anos vivia com uma parenta sua. Uma vez quebrou uma vasilha e a parenta ralhou-lhe muito. A rapariga, aborrecida, não quis comer. A parenta insistiu: «É preciso que comas». Então a rapariga respondeu: «Pois, se é preciso comer, seja em nome do Diabo». E sentou-se a comer sem deitar a bênção. Com o primeiro bocado engoliu uma mosca e não a pôde deitar fora, ficando possessa, mas com uso da razão. Foi o P. Schussel quem a livrou do Demônio (73).

Aos possessos dão-se também os nomes de *endemóni-nhados*, *energúmenos* e *demoníacos*.

São acometidos de convulsões horríveis, semelhantes às da epilepsia, do tétano e da hidrofobia, e de ataques de loucura furiosa ou manifestações histéricas. Oesterreich assinala, além disso, três fenómenos que manifestam a posse: a mudança de fisionomia, a mudança de voz e o facto de que essa voz passa a expressar-se segundo o espírito de uma nova personalidade. «Examinando a série de casos de posse que acabámos de citar — diz ele — o primeiro e mais sintomático dos seus caracteres é que o organismo do paciente parece invadido por uma nova personagem. O organismo é dirigido por uma alma estranha» (74).

«Os traços do rosto, que no estado normal expressam serenidade e benevolência, mudam na ocasião em que o Demônio aparece neste homem, e a sua individualidade desvanece-se nas mais horríveis aparências infernais» (75).

língua mostrava-se inchada e em constante movimento. Os seus espantosos rugidos enchiam o espaço. Hilário ordenou que o desamarrassem, mas os que o haviam trazido não se resolviam a isso; por fim, um deles obedeceu. Adiantou-se então Hilário e disse ao camelo: «Raposa ou camelo, há-de ser sempre o mesmo e não me metes medo». Estendeu depois a mão sobre ele, e o animal, furioso como se quisesse devorá-lo, calu redondamente no chão.

«A ilha de Chipre foi testemunha de duzentas libertações de possessos, entre homens e mulheres, operadas por Santo Hilário.

«Os espíritos maus podem ser lançados fora por homens cheios de fé e de humildade; por isso São Pablo, primeiro ermitão, conseguiu expulsar um que tinha resistido a Santo Antão.

«Um dia foi levado a Macário de Alexandria um rapaz possuído do Demónio; o santo pôs-lhe uma das mãos sobre a cabeça e outra sobre o coração, mantendo-se assim um largo espaço em oração, até que o viu vacilar. Então o rapaz começou a inchar como um couro, soltando gritos e banhado em copioso suor. O santo esfregou-o com óleo bento e restituiu-o ao pai completamente curado, com a prescrição de não lhe dar vinho nem carne até aos quarenta anos.

«Os próprios ermitões também não estavam absolutamente livres do Demónio. Uma vez o abade Serapião viu-se livre duma mentira em que antes havia incorrido, e o Diabo saiu-lhe do peito em forma de língua de fogo, empestando toda a habitação com um fedor de enxofre» (92).

Diz-se de Santo Agostinho: «Eu sei também que pediam a este mesmo sacerdote e bispo que fizesse orações por certos energúmenos, todos enfermos; então, com lágrimas implorava a Deus e logo os demónios saíam do corpo dos homens. Uma vez que ele estava doente de cama, alguém trouxe-lhe um doente e pediu-lhe que lhe impusesse as mãos para que se curasse. Respondeu que, se estava em seu poder fazer algo por ele, não desejava fazê-lo logo. O outro disse que tinha sido visitado e que lhe haviam dito em sonhos: «Vai ter com o bispo Agostinho, para que ele lhe imponha as mãos e será salvo». Quando ele soube isto, não tardou a fazê-lo, e Deus, daquele enfermo, fez imediatamente um homem são» (93).

As *Actæ Sanctorum* de São Bernardo, que infundia um grande pavor aos diabos, relatam inúmeras histórias de endemoninhados. O Galo anónimo, livro 7, cap. 9, conta que, quando fazia vários anos que o santo homem dirigia Claraval, lhe trouxeram umas mulheres possesas para que as curasse. No dia anterior à chegada do santo, o Diabo tinha já empreendido a fuga por si mesmo, exclamando que não podia resistir a Bernardo, pois este, havendo até então vivido no século, e tendo sido tentado gravemente por ele contra a castidade, de nenhum modo se deixara vencer. Por isso, tinha de se render (94).

Em Bar-sur-Aube havia duas mulheres atormentadas pelos demónios. Os pais levaram-nas a São Bernardo e, quando chegavam às portas de Claraval, um dos diabos disse ao outro pela boca da mulher:

— É preciso que saíamos daqui.

— Porquê? — perguntou o outro.

— Não posso ver São Bernardo nem ouvir a sua voz.

E no mesmo instante deixou a mulher que recobrou a saúde.

Em Milão levaram-lhe uma mulher conhecida de todos, atormentada há sete anos por um espírito imundo, e pediram-lhe, em nome de Deus, que ordenasse a fuga do Demónio.

Ele estava todo agitado e dizia que convinha que os signos fossem feitos não para os fiéis, mas para os infiéis. Tendo confiado a sua empresa ao Espírito Santo e deixando que a sua prece fosse penetrada da força ceeste, quebrou o orgulho de Satanás, pô-lo em fuga e restituiu à mulher a saúde e a tranquilidade.

Na Igreja de Santo Ambrósio mostraram-lhe uma menina vivamente atormentada pelo Diabo. Tendo-a visto ranger os dentes e gritar de maneira que causava horror a quantos a viam, pegou na patena, derramou o vinho nos seus dedos e, confiando no Senhor, applicou a salutar bebida aos lábios da menina e derramou-lhe gotas sobre o corpo. Logo Satanás, abrasado, não pôde resistir e saiu precipitadamente e tremendo, num vômito infecto. A menina voltou para casa curada.

Noutra ocasião, a multidão empurrava até à igreja uma mulher de idade, respeitável cidadã de Milão. Havia anos que o Diabo estava nela e estrangulava-a até a privar da fala. Batia os dentes e deitava a língua de fora, como se fosse a tromba de um elefante; não parecia mulher, mas sim um monstro. O aspecto exterior repug-

riamente e proferem horríveis blasfêmias. Mas tal sinal não é certo senão quando as coisas se fazem sem que a pessoa o saiba; doutra maneira, quando dão conta disso, podem tornar-se maníacas, ou por aversão ao que é religioso ou por simulação. Não é, portanto, fácil conhecer a verdadeira possessão, e nunca será excessiva a reserva antes de se emitir qualquer juízo» (88).

Efectivamente, tem havido e há numerosos casos de falsa possessão, umas vezes simulada pelo próprio paciente, outras suposta pelas pessoas que o rodeiam.

A simulação pode ser inteiramente voluntária, fingindo o simulador o que não sente, mesmo encontrando-se em estado normal, ou sendo levado a isso por monomania, por alheamento mental ou perturbação psíquica, julgando-se ou não o indivíduo realmente possuído. Esta simulação é também, na maior parte dos casos, obra do Diabo. Com ela procura, como sempre, causar confusão nos espíritos, pois, em virtude das possessões simuladas, uns serão levados a negar toda a possessão diabólica, incluindo os casos referidos nos Evangelhos, outros verão fracassar nestes casos os exorcismos e as preces da Igreja e chegarão a não lhes dar valor algum ou a considerá-los como feitiçaria ou ignorância. Quer duma forma, quer doutra, o Diabo fica a ganhar.

«Desta natureza — diz Colin de Plancy (89) — encontram-se no passado muitas feitiçarias que a boa fé dos nossos pais não soube reprimir suficientemente. No entanto, houve muito menos escândalos do que se diz, e as possessões não eram tão correntes como se crê. Uma mulher possessa começava a causar alarme no tempo de Henrique III e o rei enviou imediatamente o seu cirurgião Pigray, com outros médicos, para tratarem do caso. Quando a possessa foi trazida perante os doutores, estes interrogaram-na e ela começou a dizer disparates. O prior dos Capuchinhos fez-lhe várias perguntas em latim a que ela respondeu muito mal e, por fim, verificou-se, por certos documentos, que essa mulher, há alguns anos atrás, havia já sido açoitada na praça pública por ter querido fazer-se passar por endemoninhada. E foi condenada a prisão perpétua. Ainda no tempo do mesmo rei, uma picarda dizia-se possuída do demónio para, aparentemente, se fazer temível.

O bispo de Amiens, que suspeitava de alguma impostura, mandou-a exorcismar por um leigo disfarçado de sacerdote, que ia lendo as cartas de Cícero. A possessa,

que sabia o seu papel de cor, atormentou-se, fez umas contracções de rosto horrorosas, gritou e saltou, exactamente como se o Diabo, que ela dizia estar nela, estivesse na frente de um sacerdote que lesse um livro sagrado. E assim foi a mulher desmascarada».

«E o sacerdote — diz Pedro Ciruelo (90) — antes de tudo, procure saber se aquele mal é demónio ou se é qualquer doença de coração ou de cérebro, etc., porque algumas vezes parece demónio e não o é. E para isso informe-se com um médico competente. Pelas coisas que se virem no paciente, também se pode conjecturar se é demónio; se fala palavras de outra língua que anteriormente não conhecia, é sinal de que se trata de demónio, assim como se diz que é a alma de qualquer homem ou mulher já falecidos. E ainda por outros sinais».

«A possessão diabólica — diz o Dr. D. Costa, S. P. — era um facto desgraçadamente frequente antes da vinda de Nossa Senhora e Jesus Cristo, que, em três anos de vida pública, livrou muitíssimos possessos do Demónio...»

«Os casos de possessão tornaram-se gradualmente mais raros à medida que se ia estendendo o reino de Cristo, mas nunca cessaram por completo, mesmo entre os cristãos» (91).

De muitos santos se conta terem expulsado os demónios do corpo dos possessos.

São Paulino, na *Vida de São Félix*, afirma ter visto um endemoninhado amarrado de cabeça para baixo na abóbada de uma igreja, sem que se lhe descompusessem os vestidos. E acrescenta que este homem foi depois curado pelo mesmo São Félix.

São Jerónimo conta também muitos casos de possessão. «Paula horrorizava-se perante o túmulo de São João Baptista, sentindo os rugidos dos demónios». Os possessos, dizia ela, uivavam, ladravam, silvavam. Outros faziam girar as suas cabeças, de forma que ficavam voltadas para as costas e depois vergavam-se até tocar o solo. Havia mulheres que se sustentavam no ar, de cabeça para baixo, sem que os seus vestidos se descompusessem.

O mesmo notável Doutor conta, na *Vida de Santo Hilário*, que todos os dias se apresentavam ao Santo animais furiosos, dos quais o Demónio se havia apossado. Um dia foi-lhe apresentado um enorme camelo que tinha matado muitas pessoas. Traziam-no no meio de mais de trinta indivíduos, amarrado com grossas cordas; tinha os olhos tintos de sangue, deitava espuma pela boca e a

«Ele (o presumido Demónio) falou hoje com uma voz que mais parecia uma voz de baixo masculina, e mostrou ao mesmo tempo uma insolência de gestos e de olhar que seria impossível descrever» (76).

«Era um espectáculo bem extraordinário para os que estávamos all presentes ver aquele espírito malvado expressar-se pela boca dessa pobre mulher, e tão depressa ouvir o som duma voz masculina como duma voz feminina, mas tão distintas uma da outra que não se podia acreditar que aquela criatura estivesse sôzinha a falar» (77).

«Durante um dos seus acessos, o que o espírito das trevas disse pela sua boca foram palavras dignas de um demónio em plena loucura, coisas que nunca poderia dizer esta menina de coração recto, maldições lançadas sobre a Sagrada Escritura, sobre o Redentor e sobre tudo o que é sagrado» (78).

«Apenas começara a dizer as orações, os seus olhos e feições ficaram descompostos como a última vez. E então ouviram-se estes sons estranhos: Oh! Ta! Ta! Ta!, pronunciados com extraordinária rapidez. Tudo isto era acompanhado de injúrias, pancadas e largos gestos... D. leu de novo as preces. Quando um nome santo era pronunciado, um furor diabólico estalava no Demónio que fechava os punhos num gesto de ameaça. Estas explosões cessavam com a operação» (79).

Quanto ao estado psicológico do possesso, os psicólogos modernos vêem-se em grandes apertos; mencionam casos em que o possesso perde a consciência, pelo menos durante o acesso; a sua personalidade fica anulada e aparece apenas a do espírito possuidor. Este fala sempre na primeira pessoa; quando diz «eu», não se refere a si mesmo, pois o «eu» é do Demónio, visto ser este quem fala e não o paciente. O espírito refere-se ao possesso na terceira pessoa; chama-lhe «ele», «ela» ou a «criatura» (80), ou a designa com um termo injurioso «a porca» (81). Em muitos casos, o possesso, passado o acesso, não se recorda de nada, nem pode dar conta do que disse ou do que fez (82). A esta espécie chamam alguns *possessão sonambular*.

Mas os psiquiatras não tiveram remédio senão admitir outra forma de *possessão*, em que o paciente conserva a consciência da sua personalidade habitual e dá conta plena do que acontece. É a chamada *possessão lúcida* (83).

Já Cassiano fazia essa distinção: «Alguns ficam tão excitados que por forma alguma dão conta do que fazem ou dizem; mas outros sabem-no e recordam-no depois» (84).

«A respeito da epidemia de possessão de Kintorp (século XVI) conta-se o seguinte: «Um pouco antes do acesso e depois dele, expeliam pela boca um hálito fétido que durava às vezes algumas horas. No seu mal, algumas não deixavam de conservar o entendimento são e de ouvir e reconhecer os que estavam com elas, embora, devido às convulsões da língua e dos órgãos que servem para a respiração, não pudessem falar durante o acesso...» Kerner escreve: «Noutros, os olhos ficam abertos e conservam a consciência lúcida, mas o enfermo não pode resistir, nem com toda a sua força de ânimo, à voz que fala nele; ouve-a expressar-se como uma individualidade distinta, estranha, alojada nele, que não pode dominar» (85). Alguns pacientes descrevem o próprio estado com toda a precisão; dizem como se sentem constrangidos, contra vontade sua, a andar, falar, gritar, chorar, dançar, atirar-se ao chão, dar com a cabeça nas paredes e proferir palavras indecentes ou sacrílegas.

Julgava-se noutros tempos que os possessos podiam ser reconhecidos por certos sinais, como as convulsões, a inchação do rosto, a insensibilidade e o espanto, a imobilidade, os ruídos do ventre, o olhar fixo, as respostas em lingua vulgar a palavras latinas, as picadas de lanceta sem efusão de sangue, o vomitar dos alimentos tais como foram engolidos... (86).

Mas a Igreja exige sinais mais eficientes. O Ritual Romano propõe três principais, que são:

- 1.º Falar uma lingua desconhecida, empregando suficiente número de palavras, ou entender quem a fala.
- 2.º Descobrir coisas longínquas e ocultas.
- 3.º Dar provas de uma força superior à idade e às condições da pessoa.

Estes e outros sinais semelhantes, quando se verificam numa só pessoa, são os mais poderosos indícios da possessão (87).

«Aos três sinais indicados pelo Ritual podem juntar-se os efeitos causados pelos exorcismos ou pelo uso de objectos sagrados, principalmente quando este uso se faz sem que o possesso o saiba. Há, com efeito, pessoas que, ao contacto com um objecto sagrado, ou quando se rezam sobre elas orações litúrgicas, se encolerizam extraordiná-

nante, o rosto horrível, o hálito fétido, tudo atestava a imundície de Satanás que nela habitava. O santo ordenou-lhe que ficasse ali, e ela, na sua resistência, chegou a dar-lhe pontapés. São Bernardo pediu ao povo que orasse e começou a missa. Tendo consagrado, pôs o cálice e a patena com o Corpo de Cristo sobre a cabeça da mulher e disse:

«Aqui está, espírito iníquo, o teu Juiz, o Todo Poderoso. Agora, resiste, se podes. Está aqui o que deve sofrer por nossa salvação. Agora, diz Ele que o Príncipe deste mundo tem de ser lançado fora. Eis aqui o corpo que foi tirado do corpo da Virgem, que foi estendido na Cruz, que foi posto no sepulcro, que ressuscitou dentre os mortos e que subiu ao Céu na presença dos discípulos. Pelo poder terrível de Sua Majestade, eu te ordeno, espírito maligno, que saias da sua serva e que não voltes mais a tocar-lhe».

Quando acabou a missa, a mulher estava curada (95).

De São Norberto de Magdeburgo conta-se um caso extremamente rebelde. Tratava-se de uma jovem possessa. O Diabo zombou do santo. Apertado por este, disse:

— Se queres que eu saia daqui, permite-me que entre naquele monge que está acolá ao canto.

O santo continuou inflexível e o Diabo disse-lhe:

— Que queres, pois? Nem por tua causa, nem por causa de outro, saio hoje daqui. Olha: se chamo, os esquadrões negros vêm em meu auxílio. Vamos! de pé! em guerra! Vamos! de pé! em guerra! Estas ogivas e estas abóbadas vão cair sobre nós.

O povo, assustado, fugiu, mas o sacerdote deixou-se estar. A possessa pretendeu estrangulá-lo e, como alguns acudissem, o santo disse:

— Deixai. Se Deus lhe deu força para isso, pode fazê-lo segundo a Sua vontade.

Ela retirou as mãos. Meteram-na na água e, *como era loura, o sacerdote receou que isso permitisse ao Demônio manter o seu poder sobre ela*, e mandou-lhe cortar os cabelos. O Demônio, enfurecido, gritou:

— Estrangeiro de França, estrangeiro de França, que te fiz eu para que não me deixes tranquilo? Que todos os males e toda a desgraça caiam sobre ti e tua cabeça, por me atormentares assim.

Foi necessário adiar o caso para o dia seguinte e, como o Diabo o desafiasse, São Norberto suspendeu o exorcismo e passou aquela tarde em jejum. No dia

seguinte mandou a possessa à missa. À elevação, o Diabo gritou:

— Olhai como tem o seu pequeno Deus nas mãos.

O santo, então, atacou-o com toda a força do seu espírito.

O Diabo, cheio de angústia, suplicou:

— Eu ardo! Eu ardo!

Depois disse:

— Morro! Morro!

E por fim:

— Quero ir embôra! Despachai-me!

E escapou-se, deixando um regueiro nauseabundo (96).

Há numerosas curas de possessos atribuídas ao santo imperador Henrique II, a São Francisco de Assis, a Santo António de Pádua, a São Pedro Mártir, a São Francisco de Paula e muitíssimos outros. Mais recentemente, ao santo cura de Ars.

Mas, se só os santos pudessem expulsar os demónios, mal estava a maioria dos energúmenos. Felizmente, há outros remédios: há um remédio especial e há outros gerais (97).

O remédio especial consiste nos *exorcismos* estabelecidos pela Igreja. «O exorcismo é uma cerimónia com que os ministros da Igreja ordenam, com autoridade, aos demónios que abandonem as pessoas cujos corpos possuem ou assediam, ou que se retirem de outras criaturas de que estes espíritos certa vez abusam, permitindo-o Deus, depois que, de certo modo, se lhes têm sujeitado».

«A Igreja exorciza, com orações solenes, o óleo... a água benta... os corpos dos catecúmenos, quer dizer, das crianças e dos adultos que estão para passar, mediante o santo baptismo, do poder de Satanás para o de Jesus Cristo, e os corpos dos possessos, daqueles nos quais, depois do baptismo, entraram os demónios» (98).

Jesus Cristo previu a luta com o Diabo e, na Sua virtude, deu jurisdição e poder espiritual a seus discípulos, e seus sucessores, isto é, aos sacerdotes da Igreja, sobre os diabos, para que, em Seu nome, os esconjurassem e os deitassem fora dos corpos dos homens. Em virtude deste poder conferido por Jesus Cristo, a Igreja estabeleceu os exorcismos.

Podem exorcizar não só os sacerdotes que receberam as Ordens Maiores, mas também todos aqueles que atingiram o grau de *Exorcista*, que é o terceiro das

trão (*Metatrão*, provavelmente de *Meta-tyrannos*) aparece na cabala hebraica como o mais elevado dos anjos ou dos espíritos celestes.

Oesterreich (102) insere um curioso exorcismo colhido num papiro mágico de Paris, publicado por Wesseley, e que diz assim:

«Contra a possessão demoníaca. Fórmula experimentada por Pibechis. Toma suco de frutas verdes, junta-lhe a planta Mastigia, medula de loto e põe a cozer com Majaoran (a espécie incolor); depois pronuncia as palavras seguintes: Joel, Ossarthiomi, Emori, Theo chipsoith, Sithemeoch, Sothe, Joe Mimisothiooph, Phersothi, Accioyo, Joe, Eochariphata; afasta-te de N. Escreve a fórmula seguinte numa placa de estanho: «Jaco, Abrasthiooch, Pitha, Mesentiniac, Pheoch, Jaco, Charsok», e pendura-a no enfermo. És para todos os demónios objecto de espanto. Coloca-te em frente do paciente e esconjura-o. A fórmula de exorcismo é a seguinte:

«Eu te esconjuro pelo Deus dos Hebreus, Jesus, Jaba, Jae, Abraoth, Aia, Throth, Ele, Elo, Aeo, Eu, Jubaech, Abarmas, Jabaran, Abelbel, Lona, Abra, Maroia, Arm; tu que apareces no fogo, que vives no meio dos campos, e da neve e da névoa; tu, Tannetis, que o teu anjo inexorável desça e ponha em segurança o demónio vagabundo desta criatura que Deus criou no Seu Santo Paraíso. Porque eu invoco a Deus Santo, apoiando-me sobre Ammonipsentanch». Sentença: «Eu te esconjuro com um verbo eficaz: Jacouth, Ablanathanalba, Akramm». Sentença: Aoth, Jathabathra, Chachtabathra, Chamynchel, Abrooth; tu és Abrasiloth, Allellu, Jelosai, Jaël. Eu te esconjuro por Aquele que se manifestou a Osrael (Israel?), de noite, em uma coluna de fogo e de dia em uma nuvem, e salvou o Seu povo das correias do Faraó e enviou ao Faraó as Dez Pragas, porque não entendia. Eu te esconjuro, espírito demoníaco, para que digas quem és. Eu te esconjuro pelo selo que Salomão pôs na língua de Jeremias para que fale. Diz quem és, ser celeste ou espírito aéreo».

A Magia inventou, segundo parece, os nomes dos espíritos. No entanto, um estudo filológico aturado consegue identificar todas estas estrambóticas palavras, que são nomes e expressões desfigurados, procedentes de línguas antigas: palavras egípcias, hebraicas, gregas, suméricas, persas, etc., recolhidas principalmente pelo sincretismo

helenístico e espalhadas, com todo o aglomerado de coisas mágicas, na Europa, principalmente pelos Judeus.

Não só falsos esconjuradores, mas até muitas vezes os próprios exorcistas eclesiásticos têm obrigado o Diabo a falar pela boca dos energúmenos. E deste modo, os demónios têm descoberto coisas ocultas e têm até anunciado o futuro. O mais notável é que, às vezes, têm sido obrigados a confessar Jesus Cristo ou verdades da religião. Conta-se, por exemplo, o que foi manifestado por um diabo a São Bernardo:

— Não — respondeu ao exorcismo —, este comedor de gravoço, este devorador de bilis não me fará afastar da minha cachorrinha.

Tendo a possessa sido levada a São Siro de Milão, disse o mesmo diabo:

— O pequeno Siro não me expulsará, nem tão-pouco Bernardito.

Apertado pelas orações, mudou de ideia:

— Com que vontade sairia para fora desta cachorra! Vejo-me tão atormentado dentro dela! Com que vontade sairia! Mas não posso.

— Por que não podes?

— Porque o grande Deus o não quer.

— E quem é o Grão Senhor?

— Jesus de Nazaré.

— Onde conhecestes a Jesus? Já O viste?

— Já O vi.

— Onde O viste?

— Na Sua glória.

— E tu estiveste na glória?

— Sim, é verdade.

— E como saíste de lá?

— Muitos de nós caíram com Lúcifer.

— Não quererias voltar à glória e ser restituído ao teu antigo gozo?

— É muito tarde (103).

E o cura de Ars, em 1840, interrogou uma possessa que lhe disse:

— Sou imortal.

— Então és tu a única que não morrerás?

— Não cometi na minha vida mais que um pecado e do seu fruto torno participante quem quiser. Absolve-me.

— Tu qui es?

— *Magister caput*: Bruto, grosseiro e negro. Como me fazes sofrer! Guerreamo-nos mutuamente; veremos

audiência e, quando sai a primeira vez, ordena-lhe que, ao sair, faça algum estrondo ou dê qualquer sinal que possa ser visto e ouvido por todos os que ali se encontram...»

Estes esconjuros contra a possessão diabólica encontram-se na maioria dos Grimórios e Rituais mágicos, como no *Enchiridion Leonis Papæ*, colecção de orações que se diz terem sido enviadas ao imperador Carlos Magno pelo papa Leão III; no *Grão Grimório*; em diferentes edições do *Grande e Pequeno Alberto*, atribuídos a Santo Alberto Magno; no *Sexto e Sétimo Livros de Moisés*, pretensa continuação do *Pentateuco*.

O *Livro de São Cipriano*, versão de Jonas Sufurino, insere as seguintes orações:

«Preceito ou esconjuração dos demónios, para que não mortifiquem o enfermo durante o tempo que duram os exorcismos:

«Eu, como criatura de Deus, feito à Sua semelhança e remido pelo Seu sangue, vos obrigo por este preceito, demónio ou demónios, a que cesseis vossos delírios e deixeis de atormentar com as vossas fúrias infernais este corpo que vos serve de aposento. Segunda vez vos cito e notifico em nome do Soberano Senhor, forte e poderoso, para que deixeis já este lugar e saiais para fora dele, não voltando mais a ocupá-lo. O Senhor seja com todos nós, presentes e ausentes, para que tu, demónio, não possas nunca atormentar as criaturas do Senhor. Foge, foge, foge ou, caso contrário, serás amarrado com as cadeias de Miguel Arcanjo, e humilhado com a oração de São Cipriano, destinada a desfazer toda a espécie de feitiçaria».

Oração de São Cipriano, sem dúvida apócrifa:

«Como servo de Deus e criatura Sua, desligo do espírito maligno quanto este tem ligado. Em nome do Divino Criador, a Quem amo, desde que O conheço, de todo o meu coração, alma e sentidos, e a Quem prometo adorar eternamente e agradecer também os benefícios que, como pai amoroso me concede sem peso nem medida, ordeno-te, espírito do mal, que te separe acto contínuo deste corpo que estás atormentando e o deixes livre da tua presença, para que possa receber dignamente as expressões da alma exorcizada que, qual chuva divina deito sobre ela, dizendo: Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo (assim se faz), que vivem e reinam eternamente. Pelas virtudes que possuem os espíritos superior-

res, Adonai, Eloim e Jeová, cuja presença e fortaleza invoco neste acto. Amém».

Exorcismo para livrar as pessoas dos maus espíritos:

«Em nome de São Cipriano e da parte de Deus, três vezes santo, pelo poder dos espíritos superiores Adonai, Eloim, Jeová e Mitatrão, eu, N., absolvo o corpo de P., para que seja libertado de todos os maus feitiços, encantos e sortilégios, quer sejam causados por homens ou mulheres, quer por qualquer outra coisa. Deus seja louvado e glorificado e Se digne dispor que todos os sortilégios sejam desfeitos, destruídos, desligados e reduzidos a nada, para se conseguir deste modo que o corpo de P. fique livre de todos os males que padece.

«Deus grande e poderoso, seja Teu nome glorificado e que, por Vossa soberana intercessão, sejam obrigados a retirar-se os espíritos que se tenham instalado no corpo de P., cessando já o sortilégio de que se tenham servido os causadores deste dano. Eu vos esconjuro e mando desaparecer, sem que jamais possais entrar neste corpo, sobre o qual faço três cruces e o benzo com água exorcizada, em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo, que amparem e protejam P., para que nunca seja atormentado».

Estas orações são acompanhadas de aspersões de água benta e de cruces feitas sobre o corpo do paciente, sendo: uma na testa, outra no peito, e outra no ventre — nas sedes das três almas de Platão? —, cruces essas que hão-de ser traçadas com o dedo polegar da mão direita, precisamente da esquerda para a direita, e estando o exorcista colocado à direita do enfermo.

Salvo a invocação de Adonai, Eloim e Jeová como espíritos superiores distintos de Deus, estas orações são pura imitação de outras orações da Igreja, e de aspecto, se bem que abusivo, não disparatado nem blasfemo.

Adonai, Eloim (Elohim), Jeová ou Iavé são nomes de Deus bem conhecidos, que se encontram na Escritura Sagrada; mas nos grimórios e livros mágicos costuma chamar-se assim a certos anjos ou «espíritos superiores», cuja jerarquia nos apresenta Jonas Sufurino por esta forma: Adonai, Anjo de Luz, recebe as ordens directamente do Ser Supremo; ao seu imediato serviço e com poder idêntico, estão Eloim e Jeová; seguem-se em categoria: Mitatrão, Azrael, Astróquio, Elói, Milech, Ariel e Zebaoth. Noutros livros a nomenclatura varia. Tudo isto tem uma remota origem gnóstico-cabalística. *Mita-*

Ordens Menores, se bem que, tratando-se de endemoninhados, é obrigatório que o bispo comissione um presbítero eleito entre os de vida mais austera e de maior cultura.

Entre os remédios gerais, o Ritual aconselha a Confissão geral e a Sagrada Comunhão. São Tomás diz: «Não se pode negar a Comunhão aos endemoninhados, a não ser que se tenha a certeza que são atormentados por motivo de algum crime» (99).

São também remédios: as orações dos bons pelos possessos; a absolvição da excomunhão, se esta pesasse sobre eles; os sacramentos; os objectos benzidos; o Crucifixo; o sinal da Cruz; as reliquias, principalmente as autênticas do *Lignum Crucis*; a invocação do nome de Jesus e, segundo alguns, os *Agnus Dei* benzidos pelo Papa.

Os santos doutores — São Jerónimo, Hugo o Venerável, Guilherme de Paris, Nicolau de Lira, Alberto de Luca — supõem que também podem ter eficácia alguns remédios, como defumadoiros, ervas, emprego da música, etc., ou porque, com tais remédios, ao curar o corpo se minora o mal, ou porque com eles se atormentam e se incomodam os demónios. Neste caso, devemos citar Pedro Burgense que diz: «Não só parece que se deve admitir que algumas coisas sensíveis podem aliviar os que são atormentados pelos demónios, como diz Nicolau de Lira, mas também que, graças a essas coisas, podem as mesmas pessoas ver-se completamente livres do Demónio, o que se prova com a mesma razão que dá Nicolau. Porque, assim como os demónios não podem à sua vontade transmutar a matéria corporal, se não houver de permissão qualidades activas que disponham essa mesma matéria a receber a acção penosa nos corpos possuídos por eles, como diz Nicolau, assim também pode curar-se com alguma coisa sensível a disposição do corpo humano, tornando-o refractário à acção do demónio» (100).

Apenas podem exorcizar e esconjurar os demónios aqueles sacerdotes com ordens expressas para isso, mas em todos os tempos tem havido leigos que se têm arrogado esse poder e têm pretendido passar, ou têm passado, por hábeis tiradores de espíritos.

A respeito destes homens diz Pedro Ciruelo (101): «Deste princípio (que só podem exorcizar os sacerdotes com ordens) conclui-se claramente que, quando algum simples leigo, embora de prima-tonsura mas não

de graus, se apresenta como tirador de espíritos maus dos possessos e pratica esse officio públicamente, há razão para suspeitar de que se trata de nigromante feiticeiro e que ele assim procede por pacto de amizade que tem com o Diabo, quer às claras quey às ocultas. E o Diabo, para melhor os enganar, ensinou-lhes certos esconjuros, quase semelhantes aos que usam na Santa Igreja Católica contra os demónios, para os compellir a que saiam, ainda que não queiram, dos corpos dos homens. Nestes esconjuros diabólicos, com algumas palavras santas e boas estão misturadas outras más, e também algumas vãs superstições. Tais esconjuros não têm virtude para compellir o Diabo a sair de dentro dos homens contra sua vontade, mas estes maus esconjuradores fingem que empregam força contra o Demónio e o obrigam a sair. E isto é devido a um accordo secreto que há entre eles ambos, como entre dois maus homens que fingem que estão zangados e que se ameaçam, quando afinal se entendem, pois, se um diz uma coisa, o outro já sabe o que há-de responder. Trata-se de uma astúcia do Diabo para poder conversar com os homens; além disso, como o nigromante apresenta as suas razões e o Demónio lhe responde, junta-se muita gente para os ouvir. E o que o Diabo deseja é ter grande auditório, para, com as suas razões, semear alguns erros contra a Fé e contra a religião de Cristo e para ordenar que se façam certas obras vãs e supersticiosas sob a cor de coisas santas e devotas. Assim procura difamar pessoas de honra, descobrir furtos e pecados secretos e fazer que os ouvintes pequem por maus pensamentos...»

«Mas o mau e supersticioso tem outros esconjuros (que não são os da Igreja), secretos, que poucos conhecem e que ele não quer mostrar senão a seus amigos, discípulos do Diabo; e juntamente com as palavras que diz, faz outras cerimónias de ervas e defumadoiros de péssimo cheiro. No meio de todas aquelas palavras há vocábulos desconhecidos e alguns são tão secretos que não os dizem senão ao ouvido do endemoninhado. Apresenta muitas razões ao Diabo e gasta muito tempo com perguntas e respostas, tudo isto em audiência pública de muita gente. Pede-lhe que lhe diga quem é, como se chama, que veio ali fazer; faz-lhe muitas outras perguntas para que se junte muita gente, para que todos oiçam e fiquem ali embasbacados. Pede-lhe depois que regresses tal dia e a tal hora ao mesmo corpo, para que compareça à sua

quem vence. Qualquer coisa que faças, estarás trabalhando para mim; tu julga-los a todos bem preparados, mas não estão. Por que fazes exame de consciência aos penitentes? Não lhes basta o que eu os obrigo a fazer?

— Mas, antes de se examinarem, recorrem a Deus.

— Por mera fórmula. Asseguro-te que quem lhes faz o exame sou eu. Estou na tua capela mais do que tu pensas; o corpo sai, mas fica o espirito. Quando te enganam, gozo. Nem todos os que se aproximam de ti se salvam. És um avaro.

— Pouco possuo, e esse pouco dou-o do coração.

— Não te falo dessa avareza. És avaro de almas. Querias ir para Leão; querias retirar-te para a solidão. No último Domingo distraíste-te na missa... O teu «casaca roxa» escreveu-te... Mas eu consegui que ele se esquecesse de uma coisa essencial. (Todos estes factos eram certos).

O cura perguntou-lhe por outro sacerdote virtuoso e o Diabo respondeu:

— Não o quero.

Perguntou-lhe por outro.

— Desse me feliçito; deixa-nos trabalhar a nosso gosto. Há sapos negros que não me fazem sofrer como tu. Eu ajudo-os à missa, porque a dizem para mim.

— Ajudas à missa?

— Estás-me a aborrecer. Oh! Se a (Santíssima Virgem, designada com uma palavra injuriosa) não te protegesse! Temos feito cair outros mais fortes do que tu... Por que te levantas tão cedo? Desobedeces ao «casaca roxa». Por que pregas com tanta simplicidade? Passas por um ignorante...

Um padre lazarista obteve as seguintes respostas do Diabo:

— *Dic: adoro Filium Dei Unigenitum.*

— Não.

— *Hic presentem.*

— Bem o sei.

— *In Tabernaculo.*

— Sim.

— *Dic: adoro Jesum.*

— Não o digas, meu filho.

— *Da honorem Christo.*

— É meu filho.

— Miserável, adora a Jesus, esposo da Igreja.

— Não! Mete-me medo. (Em voz baixa). Adoro a Jesus Cristo.

— Diz a Trindade.

— Lúcifer, Belzebu, Leviatan.

— Diz a Divina Trindade.

— Já disse bastante... (Em voz baixa). *Sanctus, Sanctus, Sanctus*.

O doutor Helot assegura que, em exorcismos presenciados por ele, o Diabo confessou a Santíssima Trindade, a Presença Real, a Imaculada Conceição, a autenticidade da Bíblia, o Pecado Original, o Inferno, o Céu, o Perdão dos Pecados, o Poder da Igreja, os efeitos da Missa, etc. (104).

Fundados, sem dúvida, num lugar do Evangelho (105), em que Jesus Cristo faz passar os demónios para uma vara de porcos, tanto os falsos esconjuradores, como a crença popular supõem que, quando se deitam os maus espíritos fora do corpo dum possuído, é necessário assinalar-lhes um novo alojamento.

Também se julga que é preciso indicar ao Diabo a parte do corpo por onde ele há-de sair, e que o Diabo deixa ali um sinal: uma mancha, uma cicatriz, um dedo torcido, etc.

A possessão diabólica, falsa ou verdadeira, tem-se apresentado frequentes vezes por forma epidémica. L. F. Calmeil catalogou as seguintes epidemias de possessão desde os fins do século XV (106):

Em 1491-1494, num convento de monjas de Cambraia (Condado de la Marche).

Em 1551, em Uvertet (Condado de Hoorn).

Em 1550-1556, no claustro de Santa Brígida, perto de Xanten.

Em 1552, em Kintorp, perto de Estrasburgo.

Em 1554, em Roma (84 pessoas affectadas).

Em 1560-1564, no convento de Nazaré, em Colónia.

Em 1566, em Findlingsheim, em Amesterdão (30 ou 70 meninos).

Em 1590, em Milão (30 monjas).

Em 1593, em Friedeberg, Neumark.

Em 1594, na Marca de Brandeburgo (80 casos).

Em 1609-1611, as Ursulinas de Aix.

Em 1613, em Santa Brígida de Lille.

Em 1628, várias monjas em Madrid.

Em 1632-1638, o famoso caso das Ursulinas de Loudun, com outros em Chinon, Nimes, Avinhão.

Em 1642, o das monjas de Louviers (18 possessoras).

Em 1652-1662, as monjas de Auxonne.

Em 1670, nos meninos, em Mora (Suécia) e no orfanato de Hoorn (Holanda).

Em 1681, em Tolosa.

Em 1687-1690, em Lião, afectando 50 irmãos.

Em 1732, em Bayeux, epidemia que durou 10 anos.

Em 1740-1750, dez casos entre as monjas de Unterzell, na Baixa Francónia.

Em 1857-1862, em Morzines, na Alta Sabóia (120 pessoas endemoninhadas).

Em 1878, em Verzeguis, no Friul.

Em 1881, em Piedrau, perto de Saint-Brieuc, e em Jaca (Espanha).

De todos estes casos, os que se tornaram mais célebres foram os ocorridos na França, especialmente os das Ursulinas de Aix, de Loudun e de Louviers. Os Franceses, com a sua grande tendência para a publicidade e a propaganda, exploraram a possessão diabólica, como têm explorado os crimes sensacionais. Este afã de se dar ao mundo em espectáculo pode ter também muito de diabólico. Em todo o caso, o Diabo ajudou eficazmente os Franceses na importante tarefa de *épater le bourgeois*...

A possessão das Ursulinas de Aix foi atribuída a João Baptista Gaufredi, sacerdote de Marselha que tinha obtido do Diabo, por pacto, o poder de enamorar as mulheres, deitando-lhes o hálito. Enamorado da filha dum gentil-homem, Madalena de la Palud, a jovem, atemorizada, ingressou no convento das Ursulinas. Gaufredi, enfurecido, lançou contra o convento uma legião de demónios que penetraram nas religiosas. Uma vez descoberto, o Parlamento de Provença mandou-o prender, em 1611, e, perante aquele tribunal, fez a seguinte confissão:

«Confesso ter feito pacto com o Príncipe dos Infernos e ter conseguido dele poder para alcançar quanto desejasse. Confesso ter-me utilizado muitas vezes desse poder. Confesso ter frequentado o Sábado e ter participado em corpo e alma na libertinagem usada nestas cerimónias. Declaro que, ao chegar ali, se prostram todos perante Belzebu, adoram-no, beijam-lhe o traseiro e, feito isto, negam Deus, o céu e os santos com grandes gritos. Declaro que, com meu consentimento, recebi a marca do Diabo e que essa marca, feita com o dedo pequeno de Satanás, produz primeiramente uma ligeira impressão de queimadura, e depois uma impressão agradável. Confesso

ter deitado o hálito, com maus fins de lascívia, a muitas mulheres e, com mais frequência, a Madalena de la Palud. Confesso também ter levado a desordem ao convento das Ursulinas, mandando para all uma legião de demónios, que as devem ter incomodado dia e noite.

Gaufredi foi condenado à fogueira em Abril de 1611.

O caso das Ursulinas de Loudun apresenta-se muito obscuro e envolvido na suspeita de uma terrível intriga, a que a política não era estranha.

Trata-se das monjas de um convento de Ursulinas estabelecidas em Loudun, em 1626, as quais, sete anos depois, aparecem possuídas do Demónio. Atribui-se esta desgraça a um sacerdote chamado Urbano Grandier, cônego da Colegiada de Santa Cruz, daquela localidade, homem letrado, mundano e de certa liberdade de costumes, que tinha escrito, ou a quem se attribuía, um panfleto político contra o omnipotente cardeal de Richelieu, intitulado *La Cordonniers de Loudun*. O tal Urbano Grandier, que aspirava à direcção espiritual das Ursulinas, e que a não conseguiu, tê-las-ia enfeitado por vingança. Diz-se que pôs em prática a bruxaria, atirando para o cenóbio um ramo de rosas sobre o qual havia executado certas operações mágicas, de forma que todas as monjas que aspiraram o perfume daquelas rosas, caíram num estado de loucura, durante o qual chamavam em grandes gritos por Grandier e, logo que Grandier se lhes apresentava nas suas alucinações ou avistavam a sua verdadeira figura, fugiam horrorizadas.

A priora, Sórora Joana dos Anjos, calu num estado gravíssimo, com crises durante as quais aparecia levantada e suspensa no ar. Conserva-se dela uma autobiografia, na qual nos descreve o que se passava:

«No começo da minha possessão, estive cerca de três meses numa continua perturbação de espirito, de forma que não me recorde de certas coisas que se passaram nesse tempo. Os demónios operavam com plena potência, e a Igreja combatia-os dia e noite com exorcismos.

«Tinha muitas vezes o espirito cheio de blasfémias que eu amiúde proferia, sem me poder dominar para o não fazer. Sentia uma continua aversão contra Deus e não tinha para mim maior objecto de ódio do que a vista da Sua bondade e da facilidade com que Ele perdoa aos que se querem converter. O meu pensamento occupava-se muitas vezes a procurar pretextos para O desgostar e fazer com que outros O ofendessem. É verdade que, pela

misericórdia de Deus, eu não era livre nestes sentimentos, embora o não soubesse, porque este demónio ofuscava-me de tal maneira, que quase não distinguia as suas vontades das minhas. Além disso, sentia grande aversão contra a minha profissão religiosa, de modo que muitas vezes, nesse estado de espírito, rasgava todos os meus véus e os das minhas irmãs, quando os podia apanhar, calcava-os aos pés e dilacerava-os, amaldiçoando a hora em que entrei para a religião. Tudo isto se fazia com grande violência, e eu creio que não era livre».

E continua a dizer como lançava fora a Comunhão, como era golpeada violentamente pelo Demónio, como estava numa contínua loucura e privada da liberdade, como, ao mesmo tempo, julgava não ter os demónios no corpo e se indignava quando lhe falavam nisso, como se endurecia o seu coração, como a sua insuficiente resistência dava a vantagem aos diabos e como o desespero a levou à indiferença pela sua salvação.

O escândalo chegou a ser tal que o rei submeteu o assunto ao tribunal ordinário da província e instaurou-se um processo a cargo de catorze magistrados escolhidos, ao mesmo tempo que as possessas eram examinadas pelo P. Lactâncio, religioso recolecto, na presença do bispo de Poitiers.

Acusado pelas Ursulinas, Urbano Grandier, depois de submetido a tormentos, confessou ser o autor do endemoninhamento das monjas e foi condenado a morrer na fogueira, como culpado de magia, malefício e sortilégio. De facto, foi queimado vivo no ano de 1634. Protestou a sua inocência e afirmou que tinha sido sacrificado ao ódio de Richelieu pelo magistrado Martin de Lanbardon, Intendente de Justiça da província e que era apunhado do Cardeal. Outros negam isso, afirmando que Lanbardon dirigiu o processo com tino e imparcialidade dignos de louvor, procurando aconselhar-se com pessoas de todo o crédito.

O caso é que, morto o bicho, ficou a peçonha. Os casos de possessão continuaram, chegando a parecer insupportáveis. O P. Lactâncio morreu de fadiga; continuou os exorcismos o P. Dupin, que igualmente fracassou. Então o rei recomendou o assunto aos Jesuítas e foi encarregado do caso o P. Surin, religioso de grande saber e piedade. Os demónios, que eram muitos, chamavam-se: Asmodeu, Leviatan, Behemot, Elimi, Gresil, Aman, Easas, Astaroth e Zabulon.

O P. Surin conseguiu expulsá-los e restituir a tranquilidade e a saúde às religiosas, mas ficou doente. Os demónios fizeram-no sofrer obsessões terríveis, que aparecem descritas numa *Carta Espiritual* que se lhe atribui, dirigida a um seu amigo em 3 de Maio de 1635, e na qual diz:

«Não é um demónio único que me atormenta; são geralmente dois: um deles é Leviatan, oposto ao Espírito Santo, pois, como os próprios diabos dizem e como alguns autores têm observado e escrito, o inferno tem uma trindade que os magos adoram: Lúcifer, Belzebu e Leviatan, que é a terceira pessoa do inferno. As operações deste falso paracleto são inteiramente contrárias às do verdadeiro e causam uma desolação que não será fácil descrever. É o chefe de todo o bando dos nossos demónios, e tem a intendência de todo este negócio, que é um dos mais estranhos que alguma vez se viram. Nós vemos neste mesmo lugar o Paraiso e o Inferno...» «As coisas adiantaram-se tanto que Deus permitiu, creio que por meus pecados, aquilo que talvez nunca se tenha visto na Igreja, isto é, que, no exercício do meu ministério, o Diabo passe do corpo da pessoa possuída e, vindo para o meu, me assalte, me derrube, me agite e me atravesse visivelmente, possuindo-me várias horas, como um energúmeno».

O mais notável dos supostos possessos foi nada menos que um rei de Espanha. Diz o duque de Maura, historiador desse rei: «Não parece senão que a sucessão espanhola causava tanta preocupação nos infernos como neste vale de lágrimas (107). E não faltava razão para isso: tratava-se do Rei Católico e do seu império ultramarino que ainda existia; tratava-se da Casa de Áustria, que representava «a pedra angular da Igreja Católica», como dizia, em 1686, um *pauvre Capucin*, ao Eleitor Palatino João Guilherme, cunhado de Carlos II, e tratava-se de altíssimos interesses que o Diabo devia ter a especial intenção de prejudicar.

Carlos II de Espanha era um homem débil e doente, que mostrava acessos de abulia, súbitos arrebatamentos de cólera, esterilidade genésica, melancolia quase habitual e ataques de epilepsia (108). Sofria especialmente por não conseguir sucessão. Já na juventude o seu confessor, P. Carbonell, lhe perguntou se ele se julgava enfeitado, e o rei respondeu que nunca lhe ocorrera tal ideia: A Valenzuela, que então gozava da sua intimidade,

acusou-se mais tarde de lhe haver ministrado um feitiço para se apoderar do poder. Já se havia suspeitado o mesmo do duque de Lerma com referência a Filipe III e do conde-duque relativamente a Filipe IV. Por outro lado, desde tempos antigos, era conhecido o malefício chamado *ligadura*, que impedia a consumação do matrimónio ou o tornava estéril. No tempo do primeiro casamento de D. Carlos, havia-se suspeitado da intenção mágica de Maria Olímpia de Mancini, condessa de Soissons, de quem se falará noutro lugar. Durante o seu matrimónio com Ana de Neoburgo, foram mais vivas as suspeitas, devido principalmente às facções da corte: o partido da rainha, o partido afecto ao Imperador e o partido afecto ao Rei de França. Nos princípios do ano de 1698, tratou-se do caso no Conselho da Inquisição, que não quis intervir; mas, apesar disso, o Inquisidor-Geral, Rocaberti, de acordo com o confessor do Rei, P. Froilán Díaz, decidiram proceder ao exorcismo de D. Carlos. Entretanto, em Cangas de Tineo, o dominicano P. Arguelles estava exorcizando três monjas possesas, obrigando os diabos a falar. Estes revelaram que o rei estava enfeitado *«ad destruendam materiam generationis in rege et ad eum incapacem ponendum ad regnum administrandum»*; que isso sucedera quando ele tinha catorze anos, com uma bebida antígenésica. E, entre outros remédios, recomendavam a ingestão de pós obtidos pela maceração de testículos de um justicado, antecipando-se deste modo à terapêutica científica dos nossos dias. Denunciaram, como instigadora do feitiço, a rainha-mãe, D. Mariana de Áustria, que se tinha servido duma chávena de chocolate, na qual deitaram uma infusão de miolos e rins, em 3 de Abril de 1675. Noutra ocasião, tinham dado ao rei um filtro com matérias extraídas de cadáveres, e ainda mais uma vez em 1694. Mas depois os diabos de Cangas retrataram-se e negaram-se a falar mais, alegando que tal lhes fora proibido «lá de cima».

Tendo melhorado o rei, suspenderam-se os exorcismos. Mas, em Julho de 1699, voltou a estar mal. Chegou então um capuchinho saboiano, chamado Frei Mauro Tenda, habilíssimo exorcista e, depois de introduzido secretamente no Palácio, recomeçou o tratamento, apesar da resistência do rei. Uma louca que chegou até junto do soberano, e que foi exorcizada pelo capuchinho, declarou que a rainha tinha enfeitado seu esposo com pós de tabaco e que ela também o estava, referindo-se à rei-

nha-mãe. Encontrou-se, pendente do pescoço do rei, um saquito que ele julgava conter relíquias, e que, na realidade, continha cascas de ovo, unhas dos pés e pêlos. No pescoço da rainha foi encontrado outro saquito semelhante. Frei Mauro declarou que o rei não estava possesso, mas era vítima dum feitiço. Experimentou fazer cruces sobre as partes do corpo onde o rei sentia dores; se ficasse aliviado, tratava-se de feitiço; caso contrário, era doença natural. Um endemoninhado fez em Viena, onde o Imperador seguia estes sucessos com enorme interesse, novas declarações e acusações graves, quase todas contra os amigos da rainha. Em Madrid, entoavam-se terríveis coplas satíricas, sem que os alcaides da Corte intervissem no assunto; agravavam-se as intrigas e o falatório, e o ruído aumentava, não só na Espanha como em toda a Europa. Mas, nomeado inquisidor-mor D. Baltasar de Mendonça, bispo de Segóvia, o caso ficou arrumado. O rei, muito melhor, passou uma temporada de festas e diversões e Frei Froilán Díaz e Frei Mauro Tenda foram processados. Nunca mais se voltou a falar de feitiços (109).

As possessões diabólicas já não são tão frequentes, mas também não escasseiam, como no seu tempo julgava o P. Feijoo.

Seja como for, o Diabo não dorme e têm-se citados casos recentes que nos fazem recordar a sua presença.

c) *O pacto diabólico*

O diabo pode concluir com o homem um pacto formal. É o que se chama *pacto diabólico* ou *pacto com o Diabo*. Quando a um homem tudo corre bem, apesar de se aventurar a perigos a que qualquer outro teria sucumbido, quando ele se sai airoso das mais difíceis situações, vencendo e dominando a sorte adversa, costuma-se dizer que esse homem tem pacto com o Diabo. Hoje poucos crêem no que dizem, mas noutro tempo criam.

O pacto é contrato bilateral, mediante o qual o Diabo e o homem estabelecem que o primeiro deve servir o segundo na matéria, forma e condições estipuladas, e o segundo deve entregar a alma ao primeiro para sempre. Na realidade, o pacto é uma venda da alma, um *do ut facias*, coisa por serviços.

As condições podem variar muito; os serviços que o Diabo oferece podem ser determinados ou indeterminados. Pode o Diabo proporcionar ao homem o dinheiro, o amor ou, pelo menos, a posse de uma mulher; o êxito nas suas obras, a fama, o favor dos poderosos, o engrandecimento e obtenção de dignidades e altos cargos na república e até na Igreja, a libertação de grandes males, a humilhação dos inimigos, a recuperação da liberdade perdida, da saúde, da juventude, da beleza, das forças físicas ou morais, e até a construção de caminhos, pontes, palácios e mesmo igrejas. Se se chegou a um acordo sobre qualquer destas coisas, o Diabo não fica, naturalmente, obrigado a mais. Mas pode também obrigar-se a prestar os seus serviços dum modo geral ou à vontade da outra parte e, neste caso, esta pode exigir dele tudo quanto lhe apeteça e o Diabo possa fazer.

Algumas vezes, no pacto, fica estabelecido que o diabo pactuante ponha à disposição da outra parte um *demónio familiar* que realize em seu favor todos os serviços em que se acorde, sendo para um homem um criado fiel e pontual. Estes demónios recebem vários nomes como *Martinetes*, *Magistrales* ou *Mandrágoras*. Costumam ser muito pequenos e podem proporcionar, a quem os possui, a felicidade, o poder e a riqueza. A respeito de muitas personagens que gozaram de boa sorte, que se elevaram depressa e que conseguiram manter-se largo tempo em altas posições, diz-se que tinham diabos familiares (110).

A maneira de obter um demónio familiar vem minuciosamente descrita nos Grimórios.

Umavez obtém-se o demónio familiar, mediante um ovo de galo negro, fecundado pelo próprio homem. A fecundação faz-se da seguinte maneira: com uma agulha, faz-se um pequeno orifício na parte superior do ovo; depois, o homem dá uma pequena picadela na cabeça do dedo mínimo da mão esquerda e extrai uma gota de sangue que introduz no interior do ovo, pelo orifício praticado. Este orifício é depois bem tapado com cera. Desta maneira fica o ovo fecundado, mas é preciso depois chocá-lo durante os dias em que a galinha choca os seus. Há duas maneiras de o fazer: uma, a mais cômoda, é meter o ovo no meio de esterco de cavalo, para que, com o calor desse esterco, se desenvolva o germen; mas há o perigo de que o diabito se escape ou seja difícil ou impossível encontrá-lo no meio do esterco. Por isso, é mais seguro

o outro processo, que consiste em que o próprio homem choque o ovo sob a axilla do braço esquerdo, conservando-o ali constantemente, enquanto dure o tempo da incubação.

Quando esta estiver terminada, é preciso ter preparado um agulheiro novo, de madeira, no qual se tenha deitado uma gota de azougue ou limalha de aço. Outros conservam os diabitos familiares numa caixa. A limalha de aço é o alimento dos diabitos, mas em alguns Grimórios aconselha-se a que se lhes dê a mamar o dedo mínimo da mão esquerda.

Não esqueçamos isto, porque nos prova que talvez o Diabo tenha sido o inventor da fecundação artificial, que hoje realiza a ciência, e da incubação artificial de ovos.

Também se pode obter um espírito familiar de uma raiz de mandrágora, submetida a certos tratamentos.

Aquele que não sabe fabricá-los pode comprá-los, ou aceitar os que lhe dão de presente. Aquele que os vende deve fazê-lo sempre com prejuízo. Em qualquer caso, não deve morrer na posse deles, porque o arrastariam para o Inferno. É preciso vendê-los ou dá-los de presente, sempre que a venda dê prejuízo ou que aquele a quem se dão os aceite. Em último caso, há a possibilidade de os matar; para isso, o *Grimório do Papa Honório* aconselha a que se lhes dê *son* extraído da farinha, sobre a qual um sacerdote tenha dito a primeira missa.

Enquanto se possuem, são muitos os que os conservam encerrados numa redoma de cristal, fechada e selada.

Não é fácil chegar a fazer um pacto com o Diabo. Primeiramente é necessário evocá-lo e isso tem os seus perigos; o Diabo pode muito bem, antes de firmar o contrato, levar aquilo que lhe vão oferecer, isto é, a alma do evocador.

O pacto formal tem de constar de documento escrito e firmado por ambas as partes, e para isso é necessária a presença pessoal do Diabo, em forma sensível. Felizmente, nos Grimórios prevêem-se todas as contingências e prescrevem-se todas as precauções que é preciso tomar.

«Quando quiserdes firmar um pacto com um dos principais espíritos — disse Jonas Sufurino — começai por, na antevéspera do pacto, ir cortar uma vara de nogueira silvestre, exactamente na ocasião em que o Sol aparece no horizonte; feito isto, prover-vos-eis de uma pedra-íman, de círios bentos, dos talismãs, e escolhereis

em seguida um lugar para a realização do acto, onde ninguém vos possa incomodar.

Estender-se-á sobre o solo uma pele de cabrita virgem, que tenha sido sacrificada numa sexta-feira, e traçar-se-á sobre essa pele, com a pedra-íman ou ematina, o grande círculo cabalístico...» (111).

Trata-se de um «círculo goécio das evocações negras e dos pactos», como lhe chama Eliphaz Levi (112).

Consiste em cinco círculos concêntricos, no menor dos quais está inscrito um triângulo equilátero. Por baixo do lado que forma a base escrevem-se as letras J H S, entre duas cruzes; nos outros segmentos, que ficam entre a circunferência interior e os outros dois lados do triângulo, colocam-se os talismãs e sobre eles dois castiçais com os círios benzidos. Do triângulo sai um caminho que termina no círculo interior. No vértice superior do triângulo coloca-se um piveteiro com perfumes de incenso e loureiro, sobre carvões acesos, e por baixo três coroas de verbena, alfavaca ou flor de sabugueiro, colhidas na noite de São João.

O operador deve colocar-se dentro do triângulo, que o espírito não pode franquear. Para certas invocações, é preciso reunir três seres vivos que formem o «ternário»; costumam ser o operador, um ajudante ou assistente e um animal vivo, pois, se o espírito exige imediatamente uma «prenda» ou uma alma, entregar-se-lhe-á o animal.

A invocação faz-se com rogo e ameaça. O espírito é compelido a aparecer com a ameaça de ser obrigado pela força «do grande e poderoso Alfa e Ômega e dos anjos de luz Adonai, Eloim e Jeová», e com as poderosas palavras da Clavícula de Salomão: «Agion, Telegran, Vaycheon, Stimulaton, Ezpares, Tetragrammaton, Oryoran, Irion, Eytion, Existion, Eryona, Onera, Brasim, Moyn, Messias, Soter, Emanuel, Sabaoth, Adonai», palavras estas que são todas nomes divinos desfigurados.

O pacto deve levar-se já escrito, em pergaminho virgem, com a tinta especial dos pactos, e firmado com o sangue do realizador. Este chama-se simbolicamente *Saracirt*, que significa «obreiro», e assina com este nome. Os espíritos têm cada um a sua firma, cujo fac-símile aparece nos Grimórios, para evitar falsificações.

A escrita diabólica nem sempre é a que empregamos vulgarmente. Há diversos alfabetos secretos, de carácter mágico, mais ou menos inspirados na escrita hebraica, alguns dos quais são designados como «infernais». Podem

ver-se no *Formulaire de Haute Magie*, de Pierre Plobb (113). Outras vezes emprega-se a escrita latina vulgar, mas às avessas, isto é, da direita para a esquerda, podendo-se ler facilmente com um espelho (114). Sabe-se que Leonardo de Vinci escrevia deste modo as suas notas e apontamentos, que ainda se conservam, e foi essa uma das razões por que suspeitaram de que ele tinha pacto com o Diabo. Fazia-o assim, segundo parece, por ser canhoto, o que contribuía também para manter aquela opinião das pessoas. Nos nossos países ocidentais, o emprego da mão esquerda e o fazer as coisas às avessas, produzem sempre uma impressão de diabolismo, de gravitação para o mal, que corresponde ao que já dissemos em outro lugar acerca do Diabo.

Uma vez firmado o pacto, é necessário despedir o espírito. Jonas Sufurino traz em continuação uma oração dando graças a Deus, encomendando-se a Ele, que deve ser dita antes de se sair do círculo. É a história das duas velas famosas.

Mas difícil é libertar-se do pacto uma vez feito, pois o Diabo há-de ser obrigado a devolver o pergaminho. No entanto, desde o monge Teófilo, dos *Milagres de Nossa Senhora*, de Barceo, até Victor Siderol, cuja história refere Beniciana Kabina no *Livro de São Cipriano*, são muitíssimos os que o têm conseguido. Por isso o Diabo se queixa de os cristãos serem intrujões.

Até agora temo-nos referido ao *pacto explícito*, feito mediante escritura, com plena consciência do que se faz e livre vontade de o executar.

Mas os moralistas falam também do *pacto implícito*, que também costumam classificar de pecado grave.

Consiste no seguinte: o Diabo comprometeu-se a vir em auxílio dos homens e proporcionar-lhes êxitos nos seus trabalhos, sempre e em todo o caso em que eles, em determinadas condições, pronunciem certas palavras ou fórmulas, ou realizem determinadas cerimónias. Portanto, todo aquele que, conhecendo a ilegalidade do que faz e tendo fé na eficácia daquelas fórmulas ou cerimónias, as pronuncia ou realiza, torna-se culpado de pacto implícito.

É curioso que o Papa Honório III fez encerrar num convento um nigromante, o arcebispo compostelano D. Pedro Monis, do qual se diz ter sido tão hábil nas artes ocultas que, estando em Roma, na noite de Natal transportou-se pelo ar a Santiago tão rapidamente que chegou

a tempo de cantar a última lição das Matinas (115). Coisa semelhante se conta de um bispo de Jaén que, chamado a Roma com toda a urgência, se pôs de acordo com o Diabo, que se comprometeu a levá-lo pelo ar. O bispo montou a cavalo no Diabo e empreenderam o voo. Ao atravessar o Mediterrâneo, o Diabo procurava pretexto para atirar o bispo ao mar, querendo obrigá-lo a pronunciar o nome de Jesus, mas o astuto bispo apenas disse: «Arre Diabo!» E assim chegaram felizmente a Roma (116).

Conta-se, na Galiza, outro caso ocorrido no século passado. No tempo da Desamortização, vários indivíduos organizaram uma quadrilha de ladrões para irem roubar o Mosteiro de Armenteira. Roubaram-no, com efeito, tirando apenas o dinheiro — em tão grande quantidade que repartiram o total, cabendo a cada um uma bota alta de montar cheia de moedas de ouro — mas não tocaram nos objectos sagrados. Apenas um dos ladrões levou occultamente um formoso cálice subtraído da Igreja. Depois arrependeu-se e, para oferecer a Deus alguma coisa como desagravo, ordenou um filho padre, mas não se atreveu a restituir o cálice, com medo de que se descobrisse o roubo. Quando chegou a hora da morte, como não tivesse a consciência sossegada, pediu secretamente ao filho que levasse o cálice a Armenteira, que distava bastante, e que voltasse depressa para o informar do cumprimento do encargo. Perante a dificuldade de ir e voltar no tempo preciso, o filho pediu ajuda ao Diabo que, muito contente, se lhe meteu por baixo dos hábitos e o transportou num instante, levando-o às cavaleiras sobre o seu pescoço. Entrou o padre por uma janela na Igreja de Armenteira e deixou o cálice sobre o altar. O Diabo esperava-o à saída, mas, em vez de o levar para casa do pai, levou-o consigo (117).

Estes casos podem servir de exemplo do que seja o pacto implícito.

Os moralistas explicam muitas vezes por este pacto implícito os relativos êxitos da Magia, do Hipnotismo e do Espiritismo.

d) *O culto do Diabo*

A crença de que os bruxos e bruxas, e todas as outras pessoas dedicadas às artes mágicas, formam uma seita do mesmo tipo das diferentes seitas heréticas, mas muito

mais importante que todas elas, visto ser talvez o seu núcleo e semente, e talvez a seita que monopoliza a direcção oculta de todos os movimentos contrários à verdadeira Igreja, a *Anti-Igreja* por antonomásia, parece ter nascido pelos séculos XV e XVI, por obra dos demonólogos.

Em meados do século XV, Jaquier dá notícia da nova seita que sobrepujava em loucura todas as anteriores. Mais tarde, diz Delrio (1599): «Apenas a falta de vergonha pode negar que a abominação mágica segue os passos das heresias» (118).

No entanto, a cerimónia fundamental da seita dos bruxos — o *Sabbat* ou *Aquelarre* — é coisa muito mais antiga. Soldan (119) julga que data do século XII. Anteriormente não se acha, nem nos Santos Padres nem nos Concílios, qualquer menção do pacto com o Diabo nem do *Aquelarre*.

É, pois, facto medieval e explica-se perfeitamente que o seja. Na época de maior esplendor da Cristandade, de maior predomínio da Igreja, de maior influência do Cristianismo nas leis e nos costumes, era quando maior interesse podia ter o Diabo em erigir perante a religião de Cristo uma religião sua, que invocasse e celebrasse o seu nome. Perante a doutrina de salvação, uma doutrina de perversão e de mentira; perante os Sacramentos, os malefícios; perante a moral, o crime; perante o diurno, o nocturno; e perante o sério, o grotesco.

A seita dos bruxos é o *contragolpe natural do triunfo da Igreja e nasce da inversão de valores e do mimetismo diabólico*.

Com ela procura o Diabo desquitarse do seu fracasso e fá-lo, como costuma, segundo a sua maneira de ser: fazendo tudo ao contrário e arremedando torpemente as obras de Deus.

Por outro lado, é inegável que a seita demoníaca oferece, mais ou menos exagerados, os mesmos caracteres que as seitas heréticas originadas no gnosticismo e no maniqueísmo — bogomilos, cátaros, albigenses, valdenses, etc. — especialmente as de tendências comunistas, desenvolvidas naqueles séculos, e não só as segue e as completa, mas também é a consequência natural de todas elas, é o seu *ponto de chegada*, onde encontram a sua perfeição.

A seita está organizada, possui uma jerarquia, imitação da jerarquia da Igreja. Talvez não se saiba com-

pletamente, mas suspeita-se que os bruxos têm um papa — se esse papa não é o próprio Diabo, do qual se citam *Bulas* que autorizavam os titulares a fingirem-se piedosos católicos, a irem à Igreja, a assistir às cerimónias de culto e a praticar actos de devoção, com o fim de despistarem as autoridades —, têm os seus cardeais, os seus bispos e os seus presbíteros. As vezes, frequentemente entre os próprios bruxos, assegura-se que estes cargos são desempenhados por sacerdotes autênticos, que receberam as Ordens Sagradas da Igreja e que nela ocupam diversos postos. Os adeptos de Satanás estão muitas vezes convencidos de que os seus bispos, cónegos, abades de mosteiros, incluindo os Oficiais do Santo Officio, praticam secretamente a magia negra e o culto do Diabo, frequentam o Sábado e têm pacto explícito com Satanás. Chegam a assinalar como bruxos este ou aquele pontífice romano, como já vimos anteriormente.

Por outro lado, já nos séculos XVI e XVII, a jerarquia infernal a que nos referimos no devido lugar, se reflectia na da seita; assim como no Inferno há generais, marechais, embaixadores, tesoureiros, etc., também entre os bruxos há generais, tenentes, alferes, cabos-de-esquadra, escrivães, secretários, cozinheiros e músicos (120).

Se tal seita existiu dum modo formal com toda esta organização, é coisa difícil de comprovar. Que houve adoradores do Diabo, que, de uma forma ou de outra, praticaram o Aquelarre e a Missa Negra, são coisas que se não podem pôr em dúvida. Se não materialmente, moralmente existiu com certeza a seita dos adeptos de Satanás.

O mais notável desta seita é precisamente o culto internacional e deliberado que, juntos ou separados, organizados ou dispersos, dedicavam aqueles desgraçados, com plena consciência do que faziam, ao Espírito Maligno, a Lúcifer em pessoa.

Michelet (121) procurou explicar esta estranha aberração como um fenómeno de protesto social; seria, segundo ele, a potente rebeldia das infimas «capas» da sociedade «feudal», dos plebeus, aquela que se teria desforrado entregando-se ao Diabo, fazendo uma aliança e prestando culto a um ser como eles depreciado e «oprimido», por ódio ao Deus adorado pelos poderosos; se Deus os faz a eles felizes, vamos a ver se o Diabo nos faz também a nós... Para isso era necessário supor que os camponeses e plebeus eram muito mais desgraçados do que na realidade o eram e, sobretudo, era necessário jul-

gar as coisas à luz dum critério que, se era o do tempo em que ele escrevia, não era muito menos o do tempo em que ocorriam as coisas sobre que escrevia.

O certo é que, desde então, se verificaram casos de culto colectivo prestado ao Diabo por camponeses, não por causa da rebeldia social, mas por motivo de pura e simples superstição. E esses casos também se deram entre os postos à margem da sociedade, tais como ciganos, bandidos, fugidos à justiça, vadios e pessoas da ralé. Mas, diga-se em abono da verdade, que também houve casos idênticos entre pessoas de alta categoria e, até, entre eclesiásticos. As acusações feitas a estes pelos bruxos eram algumas vezes certas, como nos casos tardios de Urbano Grandier, Mathurin Picard e outros.

Não é preciso procurar, para o culto do Diabo, motivos diferentes dos que provocaram outras heresias menos francas.

São numerosas, principalmente ao aproximar-se o Renascimento, as personagens importantes que se diz terem-se entregado ao Diabo e praticado o seu culto. Citaremos, principalmente, duas das mais famosas, com as quais se inicia o período que hoje é moda, graças à boa sorte de um historiador, chamar «o Outono da Idade Média», designação essa de que não queremos tornar-nos responsáveis. São um espanhol, D. Enrique de Villena, e um bretão, o marechal Gilles de Raiz, ambos em países arquicatólicos. Depois, citaremos casos mais tardios.

Falaremos em primeiro lugar deste último, que foi um diabólico autêntico; o outro foi, segundo o nosso modo de ver, um caluniado.

Gilles de Laval, senhor de Raiz, marechal de França, foi um bravo cavaleiro e devoto cristão, que se distinguiu nos campos de batalha, sendo um valente defensor de Joana d'Arc.

Apertado, talvez, pela necessidade de dinheiro, começou a dedicar-se à Alquimia, fracassando repetidas vezes, como é natural, na fabricação do ouro. Isto pô-lo em relação com dois embusteiros; o mago italiano Prelati e o médico Poitu (ou um médico de Poitu), dos quais era cúmplice Gilles de Sillé, encarregado dos negócios do marechal. Convenceram este de que não conseguiria fazer ouro sem a ajuda do Diabo, e diz-se que então fez uma evocação em italiano, e apresentou-se Sillé vestido de Diabo, mas não soube articular uma palavra. Perante aquele novo fracasso, Prelati propôs ao senhor de Raiz

que fizesse um pacto com o Diabo, como meio para obrigá-lo, mas o marechal negou-se terminantemente a vender a sua alma. Prelati contentou-se com que Gilles de Laval promettesse ao Diabo incenso e oferendas, e o sacrificio de uma das mãos, os olhos e o sangue de um menino, e o marechal firmou este compromisso com o seu sangue, mas o Demónio não respondeu á evocação.

O Diabo não correspondeu, mas data desde então a extrema demonomania ou a inaudita loucura do marechal de Raiz. Aquele que foi, com intervalos de virtude, pródigo com as vivandeiras dos acampamentos e as damas da corte, tornou-se um invertido. Corrompeu os meninos de coro da sua capela. Por fim, realizou o sacrificio prometido ao Diabo: degolou um menino, cortou-lhe as mãos, arrancou-lhe os olhos, e com o sangue escreveu fórmulas mágicas.

Cegou-se de tal maneira com aquele sangue, que precisava sempre de mais sangue e os assassinatos de meninos continuavam. Chegou-se a ponto de que não era já o sangue que o alucinava, mas sim o estertor da morte, a contemplação da agonia. Era uma insaciável paixão sádica e homicida, uma loucura nunca vista, um delírio inconcebível, algo que custa a acreditar. Degolava as suas vítimas no acto carnal, depois dos mais astutos enganos. Farejava e raptava as suas vítimas. Os pequenos pastores saíam com as suas ovelhas, as suas vacas ou os seus gansos e não voltavam a casa. Os pais, desolados, iam então á sua procura, mas não encontravam qualquer rasto. Muitas e muitas pessoas percorriam as povoações, lamentando-se e chorando. Circulavam histórias terríveis; dizia-se que os rapazes eram arrebatados por fadas malélicas, por bruxas sugadoras de sangue e por génios cruéis.

Eram agentes do marechal: Blanchet, Sillé, Bricqueville, e uma velha carinhosa e insinuante, Pierrina Martin, que chamava os meninos, presenteava-os, acarinhava-os, fazia-se amar por eles e entregava-os depois a uns homens que os metiam em sacos — talvez venha daqui a história do *homem do sacco*, que tanto terror causa ás crianças, — e levavam-nos em seguida ao castelo. Das janelas, o próprio marechal chamava com ternura os meninos jovens. Os sótãos do castelo estavam cheios de cadáveres.

Gilles de Laval, marechal de Raiz, era um ogre lúbrico e sádico, que acariciava aquelas criaturas, ras-

gava-lhes lentamente as carnes com a sua adaga, chupava-lhes o sangue, friccionava-se com ele e sentia prazer com o espanto e as lágrimas dos inocentes. «Não há na terra — dizia ele — quem ouse fazer o que eu faço». Chegou mesmo a violar cadáveres. E assim conseguia dar realidade a todas as histórias de medo e a todos os delírios de terror popular nas noites de aldeia.

Depois, acometiam-no crises de remorso: fugia para os bosques, chorava pedindo perdão a Deus, golpeava-se, fazia ofertas, fundou a Colegiada dos Santos Inocentes em Machecoult, acendia velas, tocava reliquias e preparava-se para ir como mendigo a Jerusalém... Mas depois novamente tomavam conta dele os demónios e multiplicava os seus horrores.

Por fim, levantaram-se rumores, acusações e queixas insistentes. O seu senhor, o duque João V de Bretanha, mandou prender o marechal e entregou-o ao Parlamento da Bretanha como homicida e ao Tribunal Eclesiástico como bruxo e herege. O duque nomeou um comissário, João Toucheronde, e começou o processo perante um Tribunal misto, visto que o réu recusara a jurisdição da Igreja; mas, perante a ameaça de tortura, prestou declarações em presença do presidente Pierre de l'Hôpital e do bispo de Saint-Brieuc, confessando os seus crimes: umas 700 a 800 vítimas, o suficiente, como ele próprio disse, para condenar dez mil homens à morte. Repetiu a sua confissão em audiência pública e foi condenado a ser queimado vivo.

Arrependido de um modo profundo e edificante, pedia com muitas lágrimas que o levassem ao suplicio, e os habitantes de Nantes estavam tão impressionados que, quando, em 25 de Outubro de 1440, foi conduzido à fogueira, acompanhou-o uma procissão que rogava por ele. A sua morte foi exemplar. Diz-se que as chamas não o tocaram, porque levava atada no braço uma reliquia da Vera Cruz, que se conservava no Convento do Carmo, e o povo apoderou-se dos seus ossos para os conservar como reliquias. Misterioso destino, estranhos sucessos, que nos ensinam a não discutir os altos juízos da Providência (122).

D. Henrique de Aragão, chamado Marquês de Villena, embora pareça que não tinha na realidade esse título, não foi, de facto, um adorador do Diabo, nem praticou a magia negra. Foi um pré-humanista, curioso das «ciências proibidas» e um político um tanto intrigante e bas-

tante feliz. Traduziu a *Enéida* e a *Divina Comédia*, fez comparecer perante os seus amigos a sombra de Heitor, para que os convencesse de que fora mais valoroso do que Aquiles e escreveu sobre Astrologia e Fascinologia, com maior ou pior acerto (123). Mas a sua lenda, melhor — como sempre — do que a sua história, é digna de alguns comentários.

Contrariamente ao marechal de Raiz, que fazia picado das suas vítimas, D. Henrique fazia-o de si próprio, querendo renovar-se para não morrer. Pretensão duma alma «fáustica» das mais características: quis, como o que lhe deu o nome, recobrar a vida e a juventude, quando via que se lhe escapava. Como a arte é grande e a vida é curta, fazia-lhe falta outra nova — e quem sabe quantas — para alcançar, como Fausto, uma meta inalcançável; tinha sede dum infinito presente e desconfiou do futuro — o outro mundo, sim, mas deixam-se aqui tantas coisas... Esse foi o seu pecado. Confiou a um criado mouro e negro o cuidado de o converter em «*fricassé*» — seria Ali o seu demónio familiar? — e o criado picou-o conscienciosamente em pedacinhos, que meteu, sem perder uma gota de sangue, numa redoma, que lacrou e selou, e introduziu em esterco de cavalo, para que fermentasse (124).

Prestemos atenção: o simbolismo desta operação mágica é digno de ser meditado. D. Henrique, reduzido assim a picado, representa a destruição do homem antigo, mas tal destruição foi apenas do corpo, pois, doutra forma, podia perder a sua identidade, o seu «si-mesmo»; mas, se por um lado a alma é indestrutível, porque não tem partes nem se pode fragmentar em pedaços, por outro lado há nela algo que se deve destruir para obter o homem novo, se esse homem se chama São Paulo. Não se tratava, porém, deste. Além disso, do corpo antigo nada devia perder-se nem uma gota de sangue. O novo D. Henrique tinha de ser inteiramente D. Henrique, mesmo na sua matéria, e isto faz-nos lembrar a imortalidade tal como a concebia D. Miguel de Unamuno. Meteram-no em esterco para reviver com o calor da podridão e também aqui o mistério tem a sua parte relativamente clara. Se considerarmos que o homem é o microcosmos, o mundo compendiado, e que entre o microcosmos e o macrocosmos se dá um estrito paralelismo, aplicamos ao mundo a história de D. Henrique de Villena: preferiu a destruição à decadência que lhe trazia a velhice.

e da destruição esperava a regeneração... Mas não é isto o que espera o homem actual, o mundo actual, se é que conserva alguma esperança? Não é isto o que ele quer dizer, quando, com grandes esperanças, mas seguindo um já velho costume, mais resignado do que iludido, fala de revolução?

Mas não contava com o santo Viático... A vida de D. Henrique não devia interromper-se para o mundo, ninguém devia saber o segredo da redoma encantada; por isso, entre o antigo e o novo D. Henrique tinha de haver uma ponte visível e essa ponte era Ali, o mouro negro. Quando punha um capuz enfeitado, parecia-se de tal modo com o seu amo que ninguém podia distingui-los, desde que ele se não descobrisse. Assim, Ali ia e vinha pelas ruas e toda a gente acreditava que era o marquês. Um dia, porém, encontrou-se com o Viático e procurou um esconderijo para não se descobrir, mas não lhe deram tempo, atiraram-se a ele e tiraram-lhe o carapuço. Então apareceu o mouro, com a sua pele de betume — bruxaria evidente! — e levaram-no perante a justiça. *Cantou* no tormento, pois não devia ser muita a sua ciência mágica, ou foi grande o seu apuro, para não pôr em prática o *maleficio da taciturnidade*. Tal não aconteceu, de modo que se descobriu a redoma encantada; já não continha o picado, mas apenas um licor espesso, no qual se delineavam as formas de um feto bastante desenvolvido. Então acabou D. Henrique os seus dias passados e os seus dias futuros juntamente.

O mesmo pode suceder com o mundo. O seu futuro, encerrado na redoma enigmática, por muito bem preparado que esteja, se se cruza com os caminhos de Deus, pode ser arrebatado ao amoroso calor do estercor — que tem uma enorme importância na magia, até ser rival da *mão de glória*, em grande parte, sem dúvida, por participação da natureza de quem o expele (125) — por qualquer desconhecido inesperado, e a redoma que o contém pode ser atirada não sabemos para onde.

No entanto, não foi D. Henrique de Villena um mago maléfico. Não fez mais — e já não fez pouco — do que preludiar o Renascimento, preceder os helenistas, os arabistas, os ciceronianos e os grandes teóricos das ciências ocultas, e dedicar-se à magia antes do abade Tritémio, Cornélio Agripa, Stoffler, Jerónimo Cardan e Paracelso.

A lenda atribui a Catarina de Médicis, rainha de França, horríveis crimes de magia e operações diabólicas.

De facto era devota da Astrologia judiciária e tinha ao seu serviço «matemáticos» notáveis, como Lucas Gauric, napolitano, e autor de célebres obras astronómicas.

Catarina tinha um observatório particular no Hotel de Soissons, onde ela mesmo estudava os movimentos dos astros. Diz-se que trazia sobre o estômago um pergaminho, ou antes uma pele de menino degolado, cheio de figuras, cifras e letras de cores, que a livrava de todo o atentado; os huguenotes diziam que eram imagens de divindades pagãs. Estando gravemente enferma, mandou entregar a M. de Mesmes uma caixa fechada, com ordem de a não abrir, e de a devolver se ela se curasse. Muito tempo depois, os filhos de M. de Mesmes abriram-na e encontraram uma medalha em que a rainha estava representada de joelhos a adorar as Fúrias.

Catarina foi infeliz com seus filhos: um, Francisco II, morreu muito jovem; o seguinte, Carlos IX, gozou sempre de má saúde. Uma vez adoeceu gravemente e os médicos não acertavam com a doença; a rainha mãe recorreu então à prova mágica da *cabeça sangrenta*.

Trouxeram um adolescente são e puro, a quem o capelão do Palácio preparou para a primeira comunhão. Depois, perante o rei, a rainha-mãe, alguns membros da família real e algumas pessoas íntimas, foi dita a missa negra por um frade renegado que exercia a magia, num altar presidido pela imagem de Satanás, que tinha a seus pés uma cruz invertida. Ao lado do altar estava o adolescente, de joelhos e vestido de branco. A missa começou às 12 horas em ponto da noite. O celebrante consagrou as hóstias, uma branca e outra negra. A negra pô-la sobre uma mesa e a branca deu-a em comunhão ao adolescente. Logo que a engoliu, o celebrante caiu sobre ele e cortou-lhe a cabeça de um golpe. Colocou a cabeça sangrando com a parte do lado do pescoço sobre a hóstia negra, enquanto ao lado se queimavam, numas brasas, perfumes e ervas mágicas. O celebrante esconjurou a cabeça e ordenou-lhe que respondesse às perguntas do rei.

Carlos IX levantou-se a tremer e horrorizado e, fazendo um esforço, falou ao ouvido da cabeça cortada. Perguntou quanto duraria a sua vida. A cabeça, com uma voz que parecia vir de muito longe, respondeu: — *Vim patior!*

O rei interpretou aquele «sou forçado» como uma confissão de impotência por parte do diabo e ficou cheio de espanto.

— Levai essa cabeça! — gritou — Levai essa cabeça!
E já não pôde apartar do seu espírito aquela imagem horrenda. Até à hora da morte, que não demorou, gritou sempre cheio de terror:

— Levai essa cabeça! Levai essa cabeça!

Foi, sem dúvida, o ódio dos huguenotes contra Catarina de Médicis que forjou todas estas histórias, mas o mais importante é que foram cridas (126).

A tradição popular conhece muitas maneiras de um homem se converter em bruxo ou uma mulher em bruxa. Na Galiza diz-se que a sétima ou nona filha de um matrimónio que tenha tido sete ou nove filhas seguidas, sem se interpor nenhum varão, há-de ser fatalmente bruxa. É como um tributo que aquela família tivesse de pagar ao Diabo; este cobra a sua parte no fruto do matrimónio. Outra maneira de se converter em bruxa naquele país é por herança — digamos assim — espiritual. Uma bruxa não pode morrer sem ter a quem deixar a bruxaria; qualquer outra mulher tem de a herdar. Do mesmo modo, quem recite, mesmo que seja sem intenção e sem saber o que diz, o «Padre-Nosso das bruxas» torna-se bruxo.

Nas obras dos demonólogos, mencionam-se dois processos principais para ingressar na seita dos bruxos: a *abjuração* e a *inscrição*. A primeira consiste em recitar uma fórmula em que o postulante renega a Jesus Cristo. Uma delas é a seguinte: «Com isto me entrego ao diabo vivo, que deve proteger-me e conservar-me, e não pertenço mais a Deus». Outra é atirar ao mar uns pedaços dum sino que o Diabo entrega, e dizer: «Assim como estes pedaços não voltarão para o sino, assim eu não voltarei a Deus e aos seus santos» (127). Depois, o Diabo imprime nos noviços, em qualquer parte do corpo, preferivelmente na parte esquerda, com as unhas da mão esquerda, um sinal (*stigma diabolicum*), que tem a virtude de os tornar completamente insensíveis. É como uma marca de propriedade do Diabo sobre os seus adeptos. Há quem assegure que este sinal só o recebem aqueles bruxos que o Diabo pretende distinguir especialmente como seus (128).

Segundo Bodin, os bruxos são culpados dos seguintes quinze crimes:

- 1.º Renegam a Deus.
- 2.º Blasfemam de Deus.
- 3.º Adoram o Diabo.
- 4.º Entregam seus filhos ao Diabo.

- 5.º Sacrificam os meninos ao Diabo, antes que estejam baptizados.
- 6.º Consagram os meninos a Satanás desde o ventre de sua mãe.
- 7.º Prometem ao Diabo trazer para o seu serviço todos os que puderem.
- 8.º Juram em nome do Diabo e fazem disso uma honra.
- 9.º Não respeitam nenhuma lei e cometem incestos.
- 10.º Matam as pessoas, cozem-nas e comem-nas.
- 11.º Alimentam-se de carne humana e ainda da dos enforcados.
- 12.º Matam as pessoas por meio de veneno e de sortilégios.
- 13.º Matam o gado.
- 14.º Fazem secar os frutos e causam a esterilidade.
- 15.º Tornam-se completamente escravos do Diabo (129).

Esta lista não esgota nem de longe todos os delitos dos feiticeiros. As diferentes classes de malefícios vêm enumeradas no tomo II de Delrio. Trata ali do malefício *sonífero*, *amatório*, *hostil*; da *fascinação*, dos *venenos*; dos *sagitários*; dos *assassinos* e *fabricantes de imagens*; das *enfermidades*; das *ligaduras*; do malefício *incendiário*.

Os autores distinguem o malefício de amor, chamado *venéfico* (de *Vénus*), no qual entram *filtros* e *sortilégios amatórios*, e o malefício do ódio, o malefício propriamente dito, no qual é de notar o chamado em francês *envoutement* e em espanhol *hechisamiento*, que consiste em fazer em cera a imagem daquele que há-de ser enfeitado, baptizá-la com o seu nome e depois cravar-lhe alfinetes naquelas partes do corpo em que se quer prejudicá-lo; a *fascinação* ou *mal de olho*; a formação de *tempestades* e *granizos*; a conversão em sangue do leite das vacas; as epidemias do gado, etc.

Na Alemanha diz-se que as bruxas se obrigam com o Diabo a causar todos os dias aos seus vizinhos um dano de determinada extensão. Empregavam-se também processos de magia negra para obter dinheiro, para a cura de doenças e para fugir à justiça. Assim, por exemplo, chamava-se *malefício de taciturnidade* o que se usava para resistir à tortura sem «cantar», isto é, sem fazer revelações; para isso, um dos processos era escrever num pergaminho certas palavras, depois raspar o escrito e

beber as raspaduras deitadas num copo de vinho (130). O ladrão que queria entrar em casa alheia sem ser presentido munia-se da *main de gloire*, que era a mão dum enforcado depois de seca e submetida a certas cerimónias de bruxaria que todos os grimórios prescrevem (131). Aquele que pretendia tornar-se invulnerável vestia a *camisa de necessidade*, tecida com linho fiado por uma donzela e feita na noite de Páscoa da Ressurreição, bordando-lhe no peito duas cabeças barbudas, por baixo da coroa de Lúcifer (talvez a de Macroprosopos e a de Microprosopos).

A ciência dos *filtros* tem sempre algo de diabólico, embora o não pareça. A arte de os administrar é a mesma de administrar os venenos. Há filtros de homem para mulher e de mulher para homem, que têm como base produtos dos respectivos órgãos genésicos, principalmente, nos primeiros, o sémen masculino; na mulher, o que tem essa virtude é o sangue menstrual, considerado, noutros casos, como venenoso. Em geral os filtros são inspirados, na sua composição, por idelas muito semelhantes às da moderna opoterapia, pela teoria dos humores e pela das *signaturas*: as partes sexuais de determinados animais, especialmente daqueles que têm fama de grande força genésica, ou determinadas secreções que com isso se relacionam ou se crêem relacionadas. Assim é o famoso *hipomanes* que, segundo uns, é um pedaço de carne negra que trazem alguns potros recém-nascidos na frente e, segundo outros, é um fluxo de um humor penetrante que a égua segrega no seio; deste, que era tido como muito venenoso, se fazia no entanto uso como filtro *ab ore*; e também o primeiro, muito caro por ser difícil de encontrar, se dava a beber depois de reduzido a pó, misturado com sangue daquele que, com tal filtro, quisesse conseguir os seus desejos. As raspaduras das unhas do enamorado, assim como os seus cabelos e até a urina empregavam-se para o mesmo fim. A química amorosa era geralmente bastante porca e entrava naquilo que podemos chamar «coprofarmácia». No entanto, com diversas indicações, a medicina actual emprega uma infinidade de produtos de origem igual ou análoga.

Usavam-se muitos outros produtos animais: miolos de burro e de codorniz, sangue de rã, coração de pomba, fígado de rouxinol, rim de lebre, língua de víbora, etc. Outros remédios são já plenamente mágicos; um fio de seda verde enfiado numa agulha e passado por ambos os

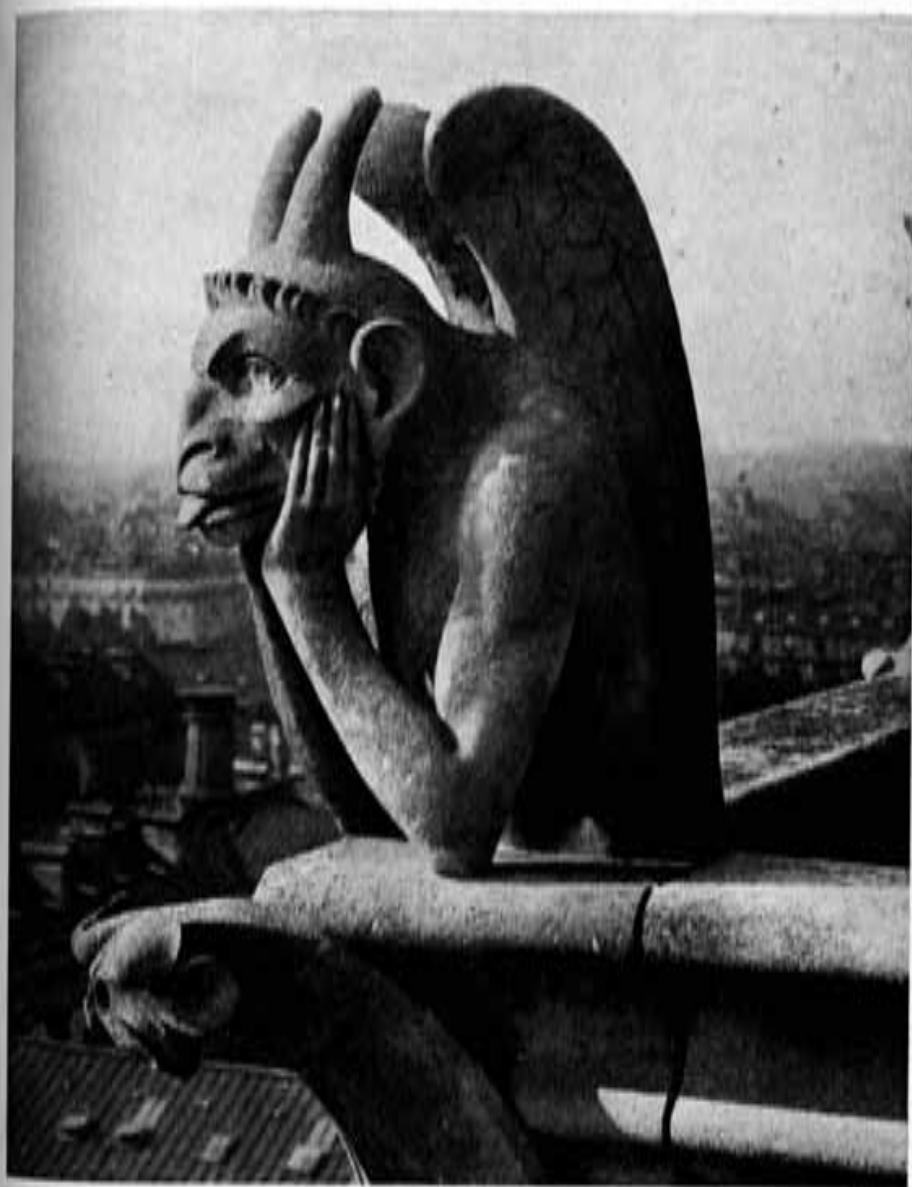
olhos duma víbora é suficiente para se conseguir o amor da mulher amada, se a agulha lhe for espetada na fralda da saia. Há, também, certos afrodisíacos, como os pós de cantáridas e as maçãs de cipreste; certos perfumes, como o âmbar cinzento, e certas pedras como a astroita.

Vêm depois as fórmulas inteiramente mágicas: as palavras bíblicas: *Hoc est enim os de ossibus meis et caro de carne mea, et erunt duo in carne mea*, escritas em um pantáculo; a fórmula *Kafe, Kasita non Kalefa et publica Filii omnibus suis*, que se diz fitando os olhos daquela que se quer conquistar; ou esta: *Bestarbesto corrumpit viscera ejus mulier*, que se diz tocando-lhe as mãos (132). Uma pessoa qualquer pode unir os corações de outras duas, fazendo um nó num lenço e repetindo três vezes os seus nomes ao apertar o nó.

A cerimónia fundamental do culto ao Diabo era o Aquelarre ou Sabbat, como já dissemos.

O nome de *Aquelarre*, empregado em Espanha, é vasco; o de *Sabbat*, empregado em França e noutros países, alude seguramente ao *Sábado* dos Hebreus. As reuniões de bruxos também se lhes chamou muitas vezes *Sinagoga satânica*.

A visita ao Sabbat e o malefício eram os fundamentos principais para a perseguição das bruxas. Descrevia-se esta reunião conforme as histórias das assembleias dos hereges. Aparece pela primeira vez o Sabbat numa confissão num processo que correu em 1335 em Tolosa. Duas mulheres, submetidas a tormentos, dizem: «Deus e o Diabo são iguais em poder. As almas dos partidários dos diabos que morrem permanecem sempre na terra para recomendarem aos seus correligionários o serviço do Diabo». Ambas elas pertenciam, desde há vinte e cinco anos, ao séquito de Satanás. Tinham-se entregado por vida e morte a Satanás, que lhes tinha aparecido em forma sobre-humana, e firmaram com ele um pacto, à meia-noite, numa encruzilhada, onde o Demónio apareceu em forma de chama, tendo-se realizado horríveis cerimónias. Desde então, caem todos os sábados num sono maravilhoso, e são conduzidas, por simples razão do seu querer, ao Sabbat. O Sabbat realiza-se em todas as espécies de lugares, colinas e montanhas, e até nos Pirenéus. O Diabo aparece sob a forma dum gigantesco Bode, é adorado, e as mulheres entregam-se a ele, assim como os outros assistentes. O Bode ensina todas as artes diabólicas possíveis; com ervas, veneno, figuras de cera e peda-



O Diabo

Escultura da Catedral de Nossa Senhora de Paris



○ Aquelarre

Goya — Museu Lázaro Galdino — Madrid

ços de cadáveres que se arranjam nos cemitérios ou nas forcas, aprendem a fazer sortilégios e malefícios, a provocar tempestades, a desencadear o granizo, a levantar a névoa venenosa e prejudicial para as vinhas, a causar doenças e matar animais e pessoas. Come-se a carne de meninos recém-nascidos, roubados durante a noite, e bebem-se bebidas contrárias à saúde. O sal falta na mesa. É no Sabbat que as bruxas recebem os unguentos e os pós mágicos (133).

Há quem julgue que a recordação das festas populares nocturnas possa ter favorecido a formação desta representação do Sabbat. Com efeito, a semelhança do Aquelarre com uma festa da aldeia, especialmente com a que na Galiza se chama um *folián*, não deixa de ser surpreendente. Pio Baroja, em *La dama de Urtubi* descreve um Aquelarre que se não diferencia de uma romaria.

A questão está em saber se os Aquelarrs se realizaram, de facto, em alguma época. E certamente há pormenores que parecem dever inclinar-nos para a afirmativa... Lancre (134) descreve o «Trono do Senhor da Rebelião» como se o seu ocupante fosse uma imagem e não um ser vivo: «*On ne peut bonnement dire s'il est homme, tronc ou beste...*» As narrativas da iniciação no bando de foragidos chamados *Boucs*, em Limburgo, na qual o candidato, previamente embriagado, era posto a cavalo sobre um bode de madeira, a que se imprimia um rápido movimento de rotação, com o fim de curar o cavaleiro e fazê-lo perder a consciência, levam-nos a pensar que coisas semelhantes podem ter sido realizadas pelos bruxos (135).

Por outro lado, temos como exemplo os conciliábulos heréticos, ou reuniões no bosque de priscilianistas, de maniqueus, etc., e as cerimónias sacrílegas por eles postas em prática, tudo isso misturado com o maior descomedimento e ruidosos divertimentos. Noutra novela, *Basile et Sophie*, de Paul Adam, encontra-se uma reconstituição, sem dúvida hipopética, mas baseada em fontes históricas, de um mistério dos maniqueus em Bizâncio, que se parece extraordinariamente com as descrições que têm sido feitas do Aquelarre. A representação deste é, indubitavelmente, uma mescla de assembleia de hereges e de festa aldeã. E, sem dúvida, efectuaram-se tais reuniões, como afirma Michelet (136).

Ao lado do Aquelarre real aparece o Aquelarre sonhado, mediante o emprego de narcóticos. A bruxa,

sem sair de sua casa, assiste ao *Sabbat* num sonho alucinatório. Para isso, unta-se com um unguento de odor activo, em cuja composição se diz que entram miolos de meninos não baptizados, mas entram também ingredientes próprios para produzir embriaguez com representações alucinatórias, como certa alface venenosa, aipo, mel-mendro, cicuta, raiz de mandrágora, e talvez *datura stramonium*, cujo suco se diz que faz bailar loucamente. Noutros lugares (137), fala-se de outros ingredientes, tais como sangue de poupa, sangue de morcego, sebo, limaduras de sinos, esterco de vaca e pêlos de cabra; em Portugal, *azeite zimbre*; apaga-se o fogo da lareira e a luz, e acende-se, em troca, um cirio negro, composto, segundo crêem alguns, de cânhamo indiano.

Com isto e com as palavras do esconjuro:

*«Sem Deus e sem Santa Maria
pela chaminé acima».*

ou então:

«Gaarr, Gaarr! De baixo para cima!»

e invocando os demónios:

«Emenhetan, Emenhetan, Palud, Baalberid, Astaroth!»

ou simplesmente:

«Emen hetan, Emen hetan!»

e para se guiar no caminho:

*«Por cima de cambroeirras
e por baixo de carbalos,
a Sevilha com todos os diabos!»*

ou também:

*«Por cima de vales e montes
ao país de Verona».*

e ainda:

«Emen hetan, Emen hetan! Ici et là!»

a bruxa sente-se voar, saindo pela chaminé, montada numa vassoura, num pau, numas tenazes, em qualquer utensílio da cozinha, num bode, num porco, num cão, num burro, num gato, num cavalo, numa ave nocturna, num demónio. Sabe-se que estes animais são, na realidade, os demónios subalternos...

Os psiquiatras dirão que a bruxa só sai dali com a imaginação; os ocultistas dirão que viaja no «corpo astral», mas não podemos pôr à margem a possibilidade de que, de facto, o Diabo as transporte em corpo e pensamento. «Mas esta ilusão verifica-se por duas maneiras principais, pois há ocasiões em que elas realmente saem de suas casas e o Diabo leva-as pelo ar a outras casas e lugares, e o que lá vêem, fazem e dizem, passa-se realmente como elas dizem e contam. Outras vezes não saem de suas casas, e o Diabo apodera-se delas de tal forma que as priva de todos os sentidos e caem por terra como mortas e frias. E representa-lhes nas suas fantasias que vão a outras casas e lugares, e lá vêem, fazem e dizem tais coisas. Mas nada daquilo é verdade, embora julguem que tudo é assim como sonharam, e contem muitas coisas das que lá se passaram» (138).

O Aquelarre realiza-se de noite, muito raras vezes de dia, na noite de quarta-feira para quinta, ou na noite de sexta-feira para sábado, e também nas vésperas das grandes festas da Igreja. Nestes dias celebram-se as grandes reuniões gerais, que são quatro vezes por ano, sendo as semanais particulares de cada lugar.

O lugar varia muito; pode ser em qualquer monte, numa planície, num bosque, numa encruzilhada, ou ainda perto dum lago, dum tanque ou dum pântano. O lugar em que se celebra o Aquelarre fica amaldiçoado; não cresce ali nem erva nem planta, tendo tudo um aspecto triste e desolado.

As reuniões magnas realizam-se em lugares determinados. Os bruxos alemães vão a Brocken; os da Gasconha, Catalunha e Itália vão a Bittern, lugar que não pode ser identificado, mas que é famoso em poesias medievais e em cantares de gesta; mencionam-no Alfonso de Spina e outros autores (139); os da Galiza vão ao Arenal de Sevilha ou ao de Coira; os de Navarra vão a Barahona, etc.

Diz-se que, como os bruxos têm no corpo a marca do Diabo, é esta marca que os avisa da hora da reunião, pois

lhes causa uma comichão e um movimento interior que os impulsiona. Mas, em caso de urgência, o Diabo faz aparecer nas nuvens um carneiro que só os bruxos vêem e cuja visão lhes serve de convocatória.

É preciso que o bruxo ou bruxa tenha dormido durante algum tempo ou, pelo menos, fechado um olho antes de se preparar para a viagem. Então fecham todas as portas e janelas, apagam as luzes e o fogo, acendem o cirio negro, despem-se, metem-se (na Itália, por exemplo) numa masseira de amassar pão, dizem as palavras do esconjuro, depois de se terem posto a cavalo no pau duma vassoura e saem voando pela chaminé. Vão pelo ar, por baixo da Lua, cortando o frio da noite, que os excita e exalta, gritando e animando-se com troças e gargalhadas, voando a poucos palmos acima das sarças do caminho, ou elevando-se até quase tocarem as estrelas.

E assim chegam ao lugar.

Numa planície, na selva, num descampado triste e árido, num areal solitário ergue-se o trono do Senhor do Aquelarre. Este, umas vezes já está à espera, outras aparece quando lá chegam todos. É um cavalheiro de aspecto melancólico e sinistro, vestido com um traje sombrio, e que usa na cabeça um chapéu adornado com penas de galo preto. A verdade é que ele mal se divisa entre o resplendor arroxeadado das fogueiras e dos archotes de pez. Outras vezes é uma personagem chamada Maese Leonardo, ou o Grão-Negro, Presidente dos Sabbats, dignitário da Corte infernal, acompanhado pelo seu lugar-tenente Maese Jean Mullin, o Pequeno Diabo. Outras vezes é o Grão-Bode.

Sobre este temos de nos alargar um pouco mais. É um grande bode peludo e fétido, coberto por uma lá espessa, áspera como cerdas, com dois enormes chifres e barba, de aspecto ao mesmo tempo grotesco e terrível, que fala como um homem, mas com uma voz desafinada e rouca. Este bode brutal e lúbrico é um resto, um representante tardio dos primitivos cultos animais, que encerra todo o mistério, nunca suficientemente esclarecido, daquelas antiquíssimas representações. É o *Hircus Nocturnus*, símbolo da sexualidade grosseira e repugnante, que se verifica tão a miúdo entre as pessoas normais, nos idiotas, nos loucos, nos priápicos e ninfómanos, nos intoxicados com drogas estupefacientes, nos casos típicos de degeneração da espécie humana. Eliphaz Levi (140) identifica este Bode do Sabbat com o que se chama Baphomet

de Mendes, bode adorado na cidade deste nome, designado nos hieróglifos apenas por «o de Mendes»...

O *Baphomet* é o suposto ídolo dos Templários, que representaria, segundo uns, Mafoma (e daí o seu nome) e, segundo outros, Belfegor. Uns dizem que era uma cabeça de ferro com grandes barbas, outros uma cabeça de ouro, outras um bode, outros uma figura monstruosa, sentado à oriental com atributos mágicos nas mãos, uma espécie de Buda infernal, com o que coincidiria o seu nome, derivado de *Baphé métidos*, «baptismo da Sabedoria» (141).

Os Templários, ordem religiosa e militar, constituída segundo regra escrita por São Bernardo, foi acusada no século XIV, pelo rei de França, Filipe o Formoso, de sacrilégio, heresia, magia e outros delitos. As acusações eram as seguintes: 1.º renegavam a Jesus Cristo e profanavam a Cruz, quando entravam na Ordem; 2.º praticavam entre si a sodomia; 3.º nos seus Capítulos Gerais adoravam Baphomet; 4.º praticavam a magia; 5.º obrigavam-se a um segredo absoluto por meio de horríveis juramentos (142).

Quanto à primeira acusação, que se diz ter sido confessada por 140 deles, dão-se várias explicações. Diz-se que, de facto, ao entrar na Ordem, o candidato tinha de pisar o Crucifixo e cuspir-lhe, dizendo como os Judeus no Calvário: «*Si Filius Dei es, descende de Cruce*», o que significava o seu estado de impureza ao entrarem na Ordem, ou então um pecado que toda a sua vida devia purgar com uma vida devota e com devotas acções de guerra, pois por ele estava em constante dívida com Deus. Pretendem outros que com aquele crime se ligava a seus irmãos, testemunhas dele, e que poderiam denunciar a sua impiedade, no caso de faltar aos seus juramentos. Outros crêem que era um acto real e formal de apostasia. Também se diz que eles se julgavam cristãos excepcionais, desligados das obrigações comuns dos outros; afirmavam que só os Templários se podiam salvar, que a iniciação na Ordem valia mais que o baptismo e, por isso, não estavam sujeitos ao Papa nem ao rei (143). Algo semelhante se poderia dizer da segunda acusação que, segundo se diz, também foi confessada por muitos (144).

O processo contra os Templários parece que durou sete anos e julga-se que foi conduzido com excepcional imparcialidade, com publicidade e sem tortura, provan-

do-se as acusações. No entanto, foram tão escassas as sentenças condenatórias que o caso parece raro. Naturalmente, em muitas nações nada se provou contra eles, de maneira que só puderam ser considerados culpados os que viviam nos domínios do rei de França. Mas o processo e dissolução da Ordem deram lugar a uma lenda de heresia e diabolismo, numas versões, e de inocência em outras. Posteriormente, os Franco-maçães disseram-se os continuadores secretos da Ordem do Templo, o que contribui para perpetuar a má fama desta entre os bons católicos. Em todo o caso, o assunto está ainda muito confuso.

O ocultista judaico-francês Eliphaz Levi descreve o *Hircus Nocturnus* do Aquelarre sentado sobre o globo terráqueo, com meio corpo de homem, a cabeça e a parte inferior do corpo, desde a cinta para baixo, de bode, com dois grandes chifres de cabra e, no meio, sobre a testa, uma tocha acesa e flamejante que, segundo outras versões, é a que ilumina toda a cena do Aquelarre. Com uma das mãos aponta para o céu e com a outra para a terra; as pernas estão cruzadas e, no lugar do sexo, um caduceu com duas serpentes entrelaçadas, encimado por uma esfera em vez do Petasus.

Nem todas as descrições coincidem com esta, mas, embora o Presidente do Sabbat tenha forma humana, apresentam-no peludo, com chifres e com priapo. As vezes tem dois chifres, outras tem três, e outras um só, luminoso, no meio da testa; também aparece com uma coroa e chifres em roda da cabeça. Por vezes ainda, tem outro rosto no peito, no ventre ou na parte posterior.

A primeira coisa que fazem os bruxos e bruxas ao chegarem ao Sabbat é prestarem homenagem ao Bode ou a Maese Leonardo, que é na realidade o mesmo, e que os recebe sentado no seu trono. Outras vezes também se diz que Maese Leonardo aparece na figura dum homem negro, de um homem todo encarnado, de um boi, de um carneiro preto, de um lobo, de um cão, de um pássaro negro, de um tronco de árvore desenraizado, ou de um homem pálido, com os cabelos eriçados, olhos redondos e espantados, mãos com todos os dedos iguais e curvos como os de uma ave de rapina, pescoço de asno e pés de ganso, que servem muitas vezes para reconhecer o Diabo. E dá a cada um um punhado de dinheiro... A homenagem consiste em se aproximarem de joelhos, levando na mão, geralmente, um círio aceso, que deixam como oferenda. Depois beijam-lhe o traseiro. Algumas vezes acompa-

nam o beijo com uma declaração blasfema: «Prefiro o traseiro do diabo à cara de Deus»...

Terminada a cerimónia, celebra-se o banquete, verdadeiro ágape gnóstico. Mas antes é preciso afastar os meninos...

De facto, ao Sabbat acorrem meninos levados pelas bruxas. Estes são levados umas vezes por ocorrência da ocasião, outras vezes por promessa feita ao Diabo. São meninos que roubam na vizinhança; mas, se não lhes for possível consegui-los, ficam obrigadas a levar os seus próprios filhos. Estes meninos são apresentados ao Diabo; se este os admite, convertem-se em catecúmenos da bruxaria; se não forem admitidos, têm de ser sacrificados. Matam-nos, fazem deles um picado e cozem-nos para o banquete.

Os admitidos recebem um padrinho e uma madrinha, designados por Maese Leonardo. Estes padrinhos abrem um grande livro diante dos pequenos e, com a mão esquerda posta sobre ele, fazem-nos renunciar a Deus, à Virgem e aos santos. Feito isto, Maese Leonardo faz-lhes uma marca com um chifre no olho esquerdo. Desta maneira ficam consagrados ao Diabo. Mas, enquanto dura o seu noviciado, são «guardadores de sapos»; dão-lhes uma vara e mandam-nos para a beira dum lago ou tanque próximo para tomar conta dos sapos que acompanham as bruxas, para que não vejam o que vai acontecer...

Depois vai-se realizar o banquete.

O mestre de cerimónias é encarregado de colocar os comensais por ordem, conforme a sua categoria na seita, e aos pares, bruxo e bruxa, ou um demónio ao lado de cada um ou de cada uma, como sinal de fraternidade. As informações acerca do serviço e do *menu* são contraditórias. Uns dizem que é comida rica e deliciosa, servida sobre toalha dourada; outros declaram que era uma comida imunda e insípida, mal cheirosa e sem sal. Comiam-se sapos, cobras, aranhas, carne fresca de meninos não baptizados ou carne meio podre de enforcado ou de defunto roubada no cemitério. Tudo isso, muitas vezes, era cozido juntamente com milho negro, e bebia-se uma bebida estonteadora que alguns chamam *Timpanon*. Durante o banquete entoavam-se canções abomináveis, brindava-se por Adrameleck, por Furfur e por Amon.

Depois do banquete vinha o baile.

Mas, antes ou depois do banquete, celebrava-se ainda a eleição da *Rainha do Aquelarre*, a desposada do Diabo.

Nua, e coroada de flores silvestres, estava sentada ao lado do Grão-Bode, e presidia ao banquete para depois se unir ao Diabo.

A Rainha do Aquelarre, de pé, lançava uma invocação que começava pelas palavras: «*Abracax! Abracax! Abracax!*» nas quais se pode reconhecer o *Abracax* gnóstico.

Em volta da fogueira que arde na frente do *Hircus Nocturnus* começa a roda do Aquelarre. Bruxos, bruxas e diabos, alternados e de mãos dadas, de costas para a fogueira e para o Diabo, dançam e giram vertiginosamente ao compasso dos tamboris de pele e de flautas feitas com ossos de mortos. É uma música estranha e desafiada, verdadeira música de *jazz-band*, que vai acelerando progressivamente o seu ritmo e obrigando os dançarinos a uma rotação rapidíssima, que os faz ourar e os deixa exaustos. Bruxos e bruxas vão às vezes mascarados com peles de lobo ou de cordeiro, com o rosto besuntado de almagre ou fuligem e com chifres na cabeça. Outros levam um gato pendurado nas costas.

Os dançarinos voltam-se, vão agora aos pares e fazem gestos tão lascivos e indecentes, «que causariam horror à mulher mais desavergonhada do mundo». Saltam sobre o fogo, ou atravessam-no para, segundo dizem alguns, se irem acostumando e não recearem o Inferno. Depois juntam-se aos pares nos cantos escuros.

Um a um comparecem diante do Diabo e dão-lhe conta do mal que têm feito e dos prejuízos que têm causado. Os que não podem alegar nenhum malefício são castigados. Os sapos acusam as bruxas que os têm ao seu serviço. Estes sapos, que o Diabo dá de prémio às bruxas, andam vestidos de veludo roxo e preto, trazem uma campainha ao pescoço e outra no pé esquerdo, estão baptizados pelas bruxas e recebem as maiores homenagens.

Os bruxos e bruxas que têm de ser castigados são entregues a uns pequenos diabos que não têm braços. Estes diabos acendem uma fogueira e atiram para dentro dela os culpados, retirando-os depois, passado pouco tempo.

Quando chega a ocasião, diz-se a *missa do Diabo*. Esta cerimónia satânica celebrava-se com ritos diversos, conforme os países, mas, essencialmente, era uma paródia sacrílega e burlesca de verdadeira missa. Tinha apenas duas partes. Antes de começar a primeira, urinavam numa cavidade da rocha, e empregavam a urina para se

persignarem, como se fosse água benta, fazendo-o com a mão esquerda, sobre o occipício e às avessas: de cima para baixo e da esquerda para a direita. O sacerdote ou sacerdotisa (quando não é o próprio Diabo) usava uma capa negra e uma coroa de verbena. Então pronunciava o intróito: «Entro no altar do meu deus, do deus que vinga os oprimidos e os débeis. Salva-nos, Senhor, do pérfido e do violento». Depois renegavam novamente a Jesus Cristo, e rendiam homenagem a Satanás, aquele que fora injustamente expulso do céu, beijando a sua imagem e simulando o oficiante o ajuntamento carnal com ele. Na segunda parte, fala-se de cerimónias celebradas em alguns lugares, que são sobrevivências pagãs: oferta da *hóstia de amor*, que era uma torta de trigo oferecida ao espírito da terra; a de soltar pássaros engaiolados, que se diz significar a liberdade, e aquela que é do tipo inteiramente satânico, ou seja desafiar a Deus, reptando-O a lançar um raio. O corpo da Rainha do Aquelarre serve depois de altar. Para isso, põe-se com as mãos no chão, mas com a parte anterior do corpo, peito e ventre para cima, formando a mesa. Um demónio diz sobre ela a missa às avessas. Em vez de abençoar o pão, amaldiçoá-o. Consagra ou faz que consagra uma hóstia negra que tem gravado um bode. É uma hóstia que sabe a fumo e é feita de substâncias porcas e de mau odor (145).

Alguns escritores falam do sacrifício dum menino recém-nascido, de uma oferta de trigo, da carne do último morto, dum gato negro, dum touro, da cerimónia em que se rendiam honras ao corpo do enforcado descido da forca pelas bruxas, ou ao do excomungado, tirado por elas da terra... Diz-se que na Catalunha, Aragão, País Vasco e Alpes italianos se acreditava que à meia-noite esvoaçava um corvo sobre a forca, e então o enforcado estremecia e tomava certo alento. Vinha depois um bruxo, cortava a corda e seguiam os dois para o Aquelarre. Mencionam-se formas relacionadas com isto:

*«L'ull del gat negre ha mirat
L'ala del corb ha volat,
S'ha estremescut el penjat,
Talla la corda!»* (146)

Tudo aquilo tinha de terminar ao canto do galo. Ao soar este canto, a assembleia tinha de se dissolver imediatamente, e desaparecer todo o vestígio da reunião.

Era como um «salve-se quem puder», que enchia de terror os diabos e bruxas: o terror à luz, o terror ao dia. O canto do galo anuncia o avanço do Sol desde o Oriente; anuncia a aurora. O galo é a consciência vigilante, perante a qual devem desaparecer todas as visões nocturnas, todos os fantasmas e todos os pesadelos.

As vezes, na precipitação da debandada, ficavam no lugar do Aquelarre objectos que denunciavam o que ali se passara. Na Alemanha aconteceu que um aldeão, que viajava de noite, ao passar por um bosque, pôde presenciar, dum esconderijo apropriado, o Aquelarre. Ao cantar do galo, tudo desapareceu súbitamente, mas no terreno ficaram esquecidos alguns vasos de prata. O aldeão recolheu-os e entregou-os à justiça; nos vasos estavam gravados os nomes dos proprietários, e os magistrados mandaram prender aqueles cujos nomes identificavam os donos. Na Inglaterra, outro camponês passou de noite por um lugar onde se celebrava o Sabbat; os bruxos convidaram-no a beber, mas o camponês, dissimuladamente, derramou o líquido e deitou a correr com o vaso. Este estava cheio de uma matéria desconhecida e a sua cor era completamente desusada. Foi dado como presente ao rei Henrique o Velho, mas depois desapareceu, sem que se conheça o seu paradeiro.

Em Espanha, os Aquelares mais famosos foram, sem dúvida, os de Zugarramurdi, em Navarra. Realizavam-se às segundas, quartas e sextas-feiras, no prado de Berroscobero, entre Urdax e Zugarramurdi, desde as nove da noite ao canto do galo. O Diabo apresentava-se na figura de bode, «de horrenda e espantosa figura» que «despedia um péssimo odor», com uma coroa de chifres, entre eles dois que lhe saíam do occipício, e um na testa que despedia luz. A rainha do Aquelarre era Graciana de Barreneches, e assistiam Maria de Zozaya, Maria de Yurreteguia, Beltrana Fargue, Maria Presoná, Maria de Iriarte e João de Goiburu, que tocava flauta; João de Sansin, que tocava tambor; João de Echalar, que açoitava, com vimes ou espinhos, aqueles que cometiam faltas, e ainda outros. Tinham a marca do Diabo, feita com uma unha nas costas e no peito, e outra que se lhes fazia com um ferro em brasa na menina do olho e que tinha a forma de um pequeno sapo. Untavam-se com água verde-negra que saía dum sapo quando o pisavam com o pé. No dia de São João, entravam no templo e insultavam os

santos, fazendo-lhes uma figa. Nas vésperas das festas principais da Igreja, celebrava-se a missa negra, na qual oficiava o Diabo, com dois acólitos, diabos também. Ao ofertório, apresentavam-lhe oferendas, beijavam-no no lugar do costume, e ele, então, «tem preparada (e deita-lhes) uma ventosidade de horrível cheiro»; depois dava-lhes a comungar qualquer coisa negra e fazia-os beber uma droga amarga. Acabada a missa, «conhece a todos carnal e somaticamente» e segue-se a amálgama erótica de todos com todos.

Uma francesa de Hendaia, que tinha pertencido à seita, acusou, perante a Inquisição de Logroño, Maria de Yurreteguia, e esta confessou e descobriu tudo. Foi absolvida, mas Maria de Zozaya e outras seis foram queimadas num auto-de-fé realizado em 1610 (147).

Em toda a operação de bruxaria, e principalmente no Aquelarre, é expressamente proibido mencionar Deus, a Virgem e os santos, e sobretudo pronunciar o nome de Jesus. Quando seja preciso mencioná-lo por qualquer circunstância, substitui-se por uma designação convencional e, podendo ser, burlesca. Em Portugal, as bruxas empregam para isso a palavra *Tirulu*. Um indivíduo que acompanhou as bruxas no seu voo, assombrado com qualquer coisa que viu, disse inadvertidamente «Jesus»; as bruxas, indignadas, disseram:

*«Falaste no Tirulu,
fica para aí, homem nu»*

e deixaram-no nu sobre os ramos de uma árvore até de manhã, sem que ele pudesse descer.

Em França, para o mesmo, dizem às vezes *Phillippe*.

Acabámos de mencionar a *Missa Negra* e dissemos o que vinha a ser em relação com o Aquelarre. Mas fala-se insistentemente de outra *Missa Negra* em honra do Diabo, na qual não é este o celebrante, mas um homem, que deve ser um sacerdote apóstata, com o fim de que possa consagrar.

A *Missa Negra* é o mais espantoso dos ritos diabólicos, aquele em que a maldade humana, inspirada pelo Maldito, chegou à mais terrível ostentação de audácia. É uma cerimónia em que se misturam a paródia blasfema do Santo Sacrifício, a inversão espiritual absoluta e o ultraje directo ao mesmo Sacramento. Tudo isso coincide

com accessos eróticos colectivos, que acometem os circunstantes, dando origem às mais vergonhosas cenas.

Dissemos que o culto do Diabo alcançou o seu apogeu no século XVII, em que chegou a penetrar nas esferas mais elevadas da sociedade.

Nos começos do século XVII, o Diabo passeava durante a noite pelas ruas de Paris, numa carruagem negra, com cavalos pretos guiados por um cocheiro também preto e galopando sem fazer o menor ruído. Saía da casa dum senhor morto há pouco tempo. Dizia-se que era manobra de um desavergonhado que se tinha introduzido na casa do defunto, mas toda a gente acreditava outra coisa (148). Aquela brincadeira, se é que o foi, parece uma profecia dos acontecimentos diabólicos da Corte de Luís XIV; talvez o seu autor agisse como instrumento inconsciente de poderes ocultos.

No tempo daquele grande rei, que deu à França o seu período de maior grandeza, a Corte e a alta sociedade de Paris tinham-se entregado ao diabolismo, para satisfazer os seus vícios e ambições; as grandes damas e muitos dos mais elevados senhores praticaram alternadamente o culto católico e o culto diabólico. O primeiro amor do rei foi Maria Olímpia de Mansini, sobrinha do Cardeal Mazarino, casada com Eugénio Maurício de Sabóia, conde Soissons; abandonada por Luís XIV, que se havia enamorado de Mlle. de la Vallière, a condessa de Soissons pagava missas negras para recuperar o amor do soberano e conseguir que este abandonasse a Vallière e a rainha, para se casar com ela. E, como não conseguiu tal coisa, pretendeu matá-lo por meio do feitiço da figura de cera (149). A famosa marquesa de Brinvilliers, amante do alquimista Cavaleiro de Santa Cruz, envenenou o pai, um irmão e outras pessoas da sua família para herdar os seus bens. Introduzira-se o costume de antecipar as heranças por meio do veneno e, por esse motivo, deu-se ao sublimado corrosivo o nome de «pós de sucessão». Empregava-se principalmente o arsénico e, na Itália, onde havia progredido muito a toxicologia, preparava-se uma solução arsenical concentrada, muito eficaz, que se denominava a famosa *Acqua Toffana*. Foi, segundo parece, um italiano chamado Paolo Exili, preso na Bastilha em 1665, o introdutor destes processos em França; diz-se que tinha vindo fugido do seu país, onde fora condenado à morte, e tornou-se amigo íntimo e mestre do amante da Brinvilliers.

Destas infames práticas tomavam a direcção técnica bruxas exploradoras das paixões do seu público, bem como sacerdotes sacrilegos e criminosos.

A formosíssima marquesa de Montespan, Francisca Atenaida de Rochechouart Mortemar de Tonny-Charente, que reunia os nomes mais illustres da França e era ornamento da faustosa corte do «Rei-Sol», de quem foi uma amante avassaladora, tendo perdido o amor do rei, tentou recuperá-lo por meio da magia negra. Tratou de ministrar a Luís XIV algum dos filtros que, alternando com venenos muito activos, compunham certas mulheres, como a Voisin, a Filastre e outras da mesma ou da anterior época. Mas essas misturas só alcançavam toda a sua eficácia quando eram colocadas debaixo do cálix durante a celebração da Missa Negra.

A Voisin era oficialmente adivinha e cartomante; praticava a hidromancia, apresentando ao consultante uma vasilha cheia de água, na qual lhe fazia ver o que ele queria. Isso atraía-lhe enorme clientela. Secretamente, invocava o Diabo, preparava e vendia venenos, indicava a forma do seu emprego e realizava operações de magia. Era isto o que proporcionava grandes receitas; as missas negras com os seus sacrilégios e crimes eram pagas a peso de ouro e só estavam ao alcance dos ricos e poderosos, graças a cuja protecção a Voisin se ia livrando da justiça.

Tinha aquela bruxa vários amantes, sendo um deles o verdugo de Paris (*Monsieur de Paris*, como irónicamente era chamado). Este era o que fornecia a gordura, ossos e mãos dos enforcados, coisas necessárias, respectivamente, para os círios, para os instrumentos e para a *main de gloire*. Intimo e colaborador da casa era o cura Guibourg, envenenador e sacrilego, que vivia amancebado com uma rameira chamada a Chanfrain, de quem teve vários filhos, dos quais, segundo se diz, matou e sacrificou ao Diabo mais do que um. Guibourg era quem celebrava as missas negras, as missas espermáticas e outras infames cerimónias, ajudado por uma filha da Voisin.

A marquesa de Montespan, segundo se diz, mandou celebrar a missa negra sobre o seu formoso corpo nu. Foi um sacerdote diabólico e criminoso quem a disse, colocando debaixo do cálix as drogas que deviam ser ministradas ao amante real, que, segundo se afirma, tomou algumas delas.

Na realidade, parece que foram três as missas negras celebradas sobre o corpo da marquesa, sendo a primeira em casa da Voisin. Apareceu inteiramente nua, com o rosto coberto por um véu, a cabeleira loura solta, em companhia da filha da bruxa. A descendente dos Cruzados conquistadores do Mar Morto, conforme queria significar o apelido «Mortemar», estendeu-se sobre um colchão coberto com um pano de grande valor, de costas e com as pernas abertas. Até ao século XVI, a mulher que fazia de altar vivo na missa negra deitava-se de bruços e o rito celebrava-se sobre as suas costas, mas no Renascimento modificou-se o ritual (150). Aos lados colocaram acesos os cirios de gordura de enforcado. Sobre o peito da marquesa colocaram uma cruz, um guardanapo e um cálice. A Voisin assistia, coberta com um manto que valia 15.000 libras. Oficiou o infame abade Guibourg, revestido de uma casula branca com nós pretos. À elevação, entrou uma mulher que trazia um menino de dois ou três anos e entregou-o ao celebrante, que o levantou nos seus braços e disse: «Astaroth! Asmodeu! príncipes da amizade, aceital o sacrificio deste menino que vos apresento, e por ele vos peço que me concedais o que desejo!»

Depois degolou o menino e encheu o cálice com o seu sangue. Em seguida leu a petição escrita em pergaminho virgem: «Eu, Francisca Atenais de Rochechouart, de Mortemar, marquesa de Montespan, quero gozar da amizade do rei e do delfim; que a rainha seja estéril; que por mim e pelos meus o rei abandone o seu leito e a sua mesa; que os meus servidores gozem da sua benevolência; que, sendo amada e respeitada pelos grandes da Corte, possa assistir aos Conselhos da Coroa e saber o que neles se resolve; que esta amizade aumente mais que no passado e que o rei abandone e não ame mais a Fontanges, e que, repudiando a rainha, possa eu ser sua esposa». Outra das missas negras celebrou-se de forma semelhante na capela do castelo de Villebourin, e outra na sua casa abandonada de Saint-Denis. Mas nenhuma delas deu o resultado que esperava a ambiciosa marquesa. Certamente, atribui-se-lhe um insulto, pouco crível, à Majestade Real. Como Luís XIV, segundo se diz, nunca se lavava, cheirava bastante mal. Quando já chegava a cansar-se da Montespan, diz-se que, em certa ocasião, elle disse qualquer coisa desagradável. Então ella replicou: «Ao menos, não cheiro mal como Vossa Majestade».

Mme. des Oillettes recorreu, com iguais intenções, aos serviços de Guibourg, que celebrou, por sua intenção e com a sua colaboração, a missa espermática. Mas este rito é de tal natureza que não pode ser descrito (151).

Em 1670, a morte da duquesa de Orleães e a descoberta dos crimes da marquesa de Brinvilliers, abalarão gravemente a opinião pública, que começou a falar, com alarme, do grande número de envenenamentos e bruxarias que se estavam praticando, especialmente nas altas esferas. Os rumores chegaram ao rei e este, com o fim de averiguar a verdade, entregou o comando da Polícia a um funcionário vindo da província, chamado M. de la Reynie. Descobriram-se novos crimes e a Brinvilliers foi condenada à morte, decapitada e queimada em 1676. Por fim, em Janeiro de 1680, Luís XIV nomeou uma comissão especial, presidida por La Reynie, para perseguir os crimes de envenenamento e malefício. Foi a famosa *Câmara Ardente*, nome de um antigo tribunal para crimes de Estado cometidos por senhores de alta nobreza, e que se chamava assim por funcionar numa sala forrada de negro e iluminada com numerosas tochas.

A Câmara Ardente fez comparecer personagens como a duquesa de Bouillon, o marechal de Luxemburgo, que foi encerrado na Bastilha, a Voisin, que foi queimada viva, a outra bruxa chamada Vigouroux, acusadores do marechal, e outros, sendo em número de setenta os condenados. Tal foi o célebre *drama venenos* (152).

A tudo aquilo andavam misturadas as intrigas da Corte e a própria política. Também esta teve a sua acção em Espanha, no famoso caso de enfeitamento do rei D. Carlos II, a que já nos referimos.

Foi uma homenagem quase régia que então recebeu Satanás.

Mas tudo isso passaria depressa e havia necessidade de preparar coisas mais famosas.

Quarta parte

A Apostasia



A OUTRA MAGIA

A poder de paciência e de ciência, Santo Alberto Magno construiu uma cabeça de homem, toda de ferro, tão natural que parecia viva, cheia por dentro de rodas e molas com um dispositivo tão engenhoso que, posto em movimento, a cabeça se movia como a dum homem verdadeiro, falava e, segundo alguns, respondia atinada e sábiamente a qualquer pergunta que lhe fosse feita.

Tal era o famoso *Andróide* de Alberto Magno, prodígio de mecânica e maravilha da ciência, também às vezes chamado *Cabeça Falante*.

O sábio e santo dominicano tinha tão peregrino invento na sua cela e, entrando lá o seu jovem discípulo Tomás de Aquino, não resistiu à tentação de lhe mostrar o funcionamento daquele nunca visto engenho. Moveu-se, pois, e falou a cabeça, quando o seu autor lhe accionou os registos próprios. O poderoso e agudíssimo entendimento do discípulo viu e suspeitou que em tudo aquilo havia algo de magia contrário à natureza das coisas, algo contrário à ordem divina que rege e deve reger o universo, algo tremendo e terrível. O caso é que São Tomás, lançando mão de um martelo pesado que ali se encontrava, com toda a sua extraordinária força física de «boi mudo», descarregou sobre o *Andróide* uma tão forte martelada que o deixou em estilhas e sem concerto (1).

Há quem diga que esta história é fabulosa e que o *Andróide* de Alberto Magno nunca existiu. Tendo existido outros depois, não se compreende por que aquele não existiria antes.

Mesmo que seja fabuloso «como feito histórico», este sucesso revela de tal maneira a realidade íntima e fundamental das coisas, que entra na categoria daquelas que, se não aconteceram, deviam ter acontecido. Se não pertence à história, será por defeito da mesma história, porque os factos muitas vezes equivocam-se e não dizem a verdade acerca de si mesmos. Trata-se de um facto supra-histórico.

A martelada que São Tomás de Aquino despediu sobre o *Andróide* é uma verdadeira revelação.

O *Andróide* não passa de um brinquedo mecânico, como os que divertem os déspotas orientais nas *Mil e Uma Noites* e nos mil e um dias da «realidade histórica»; é como os leões de ouro que rugiam ao lado do trono em Persépolis, em Bagdade ou em qualquer outra parte; é como o Garuda de madeira dourada, que transporta pelos ares o galã que finge ver Vischnu; é como o cavalo de madeira de Clamades e Charmonda. Não era mais que um brinquedo, mas que estava cheio de tantas coisas demasiado sérias, demasiado graves, demasiado terríveis, que o tê-las vislumbrado, num relâmpago de intuição profética que iluminou as trevas de uma manhã remota, não seria mérito para desprezar, se o tivesse tido o Anjo das Escolas. Por que motivo querem, pois, arrebatá-lo tal mérito? É que o não querem inimigo da ciência... Mas se, na realidade, para ele, a ciência era outra coisa?

O facto de Alberto Magno ter sido considerado mago, possuidor dos «Maravilhosos Segredos da Magia Natural», que se expõem no *Grande* e no *Pequeno Alberto*, o facto de que se lhe atribui o *Andróide* como obra mágica, tudo indica que o instinto dos homens descobriu, desde o primeiro momento, «a outra magia».

Não sabemos, a rigor, se o *Andróide* foi invenção diabólica ou invenção humana. No primeiro caso, está dito; no segundo caso, é certo que Satanás, que viu tudo antes de São Tomás, deu uma grande palmada na testa e, seguindo o ilustre exemplo, exclamou: *Eureka!*

De facto, ali se encontrava aquilo que, desde a sua queda, procurara inútilmente.

O *Andróide* era o protótipo, ao mesmo tempo, para a máquina e para o homem; a máquina que é um homem, e o homem, que é uma máquina. É isto o que se chama o «Ideal».

Tudo o que o homem faz, pode e deve fazê-lo a máquina; mas, ao mesmo tempo, o homem será como

uma máquina, mover-se-á como ela, de um modo preciso e regulado. Determinou Deus que ele ganhasse o pão com o suor do seu rosto, mas a terra será lavrada pelo tractor, a semente será semeada pela semeadora, a ceifadora ceifará as messes e atará os feixes, a debulhadora fará a debulha, o moinho eléctrico moerá o grão e outra máquina amassará o pão. Mas, por outro lado, o homem unir-se-á ao homem para obrarem em unísono, por um modo absolutamente uniforme e cronometrado, numa perfeita interdependência, num taylorismo, num stakanovismo universal, que abarca, penetra e sujeita toda a função e toda a actividade, trabalho e diversões, guerra e paz, estudo e descanso, actividade e contemplação; tudo terá a sua técnica, desde a investigação científica à propaganda comercial, desde a criação das galinhas até ao Golpe de Estado.

Grande época acabou por chegar para o Diabo, pois também ele é amigo da comodidade e dos «progressos».

Muito melhor que andar passando más noites pelos montes, por descampados, por encruzilhadas, presidindo aos Aquellarres, é andar pelos laboratórios, onde, ao menos, se está a coberto, e onde o calor dos fornos traz à memória o fogo quotidiano do Inferno. Melhor que andar entre rústicos e ignorantes, tendo que levá-los de noite pelos ares, sobre um dorso já cansado e velho, e tendo de se vergar aos seus caprichos para lhes conquistar a alma; melhor que andar entre teólogos presumidos e frades questionadores, que falam um péssimo latim e um grego ainda pior, aos quais é necessário sustentar nas suas vacilações quando sobre eles cai o anátema, visitar nas prisões quando caem nas garras da justiça, assistir na tortura e infundir coragem na fogueira, — mais cómodo, mais seguro e menos trabalhoso é andar entre sábios que leram os antigos e os modernos, empregam excelente syntaxe, e falam de tudo o que é divino ou humano, de todas as coisas e de muitas outras mais, de tudo o que pode saber-se, e do que não pode saber-se. A estes sim, pode atraí-los com qualquer coisa, desde que seja nova; verdadeira ou falsa, possível ou impossível, não importa: é o mesmo. Pode ganhá-los pela vaidade e, embora se não ganhem as suas próprias almas, eles sempre deixam preparadas as coisas de forma que se venham a ganhar muitas outras. Para isso, nem sequer é indispensável que se condene o sábio; pode até ser conveniente que se salve e vá para o céu e, melhor ainda, para os altares, visto que

assim, sem culpa sua, mas ao cabo por obra sua, que se torna insuspeita por ele ser santo, já se condenarão os seus discípulos. Isto permite, ainda por cima, lançar mais tarde a culpa ao santo do mal causado, pelo abuso dos seus inventos ou doutrinas.

O raciocínio de Satanás é especioso, mas prevê todas as hipóteses. E é de grande resultado, pois nele reside, com efeito, «a outra magia», que possui inúmeras vantagens sobre a antiga. A outra magia é simplesmente a ciência.

Certamente, não é o Diabo quem realiza os grandes inventos, mas procura convertê-los, na imaginação dos homens, numa verdadeira magia que, solapadamente, vai tornando negra.

As vantagens desta nova magia sobre a antiga são incalculáveis.

A antiga era difícil, acessível a muito poucos; esta, em princípio, é acessível a todo aquele que possua um entendimento mediano ou menos que mediano. A antiga não podia ostentar os seus prodígios senão em determinadas circunstâncias e perante círculos reduzidos; esta pode, em qualquer momento, obrar maravilhas que podem ser vistas por todos, e que qualquer pode utilizar em seu serviço. A antiga obrigava os diabos a realizar molestos trabalhos materiais; esta liberta-os deles, porque as forças naturais os suprem. A antiga tinha um reportório muito breve, que se repetia constantemente; esta é inesgotável em novidades cada vez mais surpreendentes. A antiga era odiada pelas pessoas sensatas e honestas, condenada pela Igreja e perseguida pelas leis; esta seduz os homens de bem, é protegida, estimulada, condecorada e até paga pelos prelados e pelos príncipes. Tudo está a seu favor; inclusivamente existem hoje filósofos que asseguram que o seu avanço não se deterá nunca, que progredirá sempre, cada vez mais, cada vez com mais rapidez, de conquista em conquista, de triunfo em triunfo, até à consumação dos séculos... se é que há consumação dos séculos. E Satanás o crê.

Mas há mais. Todos os sonhos da antiga magia são realizados por esta: visão a distância, visão através dos corpos opacos, cura de todas as doenças, prolongamento da vida e previsão dos sexos. E os sonhos não realizados serão realizados no devido tempo.

Não é Satanás quem realiza os grandes inventos, mas os homens não ganham com eles o que ganha Sata-

nás. O homem cria o uso e o Diabo cria o abuso, que reveste três formas; abuso material, abuso intelectual e abuso moral.

Pelo primeiro, mecaniza-se a vida do homem, até chegar ao prodígio do cérebro electrónico.

Pelo segundo, sob o dissimulado magistério do Diabo, forma-se uma concepção do mundo que se pode chamar mecanismo, cientismo ou positivismo, mas que, por mais voltas que se lhe dêem, temporário ou definitivo, dogmático ou metodológico, é materialismo.

É indispensável que o mundo — para já o mundo material; mais adiante nos meteremos com o mundo dos espíritos — seja um agregado de elementos corpóreos homogêneos e de forças mecânicas redutíveis ao movimento local. É indispensável que tudo seja contado, pesado ou medido; que seja apenas objecto da ciência o que é quantidade, a determinação quantitativa; que onde haja matéria, haja geometria. Esta concepção mecanicista do universo está já elaborada, no século XVI, e será o fundamento da física de Newton e da cosmogonia de Laplace.

Depois já não importa que tudo se transforme, até se desfazer nas lonjuras do espaço ou da abstracção. *O essencial é apenas que as forças da matéria bastem para explicar o universo e, nesta condição sine qua non, está encerrada a ciência que se considere como tal.*

A partir daí tudo é fácil; a ciência consiste em substituir um objecto de sensação por um objecto de medida, em reduzir o existente ao mensurável. Para isso, o fenómeno psíquico será reduzido a fenómeno psicológico, o fenómeno fisiológico a fenómeno fisico-químico, o fenómeno fisico-químico a fenómeno mecânico, o fenómeno mecânico a movimento local. O sábio do século XIX decretará por forma inapelável: «Nada mais há de que o movimento da molécula...» Não importa nada que a molécula depois se desvança, que tudo se reduza a relações matemáticas entre termos hipotéticos. Tanto melhor! Primeiro se desvaneceu tudo o resto.

Não sabiam que o Diabo põe ovos? Pois aí está o ovo do mundo...

Deus, sem dúvida, criou o mundo, mas a imagem desfiguradora do mundo que nós conhecemos foi o Diabo quem a criou.

Satanás conseguiu, fosse por que processo fosse, que os homens dessem o assentimento a uma ideia do mundo,

que se inventou, prescindindo do Cristianismo. Não importa que seja verdadeira ou falsa em si mesma; o que importa é o seu *sentido*; não importa o que é, mas sim o *fim* para que tende. Pode ser verdadeira como teoria, mas o que importa é o que representa como arma. Ninguém que conheça a história pode negar a guerra que deu esta ideia moderna no mundo, nem as vitórias que proporcionou a Satanás.

Além disso, tão-pouco se tem provado a sua verdade. Temo-la como tese comprovada, quando os sábios sérios nunca a apresentaram senão como hipótese plausível, que uns e outros estão constantemente rectificando, até ao ponto de haver hoje quatro ou cinco físicas diferentes, cada vez mais abstractas e mais afastadas da realidade visível, de maneira que nos colocam perante o dilema de ser um sonho o mundo que vemos ou ser um sonho o mundo dos sábios. Como sistema total, tudo se desagregou, porque já se não podem reduzir os fenómenos psíquicos a fisiológicos, nem os fisiológicos a físico-químicos, nem os físico-químicos a mecânicos, nem os mecânicos a movimento local, de forma que já a física é só física, a biologia só biologia, a psicologia só psicologia, e assim por diante. E já nos começamos a cansar.

Mas a situação continua a mesma.

Apesar de tudo, esta ciência consegue êxitos assombrosos. Pedra a pedra, foi edificando aquilo que se chama «a civilização». É esta a Nova Torre de Babel. Dissemos já que «a nossa civilização é a comprovação da obra realizada pelo Diabo para infundir, para enxertar no coração dos homens o Pecado da soberba satânica». De facto, a nossa civilização tem muito de diabólica. É um desafio a Deus, é uma emenda feita ao Criador, é um pecado gigantesco, titânico, que nós não queremos confessar, ao qual fechamos voluntariamente os olhos da consciência, procurando convencer-nos, com razões especiais, de que tal pecado não existe.

Mas todas estas coisas são indubitavelmente bens... Os «progressos» são coisas «boas em si». Não disse o próprio Diabo de si mesmo que «é a força que sempre quer o mal e sempre faz o bem»?

Sem dúvida. Por que é que os homens, enquanto os seus sentimentos não estiveram embotados pelo hábito, se convenceram de que tudo isso era obra diabólica, «obra de pactos»? «A máquina — diz Spengler (2) — foi considerada pelo barroco como algo diabólico. O espí-

rito infernal tinha descoberto ao homem o segredo de se apoderar do maquinismo universal e representar o papel de Deus. Por isso, as naturezas puramente sacerdotais que vivem no reino do espírito e não esperam nada «deste mundo», sobretudo os filósofos idealistas, os classicistas, os humanistas, Kant e o próprio Nietzsche, guardam um silêncio hostil sobre a técnica».

Ainda hoje, este sentimento, esta suspeita é inevitável. Todos, incluindo os próprios técnicos e os próprios inventores, albergam tal sentimento dentro de si, como um receio oculto, um terror secreto, produto do atavismo ou do raciocínio, como um *arrière-pensée* vivamente reprimido, mas sempre a espiar no seu esconderijo. Há uma infinidade de pequenos sintomas, muito subtis e difíceis de perceber que nos mostram que a nossa consciência não está tranquila a tal respeito. Este desejo periódico de «natureza», que no «fim de semana» ou no Verão nos arrasta para o campo para fazermos «vida selvagem», não é mais que um modo dissimulado de fazermos calar o remorso, assegurando-nos de que ainda há lugares que não satanizámos por completo.

Mas, à superfície da consciência, continua a dominar a admiração e o orgulho do «progresso», e o afã de superar tudo o que foi recebido.

II

A DEUSA RAZÃO

Quem consegue tão maravilhosos efeitos é, conforme parece, a razão humana.

Desde o primeiro momento, o Diabo teve pouca dificuldade em convencer os sábios de que, se a razão leva a cabo tais coisas, pode modificar o mundo e impor a sua lei à natureza, também poderá modificar a sociedade humana, num sentido de melhoramento proporcionado àquele que significam os avanços da ciência.

Os sábios ficaram convencidos de que a Razão pode suprimir a injustiça e organizar os homens de modo que todos vivam contentes e felizes.

De facto, todas as injustiças, todas as desordens, todos os vícios e crimes são resultantes de a sociedade não estar organizada segundo a Razão, visto que a sua organização assenta sobre certos erros, vícios e velharias, tais como o *preconceito*, o *fanatismo* e a *superstição*.

Satanás invertia as críticas da Igreja. Esta qualificava como «superstições» as práticas até então aconselhadas e ensinadas pelo Diabo: o *Aquelarre*, o *Pacto* e a *Magia*. Agora o Diabo, mais «ilustrado», mais «filósofo» do que os Doutores da Igreja, demonstrava, com os seus sábios, que as narrações da Bíblia, a autoridade do Papa e dos Concílios, os Sacramentos, o culto das relíquias e das imagens, as cerimónias da Liturgia, os votos monásticos, o celibato dos padres, o magistério da Igreja, eram «superstições».

A Igreja dizia que os horrores do Sabbat, a feitiçaria, o malefício, a «missa negra» eram actos de «fana-

tismo»: o Diabo, por meio da «Ciência», demonstrava que as devoções, as esmolas, as peregrinações, as mortificações, os jejuns, os cilícios, as disciplinas, eram actos de fanatismo.

«A religião — afirmava ele — não é mais do que um dos preconceitos em que assenta a sociedade».

Há outros «preconceitos» que são produtos da ignorância. São a Realeza, a Nobreza, a Jerarquia, a Autoridade, o Costume... Todas estas coisas são ideias antiquadas que têm de desaparecer perante as luzes da Razão.

Mais adiante, o «progresso» acabará com outros «preconceitos», mais arraigados ainda, como são a Propriedade, o poder do marido sobre a mulher, a primogenitura, as preferências de idade, a consideração para com os anciãos. Com o rodar do tempo, como o «Progresso» é indefinido e nunca se detém, desaparecerão também os últimos «preconceitos»: o Matrimónio, a Pátria, a Moral, o Pudor, a Palavra empenhada, a Vergonha...

Entretanto, não há outra autoridade senão a lei, não há outra lei senão a vontade de todos, não há outros bens senão a liberdade, a igualdade e a fraternidade. É preciso organizar a sociedade conforme a Razão.

A Razão é o único árbitro, o único fundamento da Moral, do Direito, da Ciência, da Arte, da Sociedade e da Economia.

Não sabem que o Diabo põe ovos? Pois aqui está o ovo da história «contemporânea» e da «sociedade futura».

Em nome da Razão já se arriscam alguns humanistas e alguns enciclopedistas a duvidar de Deus, a negá-l'O ou dizer que a Sua existência não pode provar-se, ou a identificá-l'O com o mundo, ou a reduzi-l'O à condição de relógio, ou ainda a obscurecer de qualquer forma a Sua imagem. A «filosofia» vai entrando em fogo.

Mas a revolução não se detém. Como o Caçador Selvagem, Satanás cavalga sobre o mundo, açulando a sua matilha.

A revolução tem de cumprir-se em todas as ordens da vida humana; há-de ser revolução religiosa, cultural, política, social, moral, artística, filosófica, jurídica, técnica e económica, porque, não sendo total, não será uma verdadeira revolução.

Para isso, Feuerbach disse: «Se houvesse um Deus, a existência do universo seria inexplicável, porque seria supérflua... Deus é o conceito de causa hipostasiado pela mente humana, porque é o homem quem inventa

Deus... O único Deus do homem é o Homem. Temos de prescindir de outro Deus, afirmar este mundo perante outro mundo existente, substituir a crença em Deus pela crença no Homem, pela crença em que o destino da Humanidade depende dela própria... Temos de amar o Homem em vez de amar a Deus, e criar uma vida melhor para a Humanidade».

E fica dito tudo, porque o resto cai pelo próprio peso; se Deus usurpa a fé, a esperança e a caridade que o homem deve ao Homem, Proudhon poderá declarar a guerra a Deus, dizendo: «Deus é o mal». Bakunin poderá explicar: «Se houvesse Deus, seria necessário negá-l'O, porque a ideia de Deus implica a abdicação da justiça e da razão humana».

Desde o primeiro momento, *ab ovo*, a revolução leva uma ordem secreta, que nem a todos se torna manifesta e que não é posta em prática toda de uma vez: «Nem Deus, nem senhor».

Quando falava Feuerbach, quando falava Bakunin, quando falava Proudhon, Satanás aplaudia, trémulo, porque o discípulo começava a superar o mestre.

Trata-se da *Religião do Homem* perante a Religião de Deus.

Nos começos da história, Satanás, perante o Deus único, levantou os deuses. Perante a Unidade, a Multidão. Agora teria inventado outro deus, que era ao mesmo tempo Unidade e Multidão. Perante o Deus humano, o homem divinizado; perante o Cristianismo, o Humanismo; perante o Deus-Homem, o Homem-Deus.

Não é outro o sentido da Ciência, da Técnica, da Revolução.

Se o homem é Deus, nenhuma lei pode coibi-lo, porque toda a lei dimana da sua vontade. Se o homem é Deus, todos os homens são iguais, porque todos são divinos. Se o Homem é deus, não pode haver entre eles desacordo, mas sim amor ao deus que todos são.

Tal é a Religião da Humanidade; e tudo o mais é consequência dela.

Sai-nos aqui ao caminho o mistério da Maçonaria, porque os franco-mações se dizem operários do Templo de Salomão, que representa simbolicamente «o Templo ideal da Humanidade» (3). Sendo isto assim, temos de reconhecer que a Maçonaria representa, com respeito à Revolução, o mesmo papel que a suposta Universidade de Toledo com respeito à Magia negra.

Tudo o que se relaciona com a Maçonaria está envolto num mistério, que não é propriamente mistério, mas um equívoco. Parece haver ali a contradição característica das obras diabólicas.

Se nos fiarmos em certas histórias, Satanás terá tirado a Maçonaria do seio da Magia. Os primeiros maçons do século XVII teriam sido ocultistas. Outros continuaram a sê-lo depois. Maçons eram os Martinistas, dedicados ao Ocultismo e à Cabala, os novíssimos Rosacruces e os fundadores da Sociedade Teosófica. Se assim é, a Maçonaria teria servido de ligação entre ambas as Magias.

Vox populi: o mesmo papel que no século XVII se assinalava a seita dos bruxos, assinala-se hoje à seita dos maçons.

Vox Dei: Pio IX qualificou a Maçonaria como a «Sinagoga de Satanás», e Leão XIII disse que era «o mais terrível inimigo da religião e da sociedade». As condenações da Igreja são expressas, reiteradas e numerosas (4).

Se Satanás foi o inventor directo da Maçonaria, podemos crer que com ela pretendeu fazer cair sobre os seus adeptos o ridículo que sobre a sua figura havia arrojado a arte grotesca da Idade Média. Os maçons medievais — oficiais e mestres da arte da construção, sem intenções heréticas — tinham caricaturado o Diabo em gárgulas, relevos e capitéis; agora faz o Diabo que os maçons modernos, alheios à arte da construção, mas não à heresia nem à política — se caricaturem a si próprios, cingindo o avental dos alvanéis.

Dentro e fora da Ordem Maçónica, a Igreja de Satanás é extensa e numerosa. Muitos que crêem pertencer à Igreja de Deus, pertencem na realidade à do Diabo. Outros repartem o seu espírito pelas duas, como se dessem a Deus a mão direita e ao Diabo a esquerda. Entre estes, uns conhecem a sua situação, outros não a conhecem. E muitos há, afinal de contas, que não sabem a que Igreja pertencem.

O Mestre das confusões dirige-se, sob a capa da Razão, aos instintos inferiores do homem, ou àqueles que a queda de Adão tornou mais patentes. Deste modo, quem vai resistir a esta aliança da Razão e do Instinto?

Satanás conhece perfeitamente as etapas que tem de percorrer, estudou-as e traçou-as minuciosamente e o programa vai-se executando em todas as suas partes.

Naturalmente há retrocessos, porque a história caminha com ritmo alterno; mas Satanás também o sabe e todos os retrocessos estão previstos.

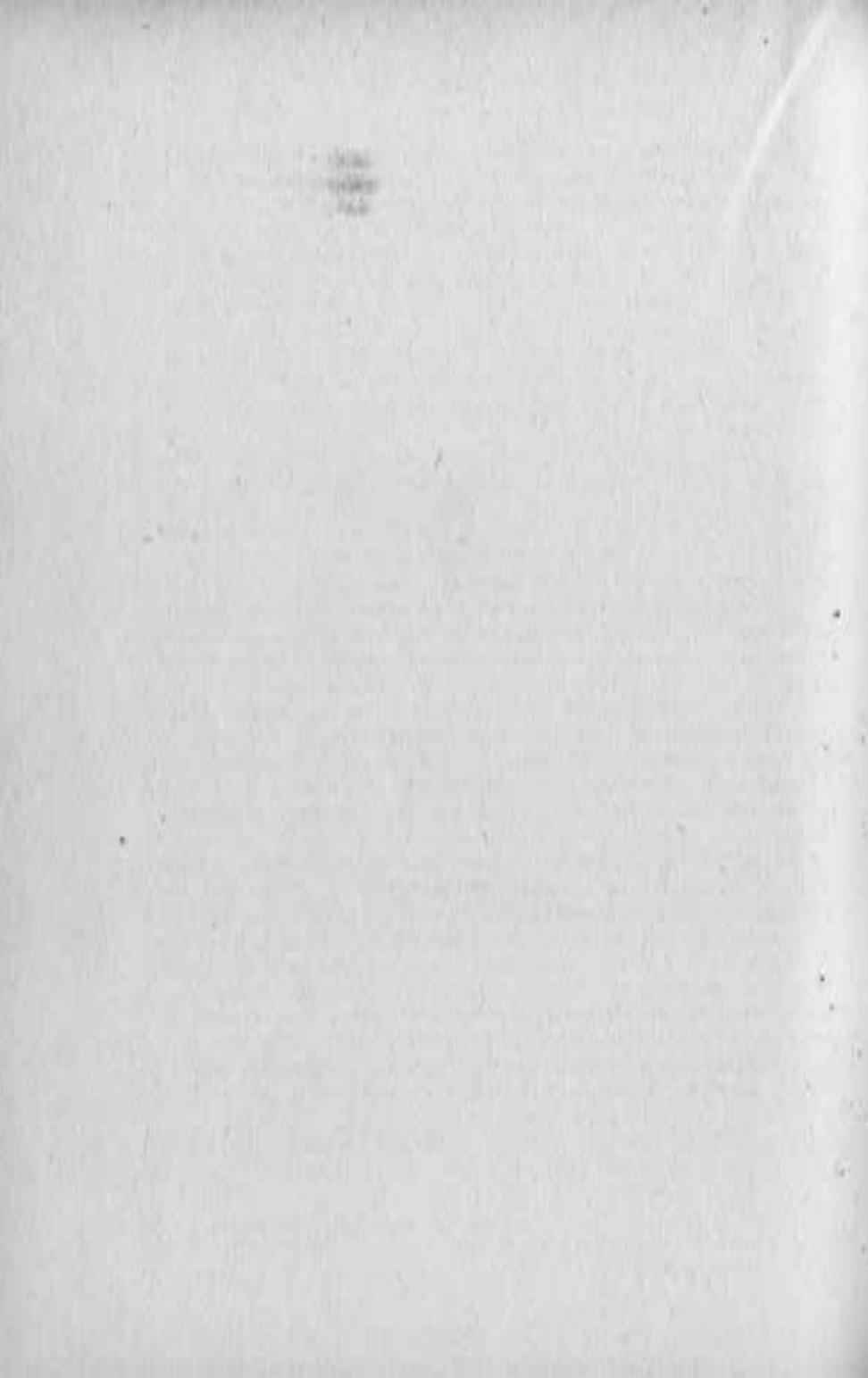
A Revolução está em todas as Histórias; pegai numa História da Igreja, numa História Universal, numa História da Filosofia, numa História da Arte, numa História do Direito, numa História da Ciência, numa História da Literatura; em qualquer delas e em todas elas — encoimada, louvada, glorificada ou condenada; rebaixada, censurada ou julgada com pretendida imparcialidade, com uma mão de cal e outra de areia — encontrareis a Revolução.

Verificareis que a ordem do mundo, a ordem de todas as coisas se inverteu; o que estava com os pés para baixo foi posto com os pés para cima; o que era mau, é agora bom; o que era bom, é agora mau; lançaram-se por terra muitas coisas e nem os homens são livres, nem são iguais nem se amam como irmãos.

Vêm-se coisas pasmosas e grandes, vêem-se coisas repugnantes e horríveis, vêem-se coisas que não são uma coisa nem outra, vêem-se reformas acertadas e erros crassos, ganhos apreciáveis e perdas dolorosas. O que se não vê em parte alguma é aquela felicidade, aquela paz, aquele contentamento que nos prometiam.

Pelo contrário: o homem está cada vez mais descontente, cada vez mais dependente, mais sujeito e menos livre, porque cada vez está mais submetido aos outros homens.

Pode ser que não tenha um «senhor» pessoal, conhecido, a quem possa apontar como aquele a quem tem de obedecer; mas é escravo de outro «senhor» impessoal, desconhecido, impalpável, imensamente poderoso, ubíquo, irresistível e irresponsável, que é a «organização», quer dizer, a imensa máquina de ingente complicação em que a suposta humanidade livre se converteu, e que abarca a vida inteira e total, no seu conjunto e em cada um dos seus pormenores, «senhor» onnipotente, exigente, inexorável, ao qual só se escapa com a morte.



III

O OUTRO SATANISMO

O Diabo tem previstas todas as contingências, todas as recaídas do homem e todos os retrocessos da história. Por isso, tem preparados todos os substitutos necessários, no caso de o «progresso» enfraquecer em qualquer das suas direcções.

Assim, em Metafísica, a meta do progresso é o Materialismo, mas podem produzir-se reacções espirituais. Para as utilizar, Satanás tem à sua disposição o Panteísmo, o Idealismo e a Magia, que por isso não deixa morrer, e sobretudo o recurso de fazer que o Espiritualismo se resolva em Espiritismo.

Isto é muito fácil e, portanto, trata-se de uma tarefa que ele confia aos diabitos inferiores, aos trasgos, amigos de revolver os móveis e as caçarolas, de provocar ruídos nocturnos, de arrastar cadeias, de soltar ais lastimosos, acender fosforescências, e aos *Alpen*, que se sentam sobre o peito dos que dormem e lhes infundem sonhos pavorosos, bem como aos duendes domésticos, que varrem, lavam e passam a ferro a roupa.

Um desses diabos de menos importância põe-se a dar pancadas nas paredes duma casa dos Estados Unidos e está já fundado o Espiritismo.

O «espírito que bate» assegura que é a alma dum defunto. A identidade de tal defunto varia conforme a qualidade das pessoas a quem se dirige; se se trata de pessoas vulgares, o defunto é o pai, o avô, um tio, um sobrinho ou um vizinho de casa ou da rua; se se trata de pessoas que não se têm por vulgares, é Sócrates, Car-

los Magno ou Napoleão... De qualquer modo, os defuntos revelam aos vivos os segredos do outro mundo. As vezes deixam ficar em bem má situação os grandes homens que dizem representar, mas isso não importa; o que é preciso é consultá-los.

Para isso são necessárias três coisas: uma mesa — sendo preferível de três pés — um *médium*, e várias pessoas que façam *círculo* com ele.

O *médium* é uma pessoa que possui certas propriedades que lhe permitem agir como «catalisador» da «energia psíquica», de modo que, sem a sua presença, não pode haver as «manifestações» dos espíritos. Muitos deles tornaram-se célebres, como Florência Cook, Douglas Home, Eusapia Paladino, etc. Há *médiuns* «escreventes» que executam a «escrita automática» do que os espíritos ditam. O *médium* tem de estar num estado especial chamado «trance», que é uma espécie de estado de sonâmbulo.

Os assistentes formam círculo com as mãos em contacto uns com os outros, para que circule a «corrente». Este processo foi o espiritismo buscá-lo às práticas do Magnetismo animal, que ele procura imitar.

Por meio destas cerimónias, o *trásgo* dá notícias sobre o estado em que se encontram os mortos da família, leva e traz recados do além, revela coisas ocultas, profetiza, dá conselhos morais e receitas médicas, resolve casos económicos e financeiros, questões de família, etc., etc., e, além disso, dita uma religião: a religião de Allan Kardec. Esta religião, como o *trásgo* não possui a erudição nem a inventiva dos grandes dignitários do Inferno, de Lúcifer ou de Sargatanas, não se afasta muito do Cristianismo, porque assim tem menos trabalho e convence melhor a gente.

Allan Kardec é o profeta desta religião: um Zaratustra de polainas e colarinho engomado. Segundo ele, o Espiritismo é a terceira revelação, depois da de Moisés e da de Cristo, e está destinado a transformar o mundo para preparar o advento dos espíritos superiores que, dum momento para o outro, vão começar a encarnar-se. Estes espíritos são almas humanas, quer dizer «almas», pois não há mais do que uma classe de almas; nem anjos nem demónios, mas sim almas que se vão aperfeiçoando, de planeta em planeta...

O *trásgo* ensina todas estas coisas servindo-se das pernas da mesa. Só os privilegiados conseguem a produção de «fenómenos» mais elevados; levitações, materializa-

zações, dádivas, reproduções de imagens em betume, fotografias, etc. Os altos iniciados do Espiritismo, assim como os sábios que têm querido investigar estas coisas, vêem o *médium* elevado no ar, vêem os espectros, falam com eles, fotografam-nos, obrigam-nos a deixar marcas do seu rosto ou das suas mãos numa pasta fechada à chave numa caixa... (5).

Em religião, o ponto de partida foi a «religião natural»; a meta é o Ateísmo. Mas no caminho que vai dum extremo ou outro, a necessidade religiosa, congénita ao homem, pode reclamar os seus direitos. Para estes casos tem Satanás de reservar as religiões exóticas, as heresias antigas, e outras que podem ser inventadas de qualquer maneira, como as «pequenas religiões de Paris», as mil e uma ou as mil e mais dos Estados Unidos e, em último caso, a Teosofia.

Desta maneira, houve cristãos budistas, tauístas, zoroastrianos; houve-os gnósticos, maniqueus, socinianos, priscilianistas; houve-os adeptos da *Christian Science*, e outros caídos no Averroísmo ou no Evangelho Eterno.

Por último, houve-os partidários de todas as religiões a um tempo, e ainda do Ocultismo, do Espiritismo, do Hipnotismo e da Magia. Tais são os teósofos.

A descabelada inventiva norte-americana, «a excentricidade» britânica e o descastigamento hindu conjuram-se para dar calor a este complicado e desconcertante sistema que a sua fundadora, a inexplicável H. P. B. disse ter recebido de certos mestres ocultos nas neves do Tibete. Que espécie de seres são esse M., esse K. H. e os outros? Serão também trasgos entregues à especulação teológico-metafísica, dedicados a revolver ideias, como outros a revolver móveis e caçarolas?

Os teósofos têm feito de tudo: dogmática, química, espiritismo, liturgia, pedagogia, desporto, naturismo, medicina, filosofia, filantropia, pacifismo, feminismo, literatura, teatro... A Teosofia é a síntese da antiga Magia tradicional e da «outra Magia» dos científicos e dos técnicos; a síntese do Orientalismo entendido à ocidental, e da «civilização» europeia-americana; a síntese de uma espécie de Bramanismo budista ou um Budismo bramânico egipcializado, achinesado, neoplatonizado com o Humanitismo da Revolução e da Maçonaria. Nenhuma extravagância nem nenhuma vulgaridade lhe são estranhas. E uma tentativa fantástica, não se sabe se diabólica ou pânfila, para pôr de acordo todas as coisas.

Postos neste plano, e como bons «modernos», como bons filhos da idade da técnica, os teósofos lançaram-se a preparar artificialmente um novo Cristo. Era um rapaz indio, que na S. T. recebia o nome de «Alcyone» e no século o de J. Krischnamurti. Um Cristo de fraque, doutorado em Oxford. No entanto não era o Cristo — não se realizara o «avatar» — mas já tinha uma quantidade de adeptos, que formavam a «Ordem da Estrela do Oriente».

Mas, quando tudo estava no melhor, o Cristo demitiu-se e foi para a América trabalhar por sua conta (6).

Dizem que assim paga o Diabo a quem o serve.

No âmbito do saber e da cultura, o propósito de Satanás é o Naturalismo cientista. Mas, como o desejo do homem pelo maravilhoso pode ter revivescências, Satanás organizou o Hipnotismo, a Psicanálise e a Metapsíquica.

Estas coisas, além de satisfazerem os desejos que os homens têm de prodígios não mecânicos, e além da sua eficácia literária e espectacular, têm um formidável valor teórico; por um lado, por meio delas pode-se demonstrar que os sábios podem fazer milagres tão bem como os santos. Já não é pequena a vantagem, mas há ainda outra melhor: pode-se fazer ver que os milagres dos Santos eram da mesma natureza dos dos sábios. Inclusivamente, os milagres de Jesus Cristo...

Dos estudos sobre o Hipnotismo dimanou uma ideia que fez grande successo: a ideia da *sugestão*. Essa ideia alastrou de tal forma que qualquer amigo de enredos fala levemente da sugestão e aplica-a a tudo o que lhe apetece. Todo o facto maravilhoso ou extraordinário passa, desde logo, a ser efeito da sugestão. A sugestão é a explicação universal, mais ainda que o histerismo, mais ainda que os famosos «complexos» inventados pela nova psicologia.

Em grau menor, a Psicanálise introduziu a ideia do *inconsciente* e, em muito menor escala, a Metapsíquica a do *ectoplasma*.

Assim consegue Satanás que todos os factos religiosos, todos os efeitos sobrenaturais ou milagrosos se expliquem «cientificamente», isto é, num sentido materialista, por meio da sugestão, do inconsciente ou do *ectoplasma*.

No mundo da Arte, o que Satanás queria era a eliminação pura e simples. Chegou a sugerir esta ideia ao filósofo Hegel. Mas é difícil que os homens não queiram

voltar a ela e, para essa contingência, inventou Satanás o Cubismo, o Dadaísmo e o Surrealismo.

O Cubismo, sobretudo, reduzindo a vida à morte, o orgânico ao inorgânico e o palpitante à geometria, e fazendo a redução do corpo humano a um montão de peças de máquina escangalhada, realiza, em Arte, todas as aspirações do Diabo... «A existir Arte, que seja assim», pensa Satanás.

Ele conhece perfeitamente a fecundidade desta ideia, sabe que, para futuro, mesmo que deixe de ser propriamente cubista, a Arte nunca se emancipará dos triângulos, dos polígonos, dos planos e dos volumes.

Esta é a razão por que, no Cubismo, e em tudo o que o seguiu ou o acompanhou, a figura de Arlequim aparece uma ou outra vez. O Diabo quis deixar a sua assinatura (7).

Satanás tem tudo previsto e todas as saídas estão ocupadas por ele. Por qualquer parte por onde os homens queiram escapar-se, encontram-se sempre com Satanás.

O culto satânico das bruxas, o Aquelarre e o pacto pertencem já a um passado que parece muito mais remoto do que realmente é. As «luzes do século» afugentaram os fantasmas, as vassouras volantes, o bode, os sapos e os morcegos. «O Diabo — disse Spengler — a quem Lutero uma vez atirou o seu tinteiro, é, há um tempo para cá, objecto dum silêncio embaraçante por parte dos teólogos protestantes» (8).

No entanto, a segunda metade do século XIX assiste a um súbito renascer de Satanás. E já não é um Satanismo só, mas dois muito diferentes, que confluem às vezes por uma forma estranha. São o Satanismo da Magia tradicional e o da «outra Magia».

Há um Satanismo idealista, próprio dos sábios, que, de certo modo, resulta perigoso para o Demónio. Este satanismo nasce em pleno século XVIII, em última aliança com a Enciclopédia e a Revolução.

Um poeta inglês, William Blake, iluminado e visionário, toma a defesa dos demónios. No mundo, no universo, há dois elementos: o Céu e o Inferno; o Céu é a razão, o Inferno a energia; esta é a única vida, a alegria eterna, a criação, a liberdade; a razão é o limite, a circunferência exterior da energia. Os anjos apenas querem acorrentar o mundo à escravidão, à obediência, à moral e à lógica, reprimindo os instintos, que são a energia; os demónios são espíritos livres, os instintos, a energia que

se revolta contra as restrições e as leis, proclamando o direito da natureza. O anjo é a paz, mãe da inveja; o demónio é a luta, mãe da compaixão e do amor. Tão necessário é um como outro; é preciso harmonizá-los, o que é possível, porque em Deus, que forma o mesmo ser com o homem, estão unidos o sim e o não. Mas a primazia é do Demónio, que é rebeldia contra tudo aquilo que é necessário combater sem tréguas: a religião, a tirania, os sacerdotes e os reis.

«Com que sentido é que o sacerdote reclama o trabalho do colono? Por que é que se faz rodear de ondas geladas de abstracção e de selvas de solidão, a fim de construir castelos e altos campanários, onde reis e sacerdotes possam residir, ao passo que aquele que está ardentemente cheio de juventude, mas a quem não foi atribuída igual sorte, se vê acorrentado, pelas cadeias da lei, a quem mais aborrece? Quem te ensinou o pudor, o pudor subtil, filho da noite e do sonho?» O amor, fonte da vida e alma das coisas, que é energia e, portanto, força demoníaca, deve ser livre; está acima do ódio, mas deve aliar-se ao ódio, para expressar rebeldia, para conquistar a liberdade dos instintos, das paixões, dos desejos da natureza infinita e divina do homem... (9).

A antiga figura horrível e grotesca de Satanás desapareceu da arte moderna. Milton havia-a enobrecido: Anjo condenado e rebelde, mas Anjo... Aparece o mancoço bellissimo com asas, mas ainda formoso na sua dolorosa tristeza. É assim que aparece nas ilustrações de Gustavo Doré e nas pinturas de Ary Scheffer.

«Belo como todas as criaturas nobres — disse, com terrível ironia, Ernesto Hello — mais desditoso do que malvado, o Satanás de M. Scheffer assinala o último esforço da arte para romper com o dualismo e atribui o mal à mesma fonte do bem: ao coração do homem.

«De todos os seres outrora malditos, que a *tolerância* do nosso século libertou do seu anátema, *Satanás* é sem *contradição* o que mais ganhou com o progresso das *luzes* e com a civilização universal. Adoçou-se pouco a pouco na sua grande viagem (é Renan quem fala) desde a Pérsia até nós e despojou-se de toda a sua malvadez de Ahriman. A Idade Média, que não entendia nada de tolerância, fê-lo, a seu prazer, feio, mau, torturado e, ainda para maior desgraça, ridículo. Milton compreendeu por fim este pobre caluniado e começou a metamorfose que a alta imparcialidade dos nossos tempos deverá aperfeiçoar.

Um século tão profundo como o nosso em *reabilitações* de toda a espécie não podia carecer de razões para levantar um revolucionário desgraçado, a quem a necessidade de acção atirou para perigosas empresas. Poder-se-iam fazer valer, para atenuar a sua falta, muitos motivos que nos não dariam direitos a sermos severos.

«O Satanás de Scheffer perdeu os chifres e as garras; conservou apenas as asas, único apêndice que o liga ao mundo sobrenatural, e que parece ter sido conservado apenas para fazer sobressair o triunfo da figura humana pura, representada por Cristo, sobre a forma híbrida do ser mitológico. Falta-lhe talvez vigor, e eu me alegro com isso. Foi permitido à Idade Média, que vivia continuamente em presença do mal — forte, armado e fortificado — votar-lhe aquele ódio implacável que se traduzia na arte por uma sombria energia. Hoje estamos obrigados a um menor rigor. Censuram-nos, por vezes, o nosso optimismo em estética e repreendem-nos por não sermos mais severos para com o mal, mais exclusivos do nosso gosto da «beleza». Mas, na realidade, trata-se de uma delicadeza de consciência. É por amor ao bem e ao belo.

«Satanás revolta-se contra Deus? Não seria esse um acto de nossa independência? Não representa a libertação dos oprimidos? Não será Deus um tirano? A Idade Média podia dar a razão a Deus. Mas nós, que fizemos a declaração dos direitos do homem, não teremos o direito de maldizer esse amo, em nome da fraternidade moderna, e de reabilitar aquele que nos deu o exemplo, o primogénito entre os rebeldes, nosso chefe, nosso deus, Satanás, que levantou antes de nós o estandarte que nós levantamos?» (10)

Ernesto Hello tem razão e, de facto, assim o entendem os revolucionários. Fala-se de certa doutrina maçónica, segundo a qual há dois deuses: o «deus da ordem», conservador e fanático, cujo instrumento principal é a água, conforme mostra o dilúvio, e o «deus da rebeldia», cujo instrumento é o fogo. Chama-se este Eblis ou Luzbel, e é, para os iniciados, o «Grande Arquitecto do Universo». As suas audazes iniciativas, às suas perturbações na ordem estabelecida se deve a formação dos seres e o progresso da história. A geração humana foi obra do deus conservador, e do matrimónio de Adão e Eva nasceu Abel, segundo a lei. Mas o deus do fogo engendrou em Eva a Caim, o inovador, o rebelde, o inventor da arte de

construir, o assassino do mesquinho e invejoso Abel. O senhor Tusquets abona esta versão.

O certo é que esta doutrina está implícita no satanismo revolucionário, cuja expressão encontramos em Michelet, em Longfellow, em Edgar Quinet, em Hiel, em Hoffmann, em Proudhon, em Carducci, em Rapizardi...

Cantar-se-ão os triunfos de Satanás, encontrar-se-á nele o princípio para o qual devem tender os corações, dedicar-se-lhe-á um culto mais ou menos simbólico. Proudhon dirá: «Vem, Satanás, caluniado pelos sacerdotes e pelos reis, que eu te beijo, eu te abraço contra o meu peito... Tuas obras, oh! bendito do meu coração, não são sempre belas e boas, mas só elas dão um sentido ao universo e o impedem de ser absurdo... Só tu animas e fecundas o trabalho, só tu enobreces a riqueza. Espera, ó proscrito!» (11)

«Dizei-me — exclama Michelet — uma ciência que não tenha sido rebeldia. Estas novidades todas foram Satanás. Nenhum progresso houve que não fosse obra sua... A sua obra assenta sobre três pedras eternas: a Razão, o Direito e a Natureza» (12).

Esta teologia diabólica culmina no *Inno a Satana*, de Carducci, escrito em 1863, recitado pela primeira vez num banquete, impresso repetidas vezes, musicado em Roma, para uma homenagem a Giordano Bruno, e dado a conhecer ao mundo inteiro.

As últimas décadas do século XIX — podemos dizer do seu século — foram de grande triunfo para Satanás. Exaltam-no como anjo caído, rebelde e condenado, inimigo de Deus, da Igreja, e do Cristianismo; vêem nele o vingador da Humanidade atraçoada por Deus; o génio do progresso e da razão emancipada. Poetas como Baudelaire dedicam-lhe magníficas estrofes, em forma de ladainha; institui-se um culto em sua honra, com uma liturgia blasfema; escolheu-se para a sua festa o dia de Corpus Christi.

Este satanismo desbocado desenvolve-se principalmente na Itália: no dia de Corpus Christi de 1888, o povo de Génova organiza uma procissão, levando o Diabo sobre um andor pelas ruas da cidade.

Da Itália, o culto do Diabo alastra pela Europa: em Roma, em Constantinopla, em várias cidades francesas, celebra-se a Missa Negra... (13)

Nunca Satanás conhecera semelhante apoteose. Os seus adoradores já não procuravam, para lhes prestar



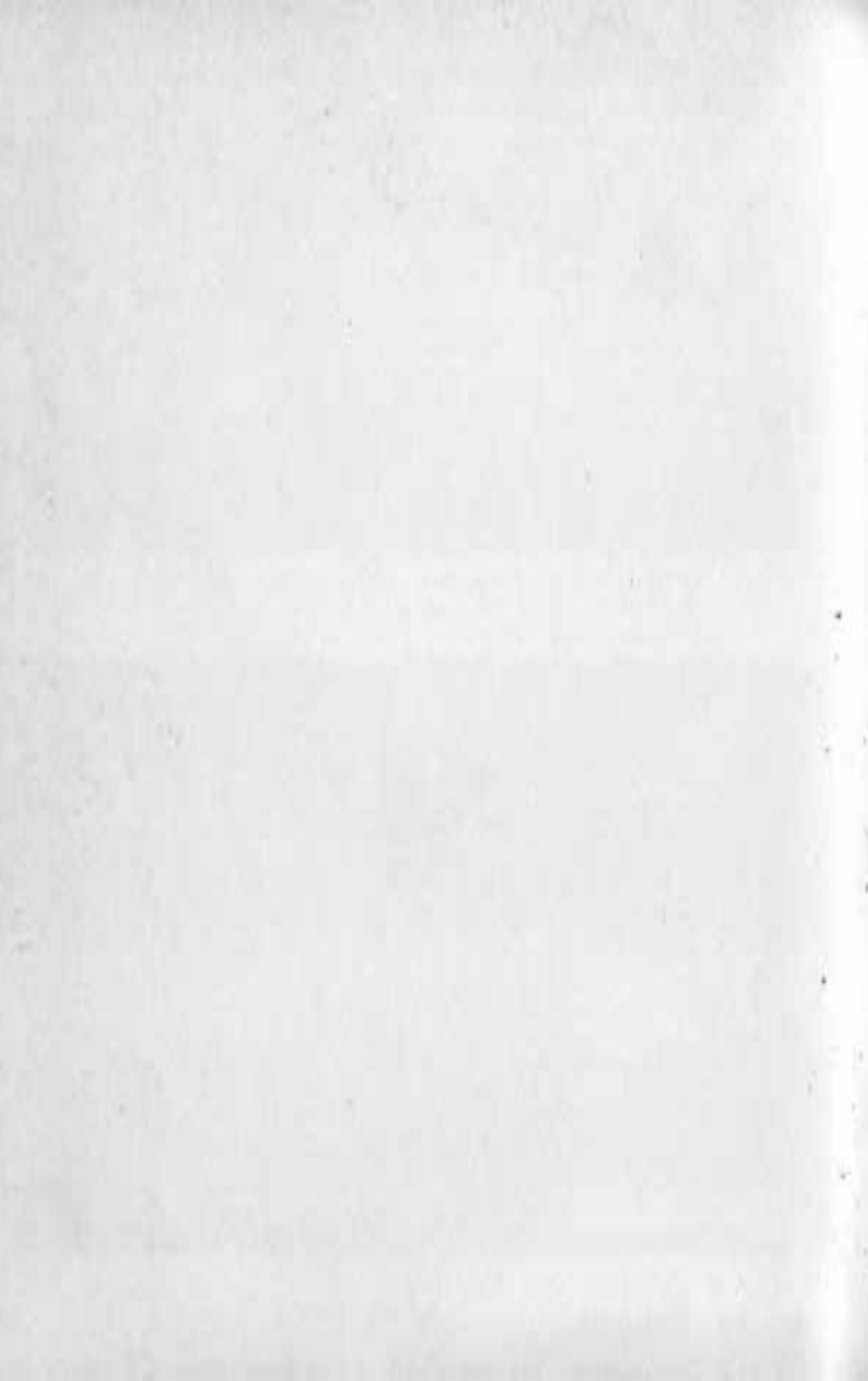
○ Diabo no Inferno de gelo

Ilustração de Gustavo Doré para a Divina Comédia — Século XIX



Dante e Virgílio ameaçados pelos demônios

Ilustração de Gustavo Doré
para a Divina Comédia — Século XIX



culto, as sombras da noite e os lugares desertos: aclamavam-no, celebravam-no, adoravam-no à luz do dia, debaixo do Sol, nas praças das cidades populosas, e citavam-se com admiração os nomes dos seus profetas. Carducci podia gritar bem alto:

«*Satana ha vinto!*»

No entanto, o culto secreto continuava em diferentes círculos inclinados ao maravilhoso e ao mistério.

Fala-se de uma seita *palladista* que adorava Satanás sob o nome de Lúcifer, como deus do bem e da luz, oposto ao deus das trevas e do mal, chamado Adonai ou Jeová. Era a completa inversão dos termos, não já simbólica como no satanismo idealista dos livres-pensadores e revolucionários, mas acreditada e tida como real e verdadeira.

Lúcifer era adorado debaixo da figura dum ídolo, que chamavam *Palladion*, cujo protótipo asseguravam ser o famoso Baphomet dos Templários. O Baphomet tinha ficado escondido desde o processo contra Jacob Molay e contra os Cavaleiros do Templo, mas, em 1801, um tal Isaac Long descobriu-o em Paris e levou-o para Charleston, na América do Norte, em companhia da caveira do último Grão-Mestre da Ordem. Ali, os adoradores do *Palladion* ou Baphomet organizaram uma ramificação da franco-maçonnaria, cujo primeiro Grão-Mestre foi o general Alberto Pike, que se dizia *Vigário do Demônio na Terra* e que fez de Charleston a Roma Infernal. O seu sucessor, Adriano Lemmi, transferiu a sua sede papal para a própria Roma. Os *palladistas* praticavam o culto do Diabo com missas negras, ritos de alta magia e tremendas obscenidades e porcarias. Abjuravam formalmente de Jesus Cristo, e diz-se que nas suas sessões aparecia frequentemente Satanás. Diz-se também que formavam uma verdadeira Igreja ao contrário, com o seu colégio de Cardeais, entre os quais se citam Cornelius Herz, Bleichroeder, Hoenkel e as profetisas Sofia Walder e Diana Vaughan, a sua Cúria Pontifícia, etc. O culto de Satanás celebrava-se em todo o mundo; em Paris, na rua Rochechouart, perto da basílica do Sagrado Coração, tinha um templo com um só altar, onde se via a imagem do anjo rebelde descendo do céu com as suas asas abertas, tendo numa das mãos uma tocha e na outra o Corno da Abundância. Um dos seus pés pisava a terra, e o outro uma coroa; o Altar e o Trono estavam colocados sobre um crocodilo, emblema da baixaza que se arrasta sobre a terra. Naquele altar celebravam-se os cultos à sexta-feira e era ministrada a

comunhão em ambas as espécies. Fora dali, praticava-se também o culto em certas lojas maçónicas, que seguiram um rito especial, ou ainda nas chamadas *traslogias*, às quais pertenciam os franco-mações dos graus secretos, superiores aos graus supremos da Maçonaria corrente, graus cuja existência os outros irmãos desconheciam. No entanto, eram os iniciados nestes graus secretos aqueles que, na realidade, manejavam as outras lojas e dirigiam, sem que se notasse, todas as actividades maçónicas (14).

Que haverá de verdade nisto? É difícil sabê-lo. Já pelo ano de 1892, um mação francês chamado Gabriel Jogand, autor de insolentes folhetos contra a Igreja, fingiu converter-se e prontificou-se a fazer tremendas revelações acerca da Maçonaria. Sob o pseudónimo de «Leo Taxil» publicaram-se vários livros disparatados ou, pelo menos, muito suspeitos, nos quais se descobria a existência do *Palladion* e o culto satânico nas lojas. Fundava-se nas revelações de Diana Vaughan, alta jerarquia da seita, sacerdotisa de Lúcifer e destinada ao matrimónio com Asmodeu, a qual publicou em 1895 as suas *Memoires d'une expalladiste*, que causaram sensação. «Leo Taxil» deu à luz uma porção de volumes, e seguiram-se o Doutor Bataille (pseudónimo do alemão G. Hacks, médico da Marinha Mercante, de quem se diz que estava transtornado), o qual no seu livro *Le diable au XIX siècle*, fez revelações de sacrilégios e de crimes horríveis, bem como o italiano Domenico Margiotta.

Num Congresso Antimaçónico, realizado em Trento, expuseram-se suspeitas acerca daquelas revelações sensacionais e então Leo Taxil fez afirmações francas. No entanto, há edições dos seus escritos sobre o assunto posteriores àquela data (15).

Quase tudo aquilo era uma imensa fraude. O que falta saber é se a obra de «Leo Taxil» não foi uma armadilha de Satanás para encobrir, sob uma fantástica mentira, realidades que convinha ter ocultas. Possivelmente as acusações falsas de «Leo Taxil» não são mais do que uma hábil maneira de despistar.

Pela mesma época, parece que se descobriram em França numerosos roubos sacrilegos nas igrejas; muitos tabernáculos haviam sido forçados e as Formas sagradas tinham sido subtraídas. Suspeitou-se de que eram os satanistas, que depois as empregavam em cerimónias de profanação.

Porque, à parte o *Palladismo* — autêntico ou inventado — existia o satanismo das bruxas e magos negros que, segundo parecia, era bem mais real.

Este satanismo constitui o principal assunto da famosa novela de J. K. Huysmans *Là bas*. Ali se descreve por forma impressionante a Missa Negra dita numa antiga capela particular de Paris pelo infame cônego Docre, um sacerdote que se entregava à Magia, cuja raiva satânica era tal que deixara tatuar cruzeiros nas plantas dos pés, para andar sempre a pisar Jesus Cristo. O essencial da Missa Negra consiste em consagrar as Espécies Sacramentais e profaná-las depois horrivelmente. No momento de isso se fazer, apodera-se dos assistentes uma onda de loucura lúbrica, que afecta formas epilêpticas e convulsivas. «A onda da grande histeria», diz Huysmans, que escreve nos tempos de Charcot.

Há quem diga que, antes da publicação da novela de Huysmans, havia mais de dois séculos que se não celebravam Missas Negras em França, e que depois se celebraram. Alguns desvairados quiseram pôr em prática aquelas loucuras.

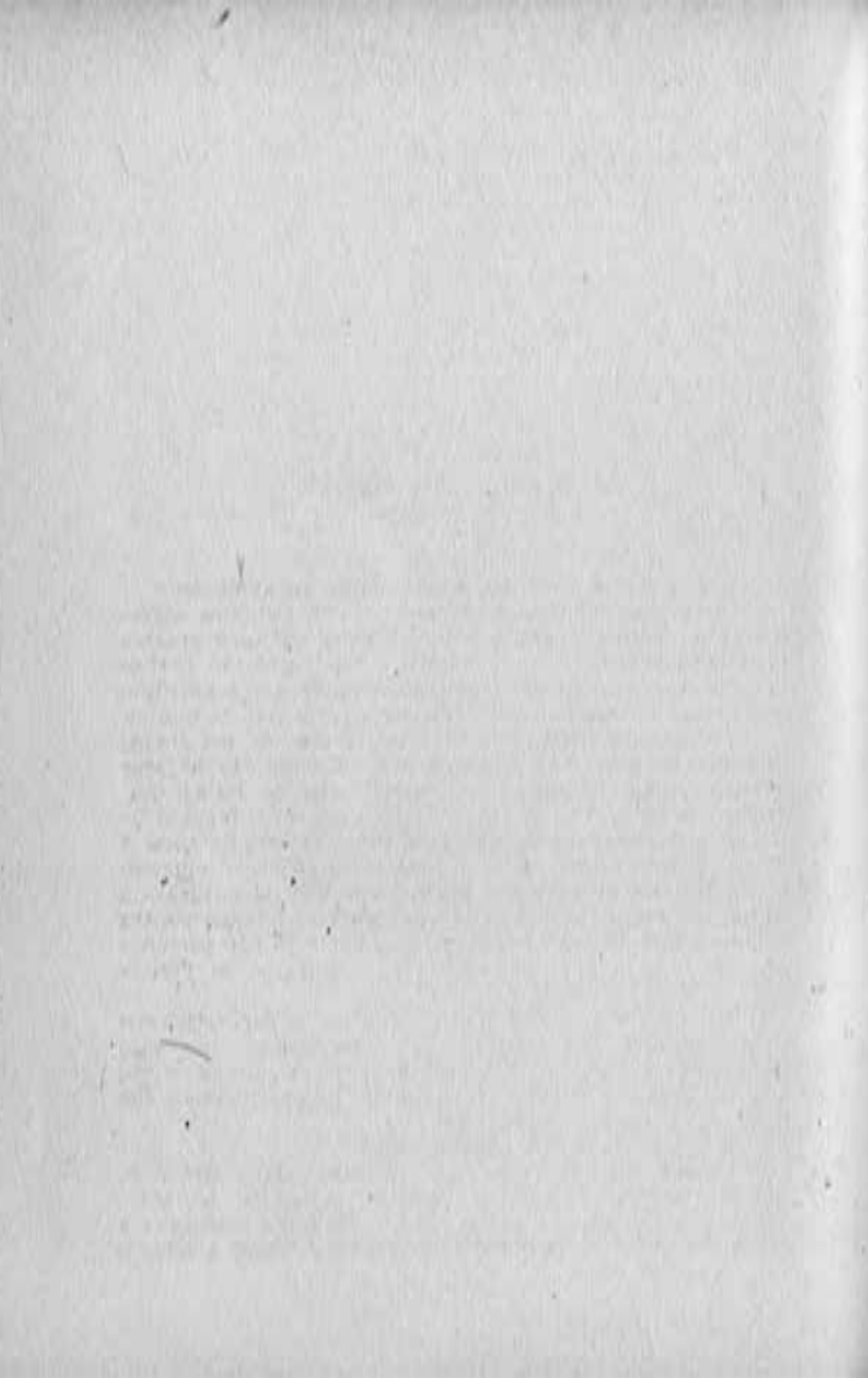
Pouco tempo depois Huysmans ingressava na Igreja, mas talvez o satanismo continuasse.

Outros, em troca, pretenderam revelar a verdade do conteúdo da novela de Huysmans e identificaram as personagens, afirmando que o cônego Docre foi uma personagem real.

Quem poderá assegurar uma coisa ou outra?

«Há mais coisas no céu e na terra, Horácio, do que aquelas que alcança a tua filosofia».

O que ninguém poderá dizer é que o Diabo tenha perdido o tempo no século XIX.



IV

O DIABO NÃO EXISTE

Nunca o Diabo conhecera semelhante apoteose.

Conseguiu tudo; descobriu e revelou todos os segredos da natureza; o mundo já não encerra qualquer arcano. Com máquinas e aparelhos imitou o milagre tão perfeitamente que se não distingue do verdadeiro; o prodígio é agora uma coisa habitual e quotidiana; já não há o milagre. O homem ganha o pão sem o suor do seu rosto; a mulher dá à luz os filhos sem dor, e a maldição de Deus desvaneceu-se. Ergueu-se a nova Torre de Babel que, desta vez, durará para sempre. Emancipou o homem de todas as restrições, de todas as impotências, de toda a escravidão da natureza e — coisa mais difícil — emancipou o homem do homem. Mudou a ordem da natureza e aboliu a ordem da sociedade. Levantou o homem contra Deus e fez um deus do homem; o homem já não pertence a Deus, mas à Humanidade. Pôs o universo de pernas para o ar...

Aclamam-no os sábios e ignorantes, os supersticiosos e os incrédulos. Tem uma religião, uma teologia, um culto público, uma... moral: a moral do corpo, a cultura do nu, o amor livre, o *Corydon*: Entoam-lhe hinos, queimam-lhe incenso, levam-no em andores...

Mas será este o canto do cisne?

Quando falava Feuerbach, quando falava Bakunin, quando falava Proudhon, Satanás aplaudia trémulo: «Hoje por ti, amanhã por mim». O discípulo começava a superar o mestre. O homem começava a tomar a sério o seu papel de deus.

«Eu ensinei-lhe o *non serviam* — pensava Satanás — incrustei-o bem fundo no seu coração. Agora, assim como negou a sua obediência a Deus, também me negará a mim. Do mesmo modo que nega Deus, me negará a mim.

«Fiz dele um deus, mas, assim como o outro Deus me condenou, também este me condenará... Na religião de Deus, eu era, no entanto, alguma coisa; era, pelo menos, o Maldito, o Inimigo. Que sorte me estará reservada na religião do Homem? Possivelmente, o olvido ou o desprezo.

«Provi-o de tudo e agora não precisa de mim. Fará como nos tempos do pacto expresso; quando já não necessitar, há-de achar meio de romper o compromisso».

Estas tristes reflexões tinham um fundamento; tudo o que devia ao Diabo, era mais grato ao homem atribuí-lo a si mesmo. Se Deus não existia, ou era duvidosa a sua existência, ou, pelo menos, não era possível prová-la com consciência, como provar a do Diabo? Se foi o homem que inventou Deus, também inventou o Diabo. E, sobretudo, se o homem é Deus, deve sê-lo sozinho, não deve necessitar nem admitir companheiro. E os filósofos começaram a dar voltas ao assunto. Desgraçado daquele que cai nas garras dos filósofos; porque o chupam, extraem-lhe todos os sucos vitais e reduzem-no à abstracção, que é qualquer coisa como a tuberculose metafísica.

Primeiro começaram os filósofos: Voltaire, Thomasius, Kant, Hegel; depois vieram os teólogos: Semler, Scheleiermacher, Ritschl...

Os diabos são fábulas inventadas pelos povos pagãos, dizem uns; são almas de homens deificados, dizem outros; o Diabo é uma personificação do mal radical no homem, diz Kant; é o sinal dos limites do nosso autoconhecimento, diz Scheleiermacher; só tem individualidade nas criaturas, diz Martensen; é um modo de designar o reino do mal, diz Ritschl.

Negam que a Sagrada Escritura fale dele como dum ser pessoal existente, que Jesus Cristo e os Apóstolos hajam crido nele, pois só falaram dele para se acomodarem aos erros do seu tempo.

Os seus próprios apologistas — Michelet, Quinet, Proudhon, Carducci — têm-no como um símbolo. O Satanismo idealista não louva um ser vivo, mas venera uma abstracção.

O seu cantor máximo, o grande Carducci, não acredita nele: «Satanás não é só a Natureza: é a Razão, as

duas forças benfeitoras obstinadamente proscritas pela Igreja. Para o asceta, Satanás é a beleza, o amor, a alegria, e até o passarinho que alegra a cela do monge. Para o teócrata, Satanás é o pensamento que voa, a ciência que experimenta, a frente sobre a qual está escrito: «Eu não me inclino». (16).

Em noutro lugar: «Entre o espírito e a matéria, a alma e o corpo, o céu e a terra, não há termo médio. O espírito, a alma, o céu, é Jesus; a matéria, o corpo a terra, Satanás; a natureza, a dignidade, a liberdade, é Satanás; a escravidão, a mortificação, a dor, Jesus» (17).

Resulta, pois, que Satanás é tantas coisas que não é nenhuma. É um símbolo, uma figura alegórica, um ente de razão.

O Diabo não existe. Exaltam-no, cantam-no, adoram-no para ofender a Deus, enquanto duram os tempos de combate. Uma vez conseguida a vitória, desaparece também: «Nós o enterraremos (a Jeová) mais profundamente que os cretenses tinham enterrado Júpiter, e atar-lhe-emos ao pescoço a pesada pedra do catolicismo romano. Será o mister dos italianos. Então, sepultado o seu antigo adversário, Satanás evaporar-se-á no crepúsculo do dia e brilharão os novos tempos» (18).

Como é isto, Satanás? O teu grande cantor anuncia o teu desaparecimento? Terás que dizer o que dizias quando te enganavam nos pactos: «Que intrujões são os cristãos... até quando deixarem de ser cristãos!»

Com efeito, depois daquela grande apoteose, daquele brilhante fogo de artifício, daquela ribombante retórica, tão própria do século, sobrevém o grande silêncio. Resulta que, na figura simbólica do Diabo, o homem se adorava a si próprio; Satanás de Proudhon e de Carducci não era mais do que a imagem do homem contemplando-se no espelho da moda. Agora há o silêncio em torno do símbolo que os homens ergueram nas suas roxas bandeiras.

Esquecem-no. Como disse Splenger, esquecem-no *voluntariamente*. Apenas os que crêem em Deus acreditam no Diabo, mas evitam falar dele. Graças a ele, a marcha dos tempos é tão rápida, que ele mesmo vai já ficando muito longe, no horizonte da história. O homem basta-se a si mesmo, para o mal, como para o bem; emancipou-se de Deus, emancipou-se do próximo, emancipou-se do Diabo.

Como é isso? O Diabo não existe e vivemos num mundo diabólico? Os homens estão endemoninhados e o Diabo não existe!...

O Diabo não existe. Como vai o Diabo existir, se quase não existe o homem?

Se este «estar-no-mundo» que é a nossa existência é «ser-para-a-morte», se a morte é o modo de ser que o «estar-aí» assume ao começar a existir (19); se, sem que ninguém nos lançasse, sem o termos pedido, e sem termos sido consultados (20), fomos lançados para um mundo onde estamos a mais, para um mundo que não tem justificação, para um mundo onde não temos direito a nada e nada que esperar, nem nada nos é devido (21); se a nossa vida está congênitamente condenada ao fracasso; se o «para-sim» é o nada pelo qual existem coisas que são presença de nada (22) — então este «estar-no-mundo», que é a nossa existência, é um absurdo que indigna.

Se a nossa vida é absurda e nada significa; se tudo é absurdo e não há nada que valha nem que se explique; se tudo pode ser negado sem apelação (23), então Deus pode ser negado sem apelação. Isto é um contra-senso, mas contra-senso que revolta. A morte definitiva veio esperar o homem moderno neste paraíso. A existência é o desamparo sem esperança de um mínimo de ser no nada. A esta tortura, a um tempo masoquista e sádica do pensamento, chama-se paradoxalmente «Existencialismo», desesperada e raivosa autocondenação da existência, última forma, até agora, do Satanismo: O Satanismo sem Satanás.

Mesmo que tudo isso pudesse ser mero palavreado.

O DIABO VOLTA

Dizíamos nós no princípio: «É uma verdade de fé que o Diabo existe». E também: «Aquele que não crê nele pertence-lhe».

Papini disse: «Obedecem-lhe aqueles mesmos que não crêem, ou dizem não crer, na sua existência» (24).

Na realidade, éramos nós quem então, em 1947, dava a razão de que tal suceda. Nada é mais fácil do que dizer: «O Diabo não existe», visto que o espírito de negação está nele mesmo e, portanto, ele está presente na negação da própria existência e é propício a ela; é ele quem se nega nos seus negadores e, como vimos no princípio deste livro, tem poderosas razões para se negar a si mesmo. Se pudesse tornar efectiva essa negação, se pudesse não existir, se pudesse não ter existido e voltar, como todo o ser que é e que foi, ao nada donde foi tirado, se pudesse realizar, ao menos em si mesmo, o nada absoluto — esse seria o seu único triunfo verdadeiro. Mas não pode abandonar o ser que não depende dele; talvez nem sequer possa, no íntimo, desejar tal coisa. Está reduzido a ser um simulador, como um indivíduo qualquer do rebanho das ovelhas negras da angústia de moda.

Diz Papini que o Diabo não é ateu; no entanto, é existencialista dos de Sartre, dos de Camus, dos de «*on fait ce qu'on veut*». Talvez Sartre e Camus tão-pouco sejam ateus; talvez digam que o são para meterem medo e esconderem o seu, ou para se enganarem a eles próprios, fingindo que o não têm.

O caso é que o Diabo existe, apesar dos ateus e dos medrosos — e talvez estes sejam uma prova da sua existência — e que não pode deixar de existir, nem poderia mesmo que o quisesse, pois o suicídio material é o único pecado que ele, de facto, não pode cometer, visto que lhe não pertence outra morte senão a morte eterna, em que vive, existe e existirá, mesmo a seu pesar.

E, como, ao fim e ao cabo, o que existe não pode estar oculto eternamente, por muita terra que se lhe queira deitar em cima, eis que, apesar de quase dois séculos de negações, o Diabo reaparecia sempre, e agora reaparece também, não já sózinho em si mesmo, mas na preocupação dos homens, e com mais intensidade, conforme verifica Papini, desde há trinta anos para cá.

E últimamente vem de novo à baila com a publicidade gigantesca que lhe proporciona um escritor de fama universal e um livro que surpreende muito num autor conhecido como grande polemista católico.

Aos noventa anos, Giovanni Papini renova teorias dos séculos III e IV da Era Cristã: a *Apocatástasis* ou restauração de todas as coisas em Deus, que procede de São Paulo, mas que Orígenes interpretou no sentido de uma salvação universal, na qual está incluído Satanás, que um dia deixará de ser diabo para voltar a ser anjo (25).

Afinal, pensa Orígenes que, por parte de Deus, haverá um regresso ao estado inicial, quer dizer, à igualdade ditosa de todos os seres... Tudo deve acabar em bem e em felicidade. Por mediação de Cristo, Deus saberá submeter todas as criaturas e salvá-las. Não é esse o seu fim como Criador? E a Redenção não é a renovação deste pensamento inicial, depois da queda que havia comprometido o plano? Deus não pode ser frustrado. Por persuasão, e progressivamente por necessidade, sob a influência de penas medicinais, os pecadores hão-de converter-se; os demónios perderão a sua maldade; não haverá inferno e as almas não serão almas, mas espíritos puros e perfeitos. Então um único e idêntico fim último nos unirá a todos no seio de Deus, Criador nosso» (26).

Esta doutrina foi condenada pelo quinto Concílio Ecuménico, que foi o segundo de Constantinopla, realizado no ano de 553. Sustentada, em começo do século V, na Galiza, por dois dos Avitos, foi refutada vitoriosamente.

mente por Santo Agostinho na sua contestação ao *Commonitorium* do historiador galego Orósio (27).

Mas, como observa o P. Sertillanges: «Esta concepção do resgate universal obcecou muitos pensadores no decurso dos anos; muitos poetas, sobretudo, a perfilharam».

Com razão se tem censurado a Papini o facto de citar, a seu favor, com São Gregório de Nisa e com São Jerónimo, literatos como Joost van den Vondel, Gustavo Benso de Cavour, Giuseppe Montanelli, Alfred de Vigny, Victor Hugo e Ferdinando Tirinnanzi.

Não cita Papini, em troca, o grande poeta português Teixeira de Pascoais, que fez de tal concepção o assunto do seu poema *Regresso ao Paraíso*, terminado em 5 de Abril de 1912.

Reintegração universal e eterno retorno que, em certa medida, podem considerar-se implícitos no pensamento *saudosista* do seu autor ou, pelo menos, a concordar notavelmente com ele. Seu amigo e comentador Leonardo Coimbra, *saudosista* também, mas mais inclinado a uma evolução progressiva de sentido espiritual (que rectificou mais tarde), censurava-lhe esta concessão «ao enganador infinito formal», implicada na repetição dos ciclos «segundo o modo heraclitano do eterno retorno» (28).

«Satan» é a primeira palavra do poema de Teixeira de Pascoais, que começa no Inferno; mas no *Regresso ao Paraíso* Satanás não se salva.

No Inferno, sem recordação nem esperança, como o homem — ainda não nascido então — de Sartre, está Adão sequestrado pela paixão segregadora, exclusiva, que o une a Eva, carne pura, separando-o do amor universal. A trágica sombra de Caím, arrancando-lhe lágrimas, desperta em seu pai um fio de luz da memória, nostalgia do amor que une e não separa, da unidade originária para que apelava Orígenes e constituía a sua esperança. Aqui chega o eco do *De principiis*, talvez não lido directamente por Teixeira de Pascoais, embora seja curioso observar que este pertence, como os dois Avitos, à metrópole bracarense.

Como todos os outros do poeta trasmontano, *Regresso ao Paraíso* é um poema de *Saudade*, talvez o poema da Saudade. Que é a Saudade? Adão o disse no canto XIII:

«Por ti, em ti, renasço para a nova
 Vida humana; por ti, revivo, e sou,
 Num coração antigo, o novo amor!
 Por ti, e em ti, me lembro de que fui,
 Isto é, de que hei-de ser... Por ti, alcanço
 O sonho criador, ou antes Deus;
 O Deus que tu revelas; que em teu ventre
 Se revestiu de carne,
 És a Virgem da Eterna Renascença,
 Da Renascença edénica e profunda,
 Da Renascença universal do Ser,
 Que em ti regressa à Fonte primitiva
 Daquele amor divino,
 Que já alumia, embora vagamente,
 Os contornos astrais dum novo mundo...»

e ela diz:

«Sou a esperança, ou, antes, a saudade;
 A esperança é a saudade do futuro,
 A saudade é a esperança no passado».

Como em Camões, em Teixeira de Pascoais as grandes figuras da Antiguidade clássica misturam-se com as da Bíblia e da História, numa vacuidade característica do mundo nebuloso da Saudade. Enquanto Jeová repousa no Olimpo povoado de anjos e de númenes, em baixo, Adão, enviado à terra para recrutar as almas, na previsão do Juízo Final, encontra Prometeu com o seu abutre: o pensamento, o espírito que se nutre da sua carne e quer ser libertado, mas o Gigante chama-o de novo, porque não pode viver sem aquele tormento. O que Carducci personificava em Satanás, Teixeira de Pascoais, bom aluno da velha Universidade de Coimbra, personifica-o no seu equivalente parcial: Prometeu.

Nada há de positivamente diabólico em tudo isto: pura saudade, puro idealismo mnémico e imaginativo; a Saudade, como em certo aspecto a Maia hindu, é, na realidade, a mágica ilusão onipotente; em lugar de lhe fugir, o poeta português rende-se a ela.

Da saudade do velho Deus renasce, na sua exaltação de amor, o Novo Deus Infante, que vem julgar as almas e vencer Satanás. É o Arcanjo da Saudade aquele que toca a trombeta do Juízo; a sua voz é saudade que resuscita os mortos. Mas a balança do Juízo não funciona:

o Deus do Novo Amor absolve e perdoa, atira os pecados do mundo à face do Sol no crepúsculo, e o Sol volta a incendiar-se num dilúvio de luz, todas as criaturas entoam um glorioso Aleluia e

«Os demónios remidos e libertados,
Subiam já no azul esplendoroso,
Batendo as asas, novamente brancas
E molhadas de sol, a escorrer luz...»

E Satanás? Satanás foi vencido. Para isso, o poeta, — não sabemos bem porquê — teve de introduzir uma nova figura de tipo clássico: «hércules juvenil de claro olhar»: o herói humano. O novo Deus pergunta a Adão:

— E acreditas na morte de Satan?

Adão responde:

— Não creio, não; é eterno como tu;
Irá criar, na sombra, um novo Tártaro,
Tu vais criar, na luz, um novo Céu.

E depois estas palavras, um tanto papinianas:

Por isso Deus não ama
Tanto o Bem, como os homens imaginam,
Nem tanto odeia o Mal, como se pensa.

Por isso Satanás não foi aniquilado, mas precipitado num novo Inferno. Adão regressa ao Paraíso e ali, à sombra da Árvore,

Rebrilham como estrelas, os dois olhos
Da Cobra tentadora...

Papini não é, de forma alguma, o primeiro apolo-gista do Diabo. Ele mesmo nos cita um que publicou a sua defesa numa velha revista filosófica em 1795: o médico alemão P. B. Ehrard, cujo ensaio de uma Ética fundada no Mal não passa de uma recreação dialéctica, ou de uma sátira dissimulada, embora Papini pareça tomá-la a sério. Papini rejeita como tal Carducci, que canta uma personagem que se julga boa, e aceita em troca Leopardi, que canta o mal por desespero.

Não é, pois, Papini o primeiro apologista do Diabo, mas, se fosse possível dizê-lo, poderíamos chamar-lhe o seu primeiro apologista católico. Não é, porém, possível dizer tal coisa, nem Papini é propriamente um apologista, mas um simples defensor. A palavra *apologia* costuma ter, justamente ou não, o significado de «elogio» e não é isso o que Papini faz. O apologista exalta, o defensor desculpa. Mas ao defensor são permitidas certas extralimitações, e Papini é um defensor caloroso, insistente e apaixonado, como, pelo menos, parece. Não defende o Diabo por bom, como os racionalistas, embora pareça um racionalista; defende-o convencido da sua maldade, embora procurando, por vezes, que não pareça tão mau. Reconhece o delito, mas busca-lhe atenuantes. Defende-o como cristão, pretende ter escrito, sobre ele, o primeiro livro com espírito cristão, quer dizer, no sentido do amor, dum amor que deixa transbordar a caridade por uma forma que o aproxima do panfiliismo filantrópico, que o obriga a repetir argumentos que parecem tomados do racionalismo ingênuo de um Voltaire ou dum Diderot.

Se o Demónio está em todas as partes — *ubique demon* — Deus e ele estão sempre no mesmo sujeito, na mesma alma do homem; é isto possível? (cap. 10). Por que foi precisa, para o expulsar do céu, a força dos Anjos? Não bastava Deus? Ou Deus sabia que havia de vencer, e então não tem justificação, ou escolheu a sorte das armas. E se os rebeldes tivessem vencido? (cap. 16).

O Diabo é o acusador dos homens; se diz a verdade, acusando-os, cumpre bem a sua missão, pois não pode fazê-lo sem permissão ou desejo de Deus; se diz mentira, não é acusador, mas sim um caluniador, sem poder fazer mal com isso, porque não pode enganar a Deus (cap. 16).

Disse: *Non serviam*, mas Deus não necessita de ser servido. E o desejo de não servir, quer dizer, a liberdade, não tem sido sempre, talvez, um dos sinais dos espíritos activos e generosos? (cap. 17). Deus criou a Lúcifer mais elevado do que os outros e, portanto, mais exposto à soberba. Deus devia saber que Lúcifer estava disposto a cair, e que havia de cair. Ao dar a Lúcifer a possibilidade de pecar, vê-se que Deus criou um mundo onde o pecado é possível (cap. 18).

Exemplo de raciocínio especioso é o que ele formula sobre São Paulo, I Cor. 11, 7-8: «Falamos da sabedoria de Deus, encerrada no mistério, da escondida, daquela que Deus predestinou antes dos séculos para glória nossa;

a qual nenhum dos príncipes deste mundo conheceu, porque, se a tivessem conhecido, não teriam crucificado o Senhor da glória». Foram, pois, os senhores deste mundo, os demónios, aqueles que O crucificaram, e então estão abrangidos por o «perdoai-lhes, que não sabem o que fazem» (cap. 35). É em Romanos XII, 7-8; «Eu não conhecia o pecado, a não ser pela Lei... Porque, sem a lei, o pecado estava morto», parece pretender que o pecado é obra da Lei (cap. 38).

O «Deus não ama — tanto o bem como os homens imaginam — Nem tanto odeia o Mal como se pensa», de Teixeira de Pascoais, voltamos a encontrá-lo em Papini; as relações entre os anjos bons e os maus não são tão más como cremos. Na Epístola de São Judas, XX, diz-se: Quando o Arcanjo Miguel, disputando com o Diabo, altercava sobre o corpo de Moisés, não se atreveu a fulminá-lo com a sentença de blasfemo, mas disse-lhe simplesmente: «O Senhor te castigue», o que se lê no P. Scio: «O Senhor te mande» (cap. 37). O próprio Jesus Cristo tratou com certa deferência a Satanás. Foi ao deserto para ser tentado, teve ali o Diabo por único companheiro, não se encoleriza contra ele (cap. 30) e fez-lhe a primeira revelação sobre a sua natureza divina, na segunda tentação (ibid). Em contrapartida, põe em contraste a severidade de Deus com Satanás e a brandura com que tratou Adão, perdoadando-lhe imediatamente (cap. 43).

Toda esta argumentação, tão semelhante à dos «filósofos» da Ilustração, tem, como a destes, um vício fundamental: é uma argumentação *racionalista*. Defeito da razão humana? Não; precisamente, não é um defeito da razão, mas do método. Aplicam-se a coisas divinas os mesmos raciocínios que se empregam para as coisas deste mundo, sem se atender, como exigia uma lógica rigorosa, à diversa natureza dos termos; trata-se de duas ordens distintas de seres e de factos, a saber: natural e sobrenatural, cujas leis não são as mesmas.

O melhor capítulo de *O Diabo*, de Papini, formoso, mas não convincente, é o 19, em que trata da dor de Deus pela queda do mais perfeito dos anjos: «O castigo de Lúcifer converteu-se em seguida, sob outra forma, em castigo de Deus...» «Deus não pode odiar»... O diabo, portanto, deve voltar ao céu: «É necessário que alguém lhe estenda a mão e esse alguém não pode ser Deus... Esse «alguém» chama-se o homem». O homem deve redimir o Diabo como Deus o redimiu a ele; se a misericór-

dia de Deus é tão ilimitada que mais que perdoar premeia, como fez com Adão (cap. 43), o perdão é possível. Se o Diabo coopera na salvação das almas, porque sem luta não há mérito, o Diabo merece a nossa ajuda para salvar-se. «Se não existisse o mal (Satanás), não existiriam os santos. Satanás, cumpre, portanto, uma função providencial. E neste sentido pode afirmar-se que o Diabo é, por vontade divina, um coadjutor de Deus (cap. 80). Se, por outro lado, nos serve tantas vezes de desculpa: «Nem todo o mal procede de Satanás. Isso seria fazê-lo outro Deus. Desculpamo-nos com ele; é o bode expiatório, como Jesus Cristo é cordeiro que carrega com os nossos pecados» (cap. 81). O próprio homem há-de libertar-se dele; a semelhança do homem com Deus desapareceu quase por completo; parecemo-nos cada vez mais com o Diabo. Temos de nos revoltar contra ele, mas os métodos dos moralistas e dos ascetas são ineficazes. As preces são puramente vocais e, portanto, inoperantes. «Se os homens não são capazes de chegar a ser Anjos, é necessário que Lúcifer volte a sê-lo. Não podemos contar senão com a conversão de Satanás». Será, talvez, necessário que o corpo místico de Cristo se ofereça como vítima para a salvação de Satanás e — consequência natural disso — para salvar a todos?» (cap. 52).

Por último, coincidindo em parte com certas derivações do Evangelho Eterno, Papini vislumbra, para o Diabo, uma esperança de salvação na mulher. A profecia ou mandato — diz ele — de inimizade Eva-Serpente não se cumpre. Pelo contrário: teólogos e moralistas dizem que Satanás domina principalmente por meio das mulheres; mas continuamos a esperar a verificação da profecia: «Talvez os homens notem por fim que a mulher os salvará de Satanás, embora por forma totalmente distinta da insinuada nas palavras do Génesis, palavras que aparecerão, por fim, com todo o seu significado divino; também com um excesso de amor se pode subjugar um inimigo» (cap. 44).

Aqui está, portanto, segundo Papini, a maneira, verdadeiramente plena e totalmente cristã, de focar o problema do Diabo.

Que devemos esperar desta nova e inesperada reaparição, franca e patente, de Satanás?

Negado pelos seus, quer aproximar-se, à última hora, dos filhos de Deus? Superado pelos seus discípulos, chegou a assustar-se com a sua própria obra? É um deses-

perado esforço para recuperar o seu posto na história? Cansou-se de espreitar os seus êxitos por trás da cortina e deseja mostrar-se para receber os aplausos? Intenta uma nova sedução, em vésperas de algum grande triunfo de Cristo? Ou verá aproximar-se o fim e quer tomar posição para o grande combate?

De qualquer forma, esta chamada urgente de Satanás é um claro sinal dos tempos. A atitude de Papini, por exemplo, reproduz outra que se manifestou até ao final do mundo antigo; algo se nos quer advertir com isso.

Sejamos prudentes, não nos deixemos iludir pelas efusões de um amor excessivo que pretende enganar-se a si mesmo com a beleza dos seus sonhos audazes. Tenhamos o valor e a humildade de reconhecer que as coisas são como são e não como queríamos, pelo melhor, que fossem, e aceitemo-las na sua realidade, mesmo que esta nos pareça dura, pois é certo que, de outra forma, nos enganaremos.

Uma conclusão clara se depreende de tudo: o Diabo existe.

ARRENEGADO SEJA!



Notas



NOTAS A PRIMEIRA PARTE

- 1 — Papini diz doutro modo: «Obedecem-lhe e imitam-no aqueles mesmos que não creem na sua existência ou que dizem não acreditar nelas. Na realidade, nós damos a razão de que tal suceda.
- 2 — Luc. VI, 34.
- 3 — Daqui resulta que Tertulliano lhe chamasse *estima Deus*.
- 4 — Vid. Charles le Goffin, *Brocéliande*. Não o Folticeiro, camponês bretão, foi um dos visionários (ou simuladores) comunistas que, na Idade Média, pregavam ou pretendiam uma subversão total da sociedade, inspirando-se muitas vezes em interpretações forçadas ou tergiversadas da Escritura. Certamente, o Diabo foi representado ou imaginado (como nas aparições de Sabbat) com três chifres, mais vezes na literatura do que na arte, mas isso parece corresponder a uma representação imaginativa secundária, que contrapõe um ternário maldito ao ternário bendito das Três Pessoas Divinas, talvez em relação com os dois triângulos branco e negro, recto e invertido da Exalta cabalística. A influência hebraica na ideologia mágica e diabólica do Ocidente é coisa demonstrada.
- 5 — Goethe, *Fausto*, parte I, Gabinete de estudo: *Ich bin der Geist, der stets verweilt*.
- 6 — Apoc. XII, 9; XX, 2.
- 7 — Daqui deriva que o próprio Diabo tenha sido considerado por alguns modernos como uma negação. Um escritor espanhol, Pompeyo Gener, escreveu um livro sobre a Morte e o Diabo e pôs-lhe como subtítulo: *Historia de dos negaciones*. Sobre a assimilação do Diabo ao Nada, observa Papini: «Desde Fridugiso — no seu tratado *De Nihilis et Tenebris* — até Bergson e Heidegger, os filósofos têm-se esforçado por insinuar que também o Nada é alguma coisa». Com efeito, o Nada de Heidegger é, talvez, mais do que uma indeterminação absoluta, algo semelhante, de certo modo, à *materia prima* de alguns escolásticos; mas esta não tem que ver com o Diabo, apesar da ideia que Papini expressa, mas não comenta, pelo menos de modo satisfatório, de que o Diabo «tirou a matéria do seu próprio corpo, ideia que se encontra em Prudêncio (*Hamartigenia*, onde a atribui ao próprio Diabo, como um engano para seduzir os seus) e em Ruperto de Deutz (*De Victoria Verbum Dei*). É claro que, se assim fosse, já não seria a matéria algo indeterminado.
- 8 — Eliphas Levi, em *Dogma et Rituel de la Haute Magie*.
- 9 — *Kraft die stets das Böse will und stets das Gute schafft*.
- 10 — O. Spengler, *La Decadencia de Occidente*.
- 11 — Goethe, *Fausto*, parte I, Gabinete de estudo: *Ein Theil von jener Kraft die stets das Böse will und stets das Gute schafft*.
- 12 — XII, 10.
- 13 — I, 6-12; II, 1-7.
- 14 — Luc. VIII, 30.
- 15 — Rafael Urbano, *El Diablo, su vida y su poder*, Biblioteca del Mas Alla, Madrid, 1922, p. 75.
- 16 — XIV, 12. Duvida-se de que estas palavras do Profeta se refiram precisamente ao Diabo. Afirmam-no Origenes, Tertulliano, São Cipriano e Santo Ambrósio, mas São Jerónimo, Cirilo de Alexandria e Eusébio creem que aludem ao último rei da Babilónia. Papini (*O Diabo*, cap. 8) observa com razão o múltiplo sentido das palavras proféticas.
- 17 — Stanislas de Guaita, *Le Temple de Satan*, passim.
- 18 — *Sum. Theol.* I, 43, 8.
- 19 — Cap. XXVIII, 12.

- 19 — *Paradiso*, XIX, 46-47.
 20 — *Purgatorio*, XII, 25-27.
 21 — Is. XIV, 11-15; Tobias, IV, 14; Ecol. X, 15; Sap., II, 24; Mat. XXV, 40; Luc., X, 18; II Petr., II, 4; Apoc., XII, 7-9; XX, 2; Syn. Eudemonusa (649), can. 9; Conc. Brae. (581); Conc. Const., V, can. 6; Conc. Lat., IV (1215), cap. «Firmiter»; Conc. Constanza (1415); Conc. Trid. Ses., V, cap. I; Conc. Vat. Constit. «Del Filius», cap. 1, etc.
 22 — *Paradiso*, XXIX, 49-51
 23 — X, 18
 24 — IV, 15
 25 — XIV, 13-14
 26 — Esquiel, XXVIII
 27 — Recorde-se a significação que a figura de Narciso chegou a ter na psicanálise.
 28 — *De Patientia*, V
 29 — *Los celos y la envidia*, IV
 30 — *Discurso catequístico*, VI, 5
 31 — *De casu diabol.*
 32 — *Paradiso*, XIX, 48
 33 — *De Angelis*. A opinião de que Lúcifer queria que o Verbo encarnasse nele foi exposta por Ambrósio Catarino, arcebispo de Ponsa, em *De gloria honorum angelorum et lapsu malorum*, 1553.
 34 — P. Dr. Donatário Costa, S. P., *El Diablo* (versão espanhola, Bilbao, S. A., p. 551.
 35 — *Pseudomonarchia demonum*.
 36 — Apoc. XII, 7-9
 37 — Luc. X, 18
 38 — *Purgatorio*, XII, 25-27
 39 — II Petr., II, 4; Jud., 6
 40 — *Inferno*, III, 5-6
 41 — *Inferno*, III, 7-8
 42 — Id. XXXIV, 131-133
 43 — Rafael Urbano, *El Diablo*, 42
 44 — Dão notícia do *Purgatorio* de São Patricio: Jacques de Vitry, Hugo de Saitrey, Guilherme Stanton e outros autores medievais. Calderón utilizou esta lenda; combateu-a o P. Feijoo (*Teatro* VII, disc. VI). Estudos modernos de Krapp, *The Legend of Saint Patrick's Purgatory*, Baltimore 1900; Félice, *L'autre monde. Mythes et Legendes. Le Purgatoire de Saint Patrice*, Paris, 1960; Van der Sanden, *Etude sur le Purgatoire de Saint Patrice*, Amsterdam — Paris, 1938. Referências em Figueira Valverde, *La Cantiga* CIII, Compostela, 1930.
 45 — Segunda a relação escrita por Hugo de Saitrey, *Tractatus de Purgatorio Sancti Patricii*, cuja primeira versão castelhana, do tempo de Afonso X, foi publicada por A. G. Solalinde, em 1925.
 46 — *Viaje del Visconde Ramon de Perellós y de Roda al Purgatori de Sant Patrici en l'any de la natiuetat de Nostre Senyor Jesu Christi de 1898*.
 47 — A *Navigatio Sancti Brandani*, cuja redacção mais antiga conservada é do século XI e foi publicada por Jubinal em 1826. Estudos modernos: Paigen, *Brandansage und Purgatorio*, Heidelberg, 1934, e em *Romania*, XXXIV, 404 e CLXIV, 623.
 48 — Frei Bonifácio Moral, *Vida de Santa Teresa de Jesús para uso del pueblo*, Valladolid, 1894, pp. 96 e seg.
 49 — *Oratio Beati Valerii ad Beatum Donatorem Scripta*, España Sagrada, XVI (Astorga), Apêndice.
 50 — *Dialogorum de miraculis, visionibus et exemplis suis aetatis*, Köln, 1850 Wolff, *Ueber die VIII libri miraculorum des Cosarius von Heisterbach*, Elberfeld Zeitung, 1894.
 51 — Asín Palacios, *El místico murciano Abenarabi*, Madrid, 1926-26; Rafael Urbano, *El Diablo*, 45.
 52 — Asín Palacios, *Dante y el Islam...*; *La Escatología musulmana en la Divina Comedia*, Madrid, 1919.
 53 — V. Risco, *Historia de los Judios*.
 54 — Capítulos XXI-XXIV.
 55 — Rafael Urbano, *El diablo*, 46
 56 — *Dictionnaire Infernal*, sub voce.
 57 — Escalante, *Satanismo crófico*, 11
 58 — *Los Martyres*
 59 — *Inferno*, XXIV, 94
 60 — *Sum. Theol.* I, 63, 8
 61 — Esta frase é atribuída a Salviano, escritor do século V, discípulo de Santo Agostinho, ao fustigar os costumes do seu tempo.
 62 — Papini, *O Diablo*, 42

- 63 — Papini, *O Diabo*, 44; Escalante, *Satanismo erótico*, Barcelona, 1932, pg. 195 e seg.; *Handwörterbuch des deutschen Aberglaubens*, unter «Liliths». Vid. o que sobre o «complexo de Liliths» de Eugénio d'Ors no *Noventa Glosario*.
- 64 — Antonello Garbi, *Il peccato di Adamo ed Eva*, Milão, 1933.
- 65 — Eugénio d'Ors, *El pecado en el mundo físico* (Contribuição para o contário de Descartes) publicado na revista «Missions», em 1940.
- 66 — Segundo Papini, a França seria a «terra prometida do Diabo»; fala de «complacência consciente no mal pelo mal», «afecção às perversões cruéis», «teoria e prática da rebelião contra Deus e a lei moral», citando como tipos Gilles de Rais e o Marquês de Sade (*O Diabo* 63). Na terceira parte deste livro veremos algumas destas coisas, mas, em todo o caso, Papini exagera, talvez porque não conta com o «sensacionalismo» dos Franceses, que encontra um prazer em referir histórias truculentas, avolumando-as em demasia.
- 67 — Schmitt, *El paganismo contemporáneo en los pueblos eslo-latinos*, versão castelhana, pp. 236 e seg., 299 e seg., 335, 343.
- 68 — Vicente Bisca, *El lobishomies*, «Revista de Dialectología y Tradiciones Populares», 1, quadro 3.º e 4.º, Madrid, 1946.
- 69 — Casiano, Collat. *Abb. sermo*, 1.
- 70 — Deonna, *Superstitions à Genève au XVIII siècle* («Festschrift der Schweizerischen Gesellschaft für Volkskunde»).
- 71 — Gaidoz, em *Meisnie*, VI (1892-93), 194; VII (1894-95), 3, 49; VII (1896-97), 94; IX (1912), 128.
- 72 — *Disquisitiones magicarum*, 171.
- 73 — Deonna, op. cit.
- 74 — *Demonomanie des Sorciers*, 63, 145.
- 75 — *Discours des Sorciers*.
- 76 — Deonna, op. cit. p. 351.
- 77 — O. Spengler, *La Decadencia de Occidente*, IV, 46.
- 78 — Deonna, op. cit. Cf. Deonna *Croyances antiques et modernes: l'odeur suave des dieux et des élus*, Genève, XVII, 1939, 167.
- 79 — H. Felton, *Storia del Tempi del Nuovo Testamento*, III, 121-123.
- 80 — *Demonomanie*, 163 e seg.
- 81 — *Discours exorcistes des Sorciers*, Rouen, 1603.
- 82 — *Léher apologetiques*, em Menéndez Pelayo, *Heterodoxos*, 2.ª ed., II, apêndice II.
- 83 — Jacoby, *Handwörterbuch des deutschen Aberglaubens*, sub «Lustifers».
- 84 — *Ibid.* sub voce.
- 85 — II Cor. 6, 15.
- 86 — Jacoby, op. cit. sub «Belials».
- 87 — Bousset, *Der Antichrist*, pg. 86 e 89 e seg.
- 88 — Sobre Belial, vid. pg. 44.
- 89 — Escalante, *Satanismo erótico*, Barcelona, 1932, pp. 141 e seg.
- 90 — Apoc. XX, 2.
- 91 — Gregório Magno, Op. I, III.
- 92 — Berceo, *Milagros*, v. 246.
- 93 — *Poema de Alexandre*, v. 1807.
- 94 — *Livro de los Exemplos*, 333.
- 95 — Joh., XII, 31.
- 96 — Cap. XII.
- 97 — I Petr., V, 8.
- 98 — Cit. por P. Dr. Desidério Costa, *El Diablo* (trad. cast.), Bilbao, s. a. pg. 62 e seg.
- 99 — *Ibid.*, pg. 63 e seg.
- 100 — IX, 11.
- 101 — VI, 24.
- 102 — XVI, 9, 11, 13.
- 103 — *Disquisitiones magicarum*, 310.
- 104 — Cf. Jacoby, op. cit. sub voce.
- 105 — Tobias, III, 8; VI, 14.
- 106 — Felton, op. cit.
- 107 — *Diet. Inf.* sub voce. Conta este autor que no *Courier de l'Égypte* se podia ler como a gente daquele país adorava então a serpente de Amondeu que tinha um templo no deserto de Ryannoh, e conclui: «son ajoute que se serpent se coupe par morceaux et qu'un instant après il n'y parait pas».
- 108 — Schöber, *Faust*, ed. 1886.
- 109 — *Doktor Fausts Höllenswang*.
- 110 — *Encyclopedia Britannica*, sub voce.
- 111 — Jacoby, op. cit. sub voce.
- 112 — *Id. id.* sub voce.
- 113 — Dillmann, *Das Buch Henoch*, XV, 8.
- 114 — *Diet. Inf.*, sub voce.
- 115 — P. Genet, *La Muerte y el Diablo*, II, 340.

- 116 — Id. id. nota à pág. 240.
 117 — *Dict. Inf.* sub «Dêmonas».
 118 — *A mão de glorie* é um instrumento mágico empregado pelos ladrões para entrarem secretamente nas casas e as saquearem sem serem presentidos pelos moradores. Prepara-se mediante cerimônias indicadas nos grimórios. Com a mão mumificada dum enforcado, entre cujos dedos se põe uma vela especial acesa. A esta operação mágica refere-se a novela *La main enchantée*, de Gerardo de Surval.
 119 — Reunimos aqui os dados contidos no *Dict. Inf.* sub «*Cour infernales*», nas versões do *Livro de São Cipriano*, de Beniciana Kabina e de Jonas Sufurino, e em Escalante, *Satanismo crítico*. Sobre Beniciana Kabina, vid. 47.
 120 — *Livro de San Cypriano, Thesoro del Hechicero*, ed. de Enediel Shaiah, Madrid.
 121 — Bernardo Barreiro de V. V., *Brujos y Astrólogos de la Inquisición de Galicia*, Corunha, 1898, Apêndice.
 122 — Duonna, op. cit.; Vicente Risco, *Los tesoros legendarios de Galicia*, em «*Revista de Dialectología y Tradiciones Populares*», VI, quadro 3.º, Madrid, 1950.

NOTAS A SEGUNDA PARTE

- 1 — Pedro Ciruelo, *Tratado en el que se repruevan todas las supersticiones*, Barcelona, Sebastián de Cormellas, 1628, 24; Costa, 76.
 2 — José M.º Fernández Sánchez, *Santiago, Jerusalém, Roma, II*, Santiago 1891, 346 e seg.
 3 — XXV, 1-3, 5.
 4 — *Inferno*, IV, 53-56.
 5 — *El Diablo*, 43.
 6 — *Ibid.*
 7 — *Las Veladas de San Petersburgo*, Barcelona (1943), II, sétima velada e «tratado dos sacrificios»: «Não ouvís como clama a terra pedindo sangue», 30.
 8 — Gen., IV e V; Flávio Josefo, *Antiquitates*.
 9 — Aqui nos sai ao caminho o mistério de que o sangue de Caín haja de ser vingado sete vezes (Gen. IV, 15) e o de Lamech setenta vezes sete (Id. id., 24).
 10 — Gen., VI, 1-5.
 11 — Gen., IX, 23-25.
 12 — *Dict. Inf.* sub «*Nemrod*».
 13 — *Dict. Inf.* sub «*Babels*».
 14 — «O Diabo não é ateu — diz Papini —, antes pelo contrário. Poderia dizer-se em troca que Deus é ateu... Só a Deus, precisamente porque é Deus, é permitido ser ateu», *O Diabo*, 20.
 14 bis — Roberto Hugo Benson, *El Amo del Mundo*, Barcelona, 5.ª ed. 1931, 163.
 15 — Junkel, *Schöpfung und Chaos*, 383.
 16 — *Babel und Babel*, Leipzig, 1907, 61, nota 23.
 17 — *Les Passés*, Paris, 1937, 187 e seg.
 18 — *Encyclopedia Britannica*, sub «*Devils*».
 19 — Oesterreich, 189 e seg.
 20 — A. Réville, *La Religion chinoise*; *Revista de Occident*; *Chung Kuei, el domador de demonios*.
 21 — Josefo, São Jerônimo, Eusébio, etc.
 22 — *Compendio de la Historia Sagrada*, etc. trad. do italiano, Madrid, 1791.
 23 — Creuser, *Symbolik*, IV; Zimmermann, *De Atheismo Eheimeri et Diagona*, Mus. Brom., 1, 4.
 24 — Morgan, *Des Clans aux Empires*.
 25 — Jud. I, 6-7.
 26 — Daniel, III, 1-23.
 27 — V. Risco, *Historia de los Judios*, 31.
 28 — De Civ. Dei, III.
 29 — *Dict. Inf.*, sub «*Idoles*».
 30 — Costa, 43.
 31 — *Dict. Inf.*, sub «*Idoles*».
 32 — F. Cabrol e H. Leclercq, *Dict. d'archéol. chret. et de liturgie*, IV, Paris, 1920.

- 22 — CH. por Paul Achischer, *Mont. Gisloue* («Festschrift der Schweiz. Gesel. für Volkskunde»).
- 24 — Disse então Saul a seus criados: «Buscai-me uma mulher que tenha espírito de Piton. Responderam-lhe seus criados: Em Endor há uma mulher que tem espírito pitônico», e disse-lhe: Adivinha-me pelo espírito de Piton. I Sam. XXVIII, 7, 8.
- 25 — E. Rohde, *Psyché*, II (1898), 60 e seg.
- 26 — Homílias sobre a I Epist. aos Coríntios, 29, XII, 1.
- 27 — Contra Celso, VII, 3.
- 28 — *Dict. Inf.*, sub «Oráculos».
- 29 — *Ibid.*
- 30 — *Disquisitionum*, II, IV, II, quaest. VI.
- 31 — *Part. II*, VIII, 9.
- 32 — *Dict. Inf.*, sub «Oráculos».
- 33 — *Ibid.*
- 34 — Sobre uma explicação dos prodígios dos sacerdotes pagãos e dos magos pelos seus conhecimentos científicos secretos, citam-se Solino, Ateneo, Estácio, Jâmbico, Suidas, Baxo Gramático e outros. Defendeu-o o P. Kircher, *Aedipus Aegyptiacus*. Modernamente, Eusébio Salverio, *Las ciencias ocultas*, e não anda muito longe o Abade Moreux, *La science mystérieuse des Pharaons* (Paris, 1934).
- 35 — *Disquisitionum*, III, 1.ª parte.
- 36 — *Dict. Inf.*, sub «Zoroastros».
- 37 — *Op. cit.*, 48.
- 38 — *Id.*, *id.*, 50.
- 39 — *Disquitt.*, IV.
- 40 — Dillmann, *Das Buch Henoch*, Leipzig, 1855, XV, 8 e seg.
- 41 — Ep. Católica de São Judas, XX.
- 42 — V. Risco, *Historia de los Judios*, 138.
- 43 — *Id.*, *id.*, 145.
- 44 — *Id.*, *id.*, 148.
- 45 — *Id.*, *id.*, 156.
- 46 — Eiliphas Levi, *Dogme et Rituel de la Haute Magie*.

NOTAS A TERCEIRA PARTE

- 1 — Schubert, *Reise in das Morgenland*, III 72, in Schuster-Holzammer, *Historia Biblica*, Barcelona, 1335, 139.
- 2 — Fernández Sánchez, *op. cit.*, II, 441 e seg.
- 3 — Carlos Silva Castro, *Historia Evangélica de Jesús*, Madrid (1933), 87, nota 10.
- 4 — In Lucam, XV.
- 5 — Schuster-Holzammer, 137, nota 3.
- 6 — P. António del Castillo, *El devoto peregrino*, II, IX.
- 7 — Luc., IV, 3.
- 8 — Marc., I, 13-18.
- 9 — Mat., IV, 2; Luc., IV, 3.
- 10 — Silva Castro, 87, nota 10.
- 11 — Schuster-Holzammer, 137, nota 3.
- 12 — Silva Castro, local citado.
- 13 — Schuster-Holzammer, 137, nota 7.
- 14 — Mat., IV, 5; Lucas, IV, 3-4.
- 15 — Schuster-Holzammer, I, c.
- 16 — Mat., IV, 5; Luc., IV, 9-11.
- 17 — Schuster-Holzammer, 138, nota 3.
- 18 — Mat., IV, 8, 10; Luc., IV, 8-9.
- 19 — Schuster-Holzammer, 138, nota 4.
- 20 — Papius, *El Diablo*, 45: «Não sem suora, *id.*, 83.
- 21 — V. Risco, *Mitología pop. galega* (a imprimir).
- 22 — *Id.*, *id.*, C. Cabral, *La Mitología Asturiana. Los dioses de la muerte*, Madrid, 1925, 188 e seg.; Joaquim Lorenzo, *O Tardo*, Porto, 1934.
- 23 — V. Risco, *op. cit.*
- 24 — P. Gener, 218: *Libro de San Cypriano*, vers. port. Rio de Janeiro.
- 25 — V. Risco, *op. cit.*
- 26 — P. Gener, I, c.
- 27 — M. Prou, *Grande Encyclopedie*, sub voce.
- 28 — *Handwörterbuch*, sub «Monke».

- 29 — Sebillot, *El paganismo contemporáneo en los pueblos celta-latinos*, Madrid, 1914, 70.
 30 — Sebillot, 269, 306.
 31 — Sebillot, 42.
 32 — Sebillot, 61 e seg.
 33 — Sebillot, 85 e seg.; 217; 222.
 34 — Sebillot, 298 e seg.
 35 — V. Risco, *O demo na tradición popular galega*, «Nós», 30, 1; Lamas Carvajal, *Gaitegado*; «O sacristán do Vilcián».
 36 — P. Aebischer, op. cit.
 37 — Ep. I, V, 8.
 38 — F. Incio, *La vida sobrenatural*, III, 44; Job, XXXVIII, II; Salm., CIII, 9.
 39 — Costa, 169.
 40 — Ibid.
 41 — Costa, 165.
 42 — *Las tentaciones de San Antonio*.
 43 — Costa, 174.
 44 — Costa, 175.
 45 — Costa, 173 e seg.
 46 — Abades, *Leyendas y tradiciones marineras de Cataluña*, Dip. Barcelona, 1954, 83.
 47 — Costa, 180.
 48 — *Diet. Inf.* sub voce.
 49 — *Diet. Inf.* sub voce.
 50 — P. Gener, 316.
 51 — *Diet. Inf.* sub voce.
 52 — Pierre Belpréon, *La Croissade contre les Albigeois*, Paris, (1942).
 53 — P. Gener, 320.
 54 — Wilhelm Neubrigensl, lib. I, *De Butaus*.
 55 — Job., XIII, 9.
 56 — M. Pelayo, *Heterodoxos*, III, 245 e seg.
 57 — Corán, VII, 10-17.
 58 — Papini, 55.
 59 — Jean de Meung, *Roman de la Rose*, V, 12014 e seg.
 60 — De Civ. Dei, lib. III.
 61 — Id., XV, XXII.
 62 — *Etym.*, VIII, XI, 109.
 63 — Schulten, *Tortessos*.
 64 — Part. I, quæst. 61, e no segundo escrito, Dist. 8, no quodlibet, 7 e 10, e sobre Isaias, XIII e XIV, citados por Naudier. Papini cita como último cristo nos Incubos a Mons. Don Giovanni Neuschel, bispo de Borgo San Donnino (1836-1843) e a P. Angelo Domenico Ancarani (44).
 65 — Murejkwski, *Los misterios de Oriente*, Madrid, 1929, 157 e seg.
 66 — Summa, esc. IV, quæst. X (Naudier).
 67 — V. Risco, *El fin del mundo en la tradición popular galega* (Bol. Com. Prov., Monumentos de Orense).
 68 — *Diet. Inf.* sub voce.
 69 — Costa, 180 e seg.
 70 — Summ. quodlibet III, quæst. III.
 71 — Mat. XV, 22.
 72 — Castano, Collat. Abb. sermo, I.
 73 — Naudier.
 74 — *Les Possédés*, 29 (As obras que a seguir se citam sobre possessão são aduzidas por este autor).
 75 — Eschenmayer, *Konflikt zwischen Himmel und Hölle*.
 76 — Ibid.
 77 — Pierre Janet, *Neurose et idées fixes*, Paris, 1889, I, 384.
 78 — Kerner, *Die Geschichte des Mädchens von Orlach*.
 79 — Eschenmayer, op. cit.
 80 — V. Risco, *Notas folclóricas* (Bol. Com. Prov. Monumentos de Orense).
 81 — Oesterreich, 61.
 82 — Id., 47 e seg.
 83 — Id., III, 3.ª parte.
 84 — Collat. Abb. sermo, I.
 85 — Oesterreich, 67.
 86 — *Diet. Inf.* sub «possédés».
 87 — Costa, 180 e seg.
 88 — Ibid.
 89 — *Diet. Inf.* sub «possédés».
 90 — Ciruelo, 185.
 91 — Costa, 140.
 92 — Costa, 141 e seg.
 93 — Acta Sanctorum Augusti, IV, 439.

- 94 — Oesterreich, 228 e seg.
 95 — Oesterreich, 234
 96 — Oesterreich, 229
 97 — Costa, 151 e seg.
 98 — Costa, 152
 99 — Costa, 153
 100 — Naudier
 101 — Op. cit. 174 e seg.
 102 — Oesterreich, 131
 103 — Oesterreich, 223
 104 — Costa, 148 e seg.
 105 — Mat. VIII, 28-32
 106 — *De la folie considérée sous le point de vue pathologique*, Paris, 1845, em Oesterreich, 236
 107 — *Vida y reinado de Carlos II*, Madrid, 1942, 302
 108 — Maura, 295
 109 — Maura, 296 e seg.; Príncipe Adalberto de Baviera, *Mariana de Neoburgo, Reina de España*, Madrid, 1928, 261 e seg.
 110 — Deonna, 290 e seg.
 111 — *Libro de San Cypriano* (Maucci), 95 e seg.
 112 — *Dogme et Rituel de la Haute Magie*.
 113 — Piobb, *Dogme et Rituel de la Haute Magie*, Paris.
 114 — Fac-símile do pacto de Urbano Grandier, R. Urbano, 98
 115 — V. Risco, *Historia de Galicia*, Vigo, Galaxia, 1953, 112.
 116 — *Satanismo erótico*, 56, nota.
 117 — Tradição oral.
 118 — *Handwörterbuch*, sub «Hexes».
 119 — *Geschichte der Hexenprozesse*, 124
 120 — *Diet. Inf.* sub «Sabbats».
 121 — *La sorcière*.
 122 — *Diet. Inf.* sub voce; *Satanismo erótico*; Huymans, *Lá bas*.
 123 — M. e P., *Heterodoxos*, 111, 267
 124 — Roso de luna, *Conferencias Teosóficas en América del Sur*.
 125 — *Handwörterbuch*, sub «Kots».
 126 — *Diet. Inf.* sub voce; *Satanismo erótico*.
 127 — P. Gener.
 128 — *Diet. Inf.* sub «Sabbats».
 129 — *Idid*.
 130 — Nicolai, *Historia de las creencias*.
 131 — *Satanismo erótico*, 208 e seg.
 132 — Vid. pg. 45, nota 118
 133 — *Handwörterbuch*, sub «Hexes».
 134 — II, 121
 135 — *Diet. Inf.*, Apêndice: *La chapelle des Bones*.
 136 — *La sorcière*.
 137 — *Satanismo erótico*, 50 e seg., e 68, nota.
 138 — Cifuelo, op. cit.
 139 — C. Cabral, *El sacerdocio del Diablo*, Madrid, 1928, 72, e notas 9-10.
 140 — *Dogme et rituel de la Haute Magie*.
 141 — R. Urbano, 173
 142 — *Diet. Inf.* sub «Tempeliers».
 143 — R. Urbano, 171 e seg.
 144 — *Diet. Inf.* I, c.
 145 — Para a descrição do *Aguelarre*, vid.: *Diet. Inf.* sub «Sabbats»; Sartori, *Handwörterbuch*; Boidán, op. cit.; P. Gener; C. Cabral; Iribarren, *Retablo de curiosidades*, Zaragoza, 1940, etc.
 146 — Cf. por P. Gener.
 147 — Iribarren, 262 e seg.
 148 — *Diet. Inf.* sub «Volture du diables».
 149 — *Satanismo erótico*, 56
 150 — *Satanismo erótico*, 93, nota
 151 — *Satanismo erótico*, 97 e seg.

NOTAS A QUARTA PARTE

- 1 — *Diet. Inf.* sub «Albert-le-Grand»
 2 — *Decadencia de Occidente* t. IV, 64

- 3 — Salomón Reinach, *Orpheus*.
 4 — Costa, 95, nota.
 5 — A bibliografia do espiritismo é copiosíssima. Vid. Paul Gibling, Dr. Geley, E. Osty, etc. Com critério católico.
 6 — Sobre a Teosofia, Tusquets, *El Teosofismo*; e os teósofos Sinner, *El Buddhismo esotérico* e C. Jinarajadasa, *Teosofia*, em *Manuales Hoepfi*.
 7 — Vid. estudos de C. G. Jung sobre Picasso e James Joyce, em «Revista de Occidentes».
 8 — *La decadencia de Occidente*, I, 263.
 9 — W. Blake, *Las bodas del cielo y del infierno*.
 10 — Ernest Hello, *Philosophie et Athéisme*, Paris, Perrin, 1906, 200 e seg.
 11 — *De la justice dans la Révolution et dans l'Église*, III, 1870, 240.
 12 — *Histoire de France*.
 13 — Mons. Guame, *Tratado del Espíritu Santo*; Mons. Meurin, *La Massoneria, Sinagoga de Satanas*; Costa, 87.
 14 — Reinach, *Orpheus*; Costa, 95, notas.
 15 — Reinach, *Orpheus*; R. Urbano, 176, nota 2.
 16 — *Respuesta a un viejo republicano*, 1849.
 17 — *Della svolgimento*, 1809.
 18 — Carducci, op. IV, 108.
 19 — *Sein und Zeit*, 245.
 20 — Omar Khayyam, *Rubdyat*.
 21 — J. P. Barre, *L'Être et le Néant*, 205 e seg.
 22 — Barre, op. cit. 225.
 23 — A. Camus, *Le Mythe de Sisyphe*, 75, 84.
 24 — *El Diablo*, I.
 25 — *El Diablo*, I.
 26 — Bertillanges, *El Problema del mal*, 249.
 27 — *Heterodoxos*, II, 125 e seg.
 28 — *A Agua* (Porto), 2 (193), 55.

Índice Geral

PRIMEIRA PARTE

O Paraíso perdido

I — <i>O Diabo existe</i>	11
II — <i>«Quem como Deus?»</i>	17
III — <i>«Sereis como deuses»</i>	33
IV — <i>O Império do Inferno</i>	41

SEGUNDA PARTE

O Paganismo

I — <i>A Torre de Babel</i>	65
II — <i>O nascimento dos deuses</i>	77
III — <i>Os ídolos, os oráculos e a magia</i>	93
IV — <i>Israel e o Diabo</i>	111

TERCEIRA PARTE

O Cristianismo

I — <i>«Tibi dabo»</i>	110
II — <i>O Diabo na Igreja</i>	131
III — <i>O Diabo em volta da Igreja</i>	151

QUARTA PARTE

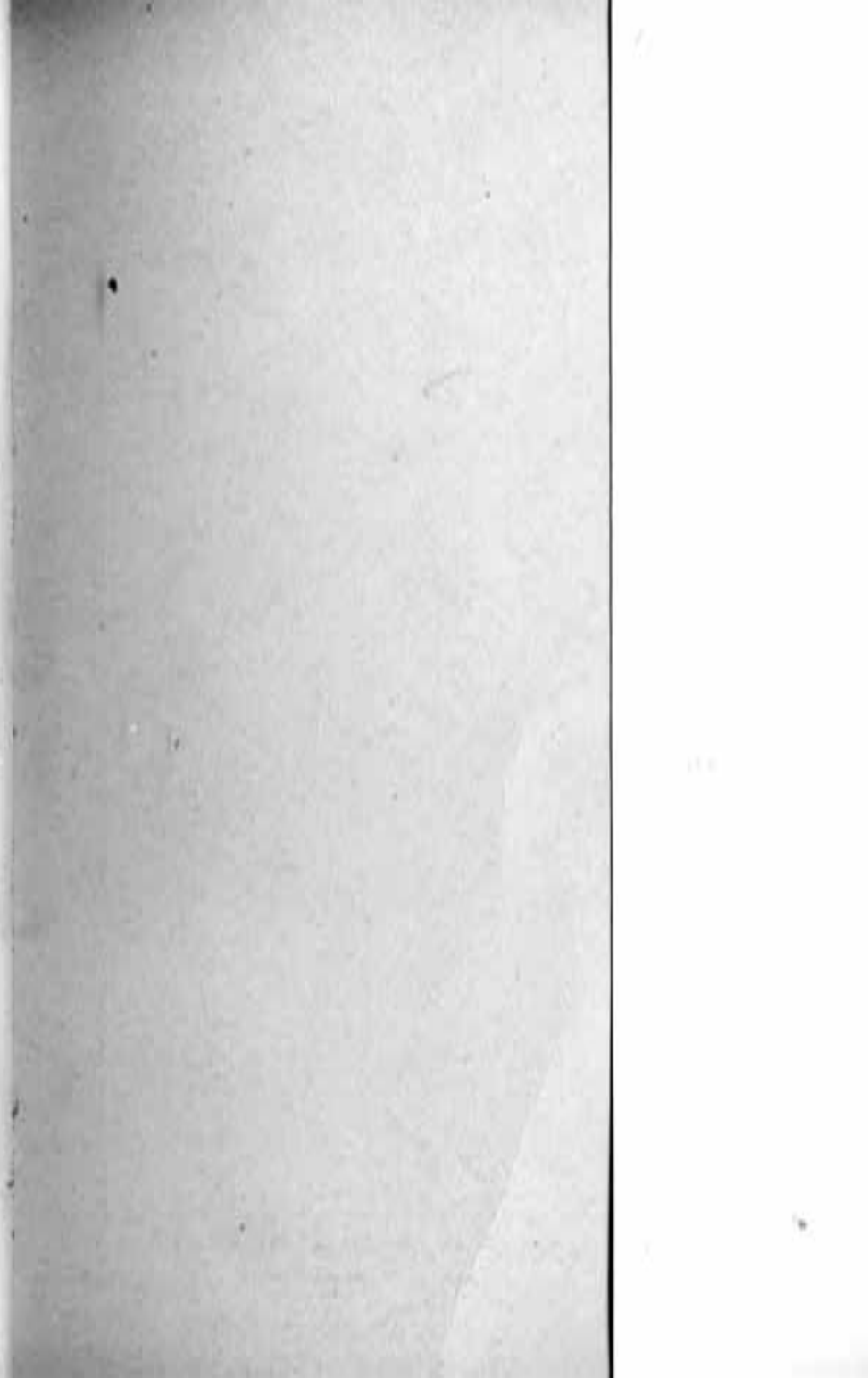
A Apostasia

I — <i>A outra magia</i>	219
II — <i>A deusa Razão</i>	227
III — <i>O outro satanismo</i>	233
IV — <i>O Diabo não existe</i>	245
V — <i>O Diabo volta</i>	249

NOTAS

<i>Notas à primeira parte</i>	261
<i>Notas à segunda parte</i>	264
<i>Notas à terceira parte</i>	265
<i>Notas à quarta parte</i>	267





O AUTOR E A SUA OBRA

O Diabo existe. O Diabo volta. Com estas duas afirmações categóricas, o autor de «SATANÁS, HISTÓRIA DO DIABO» responde ao leitor curioso que se aventura pelas páginas deste livro extraordinário. De novo o tema do diabólico atrai os homens: livros, doutrinas e polémicas actualizam-no a cada momento, e por isso não devemos estranhar esta importante história do Príncipe das Trevas, cujo maligno labor não tem descanso desde o pecado original até aos nossos dias.

Descrever esta luta constante é empresa difícil e arriscada, mas este tema encontrou o seu autor na pessoa de Vicente Risco.

Conhecido como novelista pela sua obra tão discutida «LA PUERTA DE PAJA», como historiador pela sua recente «HISTORIA DE LOS JUDÍOS», e como investigador e etnólogo pelos seus notáveis estudos sobre os fantasmas, as feiticeiras e o diabólico nas tradições galegas, Vicente Risco escreveu sobre o Diabo uma obra excepcional.

Erudita e leve, ortodoxa e atrevida, forte e estranha, esta história do Diabo faz-nos enfrentar um mundo que esquecemos com demasiada frequência. E no entanto, o Demónio «como um leão rugindo, dá voltas procurando a quem devorar», tentando sempre e em toda a parte a perdição do homem e o triunfo do Mal. Negá-lo é reconhecê-lo; quem não crê nele é já seu servidor. «SATANÁS, HISTÓRIA DO DIABO» é uma obra em que muitos dos seus capítulos se prestam a uma reflexão profunda.

Outro aspecto interessante nos oferece este livro: uma selecção de ilustrações que nos apresenta a evolução do diabólico como tema artístico. A iconografia do Diabo, passe a expressão, está representada por um original conjunto de estampas que, de modo variado mas não exaustivo, permite mostrar-nos como os artistas interpretaram a figura do Demónio.